

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

NYKOLLAS GABRYEL OROCZKO NUNES

GEORGE KENNAN E A ESCRITA DO DISTANTE EM TENT LIFE IN SIBERIA (1870)

Porto Alegre
2020

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

ESCOLA DE HUMANIDADES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

NYKOLLAS GABRYEL OROCZKO NUNES

George Kennan e a escrita do distante em *Tent Life in Siberia* (1870)

Porto Alegre
2020

NYKOLLAS GABRYEL OROCZKO NUNES

George Kennan e a escrita do distante em *Tent Life in Siberia* (1870)

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação de História da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dra. Luciana Murari

Porto Alegre
2020

Ficha Catalográfica

O74g Oroczo Nunes, Nykollas Gabryel

George Kennan e escrita do distante em Tent Life in Siberia (1870) / Nykollas Gabryel Oroczo Nunes . – 2020.

178 p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Murari.

1. Literatura de viagem. 2. Paisagem. 3. Wilderness. 4. Alteridade. 5. George Kennan. I. Murari, Luciana. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

AGRADECIMENTOS

A trajetória da escrita deste trabalho não foi sem complicações, imprevistos e vacilos. Agradeço primeiramente à minha família, especialmente à minha mãe, minha vó Antonia, meu tio Alexandre e minha tia Tania, pela construção constante e afetuosa de uma estrutura de apoio total ao meu interesse acadêmico, que permitiu que eu me dedicasse a esta dissertação sem que uma série de outras preocupações se somassem a estes empecilhos e impossibilitassem o trabalho. Poder contar com tal tipo de apoio é um privilégio infelizmente restrito poucas pessoas, e que não pode ter sua importância diminuída.

Pude contar também com alguns grupos de bons amigos que tornaram a caminhada menos árdua, colaborando para que concluísse o trabalho com saúde. Agradeço principalmente ao Andrei, ao Guilherme, ao Erick e à Annie, que estiveram comigo de maneira mais presente do que quaisquer outros. Também sei que deixei fazer minha parte nas relações de amizade com muitas pessoas, pelo quê sinto muito, mas a todos também agradeço pela paciência e compreensão.

Agradeço a todos os professores com quem pude aprender no programa de pós-graduação da PUCRS, e também agradeço imensamente à professora Luciana Murari pela orientação sem a qual não teria sido possível escrever este trabalho. A confiança depositada em mim, a compreensão demonstrada e as leituras e discussões proporcionadas foram todos elementos indispensáveis nesta trajetória. Também agradeço aos professores Arthur Lima de Ávila e Eliane Cristina Deckmann Fleck, que fizeram contribuições valiosas para o trabalho e para minha formação acadêmica.

Agradeço à minha enteada, Lílian Marteleite do Amaral de Oliveira, por tornar o dia-a-dia tão mais agradável e por fazer eu me tornar uma pessoa menos irresponsável e imatura. Acima de tudo, agradeço à minha companheira, Giovanna Marteleite do Amaral, pela ajuda inestimável com o trabalho e pelo carinho e apoio afetivo dos quais precisei muito, mas também por ser um exemplo de pesquisadora, por me incentivar a seguir adiante e por estar ao meu lado ao longo de toda esta jornada.

RESUMO

Em 1870, um jovem estadunidense chamado George Kennan publicou um livro intitulado *Tent Life in Siberia*. Era uma narrativa de viagem sobre sua experiência como funcionário do Telégrafo Russo-americano, que visava construir uma linha no nordeste da Ásia e no noroeste da América, conectando os sistemas de comunicação dos dois continentes e, eventualmente, ligando todo o hemisfério norte. Kennan trabalhou como explorador no braço siberiano da expedição de 1865 a 1867, fazendo a prospecção da área, conhecendo as populações nativas e avaliando quanto podiam depender de seus serviços e cooperação, e em geral identificando a melhor rota possível para a passagem do telégrafo. O Telégrafo Russo-americano, no entanto, nunca foi concluído, tendo perdido a corrida para seu concorrente subaquático, o Cabo Atlântico. O explorador deixou a empresa com quase nada, exceto seus diários de viagem e anotações. Com estes em mãos, ele rapidamente começou a se inserir no enorme mercado estadunidense de palestras e literatura de viagem, e logo teve um livro publicado. Seria a primeira de uma lista de obras escritas que chamaram moderada atenção dos historiadores nos últimos cinquenta anos. Ao escrever esta peça, Kennan não contou apenas com sua experiência e anotações, mas também com uma vasta tradição literária que apresentava padrões para ele seguir ou dos quais se afastar para se conectar com seu público percebido. Seus escritos refletem os diálogos engajados com essas tradições e com a sociedade dos EUA do século XIX. Ele teve a complexa tarefa de traduzir para um público ocidental suas percepções de terras e povos distantes e, para cumpri-lo, apoiou-se em muitas convenções discursivas. Essas mesmas convenções, por sua vez, também o ensinaram a perceber a natureza, a *wilderness*, a alteridade, a aventura e outros aspectos de sua jornada que ele transmitiu a seus leitores.

Palavras-chave: Literatura de viagem. Paisagem. *Wilderness*. Alteridade. George Kennan.

ABSTRACT

In 1870, a young American named George Kennan published a book named *Tent Life in Siberia*. It was a travel narrative concerning his experience as an employee of the Russian American Telegraph, which aimed to construct a line in Northeast Asia and Northwest America, connecting the systems of communications of the two continents, and eventually wiring the whole northern hemisphere together. Kennan worked as an explorer in the Siberian arm of the expedition from 1865 to 1867, surveying the area, meeting the native populations and assessing how reliable were their services and cooperation, and generally identifying the best possible route for the telegraph to pass through. The Russian American Telegraph, however, was never completed, having lost the race to its subaquatic competitor, the Atlantic Cable. The explorer left the enterprise with almost nothing, except for his travel diaries and annotations. With those in hand, he quickly started to insert himself in the huge American market for travel writing and lecturing, and soon had a book published. It would be his first of a list of written works that got him moderate attention from historians over the last fifty years. In writing this piece, Kennan did not count only with his experience and notes, but also with a vast literary tradition that presented standards for him to follow or deviate from in order to connect with his perceived public. His writing reflects the dialogs engaged with these traditions and with the society of nineteenth century USA. He had the complex task of translating for a Western audience his perceptions of distant lands and peoples, and to fulfill it he leaned on many conventions of discourse. These same conventions, in turn, had also taught him how to perceive nature, wilderness, otherness, adventure and other aspects of his journey that he relayed to his readers.

Key-words: Travel literature. Landscape. Wilderness. Otherness. George Kennan.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 - Área do leste siberiano percorrida por George Kennan entre 1865 e 1867.....	X
Figura 1 - Passagem do Monte Cenis, de Joseph Mallord William Turner.....	X
Figura 2 - Paisagem invernal, de Caspar David Friedrich.....	X
Figura 3 - Andarilho sobre o mar de névoa, de Caspar David Friedrich.....	X
Figura 4 - O Mar de Gelo, de Caspar David Friedrich.....	X

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	<i>TENT LIFE IN SIBERIA</i>	16
2	GEORGE KENNAN E A ESCRITA DE <i>TENT LIFE IN SIBERIA</i>	23
2.1	INTRODUÇÃO.....	23
2.2	CONTEXTO DE FORMAÇÃO.....	23
2.3	LEITURA E ESCRITA.....	32
2.4	INSERÇÃO NO MERCADO EDITORIAL.....	47
2.5	ESCREVER UM RELATO DE VIAGEM EM 1870.....	52
2.6	CENTO E CINQUENTA ANOS DE <i>TENT LIFE IN SIBERIA</i>	57
2.7	À SOMBRA DE <i>SIBERIA AND THE EXILE SYSTEM</i>	62
3	UMA HISTORIOGRAFIA DA OBRA DE GEORGE KENNAN	65
3.1	INTRODUÇÃO.....	65
3.2	APRESENTANDO KENNAN À ACADEMIA: TAYLOR STULTS.....	71
3.3	“A” BIOGRAFIA: FREDERICK F. TRAVIS.....	74
3.4	DO CENTRO DAS ATENÇÕES A UMA PEÇA DO TODO: WILLIAM BRUCE LINCOLN.....	81
3.5	NARRATIVAS MESTRAS: DANILOFF E HUNDLEY.....	83
3.6	NOVOS ENFOQUES: FRITH MAIER.....	88
3.7	DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: BRUMFIELD E VAN ZYL.....	92
3.8	ABORDAGENS CONTEMPORÂNEAS: WROBEL E SMITH-PETER.....	97
3.9	OUTRAS ESCRITAS.....	102
4	TORNAR O DISTANTE VISÍVEL	104
4.1	INTRODUÇÃO: GEORGE KENNAN E A <i>WILDERNESS</i>	104
4.2	KAMTCHATKA E A APRECIÇÃO ROMÂNTICA DA PAISAGEM.....	110
4.3	A MONTANHA E O DESFILADEIRO: <i>WILDERNESS</i> POR EXCELÊNCIA.....	120
4.4	TUNDRAS E AURORAS: DESAFIOS À COMPREENSÃO.....	127
5	POVOAR AS DISTÂNCIAS DESCRITAS	139

5.1	KAMTCHATKA HABITADA: ENTRE O FAMILIAR E O “NOVO E COMPARATIVAMENTE DESCONHECIDO”	139
5.2	OUTROS SUJEITOS EM OUTRA FRONTEIRA: KAMTCHADAIS E RUSSOS.....	146
5.3	OS CORIACOS: SEPARADOS DA CIVILIZAÇÃO.....	156
6	CONCLUSÃO.....	166
	FONTES.....	169
	REFERÊNCIAS.....	172

1 INTRODUÇÃO

No ano de 1864, George Kennan, um jovem telegrafista natural de Ohio, nos Estados Unidos, decidiu candidatar-se a uma posição de explorador na expedição organizada pela *Western Union Telegraph Company*, o Telégrafo-Russo Americano. O projeto ambicioso, proposto inicialmente por Perry McDonough Collins em 1857, e coordenado pelo Coronel Charles Bulkley, pretendia criar uma extensão a partir do Telégrafo Pacífico, que havia atravessado a América do Norte de costa a costa, conectando Nova Iorque a San Francisco. Da costa oeste dos EUA, os cabos seguiriam para o norte, passando por territórios britânicos e chegando à Rússia Americana (hoje Alaska). De lá, atravessariam o Estreito de Behring, seguiriam ao sul pela Sibéria até a região do Rio Amur, onde finalmente encontrariam as linhas telegráficas russas, que, assumia-se pelo contrato, também teriam sido estendidas até a região.

O projeto nunca foi completado. Em 1866, seu rival, o Cabo Atlântico, que prometia ligar Nova Iorque diretamente com a Europa por uma linha telegráfica submarina, obteve sucesso antes que fosse possível fazê-lo. A obsolescência do Telégrafo Russo-Americano foi ainda mais confirmada pela aquisição pela *Western Union* da companhia responsável pelo seu rival: completar a outra linha permitiria apenas que a empresa competisse consigo mesma.¹

George Kennan, no entanto, havia sido aceito ainda em 1864. Até 1867 sua vida girou em torno de viajar para completar a linha russo-americana. Da costa leste dos Estados Unidos ele foi até a costa oeste, de lá atravessou o Oceano Pacífico até a Península de Kamtchatka, no extremo leste siberiano. Cruzando a península ele seguiu para o norte, até terras próximas ao círculo ártico. Kennan então viajou em zigue-zague por esta região da Sibéria Oriental, resolvendo problemas, procurando uma boa rota para o telégrafo e, acima de tudo, esperando navios atrasados.

Durante estes trajetos, Kennan conheceu uma série de indivíduos: outros estadunidenses dispostos a atravessar o Pacífico para se envolver com o projeto, oficiais russos, guias nativos, nômades criadores de renas, camponeses, cossacos, marinheiros, padres ortodoxos, comerciantes de peles, e uma longa lista de outros sujeitos. Suas opiniões sobre cada um deles mostraram-se igualmente diversas, embora também tendesse a generalizações. Ao fim de sua

¹ Sobre os planos de Collins e o objetivo das linhas telegráficas, ver: TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship, 1865-1924*. Athens: Ohio University Press, 1990; WROBEL, David. Considering Frontiers and Empires: George Kennan's Siberia and the U.S. West. *Western Historical Quarterly*, v. 46, n. 3, p. 285-309, autumn 2015. Disponível em: <https://academic.oup.com/whq/article-abstract/46/3/285/2461787?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 03 jun. 2019. A data de 1857 é apontada pelo próprio Kennan, em KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 1.

estadia, havia aprendido a se comunicar, e comandava equipes sem enfrentar grandes problemas.²

Kennan possuía tanta fé no projeto, que definiu como “em alguns aspectos o empreendimento mais notável do presente século”,³ que investiu pesadamente em ações da empresa. Estas, com a finalização do Cabo Atlântico, perderam todo o seu valor, e o explorador viu-se praticamente falido. O jovem, no entanto, havia feito uma série de anotações durante a viagem, e possuía material para escrever e palestrar sobre ela. Em 1868 ele publicou seu primeiro artigo em um periódico de ciências, arte e literatura, a *Putnam's Magazine*, e em seguida sua viagem lhe renderia outras quatro publicações semelhantes. Finalmente, em 1870, Kennan lança um livro, seu relato de viagem: *Tent Life in Siberia*.

Este livro é o ponto de partida do presente estudo: sua escrita, sua trajetória, seu conteúdo são analisados como produtos culturais contingentes aos contextos históricos de sua produção e recepção. Jamais existindo de maneira isolada, *Tent Life in Siberia* ocupa seu lugar único na sociedade estadunidense do século XIX, e a partir dele é possível lançar-lhe hoje um olhar de uma perspectiva também singular, mas ligada aos problemas historiográficos do presente. O valor que Kennan via em apresentar territórios desconhecidos, inexplorados e seus habitantes ao seu destinatário dependia de sua visão de mundo, dos conceitos que formou, de quem percebia ser este público. O próprio autor afirmou, no prefácio de seu livro, que considerava a história do Telégrafo Russo-Americano “sem importância”⁴, então este valor tinha de corresponder a outra qualidade daquilo que foi narrado e descrito, que realmente merecesse ser expressado, tanto para o autor, como para o leitor que ele imaginava. A principal questão que guia esta investigação é esta relação entre o livro e a sociedade, como pode ser percebida a partir das próprias linhas do texto, dos recursos utilizados pelo autor; o que da sociedade é expresso em suas páginas e o que elas expressam sobre a sociedade.

O meio pelo qual Kennan decidiu se expressar foi um relato de viagem, um tipo peculiar de discurso. Para Roy Bridges, seria “um discurso projetado para descrever e interpretar para seus leitores uma área geográfica, juntamente com seus atributos naturais, sua sociedade e cultura humanas.”⁵ Apesar desta definição ampla, Bridges especifica que o gênero, no período

² KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870.

³ “in some respects, the most remarkable undertaking of the present century” (Ibid., p. III, tradução nossa).

⁴ “unimportant” (Ibid., p. IV, tradução nossa).

⁵ “a discourse designed to describe and interpret for its readers a geographical area together with its natural attributes and its human society and culture.” (BRIDGES, Roy. *Exploration and travel outside Europe (1720-1914)*. In: HULME, Peter; YOUNGS, Tim (rds.) *The Cambridge Companion to Travel Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 53-69, p. 53, tradução nossa).

analisado em seu texto (1720 a 1914), possuía uma relação complexa com a expansão europeia, sendo uma forma de expressão da pretensa superioridade intelectual do europeu sobre o restante do mundo: ele podia compreendê-lo e interpretá-lo.⁶ Bridges preocupa-se principalmente com o contexto britânico, mas suas considerações a respeito do período de 1830 a 1880 como uma era de triunfo da expansão capitalista dizem respeito ao contexto global, que observava um grande aumento do comércio intercontinental e do investimento na criação de infraestrutura (como telégrafos, portos e rodovias), com o propósito específico de expandir os mercados internacionais para alimentar a expansão inglesa. Neste mundo progressivamente mais conectado, a literatura de viagem era incentivada por agências, como a *Royal Geographic Society* britânica, que buscavam informações sobre espaços desconhecidos para estender ou não a influência imperial sobre eles.⁷ Sobre a literatura de viagem do século XIX, Tim Youngs cita algumas de suas características importantes, indo ao encontro da explicação a partir da expansão imperialista apresentada:

Primeiro, que ainda havia, no último quarto do século, grandes partes do mundo inexploradas. Segundo, que uma motivação de viajar era preencher esses espaços em branco (embora eles não fossem, é claro, espaços em branco para quem morava lá). Terceiro, que uma vez ‘descobertos’, muitos desses lugares seriam explorados por seu potencial comercial. Quarto, que as ideologias de raça tiveram impacto na representação desses lugares, bem como nas relações com quem os habitava.⁸

A própria viagem de Kennan pretendia, se tudo corresse como planejado, explorar a população nativa para a construção do telégrafo. Com o fracasso da iniciativa, por outro lado, ele dedicou-se a escrever. “Preencher os espaços em branco”, como explica Youngs, é por si só um objetivo para o viajante que escreve sobre sua experiência. Há uma demanda por este tipo de narrativa, e saná-la podia ser rentável e estimulante.

Kennan, entretanto, não pretendia preencher estes espaços de qualquer maneira: ele pretendia contar uma história envolvente, com momentos de emoção e de riso, mas também de análise etnográfica convincente e descrições paisagísticas esteticamente interessantes. Fazê-lo não apenas asseguraria melhores vendas, mas significava inserir seu texto em uma tradição literária em constante metamorfose. Eram incluídas menções a trabalhos e descobertas recentes,

⁶ BRIDGES, Roy. Exploration and travel outside Europe (1720-1914). In: HULME, Peter; YOUNGS, Tim (rds.) *The Cambridge Companion to Travel Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 53-69, p. 53.

⁷ Ibid., p. 59-61.

⁸ “First, that there were still, in the last quarter of the century, large uncharted parts of the world. Second, that a motivation of travel was to fill those blanks (though they were not, of course, blanks to those who lived there). Third, that once ‘discovered’, many of those places would be exploited for their commercial potential. Fourth, that ideologies of race impacted on the representation of those places, as well as on dealings with those who inhabited them.” (YOUNGS, Tim. Introduction: Filling the Blank Spaces. In.: YOUNGS, Tim (Ed.). *Travel Writing in the Nineteenth Century: Filling the Blank Spaces*. London: Anthem Press, 2006, p. 1-18, p. 2, tradução nossa).

mas o autor também demonstrava domínio dos clássicos, com menções a Shakespeare e Homero.

Em *Tent Life in Siberia*, contudo, Kennan apresenta uma narrativa cujo resultado final é anunciado ao leitor desde o começo. Sabe-se que o projeto foi abandonado, e que o narrador sobrevive, o perigo de morte ou a dúvida entre o fracasso e o sucesso, portanto, estão ausentes da obra. Quanto ao primeiro, na verdade, é possível que o leitor se preocupe com os *outros* personagens da trama. O papel central que uma série de coadjuvantes assumem na obra, o tempo dedicado a eles e sua caracterização extensiva, fazem com que o leitor se importe e se preocupe com eles. O livro tampouco possui um vilão, um oponente humano ou bestial que estivesse sendo caçado ou combatido. Os antagonistas da narrativa podem ser lidos como o ambiente hostil e o Cabo Atlântico. O primeiro era capaz de gerar tensão através de ameaça física e mental: os personagens supracitados podiam morrer ou enlouquecer durante a trama (como acontece com outro não tão central, a ser discutido adiante). O Cabo, por outro lado, oferecia outro tipo de tensão: Kennan estava narrando uma competição, que o leitor sabe que ele acabou perdendo, mas busca envolver o leitor por não dar pistas sobre quando a notícia seria recebida. Um leitor pode estar tão envolvido ao ponto de ter se esquecido que eventualmente a derrota chegaria.

A escrita de Kennan procura primeiramente narrar e descrever o que via. Ao seu olhar, entretanto, também é atribuída a capacidade de estimar, classificar e calcular. No primeiro trecho de seu livro que começa com uma escrita etnográfica, no sentido mais amplo da palavra, esta competência é demonstrada. “A população da península eu estimo a partir de observação cuidadosa ser de cerca de 5.000, e é composta de três classes distintas - os russos, os kamchadais ou nativos assentados, e os coriacos nômades.”⁹ A estimativa, então, teria sido construída a partir apenas da “observação cuidadosa”, o que poderia ser oposto a um censo, uma consulta a alguma documentação ou aos habitantes. Entretanto, é difícil precisar até que ponto há na obra esta divisão rígida entre aquilo que é visto “em primeira mão” e aquilo que se aprendeu com o outro. Esta separação tem alguma presença ao longo do livro, por exemplo quando Kennan afirmou que descobriu ser verdade o que lhe haviam dito sobre os coriacos matarem seus velhos e doentes.¹⁰ Em outras situações, por outro lado, como nesta estimativa demográfica, a palavra do autor não demanda explicações - mesmo ele não tendo visitado toda Kamtchatka, para

⁹ “The population of the peninsula I estimate from careful observation at about 5,000, and it is made up of three distinct classes — the Russians, the Kamchadals or settled natives, and the Wandering Koraks.” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 53, tradução nossa)

¹⁰ *Ibid.*, p. 214.

literalmente observar com cuidado. Esperava-se do escritor-viajante as capacidades de informar sobre o local visitado e de construir uma narrativa interessante, as maneiras como Kennan chegara a uma ou outra conclusão ou perspectiva possivelmente não eram tão relevantes, nem tão questionáveis. *Tent Life in Siberia* é um livro que se pretende claro e preciso,¹¹ mas isto dependia mais da confiabilidade que o autor transmitia do que de uma transparência metodológica.

O capítulo 2, “George Kennan e a escrita de *Tent Life in Siberia*”, procura associar o texto a seu contexto de produção. Com esta finalidade, analisa-se a trajetória biográfica do autor em relação aos espaços e conjunturas sociais nos quais se deu sua formação. O estado de Ohio no período do *antebellum* estadunidense, a expansão para o Oeste, o desenvolvimento técnico do telégrafo elétrico, a modernidade e finalmente a Guerra de Secessão são as principais linhas adotadas.

O capítulo também procura indícios na própria escrita de Kennan para reconstruir sua trajetória intelectual e a bagagem literária imaginada para o leitor através do conjunto de obras, autores e tradições escritas aos quais os remetia. Expande-se o escopo da análise deste contexto literário em que o autor e seus destinatários se inseriam ao investigar o mercado editorial no qual o livro é publicado, a partir de suas publicações anteriores na editora responsável, a *Putnam & Sons*.

A relação estabelecida entre o autor e seu público também é estudada a partir de considerações sobre a posição que o gênero do relato de viagem ocupava para a sociedade letrada estadunidense do século XIX. As convenções de escrita da época, e diferentes formas como elas se manifestavam, eram seguidas ou subvertidas em relatos semelhantes são examinadas a partir da comparação do prefácio da obra de Kennan com aquele escrito pelo inglês Frederick Whymper, outro membro da expedição do Telégrafo Russo-americano, que explorou primariamente o Alaska.

Considera-se então a trajetória da obra *Tent Life in Siberia* ao longo do tempo, levando-se em consideração as múltiplas reimpressões e as diferentes edições que recebeu desde sua primeira publicação em 1870. Ao longo da vida de Kennan, o livro obteve muito sucesso, mas sua posição em seu “legado” é consideravelmente apagada, sendo reconhecido principalmente como o autor de *Siberia and the Exile System*, como um ativista anti-czarista a favor da causa dos exilados político, e como um formador de opinião responsável por alterar a maneira como os cidadãos dos EUA olhavam para a Rússia.

¹¹ KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. V.

O capítulo 3, “Uma historiografia da obra de George Kennan”, concentra-se em analisar a recepção do conjunto da obra de Kennan pela academia. Neste esforço, busca-se uma abordagem a partir de questões levantadas pela história intelectual, especialmente por Quentin Skinner, Dominic LaCapra e Elias José Palti. *O Espelho de Heródoto*, de François Hartog, também é importante neste momento pela sua reflexão a respeito das diferentes maneiras de se confrontar um texto.

O primeiro estudo de um historiador sobre George Kennan foi publicado em 1970, e concentrava-se em sua atuação nos EUA sobre a questão dos exilados políticos russos. De lá para cá, foram publicados textos de diversas naturezas: outros artigos de conteúdo similar àquele primeiro, uma biografia, uma análise voltada para o campo da arquitetura histórica, um olhar a partir da *Western History*,¹² entre outros. Estas diferentes textualidades acadêmicas são confrontadas, procurando-se estruturar uma reflexão sobre mudanças e permanências no uso de documentos e no trabalho com trajetórias nos últimos cinquenta anos.

O capítulo 4, “Tornar o distante visível”, volta-se para dentro do texto de Kennan. Partindo do conceito de *wilderness*, trabalhado por Roderick Nash, e de uma concepção fluida do conceito de paisagem, busca-se trabalhar com a relação que o autor estabelece com o espaço em sua obra. Kennan contava sua história como um estrangeiro em uma terra distante, e existiam uma série de convenções literárias sobre como este tipo de sujeito deveria descrever este local. Estas convenções podiam também tratar sobre como uma trama devia ser estruturada, que ritmos deveria seguir, quais elementos de tensão ou repouso devia abrigar. Como um estadunidense vivendo durante a expansão da fronteira em seu país, e durante um período de popularidade nacional de uma literatura romântica sobre a *wilderness*, sua maneira de encarar a natureza, os espaços “intocados”, a colonização, a modernização e as suas inter-relações múltiplas pode ser remetida a um conjuntura sócio-cultural complexa.

Ainda assim, a experiência individual do autor significava que a sua escrita seria uma obra singular, que poderia seguir ou rejeitar convenções de escrita, reforçar ou contestar ideias correntes, ocupar posições específicas quanto a questões controversas, ou mesmo ter dificuldade de se expressar. Sua análise, portanto, permite que se reflita sobre a relação entre o sujeito e a conjuntura na observação do espaço enquanto contingência, e não acaso ou

¹² Campo historiográfico que estuda o Oeste estadunidense, institucionalizada no meio acadêmico daquele país por Frederick Jackson Turner durante a década de 1890. Desde então, passou por diferentes momentos, grosso modo: este primeiro, de profissionalização, que durou até a década de 1950, uma crise historiográfica sentida entre 1950 e 1980, e então uma reestruturação como *New Western History*. Para uma análise do tema, aprofundada em especial quanto à reestruturação como *New Western History*, ver: ÁVILA, Arthur Lima de. *Território contestado: a reescrita da história do oeste norte-americano: c.1985-c. 1995*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010 (História, Tese de doutorado).

determinação. Este estudo se dá a partir de três espaços diferentes retratados na obra: os vales da península de Kamtchatka, as montanhas e desfiladeiros atravessados, e a tundra, no Ártico.

O capítulo 5, “Povoar as distâncias descritas”, parte dos mesmos princípios teórico-metodológicos sobre a reflexão a partir da relação entre a especificidade do texto e as convenções de escrita e a conjuntura sociocultural. Sua aplicação, entretanto, agora dá-se na análise das formas como Kennan refere-se aos habitantes destas terras distantes que descreve.

Em um primeiro momento, analisa-se a relação de Kennan com o espaço de Kamtchatka enquanto uma fronteira de outros sujeitos, uma vez que estava em território estrangeiro e já colonizado, e a associação deste cenário com normalidade e segurança. Em seguida, analisa-se a forma como Kennan descreve as populações kamtchadais e russas no relato. Por fim, trata-se de sua representação dos coriacos, tanto nômades quanto assentados.

O restante desta introdução é um resumo de *Tent Life in Siberia*. Sua função é familiarizar o leitor com a estrutura geral dos eventos narrados, com a cronologia da viagem de Kennan, com a geografia da região, e com os principais personagens da trama. O livro possui cerca de quatrocentas páginas em sua edição de 1870, e quase quinhentas após as adições da edição de 1910, de forma que a breve exposição que se segue necessariamente é uma simplificação grosseira da trama, organizada a partir de um recorte agressivo em busca do objetivo descrito acima.

1.1 *TENT LIFE IN SIBERIA*

A narrativa de *Tent Life in Siberia* se inicia no ano de 1864, quando Kennan descobre o Telégrafo Russo Americano e se candidata a ser um de seus exploradores. Kennan é aceito em dezembro, e então deixa Nova Iorque em direção a San Francisco, onde ficava o quartel general de operações da companhia. O leitor descobre, já na segunda metade de seu livro, que naquele ano novo Kennan estava na América Central, “montando em uma mula do Lago Nicarágua até a costa do pacífico, por uma magnífica floresta tropical”.¹³

Em San Francisco, Kennan esperou por alguns meses para partir em direção ao continente asiático. Lá, ele se familiarizou com os planos da empresa, que já indicavam perigo e negligência por parte do Coronel Bulkley, e conheceu quem seriam seus companheiros de viagem: James Mahood, Richard J. Bush, com quem formou o vínculo de amizade mais forte,

¹³ “riding on a mule from Lake Nicaragua to the Pacific Coast, through a magnificent tropical forest” KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 275, tradução nossa).

e o Major Sergei Abasa¹⁴, o líder da equipe que exploraria a Sibéria. No começo de julho de 1865, Kennan começava sua travessia do Pacífico a bordo de um barco russo chamado *Olga*.

Após sete semanas em alto mar, descritas como incrivelmente monótonas, o navio finalmente chegava a Kamtchatka, na baía de Petropavlovsk. Ao avistar a costa, as expectativas do viajante foram subvertidas por uma paisagem que o encantou:

O próprio nome de Kamtchatka sempre estivera associado em nossas mentes com tudo de estéril e inóspito, e não imaginávamos por um momento que tal região pudesse proporcionar belas paisagens e vegetação exuberante. De fato, para todos nós era uma questão discutida se algo além de musgos, líquens e talvez um pouco de grama mantinha-se na luta desigual pela existência naquele clima congelado. Pode-se imaginar com que prazer e surpresa olhamos para colinas verdes cobertas de árvores e matas verdejantes; vales brancos com trevo e diversificados com pequenos bosques de vidoeiro-prateado; e até rochas pendendo com rosas silvestres e aquileias, que se enraizaram em suas fendas como se a natureza se esforçasse para esconder, com um traje de flores, as evidências de convulsões passadas.¹⁵

Na pequena cidade portuária de Petropavlovsk, divisa-se um plano para a exploração do trajeto por onde passaria a linha telegráfica. A península de Kamtchatka não estava na rota, mas por ela seguiriam o Major e Kennan, com a intenção de começar a explorar a área entre o Mar de Okhotsk e o Golfo de Anadyr (Mapa 1). Os outros, por sua vez, permaneceriam com o *Olga*, indo até a região do Amur, mais a Oeste.

¹⁴ De agora em diante referido como Major.

¹⁵ “The very name of Kamtchatka had always been associated in our minds with everything barren and inhospitable, and we did not entertain for a moment the thought that such a country could afford beautiful scenery and luxuriant vegetation. In fact, with us all it was a mooted question whether anything more than mosses, lichens, and perhaps a little grass maintained the unequal struggle for existence in that frozen clime. It may be imagined with what delight and surprise we looked upon green hills covered with trees and verdant thickets; upon valleys white with clover and diversified with little groves of silverbarked birch; and even the rocks nodding with wild roses and columbine, which had taken root in their clefts as if Nature strove to hide with a garment of flowers the evidences of past convulsions” (KENNAN, op. cit., p. 28-29, tradução nossa).

Mapa 1 - Área do leste siberiano percorrida por George Kennan entre 1865 e 1867



Fonte: KENNAN (1910, p. 30)

Após observar brevemente Petropavlovsk com seus companheiros americanos, o narrador se despediu com emoção de Bush e dos outros a bordo do navio. Restando apenas o autor e o Major, e com planos destes se separarem em certo momento, James Dodd, um

comerciante de peles estadunidense que falava russo é encontrado no local e contratado para acompanhar a expedição, como um intérprete para Kennan. Os dois decidem assistir um casamento cristão-ortodoxo na cidade, e começam a formar laços de amizade, Dodd assumindo na narrativa o papel até então ocupado por Bush.

Era então o começo de setembro de 1865, quando o grupo - o Major, Kennan, Dodd e um time de nativos, entre eles o cossaco Vushine, que o narrador admira muito - partiu a cavalo pelo sul de Kamtchatka, percorrendo vales verdejantes, observando vulcões no horizonte, e passando por pequenos vilarejos locais, habitados por russos e kamtchadais.¹⁶ Eles viajavam trocando de cavalos e de equipes de apoio nativas a cada vilarejo, preparados por um cossaco que, sempre à frente, anunciava sua chegada e demandava que estivesse tudo pronto.

Após terem passado por diversos assentamentos, acampado e se acostumado a andar longas distâncias a cavalo, o grupo troca seus animais por jangadas, e segue em viagem pela península. Eventos anedóticos se passam nas vilas de Milkova e Kloochay: na primeira, um problema de comunicação faz com que os nativos pensem que o narrador era o czar, ou alguém próximo dele; na segunda, ao procurar uma “casa de banho preta”,¹⁷ Kennan e o Major são vigorosamente massageados por um kamtchadal nu, até sentirem-se “como espíritos desincorporados”.¹⁸ Episódios lúdicos como estes são representativos do tom do livro ao longo desta primeira viagem por Kamtchatka.

O grupo seguiu, trocando as jangadas por estreitas canoas kamtchadais e atravessando mais uma série de pequenos vilarejos. Eles rumavam em direção à Passagem de Yolofka, um caminho onde voltariam a montar a cavalo para atravessar a cordilheira central da península (ver Mapa 1). Nesta difícil travessia, a vida de Kennan correu perigo pela primeira vez, devido ao terreno perigoso. Após cruzar as montanhas, o grupo se vê em um planalto, uma tundra elevada por onde cavalgam até retornar ao cenário típico de Kamtchatka, com pequenas vilas, rios, vales e bosques. Pela costa do Mar de Okhotsk, seguem de Tigil, um entreposto comercial e segunda cidade mais importante da península, até Lesnoi, pequeno vilarejo no sopé da cordilheira das Montanhas Samanka, no norte da península.

¹⁶ Termo então utilizado genericamente para a população nativa de *Kamtchatka*. Em outros contextos pode corresponder mais especificamente à etnia itelmen.

¹⁷ “Баня по-чёрному”, uma espécie de sauna tradicional russa. Recebe a designação “preta” pela madeira interior ser escurecida pela fuligem.

¹⁸ “like disembodied spirits”. (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 108, tradução nossa).

Esta cordilheira era o último obstáculo entre o grupo e o território dos coriacos¹⁹ que precisariam atravessar. O inverno²⁰ chegava e a equipe pensava em esperar para fazer a travessia das montanhas quando a neve estivesse assentada, mas havia a possibilidade do Coronel Bulkley ter enviado um outro time de exploradores para a região do Círculo Ártico, e - preocupado com a segurança deste grupo - o Major ordenou que tentassem prosseguir imediatamente. Eles se dividiram em duas equipes, uma tentando a travessia pelo mar, e outra pelas montanhas, mas as duas falharam, e - retornando famintos e doentes a Lesnoi - precisaram esperar o inverno se recuperando.

Uma vez recuperados, e agora com o inverno bem estabelecido e o tempo mais regular, a travessia foi feita sem problemas, em trenós de cães. Do outro lado, encontraram pela primeira vez os coriacos nômades, com quem vivem de acampamento em acampamento, observando seus costumes, testemunhando um casamento nativo, e negociando a passagem. Seguiram com eles até o Golfo de Penzhinsk, onde passaram a conviver com seus parentes assentados, em seus yurts de madeira, pelos quais Kennan desenvolveu grande desprezo.

Entre os coriacos assentados, o grupo descobriu que não havia notícias de estadunidenses desembarcando no território ártico, e abandonou os planos de ir em apressadamente ao resgate de quem estivesse lá, que vinham ditando o ritmo da viagem desde antes da travessia das Samanka. Seguiram, então, todos juntos para Geezhega, a maior cidade da região, onde chegaram no final de novembro.

Em Geezhega, a equipe descansou por dez dias, conhecendo o *ispravnik*²¹ local e aproveitando os prazeres que a cidade podia oferecer-lhes em contraste com a vida em acampamentos. Eles divisaram o restante do plano: o Major e Vushine iriam em direção a Okhotsk, onde encontrariam Bush e Mahood, vindos da região do Amur, enquanto Kennan e Dodd iriam para Penzhina e Anadyrsk, assim cobrindo boa parte da rota.

Kennan e Dodd, então, partiram com um grupo de cossacos e nativos em direção ao norte. Em Penzhina, entretanto, tiveram notícias de que bandos nômades de tchuktchis²² haviam avistado estrangeiros na costa do Golfo de Anadyr, em uma região desolada e perigosa. Imaginando se tratar da equipe que esperavam anteriormente, eles se apressam em direção ao último assentamento russo ao norte, Anadyrsk. Até este momento, a trama havia encompassado

¹⁹ Grupo étnico siberiano.

²⁰ As referências à chegada do inverno, ou ao “verão siberiano”, seguem o que é apresentado no livro, que não se encaixa na divisão normal do ano em quatro estações de mesma duração.

²¹ Kennan trata o termo como “governador”. O *ispravnik* era um chefe administrativo local, mas também era chefe de polícia e respondia ao governador de fato.

²² Grupo étnico siberiano.

um ano da vida de Kennan, sendo este o momento em que ele comenta sobre a Nicarágua, O autor destacou o contraste: na noite de ano novo de 1865 ele estava “agachado em uma grande planície nevada próxima do círculo Ártico, tentando, em uma temperatura de 53° abaixo de zero, comer sua sopa antes que ela congelasse sólida no prato.”²³

Chegando à cidade de Anadyrsk e sendo recebidos calorosamente pelo padre ortodoxo do local, entretanto, eles estranhamente tomaram tempo para comemorar as festas de fim de ano junto à população.²⁴ Após a conclusão das festividades, que duram alguns dias, Kennan, Dodd, cossacos e nativos partem em direção à costa, seguindo um rio congelado, para o resgate da “equipe do Anadyr”.

O resgate levou o grupo ao limite, até que eles finalmente encontraram o abrigo subterrâneo dos estadunidenses. Lá reencontraram-se com alguns companheiros que ele não via desde San Francisco, três dos homens deveriam resgatar: os outros dois haviam partido com um grupo de Tchuktchis para buscar ajuda. Kennan comemora o sucesso da missão e começa o retorno a Anadyrsk, onde espera a chegada dos outros enquanto faz a prospecção em busca da melhor rota para o telégrafo. Eventualmente, os nômades chegam à cidade e trazem com eles os dois estadunidenses restantes.

Tendo feito toda a prospecção que julgava possível, Kennan retornou a Gizhiga, onde reencontrou-se com o Major e com Bush. Lá, observou o fim de seu primeiro inverno siberiano, e divertiu-se com a vida social da cidade. Ao longo dos próximos meses, entretanto, o ócio foi se tornando cada vez mais problemático: estavam esperando por navios da empresa com suprimentos e equipamento para continuarem os trabalhos, e estes estavam atrasados. O explorador estava no assentamento desde abril, e somente na metade de agosto o primeiro navio chegou. Descarregando parte dos suprimentos, a embarcação deixou Geezhiga, levando alguns homens da equipe, e deixando Kennan, Dodd e o Major na cidade.

O segundo navio levou mais um mês para chegar, e quando chegou teve problemas, encalhando e precisando ser descarregado aos poucos. Já em novembro, e temendo que o navio destinado a Anadyrsk também estivesse atrasado, Kennan foi enviado para lá com uma equipe de cossacos. Em Penzhina, o padre de Anadyrsk chegou com notícias de que uma fome havia matado boa parte da população de seu assentamento, e que sabia sobre Bush e os outros

²³ “squatting on a great snowy plain near the Arctic circle, trying, in a temperature of 53° below zero, to eat up my soup before it froze solidly to the plate” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 275-276, tradução nossa). A temperatura está em Fahrenheit, correspondendo a cerca de -47°C.

²⁴ No Império Russo utilizava-se o calendário juliano.

estadunidenses que deviam estar pela região onde o complicado resgate havia acontecido no ano passado.

Temendo ter de repetir a experiência de uma missão de resgate no inverno, Kennan se apressa em direção a Anadyrsk, mas no caminho encontra “por sorte” Bush indo na direção oposta. O narrador fica sabendo que o navio da empresa realmente havia se atrasado, ajuda como pode em Anadyrsk, e - sem poder fazer mais nada - retorna para Geezhega mais uma vez. Outro barco da empresa havia aportado em Petropavlovsk, não conseguindo ir até Geezhega, e outros homens haviam atravessado Kamtchatka e chegado à cidade onde Kennan se encontrava.

Neste momento, então, havia diversas equipes de estadunidenses trabalhando ao longo de boa parte da extensão da rota, e Kennan, em Geezhega, esperava por ordens. Elas chegaram em dezembro, indicando-o que fosse até outra cidade, Gamsk, encontrar-se com o Major. O narrador fez o trajeto em companhia de nativos e de um dos novos estadunidenses, chamado Leet. Juntos, eles atravessaram uma cordilheira de montanhas por um vale tempestuoso, o Vale do Viliga, em outra situação de vida ou morte.

Kennan aparentemente ficou em Gamsk até março, provavelmente responsável por um grupo de trabalhadores designados para a região. De lá ele foi ordenado mais uma vez a esperar navios da empresa em Geezhega. Em julho, uma embarcação chegou, mas com notícias de que o Cabo Atlântico havia tido sucesso em conectar os EUA à Europa por via submarina. Tendo perdido a corrida, o projeto do Telégrafo Russo-Americano seria abandonado.

A narrativa de 1870 conclui-se neste momento, com Kennan declarando que ficou pela região até outubro, fazendo parte do último grupo de estadunidenses a partir em direção a São Petersburgo. A narrativa de 1910 adiciona detalhes sobre estes meses da volta, explicando que durante esses meses eles venderam como puderam todo o equipamento telegráfico que conseguiram - sugestão da empresa para recuperarem seu dinheiro. Kennan descreve como quase morreu em uma tempestade que o atingiu no Mar de Okhotsk, estando ele e seus companheiros em uma pequena e frágil embarcação.

O restante do livro ocupa-se da rota até Yakutsk por acampamentos montanheses de tunguses e da viagem de Yakutsk a Irkutsk, a cavalo pela Sibéria. Kennan comenta sobre a vida urbana em Irkutsk, a capital siberiana (onde descobriu que seu russo soava inapropriado para conversas com as elites). De lá, ele seguiu a cavalo até a Rússia europeia, onde pegaria um trem, o último trecho do livro.

2 GEORGE KENNAN E A ESCRITA DE *TENT LIFE IN SIBERIA*

2.1 INTRODUÇÃO

Dominic LaCapra, em seu *Repensar la historia intelectual y leer textos*, trabalha com questões a respeito do local que pode ser conferido ao texto em relação ao seu contexto de produção, e para isto - em certo ponto - utiliza-se da interpretação que Derrida teve da obra de Descartes. Nesta perspectiva, o texto é considerado o lugar de intersecção entre uma tradição prolongada - no caso de Descartes, a metafísica e seus questionamentos tradicionais - e uma época específica, inclusive agindo sobre ambas, de forma a modificá-las.²⁵ *Tent Life in Siberia* é um texto que pode ser interpretado na tradição prolongada do relato de viagem ocidental, e inserido na época específica dos Estados Unidos pós-guerra civil, quando Kennan o publica. Dois dos primeiros passos, então, para a análise do livro são uma representação historiográfica de sua época específica e sua localização na tradição prolongada do relato de viagem. Somam-se à questão da “época específica” ainda o conjunto dos textos com os quais ele mais diretamente dialogava, a cultura editorial na qual se inseria, e até sua recepção. Estes aspectos serão analisados ao longo deste capítulo.

2.2 CONTEXTO DE FORMAÇÃO

George Kennan nasceu no vilarejo de Norwalk, em Ohio, nos Estados Unidos. O ano era 1845, e observava o crescimento do pequeno povoado. Segundo o *website* da prefeitura da cidade, um censo federal constatou que em 1830 a localidade possuía 310 habitantes, enquanto em 1880 a população passava dos cinco mil, Norwalk obtendo o status de cidade. Mesmo em 1845, a vila já possuía um jornal, e durante a infância de Kennan ela passou a contar com uma estação ferroviária por meio da qual se comercializavam manufaturas, indica a narrativa da prefeitura.²⁶

O escritor Ian Frazier, autor de seu próprio relato de viagem pela Sibéria - *Travels in Siberia* - acrescenta um tom mais intimista à Norwalk da narrativa institucional. Ele dedica um trecho de seu livro a contar sua versão da história de Kennan e da proximidade entre suas

²⁵ LACAPRA, Dominick. *Repensar la historia intelectual y leer textos*. In: PALTÍ, Elias José. *Giro Lingüístico e História Intelectual*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998, p. 253-256, p. 262.

²⁶ THE CITY OF NORWALK. *History of Norwalk*. Norwalk. [20--?]. Disponível em: <https://www.norwalkoh.com/history-of-norwalk>. Acesso em: 04 jan. 2020.

famílias durante o século XIX. No texto de Frazier, uma dúzia de anos antes da chegada do pai de George Kennan à cidade (leia-se por volta de 1816), Norwalk teria sido uma terra quase selvagem, uma quase *wilderness*.

Segundo o texto institucional, o assentamento na região havia há muito pouco começado. Em 1809, as terras teriam sido cedidas para abrigar famílias despossuídas por um grande incêndio causado pelos ingleses, durante os conflitos da independência. A partir de 1816 começou a prospecção do território, e apenas em 1817 o primeiro residente permanente teria lá se estabelecido.²⁷ *Firelands* era o termo que designava o território de Norwalk, fazendo-se presente no nome de um periódico da cidade, *Firelands Pioneer*, publicado irregularmente desde 1858 até o começo do século XX.²⁸

Firelands Pioneer é um título que, por si só, também aponta para a terra quase selvagem mencionada por Frazier. Em seu texto, o pai de George Kennan assume a posição narrativa de um pioneiro - se não na ponta de lança na conquista do Oeste, pelo menos um homem da fronteira entre civilização e *wilderness*.

Os parágrafos curtos do texto institucional da prefeitura de Norwalk podem deixar passar esta relação, passando diretamente do primeiro pioneiro para eleições, jornais, bancos, ferrovias e todos os outros degraus galgados em direção à “civilização”. A própria imagem das *firelands* poderia ser tomada como tendo perdido força durante a infância de Kennan - no começo da década de 1851 a cidade teria ganho a mais dócil alcunha de *Maple city*, devido a uma plantação de bordos na rua principal.²⁹ O nome do periódico indica que nem o apelido original havia sido esquecido, nem a imagem fronteira abandonada.

O estado de Ohio como um todo, no período anterior à Guerra de Secessão, observou uma série de movimentos populacionais que colaboraram para a criação de uma imagem do estado como uma terra de transição entre o Leste e o Oeste dos Estados Unidos. Kenneth J. Winkle, em seu *The Politics of Community*, aponta como esta visão geográfica ganhou força entre os próprios habitantes de Ohio entre o começo e o meio do século XIX³⁰ - décadas que encompassaram o nascimento e a infância de Kennan em Norwalk.

Assim, se a “linha da fronteira” já havia formalmente deixado Ohio para trás, Winkle expõe que as ondas migratórias da marcha para o Oeste, uma crescente urbanização, novas rotas

²⁷ THE CITY OF NORWALK. *History of Norwalk*. Norwalk. [20--?]. Disponível em: <https://www.norwalkoh.com/history-of-norwalk>. Acesso em: 04 jan. 2020.

²⁸ HATHITRUST DIGITAL LIBRARY. *The Firelands pioneer*/Firelands Historical Society. [20--]. Disponível em: <https://catalog.hathitrust.org/Record/000530188/Home>. Acesso em: 04 jan. 2020.

²⁹ THE CITY OF NORWALK, op. cit.

³⁰ WINKLE, Kenneth J. *The politics of community: Migration and politics in antebellum Ohio*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, p. 13.

de transporte fluvial e ferroviário, e novos recém-chegados do continente europeu foram responsáveis por intensos fluxos migratórios no estado até a década de 1850.³¹ Estas constatações assumem importância redobrada na argumentação do autor, pois ele entende todas as formas de migração no interior do país como expressões da busca constante por oportunidades que a fronteira representava na tese de Turner.³²

O famoso artigo de Turner, *The Significance of the Frontier in American History* (1893) primeiramente atribuiu à colonização do Oeste o papel principal na história dos Estados Unidos. Contudo, como destaca Arthur Lima de Ávila, também foi responsável pela conceitualização da fronteira enquanto um lugar relativo, de encontro entre a civilização e a barbárie, um processo que ocorreria onde o colono estadunidense estivesse. Estes pioneiros ocupavam as “terras livres”, desenvolviam valores (liberdade, individualismo, empreendedorismo) e instituições (democracia) como adaptação ao novo ambiente e à igualdade de oportunidades que oferecia.³³ O contexto de formação de Kennan não é outro senão um Ohio que serve de porta para a fronteira ao mesmo tempo em que se confunde com a mesma, e este *ethos* fronteiro transparece em sua escrita.

Frederick F. Travis, biógrafo de Kennan, atribui a uma herança de família o que chama de “forte patriotismo e um inquieto espírito pioneiro”³⁴ percebidos na vida do escritor. A sessão de seu livro intitulada “ancestralidade” destaca figuras excepcionalmente “pioneiras” em sua árvore genealógica - desde peregrinos do começo da colonização dos Estados Unidos até os próprios pais de George Kennan chegando às *Firelands*.³⁵

A perspectiva aberta pela exposição de Winkle - mesmo sem este trabalhar diretamente com Kennan - oferece uma outra explicação, fundamentando este “pioneirismo” na filosofia da época do *antebellum*. Esta envolvia uma recusa a restringir-se, fosse geográfica, fosse culturalmente, a uma comunidade local, de maneira a incentivar a movimentação constante dos indivíduos e sua inquietação. A primeira metade do século XIX foi uma época de consolidação de um individualismo mais agressivo com relação ao período anterior, da comunidade

³¹ WINKLE, Kenneth J. *The politics of community: Migration and politics in antebellum Ohio*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, p. 29.

³² *Ibid.*, p. 3.

³³ ÁVILA, Arthur Lima de. *O Oeste historiográfico norte-americano: a Frontier Thesis vs. a New Western History*. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 12, n. 21/22, p.369-413, jan./dez. 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6379/3827>. Acesso em: 04 jan. 2020.

³⁴ “strong patriotism and a restless, pioneering spirit” (TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship*, 1865-1924. Athens: Ohio University Press, 1990 p. 5, tradução nossa).

³⁵ *Ibid.*, p. 4-5.

colonial.³⁶ Desta forma, o “pioneirismo” não aparece tanto como uma particularidade singular da família Kennan, mas sim como um componente expressivo da visão de mundo da época.

A narrativa que transparece no texto de Travis destaca o excepcional na história de Kennan e seu papel na sua vida “extraordinária”. O cruzamento aqui proposto entre sua trajetória e informações apreensíveis sobre o espaço de experiência em que o explorador se desenvolveu procura aproximá-lo de seus contemporâneos. Sua trajetória particular lhe foi única, sem dúvida, mas ela era a realização de uma das possibilidades apresentadas pelo seu contexto. A importância deste tipo de esclarecimento está em evitar algumas armadilhas durante o trabalho historiográfico, especialmente quando este é focado em um indivíduo aparentemente “extraordinário”.

O historiador Alexandre Karsburg, que trabalha com estudos de trajetória, dedica-se a chamar atenção para estas armadilhas do “extraordinário”. Em seu artigo “*A micro-história e o método da microanálise na construção de trajetória*”, por exemplo, ele afirma que acredita não haver sujeitos históricos descolados de seu tempo, como quando diz-se que alguém estava “à frente de seu tempo”. Nas advertências de Karsburg ao seu leitor, ele destaca que um bom trabalho de contextualização é capaz de trazer qualquer sujeito para junto daqueles que compartilhavam seu espaço de possibilidades. Para o autor, acreditar na “ilusão biográfica” - utilizando-se do termo de Pierre Bourdieu - é um erro que pode levar o pesquisador a ver heróis ou santos no lugar de indivíduos históricos.³⁷

Conferir peso demais às figuras aparentemente excepcionais na família de Kennan, ou reconstruir sua criação como um conjunto único de circunstâncias “perfeito” para transformá-lo no indivíduo que observa-se posteriormente, é remover sua trajetória de seu contexto e apostar na excepcionalidade. O objetivo aqui não é acusar Travis de ignorar o contexto, entretanto, o que seria desonesto. Seu livro intitula-se *George Kennan and the American-Russian relationship 1865-1924*, e seu foco está em analisar o papel de Kennan quanto a um aspecto específico de sua vida - sua transformação em um influente *expert* em Rússia nos Estados Unidos. Devido a este recorte, o contexto no livro de Travis está sempre operando com o objetivo de relacionar a trajetória do biografado ao desfecho em que ele ganha esta influência. A implicação disto é que muitas questões sociais das décadas de 1850 e 1860, aqui essenciais

³⁶ WINKLE Kenneth J. *The politics of community: Migration and politics in antebellum Ohio*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, p. 5.

³⁷ KARSBURG, Alexandre. *A micro-história e o método da microanálise na construção de trajetória*. In: VENDRAME, et. al. (organizadores) *Micro-história, trajetórias e imigração*. São Leopoldo: Oikos, 2015, p. 32-52, p. 35-36. Disponível em: <http://oikoseditora.com.br/files/Micro-Hist%C3%B3ria%20-%20E-BOOK.pdf>. Acesso em 25/01/2020.

para a análise de *Tent Life in Siberia*, são apenas um passado distante e passível de ser tratado *en passant* na argumentação de Travis.

Isto inclui até mesmo a própria viagem que gerou *Tent Life in Siberia*. Como o primeiro contato com a Rússia, ainda durante a juventude do autor, a expedição do Telégrafo Russo-americano é o capítulo de abertura da obra de Travis. A expedição intitula o capítulo, mas ela o divide com questões como a ancestralidade, a infância, as relações familiares e a educação de Kennan. O fato do segundo capítulo intitular-se *The Apprentice Russophile* indica o quanto toda a experiência de 1865-1867 é tida como um mero episódio formativo, anterior a Kennan ser mesmo um *apprentice*, que dirá um *expert*.³⁸

A um fator Travis atribui maior importância na formação de Kennan do que às “forças ancestrais” - o telégrafo. Ele aponta que, um ano antes do nascimento do explorador, Samuel Morse³⁹ havia dado início à “era do telégrafo” nos Estados Unidos.⁴⁰ Em 1845 foi aberta em Washington a primeira agência telegráfica do país, e dentro de pouco tempo foi a vez do pai de George Kennan - apaixonado pela ciência e pelo telégrafo - tornar-se o primeiro operador da agência aberta na ainda pequena Norwalk. Assim, Travis traz a inovação tecnológica para a história familiar dos Kennan - mais uma vez a narrativa exclusiva ao indivíduo assume o primeiro plano. Em seguida, o autor afirma que com seis anos George mandava sua primeira mensagem por telégrafo, reforçando a ideia da influência doméstica.⁴¹

A difusão social deste interesse, é claro, pode ser expandida para além do lar dos Kennan. Ian Frazier combina sua própria leitura de Travis com outras fontes, incluindo apreensões informais a partir de sua família e das histórias que nela circulavam a respeito do jovem telegrafista, tratando os Kennan como uma família próxima. Ele descreve uma pequena comunidade que presencia cenas de um jovem George Kennan correndo entre o posto do telégrafo e o jornal e depende desta tecnologia e de seus técnicos para ter notícias da guerra. A centralidade do telégrafo teria sido suficiente para conferir à família dos Kennan prestígio social na comunidade.⁴²

Assim, o interesse dos Kennan, pai e filho, pelo telégrafo aparece não tanto como a peculiaridade de indivíduos atipicamente curiosos pela ciência,⁴³ quanto como um aspecto em que a família era representativa de um setor social envolvido com a nova tecnologia. O pai de

³⁸ Ver: TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship, 1865-1924*. Athens: Ohio University Press, 1990. cap. 1, 2.

³⁹ Inventor do código que leva seu nome e um dos criadores do telégrafo elétrico.

⁴⁰ TRAVIS, op. cit.

⁴¹ Ibid.

⁴² NASH, Roderick Frazier. *Wilderness and the American Mind*. 5. ed. New Haven: Yale University Press, 2014.

⁴³ Especialmente quanto ao Kennan pai. TRAVIS, op. cit.

George Kennan é descrito por Frazier como um tipo comum na fronteira - um homem profissionalmente inquieto que trocava constantemente de carreira - cuja trajetória incorporou o avanço técnico do telégrafo, e não como um indivíduo excêntrico.⁴⁴ A curiosidade científica a transparecer no Kennan filho também parece menos uma herança única e peculiar e mais um exemplo de um sintoma da experiência da modernidade que se alastrava por diversos setores do ocidente no século XIX.

O conjunto de peças que compõem tal experiência de modernidade, vivida por pai e filho, é vasto. Marshall Berman, em seu *Tudo o que é sólido desmancha no ar*, procura elencá-las, destacando os seguintes componentes: avanços nas ciências físicas, industrialização da produção, explosão demográfica, crescimento urbano, desenvolvimento de sistemas de comunicação de massa, Estados nacionais que ganham poder e estruturam sua burocracia e gestão, e movimentos sociais de massa e nacionais. O século XIX destaca-se na análise de Berman, por corresponder a um momento em que coexistem uma revolução explosiva de todos os aspectos da vida e as lembranças do que seria o mundo pré-moderno. Anteriormente, até basicamente a Revolução Francesa, a experiência moderna ainda era sentida de maneira incompleta, fragmentária, enquanto no século XX o mundo já está encompasado como um todo por ela.⁴⁵

Tal convivência da modernidade com o mundo pré-moderno seria perceptível no *American Midwest* (Meio-Oeste, região no norte dos Estados Unidos, que engloba o estado de Ohio) da infância e juventude de Kennan, considerando-se a abordagem de Winkle quanto à fronteira. Mas ela também acompanhou o explorador até a Sibéria, expressando-se mais visceralmente no seu relato com a percepção da separação dos “dois mundos” sentida em uma tenda dos coriacos:

Para mim era quase impossível perceber, às vezes, enquanto eu me sentava perto do fogo em uma tenda coriaca, que eu ainda estava no mundo moderno das ferrovias, telégrafos e jornais diários. [...] Nada ao nosso redor dava qualquer sugestão do proclamado esclarecimento e civilização do século dezenove, e à medida que nós gradualmente nos acostumávamos às novas e estranhas condições de barbarismo primitivo, nossas lembranças de uma vida civilizada desvaneciam na imagem ilusória de um sonho vívido.⁴⁶

⁴⁴ NASH, Roderick Frazier. *Wilderness and the American Mind*. 5. ed. New Haven: Yale University Press, 2014.

⁴⁵ BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 16.

⁴⁶ “I found it almost impossible sometimes to realize, as I sat by the fire in a Korak tent, that I was still in the modern world of railroads, telegraphs, and daily newspapers. [...] Not a suggestion was there in all our surroundings of the vaunted enlightenment and civilization of the nineteenth century, and as we gradually accustomed ourselves to the new and strange conditions of primitive barbarism, our recollections of a civilized life faded into the unreal imagery of a vivid dream” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 205, tradução nossa).

Observa-se neste excerto que o progresso técnico-científico é um dos aspectos centrais de sua percepção do que era moderno e civilizado. Mas também que há um aspecto, marcado pelo uso da expressão “esclarecimento e civilização”, que indica que haja um componente mais ligado ao que se caracteriza por “espírito do capitalismo” em sua concepção de modernidade. A presença de arte advinda dos Estados Unidos e outros objetos de “requinte”, como litografias, é expressa como marca de um “bom gosto” na descrição de diversos interiores ao longo do livro, mas ao chegar a vez do autor comentar a casa de um padre em Anadyrsk, revela-se a existência de um vínculo entre esta estética e a civilização, pois a decoração possuía “um bom gosto e atenção ao conforto que eram tão bem-vindas a um viajante cansado quanto elas eram inesperadas nesta terra de estepes desoladas e pessoas incivilizadas”⁴⁷. Ainda que o vínculo com a materialidade se mantenha nestas instâncias, são destacados seus aspectos mais relacionados a algo percebido como um refino, organização, esterilidade e estímulo intelectual conferidos a estes ambientes - opondo-se ao “mundo bárbaro”, sua principal qualidade seria uma “racionalidade”.

Se Berman definiu a partir de componentes mais “concretos” a modernidade em que se inseriu George Kennan, estas constatações indicam que ele partilhava de um conjunto de valores que também reconhecia seus aspectos mais “abstratos”. Löwy e Sayre, autores de *Revolta e Melancolia*, colaboraram com uma definição de modernidade que utiliza-se de Max Weber para abordar tais aspectos, considerados suas “principais características”: espírito de cálculo, desencantamento do mundo, racionalidade instrumental e dominação burocrática.⁴⁸ Estes elementos do “espírito do capitalismo”, como colocam os autores, aplicam-se à modernidade pois sua definição desta a põe em igualdade com a civilização capitalista, isto é, à “civilização moderna engendrada pela Revolução Industrial e a generalização da economia de mercado”.⁴⁹ O telégrafo pelo qual os Kennan se interessaram, por sua vez, insere-se neste paradigma, tendo sido uma tecnologia central na revolução nas comunicações, tornando o telegrafista uma das expressões mais icônicas de um sujeito moderno.

⁴⁷ “a taste and view to comfort which were as welcome to a tired traveller as they were unexpected in this land of desolate steppes and uncivilized people” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 282-283, tradução nossa). Sobre as outras instâncias em que Kennan observa a estética dos interiores nesse sentido, ver p. 33 (porto de Petropavlovski, onde destaca-se partituras diversas e um jogo de xadrez, relacionados ao “estímulo intelectual”), p. 68 (vila de “Jerusalem”, ênfase em limpeza e organização), p. 81-82 (vila de Genul, onde na verdade Kennan ironiza o gosto do anfitrião, capaz apenas de uma “imitação” que torna-se motivo de riso), p. 104 (vila de Kloochay, onde a descrição enfatiza a limpeza quase esterilizada e uma percebida feminilidade).

⁴⁸ LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade*. Tradução: Nair Fonseca. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 39.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 38-39.

Ao tratar da centralidade do telégrafo na vida de Kennan, não se pode deixar de atribuir também o peso da própria concomitância entre as infâncias do indivíduo e da tecnologia. Nascido um ano depois do primeiro sucesso de Samuel Morse em enviar uma mensagem pelo telégrafo elétrico através de grandes distâncias, os anos de formação de Kennan corresponderam aos anos de estabelecimento do telégrafo enquanto uma tecnologia de todo impactante na sociedade dos Estados Unidos. Durante a infância de Kennan surgiram as primeiras propostas de um cabo telegráfico que atravessasse o país de costa a costa (1849), e poucos anos depois, o explorador agora em sua adolescência, esta linha já estava concluída (1861). A Western Union, companhia responsável, havia se estabelecido há poucos anos (1856) e conseguiu formar um cartel, dominando quase completamente o mercado telegráfico no país (1857), estabelecendo-se quase como um modelo (prático, não moral) de ação capitalista. Um primeiro cabo conecta os Estados Unidos à Europa, por sob as águas do Atlântico, mas apenas brevemente, a linha deixando de operar em seguida (1858). A Western Union propõe fazer esta complicada conexão com a Europa quase inteiramente por terra, via Sibéria (1861). E há ainda a Guerra de Secessão, responsável por uma grande expansão do mercado telegráfico durante os anos de conflito, devido às vantagens estratégicas proporcionadas pela telegrafia de guerra (1861)⁵⁰.

Este rápido desenvolvimento do telégrafo e o grande interesse por ele que Kennan demonstra parecem ser sintomas de uma relação existente entre a sociedade estadunidense de meados do século XIX, seus valores de progresso, e o campo das comunicações. Richard R. John, em seu *Network Nation: inventing American communications*, aponta como o telégrafo elétrico é desenvolvido, adotado e expandido nos Estados Unidos não por acaso. Ele aponta nas origens da ligação íntima da nação norte americana com as comunicações o próprio serviço postal, o correio. Havia, na análise de John, uma diferença qualitativa na maneira como os atores políticos do país decidiram que lidariam com a informação: enquanto “pela maior parte da história da humanidade” líderes se concentraram em restringir o acesso das “pessoas comuns” à informação, nos Estados Unidos este acesso era um direito.⁵¹ Mas quando Kennan deixou Norwalk, o tipo de telegrafia que ele iria desempenhar nos anos seguintes estava mais

⁵⁰ JOHN, Richard R. *Network nation: inventing American telecommunications*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2010, p. 416-417.

⁵¹ *Ibid.*, p. 19. Mesmo deixando de lado a ironia evidente para quem hoje se volte ao país procurando por este livro aberto para o povo, pontos da argumentação em *Network Nation* parecem precipitados. Suas referências ao fazer afirmações sobre “a história da humanidade” remetem apenas aos contextos estadunidense e francês, com Robert Darnton. Para além disto, nesta própria comparação, o tipo de informação estimulada a circular nos Estados Unidos e o tipo de informação guardada como segredo no Antigo Regime francês não necessariamente estavam em equivalência, ainda que possuíssem áreas de intersecção.

relacionado a repassar mensagens sigilosas do que à transparência e divulgação: acabando em Cincinnati (OH), após servir em outras cidades no *Midwest*, Kennan havia se envolvido com a rede de telegrafia militar da União.

A atuação de Kennan durante a Guerra de Secessão foi interpretada de diferentes maneiras. Para seu biógrafo, Travis, seu desejo de servir é tido como um indício de um forte patriotismo, e seus posicionamentos políticos à época são indicativos de uma predisposição a combater injustiças.⁵² Já a sua saúde e disposição, que apenas minguavam ao longo do tempo, são tidas muitas vezes como consequências do trabalho confinado no escritório de telegrafia, que falharia em corresponder a um desejo por aventura manifestado desde a infância.⁵³ Apenas David Hochfelder, autor de *The Telegraph in America, 1832-1920*, sugere um quadro relativamente diverso destes anos de serviço militar, mencionando inclusive que Kennan jamais serviu realmente na USMT (*United States Military Telegraph corps*).⁵⁴

Hochfelder apresenta um quadro dos telegrafistas da USMT como um grupo que reclamava de baixos salários e de serem tratados como militares de “segunda-classe” durante a guerra. O parco - e frequentemente atrasado - soldo também fazia com que telegrafistas buscassem jornadas duplas em linhas comerciais; enquanto a falta de status, com os oficiais tratando-os como “meros” praças e não como especialistas (uma das reclamações recorrentes era de não fazerem suas refeições junto aos oficiais, por exemplo), levava-os a abandonarem completamente a USMT em favor daquelas empresas particulares. Hochfelder cita o próprio Kennan para falar sobre o consumo generalizado de álcool nos escritórios de telegrafia, militares e civis: este teria escrito uma carta à sua família sobre a presença de uma garrafa de uísque comunitária em um escritório da Western Union e sobre jantares bancados por clientes regados a *champagne* e ostras, enquanto outros operadores teriam relatado similares práticas na USMT. A procura por álcool é interpretada por Hochfelder como apenas um aspecto de um comportamento juvenil difuso entre os telegrafistas, que durante a Guerra eram muitas vezes jovens saindo pela primeira vez de sua cidade natal, ficando pela primeira vez longe de seus pais, e buscando prazeres.⁵⁵ Kennan ainda é citado novamente para tratar de outro tipo de “corrupção das virtudes”: este teria descrito o abuso para especulação financeira das informações obtidas pelos telegrafistas por um oficial, o então Coronel Anson Stager, que tinha

⁵² TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship, 1865-1924*. Athens: Ohio University Press, 1990, p. 6-7. HUNDLEY ? (ver cap historiografia)

⁵³ *Ibid.*, p. 7-8. Também em outros autores (conferir capítulo historiografia)

⁵⁴ HOCHFELDER, David. *The telegraph in America, 1832-1920*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2012, p. 235.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 19-21.

papel tanto na USMT como na Western Union. O mesmo Stager teria negado repetidas vezes a transferência de Kennan para a USMT, mantendo-o nos escritórios da empresa privada por ser “muito valioso”.⁵⁶

O cenário retratado por Hochfelder adiciona nova complexidade às explicações oferecidas pelos outros autores para a trajetória militar de Kennan e o subsequente definhamento de sua saúde. Ao confinamento nos escritórios previamente destacado somam-se duas facetas de um sistema que abrangia tanto o luxo quanto a privação. De um lado, masculinidades juvenis, consumo de álcool, especulação financeira e banquetes suntuosos, do outro más condições de trabalho, baixos e atrasados salários, desrespeito dos oficiais e mesmo a morte em serviço.⁵⁷ Não parece tão simples afirmar com segurança que apenas o desejo não realizado por aventura estava debilitando suas condições físicas.

A aventura, entretanto, serviu como sua porta de escape de todo este cenário, fossem seus tormentos mais simples ou mais intrincados.⁵⁸ Assim que a Western Union adquiriu os direitos para a construção do Telégrafo Russo-Americano, o jovem telegrafista teria pedido permissão a seus superiores para fazer parte das expedições. E foi a partir da aprovação deste pedido que George Kennan começou sua narrativa pessoal em *Tent Life in Siberia* - agora ele era um viajante.⁵⁹

2.3 LEITURA E ESCRITA

Há outro aspecto da vida de Kennan amplamente comentado por seus estudiosos: sua educação, que teria sido interrompida aos doze anos de idade para que pudesse trabalhar e ajudar a família. George Kennan ter obtido seu sucesso em meios letrados “apesar de sua baixa

⁵⁶ HOCHFELDER, David. *The telegraph in America, 1832-1920*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2012, p. 26-27

⁵⁷ *Ibid.*, p. 22.

⁵⁸ A questão de Kennan como um indivíduo “atormentado” nesta época ultrapassa debilidade física. É relatado por diversos acadêmicos que, em sua estadia em Cincinnati, Kennan decidiu vagar armado por ruas violentas, atuando como o que seria reconhecido hoje como um “vigilante” a procura de perigo, de “bandidos” para enfrentar. Sua motivação para tal comportamento seria, alegadamente, construir sua auto-estima, provar sua “coragem” para si mesmo. Esta auto-imagem teria estado abalada desde a infância, quando teria presenciado uma amputação e se sentido mal. TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship, 1865-1924*. Athens: Ohio University Press, 1990, p. 8; DANILOFF, Nicholas. George Kennan and the Challenge of Siberia. *Demokratizatsiya*, Washington, DC, v. 7, n. 4, p. 601-612, 1999. Disponível em: http://demokratizatsiya.pub/archives/07-4_daniloff.pdf. Acesso em: 06 dez. 2019, p. 605; SMITH-PETER, Susan. The Siberian Letters of George Kennan the Elder, 1866-1867. *Kennan Institute Occasional Papers*, Washington D.C., n. 310, p. 1-24, 2016. Disponível em: https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/ki_160304_occpapersmith-peter310_v1r7.pdf. Acesso em: 25 nov. 2019, p. 2-4.

⁵⁹ KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 3.

escolaridade” é um sentimento recorrente na escrita sobre o personagem.⁶⁰ Em *Tent Life in Siberia*, contudo, observa-se que, mesmo tendo abandonado sua educação formal, o escritor evidenciava familiaridade com um vasto espectro literário, desde romances contemporâneos até textos clássicos ou técnicos. Um balanço das leituras inferidas na obra permite melhor conhecer as referências que o autor possuía para organizar sua visão de mundo e dialogar com seu destinatário. Este contexto intelectual-literário inicia-se no livro com uma referência a Dickens, autor em atividade até sua morte em 1870, poucos meses antes do lançamento da obra de Kennan.⁶¹

Ao contar sobre o escritório da companhia, onde encontraria seu empregador, Coronel Charles Bulkley, Kennan descreve uma turba de homens procurando emprego e oportunidade. Ele chama o grupo de “Micawbers aventureiros” (*adventurous Micawbers*),⁶² referindo-se ao personagem Wilkins Micawber, do romance *David Copperfield*, de Charles Dickens, publicado pela primeira vez vinte anos antes de *Tent Life in Siberia*. O Micawber de Dickens é um otimista, especialmente no campo material, financeiro. Ele acredita que alguma oportunidade eventualmente surgirá para que as coisas mudem para melhor e, ao fim do romance, encontra na Austrália o seu caminho para a fortuna.⁶³

A psicologia do personagem, refletida também nos rostos dos candidatos às posições na expedição, adequava-se a uma época e a um contexto que valorizavam o indivíduo disposto a tomar riscos, com um “olho” bom para negócios. É um espelho daquele individualismo consolidado como filosofia no período anterior, do *antebellum*, como descrito por Winkle. A mobilidade social a partir da iniciativa própria precisa ser socialmente reconhecida como realidade para que o personagem, suas ambições e especialmente seu final feliz sejam plausíveis, e não apenas expressões de ingenuidade. O contexto da fronteira nos Estados Unidos parece corresponder a este quadro de valores e crenças muito bem.

⁶⁰ Travis é o único autor que menciona que Kennan teria tentado continuar seus estudos, tendo aulas particulares com o superintendente de educação pública de Norwalk após o trabalho. TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship*, 1865-1924. Athens: Ohio University Press, 1990, p. 5.

⁶¹ Uma referência anterior é feita a Perry McDonough Collins (1813-1900), mas esta restringe-se a comentar sua posição como idealizador do Telégrafo Russo-Americano. Collins, contudo, também havia escrito um relato de viagem sobre a Sibéria, publicado 1860 como *A Voyage Down the Amoor: with a land journey through Siberia, and incidental notices of Manchooria, Kamschatka, and Japan*. Esta obra não é mencionada por Kennan, mas considerando a “pequena biblioteca” organizada no navio em que fez a travessia do Pacífico, é provável que conhecesse o livro.

⁶² KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 3.

⁶³ Ver DICKENS, Charles. *The personal history of David Copperfield*. Londres: Chapman & Hall, 185?. Disponível em: <https://archive.org/details/personalhistoryo00dickiala/page/n10/mode/2up>. Acesso em: 20/01/2020.

No entanto, aquela não era a oportunidade que mudaria o destino de todos aqueles Micawbers - Kennan rapidamente declara que assim como existia a demanda por engenheiros telegráficos, também era realidade a oferta “ilimitada” de pessoal não-qualificado.⁶⁴ Kennan foi aceito para a expedição devido a experiência e contatos aos quais tantos outros na multidão não tiveram acesso.⁶⁵

Sabendo destas qualificações e desta posição do telegrafista que o distinguiam da multidão, sua posterior omissão ao descrever as qualificações de seus companheiros, mas não as suas, não soa como modéstia. Na verdade, surgindo pouco depois da menção a Micawber, o trecho imbui Kennan de uma aura de “azarão” que faz o leitor torcer por ele:

Esta equipe consistia do Major S. Abaza, um cavalheiro russo que havia sido designado superintendente dos trabalhos, e Generalissimo das forças na Sibéria; James A. Mahood, um engenheiro civil de reputação na Califórnia; R. J. Bush, que havia a recém retornado de três anos de serviço ativo nas Carolinas; e eu,- uma força não muito formidável em matéria de números, nem uma muito notável em matéria de experiência, mas forte em esperança, auto-suficiência, e entusiasmo.⁶⁶

Talvez um genuíno exercício de modéstia, talvez uma estratégia literária consciente para gerar empatia no destinatário, provavelmente um meio termo entre os dois, o efeito que este trecho pode produzir no leitor é de fazê-lo encarar Kennan como um qualquer. O protagonista ser um jovem aventureiro, despreparado, casualmente escolhido para acompanhar pessoas mais experientes em direção ao perigo também confere a toda a narrativa um tom mais emocionante. Omitindo sua trajetória individual, o autor apresenta ao leitor uma tela em branco para que ele se insira na narrativa, crie seu próprio Kennan, tão próximo de si quanto possível. Este aventureiro inexperiente, entretanto, não seria a única faceta do narrador. Ele foi contrastado com um viajante bem informado, capaz de conferir credibilidade a sua narrativa.

Outros relatos de viagem, alguns incorporados na própria narrativa, compunham essas referências. Ferdinand Von Wrangel, autor de livros sobre exploração ártica, da costa Siberiana, é citado como tendo sido uma das últimas adições à biblioteca a bordo do “Olga”, o navio no qual Kennan atravessou o Oceano Pacífico. Outra destas adições seria o botânico Asa Gray,

⁶⁴ KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 4.

⁶⁵ Kennan havia solicitado ao General Anson Stager, seu superior na Western Union durante a guerra, que lhe arranjasse uma posição nas expedições. TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship, 1865-1924*. Athens: Ohio University Press, 1990, p. 13.

⁶⁶ “This party consisted of Major S. Abaza, a Russian gentleman who had been appointed superintendent of the work, and Generalissimo of the forces in Siberia; James A. Mahood, a civil engineer of reputation in California; R. J. Bush, who had just returned from three years' active service in the Carolinas; and myself, - not a very formidable force in point of numbers, nor a very remarkable one in point of experience, but strong in hope, self-reliance, and enthusiasm” (KENNAN, op. cit., p. 5-6, tradução nossa).

junto com “algumas obras científicas”.⁶⁷ Ainda que ultimamente voltada para o aspecto empresarial, a prospecção conduzida pelas equipes do Telégrafo Russo-Americano assumia contornos de empreendimento científico, afinal um grupo de “naturalistas” entregavam-lhe instrumentos e pediam atenção a novas espécies.

Outras instâncias de um universo literário interligado na própria narrativa podiam contribuir de outras maneiras, buscando o riso e/ou adicionando ao conjunto de elementos esperados em um determinado cenário, como no caso do próprio navio. *Bowditch's American Practical Navigator*, uma enciclopédia de navegação escrita por Nathaniel Bowditch, também é citada como presente no escritório, mas é especificamente mencionada como não lida pelo autor. Kennan, pelo contrário, ao deduzir que seu companheiro de viagem, Richard J. Bush, havia utilizado-se de uma rápida inspeção do livro para impressionar o capitão do navio, afirmou em um trecho cômico que optaria por uma vingança:

Eu decidi em particular adquirir uma edição compacta dos contos marítimos de Marryat assim que eu voltasse à terra firme, e simplesmente sobrepujá-lo na próxima vez com tamanho volume acumulado de erudição náutica que ele esconderia sua cabeça diminuída. Eu tinha uma vaga recordação de ler algo nos romances de Cooper sobre as serviotas e bigolas do navio, ou serviolas e bigotas, eu não conseguia me lembrar qual, e, determinado a não ser ignorado como um marinheiro de água doce, eu lancei um olhar vago ao aparelho, e fiz algumas observações muito gerais sobre a natureza de bigotas e retrancas.⁶⁸

Apesar do tom jocoso, estas colocações, tanto sobre a intenção de uso da obra de Marryat quanto sobre a tentativa de utilizar-se dos romances de James Fenimore Cooper, revelam outros sinais sobre os referentes de Kennan. *Bowditch's Navigator* é um trabalho técnico,⁶⁹ enquanto Frederick Marryat e Cooper eram autores de ficção com experiência náutica. Ainda assim, a resposta de Kennan ao sentir-se ignorante não é buscada em outros textos técnicos, e sim na literatura. No caso de Marryat, poderia-se inclusive interpretar que seu comentário colocava-o como uma autoridade acima do trabalho de Bowditch, embora pareça mais provável que a oposição seria entre uma leitura aprofundada e atenta e uma breve consulta. Não se pode, portanto, afirmar que a literatura era uma referência de maior status para Kennan

⁶⁷ “a few scientific works” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 6, tradução nossa).

⁶⁸ “I privately resolved to procure a compact edition of Marryat’s sea tales as soon as I should go ashore, and just overwhelm him next time with such accumulated stores of nautical erudition that he would hide his diminished head. I had a dim recollection of reading something in Cooper’s novels about a ship’s dead heads and cat’s eyes, or cat heads and dead eyes, I couldn’t remember which, and, determined not to be ignored as an inexperienced landlubber, I hazed in a vague sort of way into the rigging, and made a few very general observations upon the nature of dead-eyes and spanker-booms” (KENNAN, op. cit., p. 7, tradução nossa).

⁶⁹ Técnico e reconhecido, difundido: o próprio Kennan sugere em outro momento do relato que James Dodd, sem ter conexões com o navio, Bush ou qualquer envolvido nesta cena, teria citado o mesmo “*Bowditch's Navigator*” em Anadyrsk. KENNAN, op. cit., p. 292.

do que textos enciclopédicos, mas nesta cômica passagem sobre navegação há significativos indícios de que eles se equiparavam, tinham capacidades explicativas semelhantes.

O mar retorna a informar o leitor sobre a formação literária de Kennan em seu Capítulo II, que inicia-se com uma citação. “Ele teve grande satisfação e excedente deleite em sua jornada, como todo aquele que o fizer também há de sentir.” - Burton⁷⁰ é o fragmento escolhido para abrir o capítulo. Referindo-se a Robert Burton, autor de *The Anatomy of Melancholy* (1621), o trecho escolhido é apresentado como uma ode à viagem e às suas alegrias. Retirado da seção da obra de Burton referida como *Cure for Melancholy*, subseção *Ayre Rectified*, o excerto faz referência a *Paulus Aemilius*⁷¹, utilizando-o como exemplo de como a peregrinação era capaz de alegrar o indivíduo “com tão inefável e doce variedade, que alguns o consideram infeliz aquele que nunca viajou, um tipo de prisioneiro”⁷². Burton, contudo, é logo subvertido em favor do retorno da comédia: neste começo de *Tent Life in Siberia*, os deleites do viajante seriam confrontados com o desconforto extremo que Kennan descreveria ter sofrido a bordo do Olga.

Este desconforto parece ter colocado o explorador em choque com um grande número de suas referências, embora o confronto não seja apresentado com seriedade. O título de *A Life on the Ocean Wave*, poema de Epes Sargent musicado por Henry Russel em 1838 é utilizado para denunciar uma visão idealizada da vida no mar, que seria traiçoeiramente difundida por “poetas”. *Locksley Hall*, poema de Tennyson publicado em 1842, é atacado a partir de um de seus versos: “ilhas veranis do Eden, deitadas sobre escuras esferas roxas do mar”⁷³ é transcrito como um exemplo do artifício através do qual “os poetas há séculos seduzem homens ignorantes a viagens oceânicas”⁷⁴. Outra citação acusa como inverdade um trecho de *The Lady of the Lake*, de Walter Scott (1810), no qual descreve-se o reflexo das montanhas no *Loch Katrine*: “Em brilhante incerteza elas jazem, como alegrias futuras aos olhos da imaginação”⁷⁵. Não há em *Tent Life in Siberia* uma correspondência exata, Kennan primeiro menciona

⁷⁰ “He took great content and exceeding delight in his voyage, as who doth not as shall attempt the like” - Burton” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 10, tradução nossa).

⁷¹ Lúcio Emílio Paulo Macedônico, general romano responsável pela vitória sobre Perseu da Macedônia e subsequente fim da Terceira Guerra Macedônica.

⁷² “with such unspeakable and sweet variety, that some count him unhappy that never travelled, a kinde of prisoner” (BURTON, Robert. *The Anatomy of Melancholy*, [...]. Londres: B. Blake, 1838. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=4rvhM56lsn8>. Acesso em: 01 jan, 2020, p. 338, tradução nossa).

⁷³ “summer isles of Eden, lying in dark purple spheres of the sea” (KENNAN, op. cit., p. 11, tradução nossa).

⁷⁴ “poets have for ages beguiled ignorant landsmen into ocean voyages” (KENNAN, loc. cit., tradução nossa).

⁷⁵ “In bright uncertainty they lie, like future joys to fancy’s eye” (SCOTT, Walter. *The Lady of the Lake*.

Chicaco: W. B. Conkey, 1900, p. 98. Disponível em:

<https://archive.org/details/ladyoflake05scot/page/n7/mode/2up>. Acesso em 26/01/2020, tradução nossa).

“alegrias futuras”, “olhos da imaginação” e “brilhante incerteza” com ironia, e em seguida cita a imagem “incertezas brilhantes de alegrias futuras”⁷⁶, à qual opõe a “realidade” de uma “sombria e decidida certeza de miséria futura”⁷⁷.

Uma referência mais incerta parece ser dirigida a *Mardi, and a voyage thither*, romance de Herman Melville, publicado em 1849, com a menção de “noites de luar em águas solitárias”⁷⁸, outro exemplo da sedução que acompanha o de Tennyson. Aparentemente deslocado entre a série de poesias citadas (Kennan em seguida usa os termos “poetas”, “poesia” e “poética”⁷⁹ repetidas vezes, reforçando o estranhamento do livro em prosa), a frase sequer existe no livro de Melville, exceto como fragmentos, mas tanto “noites de luar” quanto “águas solitárias” são mencionados no em páginas adjacentes, e precisamente durante a descrição de uma longa viagem marítima, sugerindo a plausibilidade da conexão. Uma menção é feita ainda a *Lines to Mr. Hodgson, written on board the Lisbon Packet*, de Byron (1809), mas Kennan erra mencionando-o como “Byron’s ‘London Packet’”. Byron é ainda citado juntamente com outros autores, em uma exclamação da frustração do viajante:

Burton é uma farsa, Tennyson é uma fraude, eu sou uma vítima, e Byron e Procter são cúmplices do ato. Nunca mais depositarei minha fé nos poetas. Eles podem dizer a verdade o bastante para consistência poética, mas seu julgamento é irremediavelmente deturpado e sua imaginação é luxuriante e vívida demais para um realista e verdadeiro delineamento da vida no mar.⁸⁰

A partir deste conjunto de autores e obras citados, reunidos por Kennan pelo tema “marítimo” em comum, é possível destacar uma série de influências que permeiam sua escrita. As publicações de Melville, Tennyson, (Bryan Waller) Procter, Sargent e Russel eram bastante recentes, embora algumas fossem mais velhas do que o jovem escritor, sendo representativas do seu interesse por literatura contemporânea inglesa e estadunidense. Byron e Walter Scott, especificamente, são expressões do apreço de Kennan pelo romantismo inglês. Já a citação e subsequente discussão a respeito de Burton revela um contato com textos ingleses mais antigos que seguiam sendo publicados no século XIX.

A obra de Burton, no trecho citado por Kennan, faz uma longa promoção da viagem como cura da melancolia, como nos termos supracitados. Outras afirmações, como a de que

⁷⁶ “bright uncertainties of future joys” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 11, tradução nossa).

⁷⁷ “dark and decided certainty of future misery” (KENNAN, loc. cit., tradução nossa).

⁷⁸ “moonlight nights on lonely waters” (KENNAN, loc. cit., tradução nossa).

⁷⁹ “poets”, “poetry” e “poetic” (KENNAN, 1870, passim, tradução nossa).

⁸⁰ “Burton is a humbug, Tennyson a fraud, I’m a victim, and Byron and Procter are accessories before the fact. Never again will I pin my faith on poets. They may tell the truth nearly enough for poetical consistency, but their judgement is hopelessly perverted and their imagination is too luxuriantly vivid for a truthful realistic delineation of sea life” (KENNAN, op. cit., p. 11, tradução nossa).

haveria “não há melhor remédio para um homem melancólico do que mudança de ar e variedade de lugares, viajar para o exterior e ver formas”⁸¹, parecem condizentes com a experiência pessoal do explorador, tendo em vista sua própria trajetória deixando Ohio em favor da expedição. Não seria estranho se a própria retórica de Burton o tivesse influenciado em sua opção pela “mudança de ares”. Há indícios de que ainda na Sibéria ele teria identificado sua prévia estadia em Cincinnati com a de um “homem melancólico”. Em carta a seu antigo médico de Norwalk, Dr. Charles Morrill, Kennan comenta longamente sobre sua viagem para então dizer-lhe: “Eu posso ser peculiar em minhas opiniões, mas preferia viver dois anos em uma vida como esta, aqui, do que um naquela maçante, monótona existência de esteira que eu vivia em Cincinnati.”⁸² Um “médico da família”, provavelmente o mesmo Dr. Morrill, é mencionado por Travis no mesmo contexto da viagem e sua relação com a saúde: os pais de Kennan teriam concordado com sua partida pois tal médico teria dito que a viagem poderia matá-lo, mas a rotina do escritório de telegrafia o fazia com quase total certeza.⁸³

Apesar das dificuldades enfrentadas e do tom escolhido para tratar da travessia do Pacífico, *Tent Life in Siberia* no geral trata da jornada de Kennan de maneira bastante positiva, como uma grande e interessante aventura, confirmando a argumentação da *Anatomia da Melancolia*. A “novidade”, dialogando com os “novos ares” de Burton, é um dos fatores chave deste júbilo do viajante, como o próprio autor coloca:

Eu não consigo me lembrar de qualquer jornada em toda a minha vida que tenha então me sido mais prazerosa, ou que seja mais agradável em lembrança, do que a nossa primeira cavalgada de 275 versts pelas colinas floridas e vales verdes do Sul de Kamtchatka, cercados como nós continuamente estávamos pelo mais selvagem e belo cenário em toda a Ásia Setentrional, experimentando pela primeira vez a novidade e o entusiasmo aventureiro da vida em acampamento; e regozijando-se em uma recém-descoberta sensação de liberdade e perfeita independência, nós alegremente viramos nossas costas para a civilização e cavalgamos com os corações leves natureza adentro, fazendo as colinas ressoarem com a música das nossas canções e clamores.⁸⁴

⁸¹ “no better physick for a melancholy man than change of aire and variety of places, to travel abroad and see fashions” (BURTON, Robert. *The Anatomy of Melancholy*, [...]. Londres: B. Blake, 1838. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=4rvhM56l8n8>. Acesso em: 01 jan, 2020, p. 338, tradução nossa).

⁸² “I may be peculiar in my views but I had rather live two years of such a life here than one of that dull monotonous treadmill existence which I lived in Cincinnati” (KENNAN apud SMITH-PETER, 2016, p. 8-10, tradução nossa). “Esteira” (*treadmill*) era então um motor de tração humana utilizado no sistema punitivo-carcerário. Os presos o moviam com os pés - como se caminhassem -, às vezes para moer grãos.

⁸³ TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship, 1865-1924*. Athens: Ohio University Press, 1990 p. 13.

⁸⁴ “I cannot remember any journey in my whole life which gave me more enjoyment at the time, or which is more pleasant in recollection, than our first horseback ride of 275 versts over the flowery hills and through the green valleys of Southern Kamtchatka, surrounded as we continually were by the wildest and most beautiful scenery in all Northern Asia, experiencing for the first time the novelty and adventurous excitement of camp life; and rejoicing in a newly-found sense of freedom and perfect independence, we turned our backs gaily on civilization, and rode away with light hearts into the wilderness, making the hills ring to the music of our songs and halloos” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 57, tradução nossa). 275 versts são cerca de 293 quilômetros.

O texto da *Anatomia da Melancolia* refere-se ainda à Antiguidade, tanto na escolha do pseudônimo utilizado pelo autor - *Democritus Junior* -, quanto nas inúmeras menções a textos e personagens clássicos. Apenas no parágrafo citado em *Tent Life in Siberia*, utilizando como referência uma edição relativamente contemporânea, de 1838, além da menção a Lúcio Emílio Paulo Macedônico, também alude-se a Sêneca, Cipião Africano, Cícero e Tito Lívio.⁸⁵ Ao longo do relato de Kennan, similarmente, uma série de acenos ao contexto greco-romano indicam o peso dessa tradição na sua educação. Logo após o trecho acima, sobre a cavalgada prazerosa pelo sul de Kamtchatka, o autor descreve seu grupo, que então consistia de três viajantes (Kennan, Dodd e o Major Abaza). Sobre este número, ele faz uma comparação ao desdém de Mitrídates diante do exército de Lúculo - se fossem embaixadores seriam muitos, se fossem soldados muito poucos.⁸⁶ A lua é comparada ao escudo de Aquiles durante a descrição de uma paisagem,⁸⁷ e o amor para um jovem coriaco - devido às condições do casamento - é comparado à cólera de Aquiles quando Kennan parafraseia o primeiro verso da *Iliada*, “Os problemas do jovem coriaco começam quando ele primeiro se apaixona: isto, como a cólera de Aquiles, é ‘a funesta causa de trabalhos sem conta’”⁸⁸.

Uma passagem sobre o papel que estes textos da Antiguidade possivelmente tiveram na vida de Kennan é encontrada no capítulo XII, no qual o autor descreve a navegação por um dos rios de Kamtchatka e o medo dos viajantes de se afogarem. O escritor faz menção a César e à sua afirmação vaidosa, segundo as vidas paralelas de Plutarco, de que não havia motivo para sua tripulação temer os mares turbulentos, pois eles estavam carregando César e seus tesouros; na narrativa da Sibéria, o guia motivou seus passageiros de forma menos eloquente, afirmando que não havia se afogado nem uma vez.⁸⁹ O comentário que abre a humorística cena, no qual Kennan se refere a César como “um grande guerreiro, cujos Comentários eram a detestação da minha infância”,⁹⁰ mostra que estudar obras clássicas, como os *Comentarii*, era um componente compulsório de sua educação desde cedo. Isto sugere que o domínio destes autores lhe foi ensinado como parte necessária da erudição que dele seria esperada. Colorir seu próprio livro com uma série de analogias ao *corpus* grego e latino assinalaria sua própria erudição, além de ressoar com leitores que compartilhassem deste universo cultural.

⁸⁵ BURTON, Robert. *The Anatomy of Melancholy*, [...]. Londres: B. Blake, 1838. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=4rvhM56lsn8>. Acesso em: 01 jan, 2020, p. 338.

⁸⁶ KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 57.

⁸⁷ *Ibid.*, p. 189

⁸⁸ “The young Korak’s troubles begin when he first falls in love: this, like Achilles’ wrath, is ‘the direful spring of woes unnumbered’” (*Ibid.*, p. 196, tradução nossa).

⁸⁹ *Ibid.*, p. 110-111.

⁹⁰ “a great warrior, whose Commentaries were the detestation of my early life” (*Ibid.*, p. 110, tradução nossa).

Mesmo material didático dos Estados Unidos do século XIX podia estar permeado pela ideia de se ler autores clássicos. *The English Reader, or Pieces in prose and poetry*, de 1827, por exemplo, inclui *alegadas* adaptações de falas de Cícero (*In Verrem*), de um apelo de Aderbal, rei da Numídia ao Senado romano, diálogos gregos e cartas de Plínio, o Jovem.⁹¹ Outros livros voltados para uso no sistema escolar, entretanto, podiam não incluir sequer um texto greco-romano,⁹² e os curtos excertos como aqueles que apareceram em *The English Reader* podem não ser perfeitos análogos para os *Comentários* de César - ainda mais se estudados até se tornarem a “detestação da infância” de alguém. Independentemente dos textos individualmente serem de acesso mais ou menos restrito, elitizado, eles fazem parte de uma tradição fundamental da cultura ocidental que potencialmente atingia um grande número de leitores.

Outra questão que o uso dos clássicos permitiu que Kennan explorasse foi a da oposição entre a Antiguidade e o mundo moderno. Retornando ao contexto marítimo, Jasão e Ulisses também são citados no trecho sobre o navio Olga e sua travessia do Pacífico. O explorador se pergunta se os marinheiros míticos teriam precisado passar pelo desagradável processo de se habituar ao mar, concluindo em tom romântico (mas jocoso) que este deveria ser uma “invenção diabólica dos tempos modernos”⁹³ desconhecida pelos antigos.

⁹¹ MURRAY, Lindley. *English Reader: or pieces in prose and poetry*. Utica: Hastings & Tracy, 1827. Disponível em: <https://digital.library.pitt.edu/islandora/object/pitt%3A00ach2219m/viewer#page/1/mode/1up>. Acesso em: 04 jan. 2020, p.115-115, 121-126, 139-140. “*Alegadas*” adaptações é utilizado devido ao fato de que, a título de exemplo, o apelo de Aderbal como consta em *The English Reader* também é encontrado em uma série de outras compilações de exercícios de leitura do período sem indícios de que tenha sido em algum momento um texto do contexto clássico, ou mesmo uma adaptação. A tendência de apresentar textos greco-romanos é seguida por *The Columbian orator*. BINGHAM, Caleb. *The Columbian orator*: [...]. Boston: J.H.A. Frost, 1832. Disponível em: <https://digital.library.pitt.edu/islandora/object/pitt%3A00acf6728m/viewer#page/4/mode/1up>. Acesso em: 04 jan. 2020.

⁹² Para listar alguns materiais que não incluíam escritos greco-romanos em seu repertório, é possível mencionar *McGuffey's sixth eclectic reader*. MCGUFFEY'S sixth eclectic reader. Cincinnati: Van Antwerp, Bragg & Co., 1879. Disponível em: <https://digital.library.pitt.edu/islandora/object/pitt%3A00ach1121m/viewer#page/1/mode/1up>. Acesso em: 04 jan. 2020; *The Institute reader and normal class-book*, COLE, W. H.. *The institute reader and normal class-book*: [...]. Cincinnati: Van Antwerp, Bragg & Co., 1870. Disponível em: <https://digital.library.pitt.edu/islandora/object/pitt%3A00acj4720m/viewer#page/5/mode/1up>. Acesso em: 04 jan. 2020; ou ainda *The Hemans reader for female schools*, PINNEO, T. S.. *The Hemans reader for female schools*: [...]. New York: Clark, Austin, & Smith; Cincinnati: W.B. Smith & Co., 1847. Disponível em: <https://digital.library.pitt.edu/islandora/object/pitt%3A00acj4389m/viewer#page/1/mode/1up>. Acesso em: 04 jan. 2020. As matrizes literárias anglo-saxã e bíblica parecem estar mais constantemente presentes nestes livros didáticos, enquanto a greco-romana mostra-se menos regular. A coleção de livros didáticos da Universidade de Pittsburgh pode ser consultada em: ULS DIGITAL COLLECTIONS. *19th Century Schoolbooks. Pittsburgh, [20--]*. Disponível em: https://digital.library.pitt.edu/collection/19th-century-schoolbooks#page/1/mode/1up/search/RELS_EXT_isMemberOfCollection_uri_ms%3Ainfo%5C%3Afedora%2Fpitt%5C%3Acollection.120. Acesso em: 04 jan. 2020.

⁹³ “diabolical invention of modern times” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 12-13, tradução nossa).

Agrupadas com esta necessidade de se habituar ao mar estão “algumas doenças”, também pertencentes à categoria de invenções diabólicas do mundo moderno. A noção de que a humanidade possuía alguma virtude que foi perdida está no centro da crítica romântica à modernidade.⁹⁴ A fragilidade e o enjoo sentidos por Kennan são opostos à constituição de maior fortitude atribuída aos heróis gregos. Nesta brincadeira do autor, Jasão e Ulisses imbuem toda a Antiguidade (“os antigos de alguma forma progrediram sem elas”⁹⁵) de seu vigor mítico, enquanto o sintoma da náusea do viajante condensa em si todo o choque da fantasia náutica (“Eu me lembrava de todas as brilhantes antecipações com as quais eu zarpei de São Francisco...”⁹⁶) com a experiência desencantada do indivíduo comum, não-mítico, que sofre com o nojo e a fraqueza (“... e me virar, com um gemido de nojo, para a parede”⁹⁷).

Michael Löwy e Robert Sayre elencam o desencantamento do mundo não apenas como uma das características da modernidade,⁹⁸ como também como um de seus aspectos atacados pela crítica romântica.⁹⁹ O “recurso ao mito” é uma estratégia destacada para o *reencantamento* do mundo, e uma das formas de se implementar tal tática é precisamente a simples referência a este universo cultural.¹⁰⁰ Kennan, neste momento da narrativa, o utiliza para reclamar de seu desencantamento, mas durante passagens como a referida comparação da lua ao escudo de Aquiles seu papel é rigorosamente aquele descrito pelos autores.

Não é apenas a referência direta ao mito que encanta o mundo descrito em *Tent Life in Siberia*, contudo. James Fenimore Cooper (*O Último dos Moicanos*), Washington Irving (*A Lenda do Cavaleiro Sem Cabeça*) e Herman Melville (*Moby Dick*) - com o trecho citado - deixam seus rastros pela obra de Kennan, indicando uma relação com a literatura romântica dos EUA. A figura do bom selvagem, por exemplo, com forte presença nas *Leatherstocking Tales* de Cooper, é central para a representação que o autor faz das populações nômades que encontra. De Irving, Kennan extrai uma citação sobre viajar pelo mar e a receptividade a novas

⁹⁴ LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade*. Tradução: Nair Fonseca. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 43.

⁹⁵ “the ancients got along in some way without them” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 13, tradução nossa). “Elas” refere-se neste caso a *sea-legs*, o termo em inglês para a qualidade que aquele que se habitua ao mar passa a ter.

⁹⁶ “I would recall all the bright anticipations with which I had sailed from San Francisco...” (Ibid., p. 13, tradução nossa).

⁹⁷ “... and turn over, with a groan of disgust, to the wall” (Ibid., p. 13, tradução nossa).

⁹⁸ LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade*. Tradução: Nair Fonseca. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 39.

⁹⁹ Ibid., p. 52-58.

¹⁰⁰ Ibid., p. 55.

circunstâncias.¹⁰¹ Também sobre o mar, Kennan cita os romances de Cooper e Moby Dick, de Melville.¹⁰² Uma vez em terra, do outro lado do Pacífico, a linguagem empregada por Kennan é muito remanescente da empregada por estes autores. Um trecho de Cooper, como “Havia os costumeiros tons suaves do céu, nos quais nem a melancolia da escuridão nem o brilho do sol prevalece, e sob os quais os objetos aparecem mais sobrenaturais, e nós poderíamos acrescentar sagrados, que em qualquer outra porção das vinte e quatro horas”¹⁰³, poderia perfeitamente encaixar-se em seu relato sem causar estranhamento.

Os românticos ingleses, como Byron, e em especial Walter Scott, eram parte da formação do autor, e este último desempenhou tal função no texto de Kennan. A linguagem poética das descrições de Scott pode ter sido ironizada durante a denúncia dos poetas relatada acima, mas uma escrita semelhante é utilizada ao longo do livro para se referir aos locais encontrados. Susan Oliver, em *Walter Scott and the Matter of Landscape: Ecologies of Violence for Our Time*, destaca que afirmar que a descrição da paisagem é essencial na prosa e poesia de Scott chega a ser uma banalidade.¹⁰⁴ Kennan demonstra uma associação visual com a obra de Scott, muito ligada à paisagem: após descrever o que seus olhos alcançavam em uma localidade, cita *The Lord of the Isles* para informar ao leitor que o poema era a única instância que até então havia lhe transmitido “a ideia de uma cena como aquela”.¹⁰⁵

Similarmente, a alcunha de Scott como *The Northern Enchanter*, segundo Stephen Carver adquirida com a publicação anônima de *Waverley* (1814),¹⁰⁶ também é explorada por Kennan para falar sobre a paisagem. Uma “miragem” observada por Kennan em meio à estepe nevada a conferiu qualidades maravilhosas e impossíveis, o análogo para o efeito encontrado pelo escritor foi o toque da “varinha do Mago do Norte”¹⁰⁷. A observação do ambiente parece

¹⁰¹ KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 30.

¹⁰² *Ibid.*, p. 18.

¹⁰³ “There were the usual soft tints of the sky, in which neither the gloom of darkness nor the brilliancy of the sun prevails, and under which objects appear more unearthly, and we might add holy, than at any other portion of the twenty four hours” (COOPER, J. Fenimore. *The Deerslayer: a tale*. Paris: Baudry’s European Library, 1841. Disponível em: <https://play.google.com/store/books/details?id=gOFLAAAcAAJ&rdid=book-gOFLAAAcAAJ&rdot=1>. Acesso em: 06 jan. 2020, p. 241, tradução nossa).

¹⁰⁴ OLIVER, Susan. *Walter Scott and the Matter of Landscape: Ecologies of Violence for our Time*. *The Bottle Imp*. Issue 16, November 2014, p. 2.

¹⁰⁵ “an idea of such a scene” (KENNAN, op. cit., p. 125, tradução nossa).

¹⁰⁶ Outras variações do epíteto utilizadas eram *The Enchanter of the North*, *The Northern Magician*, *The Scottish Prospero*. CARVER, Stephen. ‘The Enchanter of the North’: A Profile of Sir Walter Scott (1771 – 1832). In.: CARVER, Stephen. *Ainsworth & Friends: essays on 19th century literature & the gothic*. [S. l.], 17 jan. 2013. Disponível em: <https://ainsworthandfriends.wordpress.com/2013/01/17/the-enchanter-of-the-north-a-profile-of-sir-walter-scott-1771-1832/>. Acesso em: 07 jan. 2020.

¹⁰⁷ “wand of the Northern Enchanter” (KENNAN, op. cit., p. 254, tradução nossa). Esta passagem e esta analogia com Scott eram muito queridos a Kennan, tendo sido publicados duas vezes anteriormente a *Tent Life in Siberia*. Em *Camping Out in Siberia* (1868) e em *Arctic Travelling in Winter* (1870) o autor veiculou duas

o reduto da influência romântica na narrativa de progresso do relato do Telégrafo Russo-Americano. Seu escopo, entretanto, vai além de Walter Scott - as pinturas de William Turner são um referencial de beleza e qualidade artística para o autor,¹⁰⁸ além da menção a Byron.

Os usos que Kennan faz de Byron durante sua narrativa da experiência no navio são escassos e contraditórios: em um momento ele é cúmplice da farsa poética que embeleza a vida marítima, ainda no mesmo parágrafo ele é a “exceção brilhante”¹⁰⁹ que a desmascara. O Byron cúmplice seria aquele como vê-se nos versos finais de *Childe Harold's Pilgrimage*: enamorado com o oceano, com o movimento de suas ondas, o poeta faz uma ode a sua grandeza, imutabilidade e beleza. A fúria do mar tempestuoso é ilimitada, infundável, sublime, e às águas são direcionadas memórias de uma juventude idealizada e um amor de todo romântico.¹¹⁰ O que haveria de sublime em uma tempestade é diretamente contestado por Kennan em outro momento do livro:

Aquilo não correspondia exatamente com minhas ideias preconcebidas de uma tempestade, mas eu fui obrigado a confessar que possuía muitas das características do fenômeno real. O vento tinha o ortodoxo uivo ao passar pelo aparelho, o mar estava completamente à altura do padrão estabelecido, e a embarcação era arremessada e rolava de um modo para satisfazer o mais crítico dos gostos. A impressão do sublime, contudo, que eu havia antecipado, havia quase completamente se perdido diante do desconforto pessoal. Um homem a recém arremessado por sobre uma escotilha por um dos movimentos excêntricos do navio, ou encharcado até a pele por um jato d'água não está em um estado mental para contemplar o sublime; e depois de passar por um variado e exaustivo curso de tal tratamento, quaisquer noções românticas que ele possa anteriormente ter entretido com relação à beleza e ao sublime do oceano são basicamente arrancadas dele. Tempo ruim não dá chance para poesia e sentimento.¹¹¹

O uso de “romântico” neste trecho deixa ainda mais explícito com qual literatura Kennan dialoga. A importância desta poesia em seu pensamento também fica evidente quando afirma que sua própria experiência correspondia em parte ao “fenômeno real”: ao narrar seu

versões diferentes da descrição. Pode-se imaginar que julgasse estar a aperfeiçoando, mas o uso de *Northern Enchanter* para abrir a descrição permanece em todas as versões. KENNAN, George. *Camping Out in Siberia*. In: *Putnam's Magazine*. New York: G. P. Putnam & Sons, v. 2, jul-dez, 1868, pp. 257-267, p. 258. Id. *Arctic Traveling in Winter*. In: *Putnam's Magazine*. New York: G. P. Putnam & Sons, v. 6, jul-nov, 1870, pp. 313-317, p. 315.

¹⁰⁸ KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. p. 335.

¹⁰⁹ “brilliant exception” (Ibid., p. 11, tradução nossa)

¹¹⁰ BYRON, George G. *Childe Harold's Pilgrimage*. New York: The Mershon Company, 1880, p. 266-269.

¹¹¹ “It did not exactly correspond with my preconceived ideas of a storm, but I was obliged to confess that it had many of the characteristic features of the real phenomenon. The wind had the orthodox howl through the rigging, the sea was fully up to the prescribed standard, and the vessel pitched and rolled in a way to satisfy the most critical taste. The impression of sublimity, however, which I had anticipated was almost entirely lost in the sense of personal discomfort. A man who has just been pitched over a skylight by one of the ship's eccentric movements, or drenched to the skin by a burst of spray, is not in a state of mind to contemplate sublimity; and after going through a varied and exhaustive course of such treatment, any romantic notions which he may previously have entertained with regard to the ocean's beauty and sublimity are pretty much knocked and drowned out of him. Rough weather makes short work of poetry and sentiment.” (KENNAN, op. cit., p. 17, tradução nossa).

desencanto e denunciar as inverdades da poesia, o autor brinca com o que seria a “realidade” para quem não tivesse tido a experiência de fato. Byron também teria feito isto em seu *Lisbon Packet*: publicado pela primeira vez em 1830, o poema escancarava os problemas da viagem naval, abordando o enjoo e a aglomeração caótica de muitos passageiros, e adjetivando os fenômenos de natureza de maneira oposta (“brisas repulsivas e tempestades turvas”¹¹²) à ode contida em *Childe Harold’s Pilgrimage*. E assim como o poema de Byron termina com o eu-lírico a rir da situação e aproveitando sua vida, Kennan também trata sua situação com bom humor em sua escrita.

A relação com o romântico é, em muitas vezes, tratada com bom humor em *Tent Life in Siberia*. O aspecto da personalidade do autor mais inclinado à contemplação poética é repetidamente alvo de seu próprio deboche. Em uma destas passagens, Kennan declama versos que explicitamente informam que ele “não é romântico”:

Eu não sou romântico, mas, dou minha palavra,
Há momentos em que não se pode deixar de sentir
Como se os acordes do coração fossem tão fortemente agitados
Por coisas à sua volta, que seria em vão esconder
Alguma música em sua alma ainda permanece,
Quando as teclas são tocadas pelos dedos da natureza.¹¹³

Para em seguida informar o leitor que foi interrompido por um colega, que o avisava que o café da manhã estava pronto, e era mais essencial do que tal “música em sua alma”. Kennan declara: “A força desta sugestão, acompanhada como estava por um odor apetitoso vindo do interior da tenda, não podia ser negada”.¹¹⁴ A sugestão a seguir, de que o autor teria prosseguido “delirando” sobre a paisagem entre uma colherada e outra assinala o papel que ele procura dar ao romantismo na obra: para Kennan, ser romântico é se entregar à poesia da natureza e a um mundo encantado, e essa atitude é aceitável, mas pode também ser ridícula.

¹¹² “Breezes foul and tempests murky”. (BYRON, George G. Lines to Mr. Hodgson Written on Board the Lisbon Packet. In.: MOORE, Thomas (ed.). *Letters and Journals of Lord Byron*. London: J. Murray, 1830. Disponível em: <https://rpo.library.utoronto.ca/poems/lines-mr-hodgson-written-board-lisbon-packet>. Acesso em: 04 jan. 2020. Tradução nossa).

¹¹³ “I’m not romantic, but, upon my word,
There are some moments when one can’t help feeling
As if his heart’s chords were so strongly stirred
By things around him, that ‘tis vain concealing
A little music in his soul still lingers,
Whene’er the keys are touched by Nature’s fingers.” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 60, tradução nossa. O poema em questão é *Moonlight in the Hudson*, de Charles Fenno Hoffman, embora Kennan não o mencione.)

¹¹⁴ “The force of this suggestion, seconded as it was by a savory odor from the interior of the tent, could not be denied” (KENNAN, loc. cit., tradução nossa).

Situações similares, em que uma reflexão romântica sobre a natureza e o cenário são interrompidos, repetem-se ao longo do livro,¹¹⁵ mas não é sempre que tais interrupções ocorrem. Por vezes a poesia, o encantamento do mundo, a maravilha, são aceitos, especialmente quando o autor descreve a aurora boreal. Não há interrupção, o assunto seguinte só é iniciado com uma nova cena, como uma troca de ambiente, uma passagem de tempo, ou um ciclo do sono: a aurora era um aspecto do mundo que a modernidade ainda não havia destituído de seu encanto, o retorno ao mundo cotidiano só poderia se dar após seu término.

Uma série de outros autores, mais ou menos ligados à tradição romântica, figuram entre as leituras apresentadas pelo autor. Isaak Waldon e Shakespeare são outros exemplos da literatura inglesa mais antiga, como a de Burton, presentes em sua obra. Louvores a Deus e referências ao texto bíblico e à tradição religiosa permeiam todo o relato, sendo outro importante organizador de sua visão de mundo. Menções a Charles Darwin,¹¹⁶ Johann G. Spurzheim e Franz J. Gall¹¹⁷ ou ainda Albert Smith Bickmore¹¹⁸ mostram ao leitor um Kennan interessado e a par de diversos campos da ciência contemporânea, ou do que então passava por tal. Nas três instâncias, contudo, os autores são citados em contextos jocosos, sem qualquer seriedade. Ainda assim, no caso de Bickmore - que falava diretamente a respeito dos coriacos, estando mais imediatamente ligado do tema de Kennan do que a teoria evolutiva ou a frenologia - a menção do nome vem acompanhada de data e da revista de publicação, como uma indicação ao leitor de sua seriedade.

O leitor, diante desta profusão de referentes e diferentes tradições literárias, poderia melhor identificar o universo semântico que compartilhava com o autor. As imagens evocadas e aspectos inusitados da narrativa poderiam ser compreendidos sob a luz das mesmas ideias-chave: o bom selvagem, a natureza encantadora, o explorador heróico, e uma série de outros tropos comuns. Nova referência a material didático estadunidense do século XIX informa que mesmo um único livro de 1857 (Kennan teria então cerca de 12 anos) poderia conter textos de Shakespeare, Scott, Dickens, Irving, Byron, além de conteúdo bíblico, em meio a sua seleção.¹¹⁹ Este mesmo conjunto de autores pode ser encontrado em outros materiais similares ao longo do

¹¹⁵ KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 72-73, 100, 114.

¹¹⁶ *Ibid.*, p. 28.

¹¹⁷ *Ibid.*, p. 69.

¹¹⁸ *Ibid.*, p. 202.

¹¹⁹ MCGUFFEY, WM. H. *McGuffey's new sixth eclectic reader: [...]*. Cincinnati: Sargent, Wilson & Hinkle; New York: Clark & Maynard, 1857. Disponível em: <https://digital.library.pitt.edu/islandora/object/pitt%3A00ach0530m/viewer#page/4/mode/1up>. Acesso em: 04 jan. 2020, p. 9-14.

século.¹²⁰ Este fato, associado à enorme popularidade que a maioria dos referenciais de *Tent Life in Siberia* apresenta, permite que se afirme com segurança que o universo literário aludido por Kennan era comum ao público leitor dos EUA no século XIX.

Kamtchatka, o nordeste Siberiano, a bacia do rio Anadyr, cossacos, tchuktchis, coriacos e kamtchadais, por outro lado, eram uma série de elementos quase completamente alheios ao universo semântico dos estadunidenses. O próprio objetivo declarado por Kennan para a escrita de seu livro confirma esta percepção:

[A narrativa a seguir] tem a intenção de simplesmente transmitir uma ideia tão clara e precisa quanto possível dos habitantes, cenários, costumes, e características externas gerais de uma terra nova e relativamente desconhecido. É essencialmente uma narrativa pessoal da vida na Sibéria e em Kamtchatka, e sua reivindicação à atenção jaz na novidade do assunto, e não em qualquer devoção especial à ciência ou habilidade de tratamento.¹²¹

Kennan precisava fazer apresentar este contexto desconhecido, esta matéria “fresca” ao seu leitor. “Falando do outro com referência ao saber compartilhado e nos termos dele, o texto funciona globalmente como tradução”.¹²² A tradução do cenário siberiano para o saber compartilhado do público letrado dos Estados Unidos podia ser em muito auxiliada pela referência a todo um conjunto de tradições literárias, inseparáveis da civilização ocidental, anglo-saxã e estadunidense. Como lembra Hartog, o destinatário acaba implícito no próprio texto a partir de uma série de convenções às quais o escritor se adequa.¹²³

Analisar o leitor implícito no próprio texto não é, contudo, o único caminho. *Tent Life in Siberia* foi publicado pela *Putnam & Sons*, que possuía suas políticas editoriais, voltadas a uma certa audiência. O público construído pelo autor, com publicações anteriores em outros veículos da mesma empresa de comunicações, também pode mostrar-se relevante. Estes primeiros passos de Kennan no mercado editorial, o começo da construção da sua carreira literária, serão analisados a seguir.

¹²⁰ Sobre materiais didáticos dos Estados Unidos do século XIX, ver: ULS DIGITAL COLLECTIONS. *19th Century Schoolbooks*. Pittsburgh, [20--]. Disponível em: https://digital.library.pitt.edu/collection/19th-century-schoolbooks#page/1/mode/1up/search/RELS_EXT_isMemberOfCollection_uri_ms%3Ainfo%5C%3Afedora%2Fpitt%5C%3Acollection.120. Acesso em: 04 jan. 2020.

¹²¹ “[The following narrative] is intended simply to convey as clear and accurate an idea as possible of the inhabitants, scenery, customs, and general external features of a new and comparatively unknown country. It is essentially a personal narrative of life in Siberia and Kamtchatka; and its claim to attention lies rather in the freshness of the subject, than in any special devotion to science or skill of treatment.” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. V, tradução nossa)

¹²² HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Tradução: Jacyntho Lins Brandão. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 50.

¹²³ *Ibid.*, p. 50-51.

2.4 INSERÇÃO NO MERCADO EDITORIAL

Em setembro de 1868, entre seu retorno do Império Russo e a primeira edição de *Tent Life in Siberia*, Kennan publicou o primeiro relato de sua viagem no periódico *Putnam's Magazine of Literature, Science, Art, and National Interests. New Series*. A *Putnam's Monthly: New Series*, editada entre 1868 e 1870, era uma nova encarnação da *Putnam's Monthly Magazine of American Literature, Science, and Art*, que esteve em funcionamento entre 1853 e 1857. Analisar a postura editorial das séries possibilita uma aproximação com quem compunha o público de Kennan e observar ao lado de quais textos suas obras eram veiculadas.

A *Putnam's Monthly* original foi uma publicação de peso nos Estados Unidos, marcada especialmente pela sua pretensão de ser uma revista inteiramente “nacional”, isto é, que não republicaria artigos de periódicos estrangeiros, nem se desviaria de interesses caracteristicamente estadunidenses. Promover a literatura do país, e perspectivas verdadeiramente *American*, eram preocupações explicitadas pelos editores:

É porque confiamos que nem a Grécia nem a Guiné podem oferecer ao leitor americano uma variedade mais rica de instrução e divertimento de todo tipo, do que o país cujos pulsos latejam com os dele, cujos interesses são, cada um, os próprios interesses dele, que esta Revista se apresenta hoje. O gênio do velho mundo é afluyente; nós lhe devemos muito, e esperamos dever ainda mais. Mas nós temos não menos fé na opulência dos nossos próprios recursos [...] Em qual artigo ou periódico você procura hoje para encontrar a crítica do pensamento americano sobre os tempos? Nós esperamos responder esta questão, ao amontoar em nossas páginas os resultados das mais aguçadas observações, e o mais afiado pensamento, ilustrado por qualquer fortuna de erudição, de imaginação e de experiência, que eles possam vir a possuir.¹²⁴

Quanto à *New Series*, há nela uma declarada intenção de continuidade com sua antecessora. No primeiro compilado semestral da nova revista, constava uma introdução na qual os editores reiteravam sua pretensão de ser um periódico de origem e apelo “nacionais”, além de explicitar suas vontades de “renovar a antiga iniciativa no presente trabalho”¹²⁵. Isto tudo

¹²⁴ “It is because we are confident that neither Greece nor Guinea can offer the American reader a richer variety of instruction and amusement in every kind, than the country whose pulses throb with his, and whose every interest is his own, that this Magazine presents itself to-day. The genius of the old world is affluent; we owe much to it, and we hope to owe more. But we have no less faith in the opulence of our own resources. [...] In what paper or periodical do you now look to find the criticism of American thought upon the times? We hope to answer that question, by heaping upon our pages the results of the acutest observations, and the most trenchant thought, illustrated by whatever wealth of erudition, of imagination and of experience, they may chance to possess” (Introductory. In: *Putnam's Monthly*. New York: G. P. Putnam & Sons, v. 1, n. 1, jan. 1853, p. 1-2. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=msu.31293020757153> Acesso em: 04 jan. 2020, tradução nossa).

¹²⁵ “in the renewal of the old enterprise in the present work” (THE FIRST volume: *Putnam's Magazine*. New York: G. P. Putnam & Sons, v. 1, p. III-IV, jan-jun, 1868. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015030597481>. Acesso em: 06 jan. 2020, p. III, tradução nossa).

em meio a diversos elogios ao seu predecessor (que estaria “ainda fresco”¹²⁶ na mente dos leitores) e declarações esperançosas para o novo empreendimento - apresentado como bem recebido pelo público em seus primeiros seis meses, e contando com contribuidores afirmadamente eficientes e distintos.¹²⁷ George Kennan não entrou para o grupo de escritores-alvo de tais exaltações, mas depois de outros três meses, no nono volume da série, seu primeiro artigo seria publicado, sendo seguido por outros quatro textos ao longo dos dois anos seguintes.

É notável que as publicações de Kennan para a revista tenham sido quase ignoradas pela narrativa biográfica tecida por Travis. No período desde seu retorno aos Estados Unidos até a publicação de seu livro, em lugar das obras impressas, o biógrafo conferiu maior importância para a atuação de Kennan como palestrante. Sua argumentação era de que a carreira literária prometia pouco retorno financeiro, situação diferente com as palestras.¹²⁸

Travis situa esta promessa de sucesso no contexto da ascensão do *lyceum movement*, uma cultura de debates e palestras populares com ênfase educativa, promovidos por associações locais cujas sedes eram chamadas de liceus.¹²⁹ Estes locais, e as práticas a eles associadas, se espalharam rapidamente pelos Estados Unidos a partir dos anos 1820 para atingir seu auge por volta da metade do século, com a carreira de palestrante profissional sendo uma realidade viável. Kennan teria tido sucesso no circuito de palestras que ministrou, sendo aclamado pela crítica. Travis também traça três paralelos entre Kennan e um contemporâneo: Bayard Taylor, um dos mais populares palestrantes da época. Os dois teriam sido comparados por jornais, o que seria um motivo de orgulho para Kennan; ele “provavelmente” teria aprendido com Taylor a cativar sua audiência se vestindo com as roupas de suas viagens, e finalmente, a decisão de Kennan de vagar alguns anos pelo Cáucaso com poucos dólares teria sido inspirada por uma história parecida envolvendo Taylor.¹³⁰

Bayard Taylor, no entanto, também era um prolífico autor, a própria história de suas andanças pela Europa com poucos recursos tendo sido publicada como o livro *Views A-foot; or Europe seen with a knapsack and a Staff* (1855), que teve uma impressão lançada em 1867 (um ano antes do lançamento do primeiro artigo de Kennan sobre sua expedição), pela própria

¹²⁶ “still fresh” (THE FIRST volume: *Putnam’s Magazine*. New York: G. P. Putnam & Sons, v. 1, p. III-IV, jan-jun, 1868. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015030597481>. Acesso em: 06 jan. 2020, p. III, tradução nossa).

¹²⁷ *Ibid.*, p. IV.

¹²⁸ TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship, 1865-1924*. Athens: Ohio University Press, 1990 p. 36-37.

¹²⁹ WRIGHT, Tom F. (ed.). *The Cosmopolitan Lyceum: lecture, culture and the globe in nineteenth-century America*. Amherst: University of Massachusetts Press, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/5684750/The_Cosmopolitan_Lyceum_Lecture_Culture_and_the_Globe_in_Nineteenth-Century_America. Acesso em 06 jan. 2020.

¹³⁰ TRAVIS, op cit., p. 40.

Putnam's.¹³¹ Kennan parecia tão envolvido com a editora quanto com o círculo dos palestrantes, e portanto, tendo ele procurado o periódico ou este lhe convidado para publicar, para este estudo a primeira associação do jovem autor com a *Putnam's* é bastante significativa. Em especial ao investigar a postura editorial da *Putnam's*, seu corpo de contribuintes e seu público, questões elucidativas sobre o universo editorial em que o autor se inseria em 1870 vêm à tona.

Ezra Greenspan, comentando a respeito da postura editorial da primeira *Monthly*, destaca que, apesar de suas pretensões de corresponder uma voz uníssona dos Estados Unidos, a revista possuía posicionamentos não incontestes a respeito de uma série de questões: suas páginas carregavam a defesa de uma “superioridade da ‘raça’ anglo-saxã a todas as outras, dos brancos aos os negros, da religião cristã (e preferencialmente protestante) às não-cristãs, do nascido nos EUA ao imigrante e da classe média às demais”¹³². Ademais, o periódico também abrigava posicionamentos favoráveis a respeito dos direitos das mulheres e do abolicionismo - cuja defesa realmente complica a aceitação da publicação como plenamente nacional, a nação encontrando-se à beira da secessão. Ainda assim, o periódico mantinha este discurso para os leitores que viessem, por algum motivo, a procurá-lo. Tanto aproximações quanto contrastes podem ser destacados entre os posicionamentos de Kennan e os da revista: seu apoio ao abolicionismo é apontado por alguns autores como sendo evidente a partir de seu fervoroso apoio à União durante a Guerra de Secessão, e de relatos de familiares de sua postura ativa contra injustiças.¹³³

Já quanto aos direitos das mulheres, seu escárnio quanto aos movimentos sociais que os defendiam fica evidente em *Tent Life in Siberia*, após a descrição de um casamento coriaco. A cerimônia envolveria, segundo sua descrição, uma perseguição do noivo à noiva dentro de uma grande tenda. A noiva seria auxiliada pelas outras mulheres da comunidade, que atacariam o pretendente com varetas, de modo a impedi-lo de alcançá-la. Ao completar a volta na tenda, a noiva esperaria o noivo se realmente desejasse se casar, e ele demonstraria seu comprometimento vencendo os obstáculos e os golpes das varetas.¹³⁴ Kennan declara-se indignado com tal prática, e coloca:

¹³¹ TAYLOR, Byard. *Views A-foot: or Europe seen with a knapsack and a Staff*. New York: G.P. Putnam's Sons, 1864. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc2.ark:/13960/t2s46qv4z&view=1up&seq=11>. Acesso em: 07 jan. 2020.

¹³² “superiority of the Anglo-Saxon ‘race’ to all others and of whites to blacks, of the Christian (and preferably Protestant) religion to the non-Christian, of the native-born inhabitant to the immigrant, and of the middle class to all others” (GREENSPAN, Ezra. *George Palmer Putnam: Representative American Publisher*. University Park, Pennsylvania: Penn State University Press, 2000, p. 307, tradução nossa).

¹³³ Ver: TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship, 1865-1924*. Athens: Ohio University Press, 1990 p. p. 6 e 7 e, em geral, discussões no capítulo seguinte.

¹³⁴ KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 198-202.

Qualquer que seja o motivo, é certamente uma infração às prerrogativas geralmente reconhecidas do sexo mais austero, e deve ser desaprovado por todos os coriacos que favorecem a supremacia masculina. Antes que eles percebam, eles terão uma associação de sufrágio de mulheres em suas mãos, e mulheres palestrantes passarão de banda em banda, defendendo a substituição dos tacos de nogueira e dos estilingues pelas inofensivas varetas de salgueiro, e protestando contra a tirania que não permita que elas se entreguem a este interessante passa-tempo pelo menos três vezes por semana.¹³⁵

Utilizando-se do humor e do absurdo, Kennan ataca instituições como o sufrágio feminino e apresenta as mulheres associadas a movimentos progressistas com uma ridícula perseguição do sexo masculino. Ainda assim, não é por esta oposição que pode-se afirmar que o autor discordasse das políticas editoriais da *Putnam's*, o que parece ficar mais evidente é que as posturas destacadas por Greenspan não são absolutos, não devem ser tratadas como uma série de categorias a serem aplicadas a todos os seus contribuintes. Um número grande de escritores submetia seus textos ao periódico - as tendências mais observadas, ou as apoiadas pelos editores podiam ser aquelas, mas para contemplar tantos indivíduos, os elementos unificadores tenderiam a ser mais amplos. A revista sendo um empreendimento comercial, também deveria considerar-se o que o público desejava.

A revista, desde sua série mais antiga, compreendia a busca do leitor ao adquiri-la como sendo uma por entretenimento e instrução. O texto introdutório do primeiro volume, de 1853, colocava: “Um homem compra uma Revista para se divertir - para se instruir, se preferires, mas a lição precisa ser divertida”.¹³⁶ A escrita de Kennan, marcada por elementos de aventura, descrições exuberantes de paisagens desconhecidas, e episódios humorísticos se adequa perfeitamente ao objetivo da “lição divertida”. Na série de 1868, por sua vez, lê-se na seção *To contributors*, voltada para instruir quem pretendesse submeter algum texto, que: “[a] maioria dos nossos leitores irão, em todos os casos, preferir *factos* a mera especulação”¹³⁷. A *Putnam's Magazine* era uma revista mensal sobre literatura, ciência, arte e interesses nacionais que

¹³⁵ “Whatever may be the motive, it is certainly an infringement upon the generally recognized prerogatives of the sterner sex, and should be discountenanced by all Koraks who favor masculine supremacy. Before they know it, they will have a woman's suffrage association on their hands, and female lecturers will be going about from band to band advocating the substitution of hickory clubs and slung-shots for the harmless willow switches, and protesting against the tyranny which will not permit them to indulge in this interesting diversion at least three times a week” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 202, tradução nossa).

¹³⁶ “A man buys a Magazine to be amused - to be instructed, if you please, but the lesson must be made amusing” (Introductory. *Putnam's Monthly*. New York: G. P. Putnam & Sons, v. 1, n. 1, jan. 1853, p. 1-3, p. 1, tradução nossa. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=njp.32101076404779&view=1up&seq=15>. Acesso em 10/02/2020.).

¹³⁷ “[t]he majority of readers will, in all cases, prefer *fact* to mere speculation” (To contributors. *Putnam's Magazine*. New York: G. P. Putnam & Sons, v. 1, jan-jun, 1868, p. 1, grifo do autor, tradução nossa. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=coo.31924079609727&view=1up&seq=151>. Acesso em 10/02/2020).

continha relatos de viagem, textos descritivos sobre assuntos das ciências da época, peças argumentativas, ilustrações e poesia. Voltada para um público que buscava erudição, uma “elite educada”, o periódico possuía inclusive recomendações e críticas de obras recém lançadas e discussões mais informais sobre eventos recentes.

Greenspan destaca o uso explícito pelos editores e por alguns autores que escreveram para a revista da expressão *Putnam Public* para se referir a uma audiência com a qual se buscava criar uma sensação de camaradagem.¹³⁸ As discussões sobre atualidades, eventuais respostas e réplicas, além de cartas enviadas com opiniões contrastantes reafirmam a construção de uma comunidade literária em torno da revista e da editora. Com cinco artigos na revista, a escrita de Kennan aparentou ressoar bem com esta comunidade.

Os artigos de Kennan sobre a Sibéria acompanharam quase toda a curta vida da revista mensal, constando nos números IX, XIII, XXIII, XXXII e XXXIII. São eles, respectivamente: *Camping Out in Siberia*,¹³⁹ *Tent-Life with the Wandering Koraks*,¹⁴⁰ *Tent-Life in Kamchatka*,¹⁴¹ *An Arctic Aurora and other matters in Siberia*,¹⁴² e *Arctic Traveling in Winter*.¹⁴³ Os conteúdos de cada um destes artigos acabaram, com mais ou menos alterações, por ser incluídos no livro que os sucedeu. Nos próprios títulos dos artigos é possível perceber um Kennan que possivelmente tateava ao redor de sua escolha final para o nome de sua obra, ou ainda que procurava familiarizar o leitor com títulos semelhantes, antes do lançamento do volume. O periódico serviu inclusive como meio de divulgação da obra final, anunciando em um de seus artigos que ela estava sendo impressa.¹⁴⁴ Quando a publicação foi terminada alguns meses a seguir, comprada por outra editora, a primeira edição de *Tent Life in Siberia* já estava à venda - e viria a ser um enorme sucesso.

¹³⁸ GREENSPAN, Ezra. *George Palmer Putnam: Representative American Publisher*. University Park, Pennsylvania: Penn State University Press, 2000, p. 303-305.

¹³⁹ KENNAN, George. *Camping Out in Siberia*. In: *Putnam's Magazine*. New York: G. P. Putnam & Sons, v. 2, jul-dez, 1868, p. 257-267. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=coo.31924079609735&view=1up&seq=269>. Acesso em: 10/02/2020.

¹⁴⁰ KENNAN, George. *Tent-Life with the Wandering Koraks*. In: *Putnam's Magazine*. New York: G. P. Putnam & Sons, v. 3, jan-jun, 1869, p. 18-27. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=coo.31924080769338&view=1up&seq=26>. Acesso em: 10/02/2020.

¹⁴¹ KENNAN, George. *Tent-Life in Kamchatka*. In: *Putnam's Magazine*. New York: G. P. Putnam & Sons, v. 4, jul-dez, 1869, p. 574-583. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=coo.31924079893651&view=1up&seq=576>. Acesso em: 10/02/2020.

¹⁴² KENNAN, George. *An Arctic Aurora and other matters in Siberia*. In: *Putnam's Magazine*. New York: G. P. Putnam & Sons, v. 6, jul-nov, 1870, p. 197-201. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=coo.31924077743122&view=1up&seq=197>. Acesso em: 10/02/2020.

¹⁴³ KENNAN, George. *Arctic Traveling in Winter*. In: *Putnam's Magazine*. New York: G. P. Putnam & Sons, v. 6, jul-nov, 1870, p. 313-317. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=coo.31924077743122&view=1up&seq=315>. Acesso em: 10/02/2020.

¹⁴⁴ KENNAN, George. *An Arctic Aurora and other matters in Siberia*. In: *Putnam's Magazine*. New York: G. P. Putnam & Sons, v. 6, jul-nov, 1870, p. 197-201, p. 197. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=coo.31924077743122&view=1up&seq=197>. Acesso em: 10/02/2020.

2.5 ESCREVER UM RELATO DE VIAGEM EM 1870

Tent Life in Siberia é lançado em um momento em que a literatura de viagem possuía não apenas grande popularidade, como também um importante papel de instrução nos Estados Unidos. David Wrobel, em seu *Global West, American Frontier*, informa que quase dois mil livros de viajantes foram publicados no país entre 1830 e 1900 (com um número ainda maior de títulos sendo publicados na Europa ao longo do mesmo período). Para ilustrar a importância de títulos individuais, Wrobel aponta como uma única obra, o relato de um autor estadunidense sobre a África equatorial, chegou a vender quase trezentos mil exemplares em 1861, apenas nove anos antes do lançamento do livro de Kennan. O historiador também destaca, demonstrando o grau de distinção alcançado pelo gênero, que mesmo para o gigante da literatura Mark Twain (*Tom Sawyer, Huckleberry Finn*), suas obras mais conhecidas na segunda metade do século XIX foram seus relatos de viagem.¹⁴⁵

Para além do aspecto da popularidade, Wrobel também expande a respeito do papel social que a literatura de viagem ocupou ao longo do século XIX. O autor situa no fim do século a profissionalização de disciplinas acadêmicas nos Estados Unidos, contrastando este tipo de formalização do conhecimento com o momento anterior, quando quem falava com autoridade a respeito da história, geografia, demografia, antropologia, natureza e cultura material de diferentes lugares do mundo eram os viajantes, em seus relatos. Este gênero literário era para onde um grande e ávido público se voltava para obter muito de seu conhecimento sobre o mundo, especialmente sobre lugares distantes. Escrever literatura de viagem, portanto, era uma maneira bastante difundida de adquirir lucro e notabilidade em uma sociedade que valorizava este discurso.¹⁴⁶ No prefácio à primeira edição de seu livro, Kennan afirma que alguns de seus colegas de expedição já haviam publicado seus relatos, demonstrando possuir ele próprio consciência da demanda e da importância social do gênero:

Dois dos empregados da Russo-American Telegraph Company, os senhores Whympere e Dall, já publicaram relatos de suas viagens em várias partes da Colúmbia Britânica e do Alasca; e acreditando que uma história das explorações da Companhia do outro lado do estreito de Behring será igualmente interessante, eu escrevi a seguinte narrativa de dois anos de vida no nordeste da Sibéria.¹⁴⁷

¹⁴⁵ WROBEL, David. *Global West, American Frontier: Travel, Empire, and Exceptionalism from Manifest Destiny to the Great Depression*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2013, p. 29.

¹⁴⁶ *Ibid.*, p. 5 e 29.

¹⁴⁷ “Two of the employés of the Russo-American Telegraph Company, Messrs. Whympere and Dall, have already published accounts of their travels in various parts of British Columbia and Alaska; and believing that a history of the Company’s explorations on the other side of Behring’s straits will possess equal interest, I have written the following narrative of two years’ life in Northeastern Siberia” (KENNAN, George. *Tent Life in*

Utilizar como referência uma destas duas obras pode ajudar na reconstrução do contexto literário mais imediato no qual Kennan se inseria durante a publicação de seu livro, procurando-se identificar contrastes e convergências. O artista e escritor inglês Frederick Whympers (1838 - 1901)¹⁴⁸ publicou *Travel and adventure in the territory of Alaska, formerly Russian America – now ceded to the United States – and in various other parts of the North Pacific* em 1868. Em seu prefácio, Whympers justificava a utilidade de sua obra de maneira bastante similar ao que Kennan viria a fazer dois anos depois: a falta de informações sobre as localizações visitadas confeririam valor à narrativa, por mais que ela fosse “parca e imperfeita”¹⁴⁹, como afirmou o inglês, exibindo o mesmo tipo de aparente modéstia a ser observada no prefácio de *Tent Life in Siberia* (“[Esta narrativa] não tem qualquer pretensão de completude de informação científica, nem de quaisquer pesquisas muito extraordinárias de qualquer tipo”¹⁵⁰). As semelhanças entre os dois textos, entretanto, não são absolutas.

Os temas escolhidos para introduzir o livro de Whympers ao leitor são a compra do território do Alaska pelos Estados Unidos, o perfeito estado de isolamento conferido pela região ao “pele-vermelha” (prestes a ser extinto), os motivos para a escolha do nome “Alaska”, e as possibilidades de que os Estados Unidos viessem a adquirir também a Islândia e a Groenlândia. Uma breve descrição dos conteúdos abordados se segue, bem como agradecimentos e comentários sobre as ilustrações, feitas pelo próprio autor.¹⁵¹

O prefácio de *Tent Life in Siberia*, por sua vez, tem um tom bastante diferente: no lugar dos parágrafos diretos do inglês, que listam diferentes aspectos chamativos do assunto tratado e apresentam uma breve listagem do conteúdo, Kennan aposta em uma abordagem mais poética. Durante a leitura deste prefácio, os temas da escrita de Kennan podem até, apesar da diferença de estrutura, remeter o leitor a um épico clássico, onde o poeta recebe sua musa para cantar as glórias de heróis para que as próximas gerações deles se lembrem. Sua escrita engrandece de maneira hiperbólica a expedição do telégrafo russo-americano, “[o]usada em sua concepção, e importante pelos fins que visou, ela atraiu em um momento a atenção de todo o mundo

Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia. New York, Putnam and Sons, 1870, p. V, tradução nossa).

¹⁴⁸ HAYMAN, John. Whympers, Frederick. *Dictionary of Canadian Biography*, Toronto, vol. 13, 2003.

Disponível em: http://www.biographi.ca/en/bio/whymper_frederick_13E.html. Acesso em: 07 jan. 2020.

¹⁴⁹ “imperfect and meagre” (WHYMPERS, Frederick. *Travel and Adventure in the territory of Alaska*. New York: Harper & Brothers, 1871, p. xi, tradução nossa).

¹⁵⁰ “[This narrative] makes no pretensions whatever to fulness of scientific information, nor to any very extraordinary researches of any kind” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. V, tradução nossa).

¹⁵¹ WHYMPERS, op. cit., p. XI-XIII.

civilizado”¹⁵², ao mesmo tempo em que denuncia o fim trágico, o esquecimento, que enxergava no futuro da jornada: “[c]omo todo empreendimento inacabado, entretanto, nesta era progressiva, ela foi rapidamente esquecida”¹⁵³.

A maioria dos leitores, segundo Kennan, estaria a par dos termos gerais sob os quais inseriu-se a expedição, continuando assim sua narrativa de que ela teria atraído a atenção de todo o mundo civilizado. Sua obra, contudo, podia revelar aquilo que apenas alguns poucos sabiam: o trabalho realizado de fato pela expedição, os obstáculos encontrados e superados pelas equipes, e as suas contribuições para o conhecimento sobre uma região distante.¹⁵⁴ São assim mobilizadas pelo autor as glórias da expedição tanto quanto ao avanço material (trabalho), quanto ao espírito do individualismo (conquista de obstáculos), e ainda quanto ao avanço científico.

Prosseguindo com a alusão ao texto clássico, para escrever esta história de heroísmo e bravura, o autor introduz o cenário da trama, oferecendo uma prévia das paisagens selvagens, maravilhosas e terríveis que a obra promete explorar. Ao fazê-lo, o escritor ainda dá seguimento à dualidade entre a grandeza e a melancolia envolvidas na expedição, conferindo um tom trágico ao abandono da empresa:

Seus empregados, ao longo de dois anos, exploraram quase seis mil milhas de *wilderness* ininterrupta [...] Os traços de seus campos desertos podem ser encontrados nas mais selvagens encostas das montanhas de Kamtchatka, nas vastas planícies desoladas do nordeste siberiano, e ao longo das soturnas florestas de coníferas do Alaska e da Colúmbia Britânica. Montados em renas, eles atravessaram as trilhas mais acidentadas das montanhas do norte asiático; eles flutuaram em canoas de pele pelo grande rio do norte, dormiram nos polos fumacentos dos tchuktchis siberianos; e acamparam nas desoladas planícies do norte em temperaturas de 50° e 60° abaixo de zero. Os postes que eles erigiram e as casas que eles construíram agora sustentam-se sozinhas, cercadas pela *wilderness*, - os únicos resultados de seus três anos de trabalho e sofrimento, e os únicos monumentos de uma iniciativa abandonada¹⁵⁵

O conjunto, e o abuso, de adjetivações presente no trecho - “seis mil milhas de *wilderness* ininterrupta”, “selvagens encostas das montanhas”, “vastas planícies desoladas”,

¹⁵² “[b]old in its conception, and important in the ends at which it aimed, it attracted at one time the attention of the whole civilized world” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. III, tradução nossa).

¹⁵³ “[L]ike all unsuccessful ventures, however, in this progressive age, it has been speedily forgotten” (KENNAN, loc. cit., tradução nossa).

¹⁵⁴ KENNAN, loc. cit.

¹⁵⁵ “Its employés, in the course of two years, explored nearly six thousand miles of unbroken wilderness [...] The traces of their deserted camps may be found in the wildest mountain fastenings of Kamtchatka, on the vast desolate plains of Northeastern Siberia, and throughout the gloomy pine forests of Alaska and British Columbia. Mounted on reindeer, they traversed the most rugged passes of the north Asiatic mountains; they floated in skin canoes down the great river of the north, slept in the smoky pologs of the Siberian Chookchees; and camped out upon desolate northern plains in temperatures of 50° and 60° below zero. The poles which they erected and the houses which they built now stand alone in an encircling wilderness, - the only results of their three years’ labor and suffering, and the only monuments of an abandoned enterprise.”(Ibid., p. III-IV, tradução nossa).

“soturnas florestas de coníferas”, “trilhas mais acidentadas”, “pelo grande rio”, “nos pologs fumacentos”, “desoladas planícies do norte” (novamente) - estabelece que este mosaico de paisagens extremas é mais do que apenas o cenário da trama: ele é também o maior adversário enfrentado pelos personagens. Hostil e sinistra, embora grandiosa e respeitável, a natureza do nordeste siberiano é a principal fonte de tensão em *Tent Life in Siberia*, embora paradoxalmente também seja fonte de admiração, deleite e êxtase para o autor.

Na obra de Whympers, por outro lado, o cenário tem outro tratamento. Um primeiro indício deste contraste é perceptível nos sumários de ambas as obras, que contam com listagens dos conteúdos de cada capítulo. Embora haja um número muito maior de subdivisões no livro de Whympers, assim como um número maior destas dedicados a elementos da paisagem (embora não proporcionalmente), não há uma única divisão com um título como “*Fine Scenery*”, ou “*Grand Scenery*” como em *Tent Life in Siberia*, indicando que as descrições vivazes não possuíam tanto destaque em seu texto. Além disto, embora existam elogios, comentários a respeito da beleza da paisagem, é raro encontrar Whympers arrebatado pelos encantos da natureza, ou amedrontado pelo seu aspecto mais perigoso. Em uma das poucas instâncias de apreciação mais poética da paisagem, de maneira bastante similar a Kennan, o escritor inglês faz uso de Tennyson:

De lá, as vistas eram excelentes. Falésias roxas se erguiam – abruptas ecobertas de pinheiros – enquanto, abaixo, o Homathco se dirigia ao mar, tornando reais as palavras do nosso Laureado,
‘Águas entre paredes
De granito sombrio, em uma passagem reluzente.’
Ao longe, picos coroados de neve e vales azuis completavam o cenário.¹⁵⁶

Contudo, percebe-se que mesmo com a referência a *The Lotos-Eaters* e a profusão de adjetivos descritivos, o narrador não se envolve na experiência. Whympers trata menos do que o cenário o faz sentir, envolve-se menos com ele, possivelmente porque não estrutura sua obra da mesma maneira romanceada que Kennan - seu papel na narrativa não é tão central, logo a sensação causada pela paisagem é menos importante do que sua descrição. Similarmente, instâncias em que o narrador teria passado por algum perigo, como teria ocorrido durante uma travessia marítima, tem sua tensão resolvida em poucas linhas:

Na manhã seguinte, enquanto eu estava desenhando quieto na cabine, o garoto do despenseiro [...] entrou correndo com o agradável anúncio de “arrebentação à frente!” e que rumávamos todos para o desastre. Fui ao convés e vi algumas rochas muito feias

¹⁵⁶ “From this the views were superb. Purple cliffs rose - pine-clad and abrupt - while below the Homathco made its way to the sea, realizing the words of our Laureate,
‘Waters between walls
Of shadowy granite, in a gleaming pass.’
Afar off, snow-crowned peaks and blue valleys completed the picture.” (WHYMPERS, Frederick. *Travel and Adventure in the territory of Alaska*. New York: Harper & Brothers, 1871, p. 39, tradução nossa).

a estibordo a algumas centenas de jardas, e as ondas brancas e a espuma arrebatando em torno delas. O tempo estava extremamente nublado e espesso, e o perigo enquanto assim permanecesse era evidente. O capitão Scammon, seguido por seus oficiais, logo, porém, virou a embarcação os contornando, e passamos a cem jardas delas, nossa embarcação balançando e caturrando bastante.¹⁵⁷

Percebe-se a ameaça ao navio, na forma das “rochas muito feias” em um tempo nebuloso, ela é confirmada, e então literalmente contornada na sentença seguinte. Kennan, por sua vez, chegou a manter a tensão de uma situação perigosa ao longo de sete páginas, para citar um dos exemplos mais extremos - a volta para Lesnoi em uma corrida contra a maré, que compõe o início de seu capítulo XV.¹⁵⁸

Estes contrastes mostram que mesmo que haja subdivisões de capítulos mencionando os perigos da natureza em ambos os livros, indicando uma convergência - “*Perilous Navigation*”, em Whympers, e “*A Perilous Pass*”, em Kennan, saltam aos olhos pela semelhança -, as abordagens na verdade podem ser muito diferentes. Isto se deve aos estilos de escrita distintos adotados pelos dois autores, que refletem em muito as pretensões de cada um ao escreverem seus relatos.

O objetivo de Kennan com sua obra pode ser interpretado, encerrando a alegoria do épico clássico, como o de cantar estas glórias de heróis modernos enfrentando a natureza. Isto torna seu livro consideravelmente diferente daquele escrito por Whympers, que ao escrever sua obra a estrutura como uma série de textos conectados, mas autossuficientes, e não como um romance. Mesmo a crítica direcionada ao texto por Travis, que explicitou uma discrepância entre a “verdade” contida nos diários não publicados e as “distorções factuais” do relato, parecem confirmar esta preocupação com a tensão narrativa e com a estrutura da ação e dos personagens, como o próprio biógrafo também notou. O trecho destacado trata do resgate do grupo da expedição encarregado da área da bacia do Anadyr, próximo ao círculo ártico, realizado por Kennan e Dodd. No livro há grandes riscos de morte, enquanto nos diários a experiência toda parece mais tranquila e os dois companheiros muito menos heróicos. Travis especula que a prática de embelezamento deveria ser comum nos relatos de viagem da época,

¹⁵⁷ “The next morning, while I was quietly drawing in the cabin, the steward’s boy [...] rushed in with the pleasing announcement of “breakers ahead!” and that we were all coming to grief. I went on deck, and found some very ugly looking rocks on the starboard side within a few hundred yards, and the white surf and foam breaking round them. The weather was extremely foggy and thick, and the danger while it lasted was unmistakable. Captain Scammon, seconded by his officers, soon, however, brought the vessel round, and we passed within a hundred yards of them, our craft rolling and pitching a good deal” (WHYMPERS, Frederick. *Travel and Adventure in the territory of Alaska*. New York: Harper & Brothers, 1871, p. 108, tradução nossa).

¹⁵⁸ KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 146-152.

não propriamente atacando *Tent Life in Siberia*. Tal conduta serviria para tornar o texto mais atraente para o público,¹⁵⁹

Como o próprio Kennan declarou, no entanto, sua intenção de clareza e precisão era relacionada à descrição dos cenários, costumes, povos e outras características externas da região percorrida. Os muitos eventos absolutamente cômicos, heróicos ou de outra forma improváveis que constam na narrativa estão convenientemente excluídos desta lista, e sua manipulação poderia inclusive ser justificada por ela. Se ele julgava que o Anadyr era um território perigoso, mortal, a descrição de uma jornada tranquila poderia não propriamente traduzir esta percepção para o público estadunidense. Este aspecto da escrita do relato de viagem - intimamente ligado à função social ocupada pelo gênero e ao aspecto de romance que Kennan conferiu a sua narrativa - deve somar-se ao aspecto mais mercadológico destacado por Travis.

Estar livre da estrutura romanceada significava que a narrativa e as descrições de *Travel and Adventure in the territory of Alaska*, por sua vez, podiam abertamente complementar a perspectiva pessoal do autor com longos excertos sobre personalidades importantes, como Behring; ou sobre assuntos relatados a Whymper por terceiros. No livro de Kennan estes desvios da narrativa pessoal de sua aventura precisavam ser em geral mais breves e se relacionar de maneira mais imediata com o que estivesse sendo relatado nela. Uma interrupção da narrativa precisa inclusive ser justificada:

Nossa longa convivência com os coriacos nômades nos deu a oportunidade de observar muitas de suas peculiaridades, que provavelmente escapariam à atenção de um visitante transitório; e como nossa jornada até chegar à cabeça do Golfo de Penzhinsk foi desprovida de incidentes, encerrarei este capítulo com todas as informações que pude reunir em relação à língua, religião, superstições, costumes e modo de vida dos coriacos de Kamtchatka.¹⁶⁰

Este estilo adotado por Kennan, contudo, mostrou-se capaz de atingir grande sucesso com o público. *Tent Life in Siberia* seguiria sendo impresso pelo restante do século XIX, além de ver novos períodos de interesse nos séculos XX e XXI.

2.6 CENTO E CINQUENTA ANOS DE *TENT LIFE IN SIBERIA*

¹⁵⁹ TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship, 1865-1924*. Athens: Ohio University Press, 1990 p. 42, 43.

¹⁶⁰ “Our long intercourse with the Wandering Koraks gave us an opportunity of observing many of their peculiarities, which would very likely escape the notice of a transient visitor ; and as our journey until we reached the head of Penzhinsk Gulf was barren of incident, I will close this chapter with all the information which I could gather relative to the language, religion, superstitions, customs, and mode of life of the Kamtchatkan Koraks.” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 206, tradução nossa).

Como fora anunciado na Putnam's Monthly que publicou *An Arctic Aurora*,¹⁶¹ em setembro de 1870 era lançada a primeira edição de *Tent Life in Siberia*. Frederick Travis reporta que a recepção foi muito favorável, com jornais como *New York Evening Mail*, *New York Tribune*, *New York Times* e *Nation* escrevendo resenhas no mínimo favoráveis ainda no ano de lançamento da obra (aquela do *Nation* seria do ano seguinte).¹⁶²

Outro indicador do sucesso do livro são suas subseqüentes reimpressões: já em 1871 era editado um *Tent Life in Siberia (new edition)*, e em 1872 e 1873 foram impressas novas levas da obra, a editora Putnam's Sons optando por eliminar o *new edition* adicionado em 1871. A estes quatro anos seguidos de impressões, segue-se uma breve lacuna (seja nas reimpressões ou nos registros): é possível encontrar outra reimpressão de 1881, bem como outras nas décadas de 1880, 1890 e 1900. Também foi traduzida para o russo já em 1871,¹⁶³ e consta ainda uma versão para o alemão em 1891.¹⁶⁴ A reimpressão mais recente encontrada desta primeira edição data de 1905, o *website* da *New York Public Library* citando-a como a vigésima quinta impressão.¹⁶⁵ Alguns autores, como Larry McMurtry, em sua introdução à edição de 1986, colocam como quatorze o número de impressões da primeira edição.¹⁶⁶

Em 1910, esta ampla série de reimpressões é substituída pela segunda edição de *Tent Life in Siberia*, que agora contava com um novo subtítulo, indicativo da diferença entre as duas. *Tent Life in Siberia: a New Account of an Old Undertaking* conta com um novo prefácio, escrito pelo agora idoso George Kennan, uma nova estrutura de capítulos, revisões e um final que narra a história da sua viagem até São Petersburgo.¹⁶⁷

¹⁶¹ KENNAN, George. *An Arctic Aurora and other matters in Siberia*. In: *Putnam's Magazine*. New York: G. P. Putnam & Sons, v. 6, jul-nov, 1870, pp. 197-201, p. 197.

¹⁶² TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship, 1865-1924*. Athens: Ohio University Press, 1990, p. 41, 63.

¹⁶³ KENNAN, George. *Степная жизнь въ Сибири*: странствия между коряками и другими племенами Камчатки и Северной Азии. São Petersburgo: В типографии М. Хана, 1871. Disponível em: <http://elib.tomsk.ru/purl/1-12496/>. Acesso em: 10/02/2020. Também há uma edição de 1872, com uma mudança no título: a edição russa de 1871 possuía uma adaptação não literal - "степная жизнь въ Сибири", "vida nas estepes na Sibéria"; em 1872, contudo, o título seguiu sem ser uma tradução exata, alterando-se o termo do primeiro tradutor por um terceiro "кочевая жизнь въ Сибири", vida nômade na Sibéria. KENNAN, George. *Кочевая Жизнь въ Сибири*. São Petersburgo: Изд. Книгопродовца С. В. Звонарева, 1872. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=wu.89070199856&view=1up&seq=7>. Acesso em: 10/02/2020.

¹⁶⁴ LIBRARY OF CONGRESS. *Catalog: Zeltleben in Sibirien*. Washington, DC, [201-]. Disponível em: <https://lccn.loc.gov/ltf90029265>. Acesso em: 10/02/2020.

¹⁶⁵ NEW YORK PUBLIC LIBRARY. *BKD (Kennan, G. Tent life in Siberia. 1905)*. New York, 2020. Disponível em: <http://catalog.nypl.org/record=b12488863~S1>. Acesso em: 03 jan. 2020.

¹⁶⁶ MCMURTRY, Introduction. In.: KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: An Incredible Account of Siberian Adventure, Travel, and Survival*. New York: Skyhorse Publishing, 1986.

¹⁶⁷ KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: A New Account of an Old Undertaking*. New York: G. P. Putnam's Sons, 1910.

Quarenta anos antes, o lançamento original da obra era anunciado em uma nota de rodapé na *Putnam's Monthly*. Ela remetia o leitor aos outros três artigos de Kennan na revista, suas maiores publicações até então. A edição de 1910, em sua folha de rosto, informava ao leitor que o autor era também responsável por *Siberia and the Exile System*, *Campaigning in Cuba*, *The Tragedy of Pelee* e *Folk Tales of Napoleon*.¹⁶⁸ A primeira edição, com seus quarenta anos e (pelo menos) vinte e cinco reimpressões, esteve ao lado de Kennan enquanto ele se transformava em um outra pessoa, um autor muito diferente daquele que primeiro a havia publicado.

Frederick Travis, comentando sobre a segunda edição, afirma que as adições mencionadas acima haviam sido encomendadas pela editora. Com este novo lançamento, ela pretendia expandir a popularidade do livro, aumentando ainda mais as vendas com uma versão com imagens e um formato mais atrativo. Travis aponta que a recepção crítica foi bastante positiva, mas que as vendas, lentas, não refletiram tanto esta positividade. Em 1921, “pela primeira vez em cinquenta anos”¹⁶⁹, coloca o biógrafo, *Tent Life in Siberia* deixava de ser editada.

Kennan, no novo prefácio, comenta a popularidade de *Tent Life in Siberia* - desde 1870 estivera constantemente disponível ao público e encontrando novos leitores. O autor acredita que esta demanda indica que a obra tenha alguma qualidade que a mantém relevante com o passar do tempo. Ele revela que, quarenta anos antes, concluiu a narrativa às pressas, ansioso para partir para sua próxima aventura no Cáucaso, e por isso teria “omitido muito que deveria ter incluído se tivesse tido tempo de dar forma apropriada”.¹⁷⁰ Assim, o leitor estaria a par dos dois principais motivos declarados para a nova edição: expandida, revisada e ilustrada, a nova versão da narrativa vinha para atender melhor a uma demanda existente, e para trazer a versão completa que deveria ter existido desde o começo. Autores que retornam às suas obras para “fazer-lhes justiça”, entretanto, nem sempre são bem sucedidos ou bem recebidos, especialmente se o material original era querido aos consumidores, como exemplos de mídias contemporâneas podem atestar. Ansioso por entregar o livro ou não, Kennan fez escolhas, recortes em 1870, e excluir este material - e não outro trecho - foi uma delas.

¹⁶⁸ KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: A New Account of an Old Undertaking*. New York: G. P. Putnam's Sons, 1910, p. I.

¹⁶⁹ “for the first time in fifty years” (TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship*, 1865-1924. Athens: Ohio University Press, 1990 p. 42, tradução nossa).

¹⁷⁰ “omitted much that I should have put in if I had had time enough to work it into shape” (KENNAN, op cit., p. III, tradução nossa).

Nem todo o material novo (“mais de quinze mil palavras”, segundo Kennan), entretanto, havia sido cortado em 1870. O prefácio destaca a inclusão das seções “*Our Narrowest Escape*” e “*The Aurora of the Sea*”, e indica que textos de dois artigos escritos para a *St. Nicholas Magazine*¹⁷¹ na década de 1890 foram adaptados e incluídos na narrativa atualizada.¹⁷² Eles eram *How the bad news came to Siberia*¹⁷³ e *My narrowest escape*¹⁷⁴ (que no livro tornou-se uma das seções em destaque¹⁷⁵), e se tornaram parte dos novos capítulos XXXV e XXXVIII, respectivamente. Kennan ainda havia escrito um outro artigo sobre aquela viagem para a *St. Nicholas* no mesmo período, *A Siberian Scare*¹⁷⁶, uma história “de terror” sobre como teria desvendado o mistério de um “fantasma” em sua estadia no povoado de Anadyrsk. Em seu livro, entretanto, autor não faz menção à publicação ou aos eventos nela descritos.

As ilustrações, por outro lado, recebem atenção neste prefácio, inclusive havendo nova menção do autor a respeito de sua crença em sua atratividade para o público. Kennan informa que elas são em parte retiradas de pinturas de George A. Frost, seu companheiro de viagem, e em parte de fotografias de dois exilados políticos russos, participantes da *Jesup North Pacific Expedition*, as quais foram adquiridas através do Museu Americano de História Natural.¹⁷⁷ Frost aparece então como o ilustrador, pela primeira vez em quarenta anos sendo mencionado em *Tent Life in Siberia*. A completa ausência do indivíduo na primeira edição é curiosa - além do próprio Kennan em 1910, quando Frost é incluído também na narrativa, Frederick Travis também o aponta como companheiro de viagem nas duas expedições siberianas realizadas pelo explorador, indicando que deveria haver maior presença.¹⁷⁸ Ele é mencionado uma única vez

¹⁷¹ A *St. Nicholas: an Illustrated Magazine For Young Folks* era uma revista infantil que desde 1881 pertencia à *The Century Company*. Então organizada por Mary Mapes Dodge, a revista contou com publicações de alguns dos maiores nomes da literatura anglófona do fim do século XIX, como Mark Twain e Louisa May Alcott.

¹⁷² KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: A New Account of an Old Undertaking*. New York: G. P. Putnam's Sons, 1910, p. III, IV.

¹⁷³ KENNAN, George. *How the bad news came to Siberia*. *St. Nicholas: an Illustrated Magazine for Young Folks*. New York, v. XXIV, n. 1, p. 29-31, nov. 1896. Disponível em: <https://archive.org/details/stnicholasv24part1dodgrich/page/n39/mode/2up>. Acesso em: 08 jan. 2020.

¹⁷⁴ KENNAN, George. *My Narrowest Escape*. *St. Nicholas: an Illustrated Magazine for Young Folks*. New York, v. XXV, n. 1, p. 48-53, nov. 1897. Disponível em: <https://archive.org/details/stnicholasv25part1dodgrich/page/48/mode/2up>. Acesso em: 08 jan. 2020.

¹⁷⁵ A outra, *The Aurora of the Sea*, recebeu tal menção muito provavelmente por também ter sido um artigo escrito para um periódico, no caso *Appleton's Journal of Literature, Science and Art*, então no seu oitavo volume, publicado em 1872. KENNAN, George. *The Aurora of the Sea*. *Appletons' journal: of literature, science and art*. New York, v. 8, n. 171-196, p. 432-434, jul./dez., 1872. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.c3465649&view=1up&seq=7>. Acesso em: 08 jan. 2020.

¹⁷⁶ KENNAN, George. *A Siberian Scare*. *St. Nicholas: an Illustrated Magazine for Young Folks*. New York, v. XXIV, n. 4, p. 267-272, fev., 1897. Disponível em: <https://archive.org/details/stnicholasv24part1dodgrich/page/n277/mode/2up>. Acesso em: 08 jan. 2020.

¹⁷⁷ KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: A New Account of an Old Undertaking*. New York: G. P. Putnam's Sons, 1910, p. IV.

¹⁷⁸ TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship, 1865-1924*. Athens: Ohio University Press, 1990 p. 112.

por Kennan, em seu adeus na seção *Our Narrowest Escape*, a menção ainda comete bastante intimidade a Frost: “Eu então dei adeus a Dodd e a Frost, os camaradas que compartilharam comigo tantas dificuldades e perigos, me sentei à popa da pequena chalupa, e nós zarpamos”,¹⁷⁹ causando estranhamento ainda maior ao leitor que acompanhou o relacionamento de Kennan com um destes personagens - Dodd -, e encontra pela primeira vez o outro fora do prefácio ou das legendas das ilustrações.

E por quase outros cinquenta anos, o livro permaneceu sem novas edições. Somente em 1970 a narrativa do jovem Kennan voltou a ser comercializada. Esta era apenas uma reimpressão da edição de 1910, mas em 1986 foi lançada uma nova versão, com alterações. O subtítulo da obra sofreu nova mudança - além de contar com uma introdução escrita por Larry McMurtry¹⁸⁰, agora o livro se chamava *Tent Life in Siberia: An Incredible Account of Siberian Adventure, Travel, and Survival*, e seria relançado ainda em 2007, e em 2016.

A edição de 1986, da *Peregrine Smith Books*, era baseada não na de 1910, mas sim na de original, de 1870. Em seu prefácio, McMurtry discorre sobre a popularidade do relato de viagem no século XIX, um momento em que as possibilidades para o gênero aparentavam ser infinitas, devido à rápida expansão ocidental que havia mapeado quase todo o mundo, mas relegado a outros a tarefa de descrevê-lo. Estreitando o escopo de sua análise, McMurtry passa a tratar do gênero nos EUA, identificando o surgimento de um estilo em que o tom cômico prevalece como resposta às extremas dificuldades apresentadas pelas precárias e perigosas viagens.¹⁸¹ O predomínio deste estilo humorístico ajuda a explicar a presença de tantos trechos buscando provocar o riso na narrativa de Kennan, mesmo que seu objetivo geral fosse descrever o esforço heróico em vencer o território siberiano - o ar divertido estava intimamente associado ao gênero, e era uma reação precisamente ao ambiente hostil.

McMurtry também aborda brevemente a biografia de Kennan e o conteúdo geral do livro, além de elogiar seu estilo narrativo. O comentarista compara sua escrita à de Mark Twain, chegando a afirmar, traçando uma aproximação entre *Tent Life in Siberia* e *Roughing It* (1872), que “o tom dos dois livros é tão semelhante que Twain poderia ter chamado o seu de *Tent Life*

¹⁷⁹ “I then bade good-bye to Dodd and Frost, the comrades who had shared with me so many hardships and perils, took a seat in the stern-sheets of the little sloop, and we were off” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: A New Account of an Old Undertaking*. New York: G. P. Putnam’s Sons, 1910, p. 432, tradução nossa).

¹⁸⁰ Larry McMurtry (1936-) é um escritor texano, seus romances e textos de não-ficção lidam com o cenário do Texas rural e em processo de urbanização, bem como com a fronteira nos EUA. THE EDITORS OF ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Encyclopædia Britannica, *Larry McMurtry*. Chicago, 2019. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Larry-McMurtry>. Acesso em: 09 jan. 2020.

¹⁸¹ MCMURTRY, Introduction. In KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: An Incredible Account of Siberian Adventure, Travel, and Survival*. New York: Skyhorse Publishing, 1986. Sem paginação.

in the West, enquanto o de Kennan poderia ter sido *Roughing It in Siberia*¹⁸². Em síntese, a introdução de McMurtry contextualiza e vende o livro para novos leitores, após mais de um século da publicação original e do esquecimento geral do Kennan explorador.

As próprias diferenças entre os subtítulos refletem bem a posição de cada uma das edições na história da obra. *Adventures among the Koraks and other tribes in Northern Siberia* vende o livro acompanhando a ampla procura por relatos de viagem em meados do século XIX exposta por Wrobel, citando uma cultura distante pelo nome, mencionando explicitamente o lugar trabalhado e realçando o aspecto da aventura. *A New Account of an Old Undertaking* funciona como propaganda das novas alterações, introduzidas com a segunda edição do livro - mas ao mesmo tempo que remete à novidade, também possui um tom nostálgico, fazendo menção a um passado de juventude e à expedição que rendeu ao autor, afinal, seu livro mais querido pelo público. *An Incredible Account of Siberian Travel, Adventure, and Survival* quase “demanda” um afastamento da obra com relação ao próprio autor, pelo tom pretensioso que possuiria o elogio a si mesmo. Esta distância parece mais necessária, ainda, caso sejam consideradas as convenções de aparente modéstia que Kennan seguiu na escrita de seu prefácio.

A edição de 1910 foi reimpressa pela antiga plataforma CreateSpace em 2011, e aquela com a introdução de McMurtry foi reimpressa ainda em 2007, e mais uma vez, bastante recentemente, em 2016, pela editora Skyhorse, indicativos de que ainda possui algum grau de receptividade que a torna atraente para editoras. *Tent Life in Siberia* está em domínio público, o texto de edições antigas também é disponibilizado em arquivos e bibliotecas digitais, além de estar disponível no projeto Gutenberg.

2.7 À SOMBRA DE *SIBERIA AND THE EXILE SYSTEM*

Todo o sucesso de *Tent Life in Siberia*, contudo, não foi capaz de fazer com que o livro figurasse frequentemente entre os feitos mais notáveis da vida de George Kennan. A divisão de manuscritos da *Library of Congress*, por exemplo, não lhe conferiu destaque na elaboração de sua ferramenta de busca, para que os pesquisadores visitantes melhor visualizem sua coleção “*The George Kennan Papers*”. O resumo do material de consulta apresenta uma narrativa a respeito de George Kennan que conta com um recorte bastante claro:

¹⁸² “the tone of the two books is so similar that Twain might have called his *Tent Life in the West*, while Kennan’s could have been *Roughing It in Siberia*” (MCMURTRY, Introduction. In.: KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: An Incredible Account of Siberian Adventure, Travel, and Survival*. New York: Skyhorse Publishing, 1986, tradução nossa).

Explorador, autor, jornalista e palestrante. Correspondência, cartas familiares, anotações e cadernos, artigos, diários, jornais, recortes, material de palestras, impressos, memorabilia, material biográfico e autobiográfico, fotografias, e mapas relacionados principalmente à Rússia czarista e à Sibéria, onde Kennan fez extensas explorações e preparou estudos sobre condições sociais, prisões, e o sistema de exílio.¹⁸³

A nota biográfica apresentada pela ferramenta de busca - uma lista com uma série de anos e marcos selecionados da vida de Kennan, resumidos em uma ou duas frases - conta com 21 entradas, mencionando principalmente suas publicações e seus diferentes cargos e ocupações, além de seu ano de nascimento, morte e casamento. Ao observar as entradas desta lista, vê-se uma série de experiências e publicações bastante heterogêneas - do emprego pela companhia do telégrafo russo-americano e *Tent Life in Siberia* ao estudo investigativo que originou *Siberia and the Exile System*; mas também passa-se pelo Kennan correspondente das Guerras Hispano-americana e Russo-japonesa - tendo publicado *Campaigning in Cuba* após a cobertura daquela - para se chegar, nas últimas entradas antes da sua morte, ao George Kennan admirador e biógrafo do gigante das ferrovias Edward Henry Harriman.

Entretanto, na seção seguinte da ferramenta, referente ao escopo e ao conteúdo da coleção, nova ênfase é colocada na sua pesquisa a respeito do sistema prisional russo. *Siberia and the Exile System* toma novamente a dimensão de principal ato político, jornalístico e literário de sua vida, o auge de sua carreira. Não é possível, no entanto, afirmar que esta obra recebeu mais atenção pelo vínculo com algum sucesso material.

De maneira similar ao que ocorreu em *Tent Life in Siberia*, os dois volumes sobre o sistema prisional foram em certa medida relatos de um grande fracasso. Assim como o Telégrafo Russo-Americano não se concretizou, a intenção original da investigação do sistema de exílio também foi frustrada: Kennan não pôde defender o Império Russo das acusações pois constatou que era realmente abusivo. Em seguida, seu livro não foi capaz de alterar as políticas estatais nem nos EUA, nem na Rússia, falhando também neste sentido. O ativismo de Kennan em prol dos liberais russos também viu-se vencido com a vitória bolchevique nos anos revolucionários.¹⁸⁴

¹⁸³ “Explorer, author, journalist, and lecturer. Correspondence, family letters, notes and notebooks, articles, diaries, journals, clippings, lecture material, printed matter, memorabilia, autobiographical and biographical material, photographs, and maps relating particularly to Czarist Russia and Siberia, where Kennan made extensive explorations and prepared studies on social conditions, prisons, and the exile system.” (LIBRARY OF CONGRESS. *George Kennan papers*, 1840-1937. Washington, DC, 2013. Disponível em: https://findingaids.loc.gov/db/search/xq/searchMfer02.xq?_id=loc.mss.eadmss.ms013131&_faSection=overview&_faSubsection=did&_dmdid=. Acesso em: 16 jan. 2020, tradução nossa).

¹⁸⁴ TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship*, 1865-1924. Athens: Ohio University Press, 1990.

A vitória de *Siberia and the Exile System* deu-se no teatro das ideias. O livro, segundo seus analistas, foi uma peça chave na alteração da percepção estadunidense do Império Russo, contribuindo para o crescimento de um sentimento generalizado nos Estados Unidos de que a terra dos czares não partilhava dos mesmos valores do Ocidente. *Tent Life in Siberia*, por mais que tenha sido a fonte para muitos conhecerem o nordeste siberiano, não teve tal impacto político. O próximo capítulo é dedicado à investigação de como isto se refletiu em peso nas análises acadêmicas sobre George Kennan e dos espaços que o relato de 1870 conseguiu conquistar, a partir de novas abordagens historiográficas.

3 UMA HISTORIOGRAFIA DA OBRA DE GEORGE KENNAN

A tarefa de um historiador da cultura pode, a partir daí, consistir em dar a ler esses textos, reconstruindo - para falar como a hermenêutica - a questão à qual eles respondem, redesenhando os horizontes de expectativa em que, desde seu primeiro dia até os nossos (ainda que no modo de ausência), eles vieram inscrever-se, recalculando as apostas que fizeram e significaram, apontando os quiproquós que sucessivamente provocaram. Essa historização não significa modernizá-los ou atualizá-los, mas sobretudo fazer ver sua inatural atualidade: suas respostas a questões que nós não mais levantamos, não sabemos mais levantar ou simplesmente “esquecemos”. (HARTOG, 2014, p. 16)

3.1 INTRODUÇÃO

A recepção de uma obra vai além de suas poucas ou múltiplas reedições, de sua aceitação ou rejeição pelo público e pela crítica ao longo de seu tempo de circulação, e do retorno que representou para o autor. O que foi trabalhado academicamente a respeito de certo texto também é um importante componente da história daquele texto, da percepção de seu “impacto”. Esta produção científica é parte expressiva de uma série de leituras que são feitas sobre o texto ao longo do tempo, o carregando de novos significados, e como coloca LaCapra, às vezes até mesmo canonizando certas produções.¹⁸⁵ Neste sentido, pode-se dizer que o texto de George Kennan “canonizado” pela academia não foi *Tent Life in Siberia*, mas sim *Siberia and the Exile System*, e similarmente seu maior reconhecimento foi como um agente político em torno da questão dos exilados. Ainda assim, é preciso analisar como estes autores perceberam seu objeto, que tipo de identidade lhe atribuíram. Também é crucial identificar que papel seu primeiro livro teve em suas narrativas, se algum, e observar continuidades e descontinuidades na própria produção historiográfica, em suas ênfases e abordagens.

Mas qual o propósito de se reconstruir uma história das interpretações feitas sobre a vida e a produção de George Kennan? François Hartog, em seu *O Espelho de Heródoto*, comparou os “vinte e quatro séculos” que separavam o texto original das *Histórias* de sua análise com um longo tribunal onde cada intérprete teria sido um depoente.¹⁸⁶ O caso de Heródoto, contudo, é certamente mais polêmico do que o de George Kennan. Não seria leviano compará-los? Um é o “espectro”, o “fantasma”, o “pai” que toda a tradição historiográfica necessitaria constantemente encarar, desmascarar ou reabilitar para compreender a si mesma, capaz de gerar

¹⁸⁵ LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intelectual y leer textos. In: PALTI, Elias José. *Giro Lingüístico e História Intelectual*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998, p. 253-256, p.263-4.

¹⁸⁶ HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Tradução: Jacyntho Lins Brandão. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 33.

as mais inflamadas disputas; o outro é um personagem relativamente recente e pouquíssimo disputado - se lhe foram dirigidas críticas durante sua vida, sua representação na academia manteve um tom geral de respeito e admiração homogêneo e tranquilo. Um balanço da historiografia sobre Kennan, portanto, talvez lembrasse menos uma análise dos depoimentos em um longo e dividido tribunal e mais uma das diferentes homenagens prestadas ao patrono de alguma instituição.

Ainda assim, trata-se de uma questão de escala mais do que de qualquer outro tipo: há diferenças interpretativas, há uma argumentação que vai e vem, que reinterpreta o personagem e seus textos desde as primeiras leituras acadêmicas - as quais em 2020 completam apenas cinquenta anos - cuja análise instiga reflexão sobre mudanças e permanências na metodologia do historiador nesta última metade de século. Para um círculo mais restrito de pesquisadores do que os que debatem Heródoto, evidentemente, Kennan foi uma figura de importância, que os ajuda a manter diferentes questões a salvo do esquecimento.

Seu impacto neste setor da disciplina é tão relevante quanto suas próprias obras e sua recepção, afinal “as interpretações sucessivas não fazem parte menos efetiva de Heródoto que o próprio texto das *Histórias*”.¹⁸⁷ Evita-se, portanto, uma discussão sobre *Tent Life in Siberia* que não considerasse suas interpretações e aquelas sobre seu autor. A discussão sobre elas, por sua vez, estará organizada a partir de dois eixos amplos: as narrativas de identidade e os usos das fontes.

As narrativas de identidade podem ser mais ou menos centrais nas diferentes interpretações. Para algumas a maior preocupação parece ser responder à pergunta “quem foi George Kennan?” Como a perspectiva de responder este questionamento indica, identidade é um conceito bastante controverso, em suas múltiplas acepções. Dominick LaCapra aponta, em seu *Historia en tránsito*, como há tanto posturas absolutamente fluidas quanto à identidade quanto suas ingênuas contrapartidas envolvendo noções absolutamente estáticas do eu. Para o autor, estes extremos não devem ser adotados sem suspeição, no mínimo.¹⁸⁸

Em lugar destas perspectivas pouco satisfatórias, é necessário buscar um entendimento mais sofisticado sobre identidade para que ela realmente possa ser uma categoria com valor explicativo. Como possível alternativa, Lacapra sugere: “[t]alvez seja mais fácil entender a identidade como uma constelação conflitante ou uma configuração mais ou menos variável de

¹⁸⁷ HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Tradução: Jacyntho Lins Brandão. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 34

¹⁸⁸ LACAPRA, Dominick. *Historia en tránsito: Experiencia, identidade, teoria crítica*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006, p. 21.

posições subordinadas”¹⁸⁹. Enquanto alguns dos textos analisados apresentam Kennan sob uma perspectiva passível de se encaixar nestas definições, de outra forma ele é retratado de maneira estática. Nestas perspectivas, o Kennan indivíduo é no geral pouco mais que uma extensão de sua atuação contra o sistema penal russo.

Esta tendência a perceber um personagem histórico praticamente como um “suporte” para um aspecto de sua vida acaba, muitas vezes, por criar uma narrativa excessivamente coerente para o todo da existência do indivíduo. Uma série de eventos, posturas e colocações inclusive anteriores à faceta destacada são determinados pelo estado futuro de maneira a sugerir uma continuidade artificial.

Quentin Skinner, em seu *Significado e interpretação na história das ideias*, traz atenção ao problema no campo da história das ideias, denominando-o “mitologia da coerência”, definida como um problema da prática historiográfica que tende a ver o conjunto da obra de um autor como necessariamente dotado de um sentido harmonioso.¹⁹⁰ É claro que, como Lacapra evidencia ao abordar a relação entre o *corpus* da obra de um autor e um determinado texto, tratar apenas em termos de uma descontinuidade caótica é uma atitude tão simplória quanto interpretar tudo como permanência. Mesmo uma mera síntese dialética seria insuficiente, por não levar em conta fatores como desenvolvimento heterogêneo, repetição e deslocamento. Em sua perspectiva, haveria no conjunto da obra de um autor, ultimamente, uma unidade pela manifestação da diferença.¹⁹¹

As interpretações analisadas que afastam-se desta complexidade, contudo, pendem “para o lado” da coerência, e não do caos. Além disso, elas tendem a não restringir esta harmonia à obra de Kennan, entretanto, estendendo-a a diversas outras questões a respeito de seu comportamento, inferidas a partir de um conjunto diverso de fontes, como cartas, testemunhos de terceiros, entre outros.

Estas fontes diversas, bem como as próprias obras publicadas, tiveram abordagens bastante diversas ao longo destes cinquenta anos de discussão acadêmica. Nota-se que algumas delas estão inseridas no que se poderia chamar de um paradigma teórico bastante “direto”. Elias José Palti destaca como algumas das primeiras iniciativas dos esforços para reformar uma

¹⁸⁹ “[q]uizás sea más fácil entender la identidad como una constelación conflictiva o una configuración más o menos cambiante de posiciones subordinadas” (LACAPRA, Dominick. *Historia en tránsito: Experiencia, identidade, teoria crítica*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006, p. 20, tradução nossa)

¹⁹⁰ SKINNER, Quentin. *Significado e interpretação na História das Ideias*. Tradução: Marcus Vinícius Barbosa. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 358 - 399. jan./abr. 2017. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180309202017358>. Acesso em: 10 out. 2019, p. 372-375.

¹⁹¹ LACAPRA, op. cit., p. 275.

“velha história das ideias” estão relacionados a deslocar o foco de análise do “que os textos dizem” para outras perspectivas analíticas, como “de que maneira era possível que se dissesse algo”, por exemplo.¹⁹² Além desta, sobre as condições intelectuais de produção, existe um sem número de outras perguntas a serem feitas de maneira a afastar-se de uma simples descrição dos textos. Estas envolvem sua interpretação, a consideração da dimensão textual em si. Ainda assim, algumas perspectivas investigadas prendem-se neste ato descritivo como fim do esforço analítico, ou o utilizam para verificar hipóteses a respeito de um aspecto extra-textual - como “o sistema de exílio russo era brutal”. Seu enfoque aproxima-se do que LaCapra chama de “documental”:

Em um modelo documental, a base da pesquisa é o “duro” fato derivado da inspeção crítica das fontes, e o propósito da historiografia é tanto fornecer descrição narrativa, quanto “descrição densa” dos fatos documentados ou submeter o registro histórico a procedimentos analíticos de hipóteses-formação, testes e explanação.¹⁹³

Este conceito de “modelo documental” de que fala LaCapra relaciona-se com o que François Hartog trata, sem propriamente nomear, como confrontações entre o texto e um referente externo. Considerando quais eram suas possibilidades para trabalhar a representação dos citas nas *Histórias*, a primeira cogitada foi a confrontação entre o que escreveu Heródoto e as descobertas arqueológicas feitas sobre eles - uma oposição entre o texto e, literalmente, o “resto”. Nesta oposição há uma assimetria: “de um lado, um discurso e uma representação dos citas; de outro, o que eles efetivamente são”.¹⁹⁴ Hartog demonstra como há questionamentos aos quais este tipo de abordagem não responde, e mesmo outros para os quais ela pode induzir ao erro, ao não considerar a lógica narrativa do texto.¹⁹⁵

Em um problema similar incorre a segunda confrontação cogitada: entre o texto de Heródoto e um outro, que apresentasse uma continuidade com os citas (no caso a epopeia osseta). A questão da oposição assimétrica entre “o imaginário” e “o real” é em geral eliminada, mas permanece o problema do enfoque externo: a obra de Heródoto é avaliada segundo suas aproximações ou desvios quanto ao seu referente, para que se informe o que é mantido,

¹⁹² PALTÍ, Elias José. Nueva historia intelectual y temporalidad de los conceptos: ambigüedades y bifurcaciones. In: PAREDES, M; ARMANIA, C.H.; AREND, H. *História das Ideias*: proposições, debates e perspectivas. Santa Cruz do Sul: EdUNISC, 2011. p. 58 - 89, p. 61.

¹⁹³ LACAPRA, Dominick. Retórica e História. Tradução: Eduardo Ferraz Felipe e Thiago Ponce de Moraes. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, vol. 6, n. 1, p. 97-118, jan./jun., 2013. Disponível em: <http://www.ppghis.com/territorios&fronteiras/index.php/v03n02/article/view/194/148>. Acesso em: 22 mai. 2019, p. 99.

¹⁹⁴ HARTOG, François. *O espelho de Heródoto*: ensaio sobre a representação do outro. Tradução: Jacyntho Lins Brandão. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 44.

¹⁹⁵ *Ibid.*, p. 45.

transformado ou deformado.¹⁹⁶ Mais uma vez o texto é julgado por sua capacidade de representar fielmente seu objeto, ele é criticado com “o que se sabe” para que se verifique o que tem a adicionar a este mesmo conjunto, e então a análise se encerra. Hartog recusa tais abordagens, mas em função de qual alternativa?

Se as confrontações com um referente externo são descartadas como insuficientes para responder seus questionamentos, Hartog propõe voltar a análise para dentro do texto. Instaure-se então o problema de uma leitura encerrada em si mesma, sem referencial algum, “arte pela arte”. Contudo, uma primeira solução surge na confrontação interna, relacionando o elemento estudado com a posição narrativa que ocupa, com outros enunciados da obra, enfim: uma análise do que denomina “injunções narrativas”.¹⁹⁷

Uma segunda solução identificada é aquela de uma confrontação entre o texto e o saber compartilhado pelo seu público, no caso de Hartog os gregos. Avalia-se então as formas do “narrador” de interagir com seu “destinatário”, os saberes comuns que seriam necessários a ambos para que a escrita fizesse sentido.¹⁹⁸ Esta confrontação teria, assim, mais a dizer sobre os citas do que sobre os gregos, no caso de Kennan mais sobre os EUA do que sobre a Sibéria, e também poderia ser feita - ao menos em parte - internamente: atentando para o “simulacro de leitor” a quem o narrador se dirige.¹⁹⁹

Com esta última confrontação, Hartog sugere uma possibilidade de trabalho *interno* no texto postulada similarmente por outros autores como uma abordagem para *sair* deste. Em John Pocock, o “círculo hermenêutico”²⁰⁰ assume o papel da armadilha que Hartog expressou como “arte pela arte”. Evitá-lo, entretanto, significaria não manter-se fechado a interpretações internas de um texto, buscar as “intenções” e motivações dos autores em cartas, documentos pessoais e outras fontes, “formular hipóteses referentes às necessidades que eles tinham e às estratégias que desejavam levar adiante, e testar essas hipóteses usando-as para interpretar as intenções e as ações dos próprios textos”²⁰¹. Esta abordagem foi amplamente utilizada por alguns dos mais influentes textos sobre Kennan. E à preocupação com as intenções do autor também somaram-se eventualmente outras que, segundo uma perspectiva como a

¹⁹⁶ HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Tradução: Jacyntho Lins Brandão. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 46.

¹⁹⁷ Ibid., p. 47-48.

¹⁹⁸ Ibid., p. 48.

¹⁹⁹ Ibid., p. 49.

²⁰⁰ POCOCK, John. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: Edusp, 2003, p. 27.

²⁰¹ Ibid., p. 38.

defendida por Quentin Skinner, poderiam “apresentar uma maior complexidade” por considerarem o que o autor *estava fazendo* ao publicar tal passagem.²⁰²

Esta perspectiva, que também converge com o trecho mencionado de Pocock ao que aquele menciona as “ações dos próprios textos”, relaciona-se ao princípio “austiniano” de que “a linguagem deve ser tratada essencialmente como uma forma de *ação* e não de *representação* da realidade”.²⁰³ Esta ênfase no aspecto performativo da linguagem leva de volta a LaCapra, e a uma alternativa que descreve ao modelo documental: o enfoque na qualidade de um texto de “ser-obra”, observável em perspectivas que destacam o texto como ação transformadora, mas também em abordagens mais formalistas.²⁰⁴ O enfoque exclusivo no caráter do ser-obra, entretanto, evidentemente também não é sem problemas:

a obra se situa na história de um modo que a dá dimensões documentais, e o documento tem aspecto do ser-obra. Em outras palavras, tanto o “documento” como a “obra” são textos que implicam uma interação entre os componentes documentais e de ser-obra que deveria ser examinados em uma historiografia crítica.²⁰⁵

Todo documento também é uma obra, e toda obra também é um documento. É dever da historiografia interpretá-los segundo ambos os aspectos, ainda que cada análise possa concentrar-se mais em um ou outro. LaCapra expressou como um problema ainda mal solucionado o estudo dos usos dos textos por historiadores - como documentos, em sua leitura interpretativa, e ainda no seu afetar a prática historiográfica presente.²⁰⁶ Investigar a maneira como a obra de Kennan foi utilizada nos últimos cinquenta anos, portanto, não é apenas estudar uma parte tão constituinte sua (da obra) quanto seus próprios textos (Hartog), como também uma tentativa de articular o problema do uso do texto pelo historiador. Tal empreendimento inicia-se com um texto que bem reflete cada aspecto citado do “modelo documental” apontado por LaCapra, *George Kennan: Russian Specialist of the 1890s*.

²⁰² SKINNER, Quentin. Significado e interpretação na História das Ideias. Tradução: Marcus Vinícius Barbosa. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 358 - 399. jan./abr. 2017. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180309202017358>. Acesso em: 10 out. 2019, p. 390-391.

²⁰³ MARCONDES FILHO, Danilo Marcondes. Apresentação. A Filosofia da Linguagem de J. Austin. In: AUSTIN, John. *Quando dizer é fazer*. Palavras e ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. p. 7-1, p. 11.

²⁰⁴ LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intelectual y leer textos. In: PALTÍ, Elías José. *Giro Lingüístico e História Intelectual*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998, p. 253-256, p. 245-247.

²⁰⁵ “la obra se sitúa en la historia de un modo que le da dimensiones documentarias, y el documento tiene aspectos del ser-obra. En otras palabras, tanto el “documento” como la “obra” son textos que implican una interacción entre los componentes documentarios y de ser-obra que debería examinarse en una historiografía crítica.” (Ibid., p. 246, tradução nossa)

²⁰⁶ Id. Retórica e História. Tradução: Eduardo Ferraz Felipe e Thiago Ponce de Moraes. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, vol. 6, n. 1, p. 97-118, jan./jun., 2013. Disponível em: <http://www.ppghis.com/territorios&fronteiras/index.php/v03n02/article/view/194/148>. Acesso em: 22 mai. 2019, p. 101-102.

3.2 APRESENTANDO KENNAN À ACADEMIA: TAYLOR STULTS

Em 1970, o historiador Taylor Stults publicou na *Russian Review* seu artigo *George Kennan: Russian Specialist of the 1890s*²⁰⁷, em parte sobre a escrita, publicação e recepção dos dois volumes de *Siberia and the Exile System* publicados em 1891, mas com o foco principal nas carreiras de jornalista e palestrante do autor nos anos que se seguiram à popularidade da obra, bem como na sua atuação como ativista político.

Publicado em 1970, na revista *Russian Review*, uma revista estadunidense fundada em 1941,²⁰⁸ a metodologia do artigo envolve a análise de cartas, recorrendo principalmente ao acervo *The George Kennan Papers*. Estas fontes mostraram-se, nas décadas desde o trabalho de Stults, bastante populares para estudos sobre o autor. O texto de 1970, entretanto, destaca-se por também explorar amplamente com artigos e resenhas de jornais e periódicos publicados por ou sobre Kennan, metodologia que “não entrou para o cânone”. Seus objetivos no artigo são bastante bem definidos pelo próprio autor:

Este artigo se concentra nos anos de grandeza de Kennan, traçando sua carreira como um especialista em Rússia de 1891 a 1900. Examinar esta era nos permite visualizar suas principais ideias sobre o período, estimar seu impacto na população americana da década de 1890, e determinar se ele foi capaz de manter sua alta reputação e continuar como um proeminente analista da Rússia.²⁰⁹

Visualizar as ideias, avaliar seu impacto, e determinar o estado da reputação: estes são os objetivos de *George Kennan: Russian Specialist of the 1890s*. A maneira como Stults procura atingir estes objetivos indica qual sua perspectiva sobre o papel das fontes e do historiador. É a subsequente exposição e comentário das fontes ao longo do artigo que mostra ao leitor estas ideias, as evidências deste impacto e de mudanças na reputação, permitindo que sejam “visualizadas”. Os documentos “falam muito sozinhos” no texto de Stults, e qualquer argumentação confunde-se em grande parte com sua apresentação, o que pode ser sintoma da própria ausência de outras discussões sobre o assunto na época de sua escrita. Uma visão sobre ideias, impacto e reputação podia ser construída apenas mostrando “o que os documentos dizem”, como coloca Palti, porque até então não havia outra visão, outra discussão em pauta.

²⁰⁷ STULTS, Taylor. *George Kennan: Russian Specialist of the 1890s*. *Russian Review*, v. 29, n. 3, p. 275–285, 1970. Disponível em: www.jstor.org/stable/127536. Acesso em: 25 jul. 2019.

²⁰⁸ THE RUSSIAN REVIEW: An American Journal Devoted To Russia Past And Present. *About the Russian Review*. Lawrence, [2019?]. Disponível em: <http://www.russianreview.org/>. Acesso em: 13 dez. 2019.

²⁰⁹ “This article focuses on Kennan's years of greatness, tracing his career as a Russian specialist from 1891 to 1900. Examining this era permits us to see his major ideas in the period, assess his impact on the American people in the 1890s, and determine if he was able to maintain his high reputation and continue as the prominent Russian analyst.” (STULTS, op. cit., p. 275, tradução nossa)

O autor determina de tal maneira seus objetivos e seu recorte, e ainda nas primeiras linhas de seu texto destaca a importância de *Siberia and the Exile System* para Kennan, por ser seu livro mais famoso e um grande marco em sua vida.²¹⁰ Ainda assim, a obra aparece apenas como um mero pano de fundo ao longo do artigo: Stults apenas aponta como presenciar as más condições nas áreas de exílio e conversar com os exilados alterou a perspectiva de Kennan, de maneira aparentemente autoevidente (no sentido de que ter estas conversas e interações parece obviamente levar à “conversão”, sem mais explicações)²¹¹. As questões referentes à reputação que os dois volumes haviam conferido a Kennan são mais importantes do que o conteúdo do livro para esta análise do autor, e os artigos e as palestras ministrados tomam uma dimensão muito maior no artigo, sugerindo que colaboraram mais para tal reputação do que o próprio *Siberia and the Exile System*.

Sobre os artigos publicados por Kennan ao longo da década, Stults escreve que “[t]odos os seus artigos lidavam com assuntos russos contemporâneos, providenciando uma riqueza de contexto factual, análise sucinta, e interpretação inconfundível”²¹², qualidades que os tornavam particularmente populares. Com isto, o autor construía o começo de uma argumentação que eventualmente indica que Kennan era primeiro um jornalista, depois um palestrante ou um ativista da causa dos exilados.

Antes de chegar a tal conclusão, entretanto, Stults precisa dedicar-se a explorar o sucesso da experiência de Kennan como palestrante. Ele constrói sua narrativa a partir de dados obtidos de declarações na correspondência do escritor de que este era contratado para uma quantidade alta de palestras por ano, inicialmente muito atreladas a sua atuação pela causa dos exilados russos²¹³. Seguindo o texto de Stults, é quando as facetas de palestrante e ativista de Kennan passam a perder força que aquela do jornalista demonstra seu vigor. O declínio do Kennan-palestrante daria-se primariamente devido à saúde de Kennan, já que “o estresse físico e mental de viagens e pronunciamentos constantes causaram danos ao cruzado incansável”.²¹⁴

²¹⁰ STULTS, Taylor. George Kennan: Russian Specialist of the 1890s. *Russian Review*, v. 29, n. 3, p. 275–285, 1970. Disponível em: www.jstor.org/stable/127536. Acesso em: 25 jul. 2019, p. 275. Frederick Travis destaca que o livro mais popular de Kennan com o público foi *Tent Life in Siberia* (TRAVIS, p. 40.), embora possa se argumentar que em um ou outro momento da vida do autor, ou entre certos círculos, *Siberia and the Exile System* tenha sido mais conhecido. Certamente o segundo foi mais polêmico e gerou maiores e mais acalorados debates, mas ainda assim, diferentes concepções de fama poderiam apontar para qualquer uma das obras como “a mais famosa” do autor.

²¹¹ *Ibid.*, p. 276.

²¹² “[a]ll his articles dealt with current Russian subjects, providing a wealth of factual background, succinct analysis, and unmistakable interpretation” (*Ibid.*, p. 279, tradução nossa)

²¹³ *Ibid.*, p. 278-280.

²¹⁴ “the physical and mental strain of constant traveling and speaking also took its toll of the indefatigable crusader” (*Ibid.*, p. 281, tradução nossa)

Simultaneamente, Kennan declarava em suas cartas que ministrava cada vez mais de suas palestras sobre aventuras e que tinha menos interesse em apresentar aquelas sobre exilados - era o esgotamento do Kennan-ativista. Algumas das palestras que Stults cita como as preferidas pelo ministrante e pelas suas audiências eram “*Camping Life in Siberia*” e “*Adventures in Arctic Asia*”. O historiador afirma que não sabe porque, mas que certamente Kennan havia se cansado de sua defesa do povo siberiano, e analisando uma expressão em uma de suas cartas, exclama: “‘Muito triste e sombrio’ para as audiências! A mordida de Kennan estava então claramente mais fraca” e a seguir “Sua correspondência dá a impressão de que ele estava tentando reforçar sua animação abalada se lembrando de partes mais felizes e desafiadoras de suas primeiras viagens russas”²¹⁵.

Estes trechos marcam a decadência da identidade de ativista, embora o autor indique que Kennan virá a recuperá-la, em menor escala, após o período do recorte do artigo²¹⁶. Restava-lhe ainda a do palestrante, afinal, nas mesmas datas analisadas, este havia se vangloriado dos altíssimos números de compatriotas que havia atingido com suas falas, apesar dos problemas de saúde decorrentes da intensa rotina.²¹⁷

Ao fim da década de 1890, entretanto, Kennan fora contratado para cobrir como repórter a guerra hispano-americana, o que o levou a Cuba, de onde voltou com a saúde ainda mais debilitada, mas com novos interesses que o teriam desviado definitivamente de suas palestras. Stults vê nisto a atitude que o denuncia como um indivíduo que, na verdade, “ [...] não era, afinal, essencialmente um orador, mas sim um jornalista.”²¹⁸ A carreira jornalística de Kennan teria então durado até o fim de sua vida, cobrindo a guerra russo-japonesa a partir do lado japonês (já que havia sido banido da Rússia pelos seus pronunciamentos contra as políticas czaristas), a Primeira Guerra Mundial e mesmo a Revolução Russa. Assim, Stults completa sua narrativa com Kennan em uma posição de jornalista e de maior especialista em Rússia nos Estados Unidos de sua época, destino previsivelmente anunciado no título de seu artigo.²¹⁹

Sob alguns aspectos, este panorama da perspectiva apresentada em *George Kennan: Russian Specialist of the 1890s* não parece indicar noções muito estáticas do “eu” - Kennan

²¹⁵ “‘Too sad and gloomy’ for audiences! The Kennan bite was clearly weaker now”; “His correspondence gives the impression that he was trying to bolster his sagging spirits by recalling the happier and more challenging parts of his earliest Russian visits” (STULTS, Taylor. *George Kennan: Russian Specialist of the 1890s*. *Russian Review*, v. 29, n. 3, p. 275–285, 1970. Disponível em: www.jstor.org/stable/127536. Acesso em: 25 jul. 2019., p. 282, tradução nossa) Este é o único momento do texto em que Stults menciona as viagens anteriores de Kennan à Rússia, ou seus escritos e falas a seu respeito.

²¹⁶ *Ibid.*, p. 284-285.

²¹⁷ *Ibid.*, p. 280.

²¹⁸ “[...] was not, after all, primarily a speaker but a journalist” (*Ibid.*, p. 284, tradução nossa)

²¹⁹ *Ibid.*, p. 283-285.

inicia a década bastante ativo como militante a favor dos exilados siberianos, então passa por uma fase de desencanto e exaustão com a repetição de temáticas sombrias em seu dia-a-dia exaustivo de palestrante, e finalmente tem seu interesse na Rússia renovado após um retorno à prática jornalística. No entanto, a maneira como Stults concatena sua argumentação direcionada em um sentido que indica que havia uma identidade latente em Kennan que estava a caminho de se manifestar, quase como um destino, e que finalmente se completa quando este, após seu retorno de Cuba, volta-se para a cobertura jornalística envolvendo a Rússia.

O texto de Stults pode ser pensado como uma apresentação do objeto à comunidade acadêmica. Convidando para o debate, um personagem histórico é apresentado por seu legado: suas ideias (e as motivações, intenções por trás delas) ao longo da década estudada são tornadas visíveis por meio de suas próprias declarações e sua importância é defendida pelo que declararam seus contemporâneos. Stults não realmente aborda a questão da manutenção da reputação de Kennan como especialista em Rússia ao longo da década. Esta não pareceu realmente ameaçada, uma vez que o que estava em jogo era a persistência de seu interesse no assunto apesar das dificuldades da militância e da carreira de palestrante, e não sua credibilidade. O artigo, então, dirige sua argumentação em outro sentido - a confirmação de sua identidade como jornalista.

3.3 “A” BIOGRAFIA: FREDERICK F. TRAVIS

Vinte anos após a publicação do texto de Stults veria-se o próximo trabalho acadêmico dedicado à figura do explorador, uma obra que viria a ser uma referência como nenhuma outra para os autores que a sucederam. *George Kennan and the American-Russian Relationship, 1865-1924*, a biografia publicada por Frederick F. Travis em 1990, representa um esforço massivo de pesquisa, que poderia até mesmo intimidar quem desejasse escrever sobre Kennan após sua publicação. Após tamanho escrutínio dos arquivos pessoais, de cartas manuscritas e coleções de recortes de jornal, haveria algo mais a ser dito?

Embora não seja necessária uma resenha do livro, apresentar a forma como o autor abordou a vida de Kennan mostra-se necessário. Especial atenção é dedicada a assuntos sobre a viagem de 1865-1867, sobre *Tent Life in Siberia*, e sobre este aspecto de viajante e explorador do começo de sua trajetória, além de questões sobre como a obra entende e constrói a identidade do biografado, uma vez que esta construção se mostra relevante nos trabalhos que a sucederam.

The Russian-American Telegraph Expedition foi comentado até certo ponto no capítulo anterior, durante a exposição a respeito do perfil biográfico de Kennan até o momento de sua

primeira viagem à Rússia. O autor passa rapidamente pela infância e adolescência de Kennan, pelo seu serviço militar no exército da União, pela viagem de 1865-1867, e pelo seu retorno. Uma parcela do capítulo, entretanto, é dedicada a uma exposição a respeito da expedição do telégrafo russo-americano enquanto iniciativa político-econômica, utilizando-se de historiografia sobre o contexto e de fontes primárias como declarações da *Western Union* sobre a empreitada.²²⁰ Travis demonstra aqui sua metodologia ao longo do livro - mesclar a narrativa biográfica com análises de seus múltiplos contextos, realmente justificando o subtítulo de seu livro, “*and the American-Russian Relationship*”. Não é apenas uma questão da inserção de Kennan nesta relação, mas sim duas narrativas que caminham juntas, se interpolando e dando maior sentido uma à outra.

The Apprentice Russophile trata do período entre o retorno de Kennan aos Estados Unidos, em 1868, e o crescimento de sua fama com seu envolvimento com a questão dos exilados siberianos, em 1882. Travis menciona brevemente os artigos de Kennan para a *Putnam's*, e trata de sua carreira como palestrante (aproveitando para abordar o Movimento do Liceu Americano)²²¹ e da publicação e do sucesso de *Tent Life in Siberia*, da viagem do explorador ao Cáucaso, temas que seriam frequentemente abordados pela historiografia sobre ele. Travis, entretanto, também aborda outros aspectos de sua trajetória que foram praticamente ignorados: suas mal-sucedidas carreiras de banqueiro na pequena cidade de Medina (NY) e em uma firma de seguros em Nova Iorque, crises religiosas manifestadas durante esta época, seu envolvimento com a Missão de *Water Street* - um movimento cristão de abrigo e caridade - e seu repúdio à Grande Greve Ferroviária de 1877. Estes assuntos são trabalhados atentando principalmente sobre o que eles indicavam a respeito da psicologia do biografado.

O capítulo trata ainda dos círculos sociais frequentados por Kennan em Nova Iorque, posteriormente, e em Washington, quando adquiriu uma posição junto à *New York Associated Press*. Estes círculos são interessante, pois a partir de *Tent Life in Siberia* e de suas palestras sobre o Cáucaso, Kennan teria entrado em contato com figuras de alto escalão e do governo, cientistas, membros da *American Geographical Society*, e inclusive se tornado membro da *American Association for the Advancement of Science*, além de receber convites para trabalhar junto a outras instituições científicas. Isto demonstra que, antes da controvérsia a respeito do exílio siberiano, Kennan já gozava de prestígio junto à comunidade científica e já transitava

²²⁰ TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship, 1865-1924*. Athens: Ohio University Press, 1990, p. 8-14.

²²¹ *Ibid.*, p. 37-40.

entre a alta sociedade, e que tal reconhecimento era devido às suas observações enquanto escritor de literatura de viagem.

Travis aponta, inclusive, que é anteriormente à sua viagem investigativa de 1885 que Kennan conhece um dos fundadores da *National Geographic Society*, Gardiner Greene Hubbard, que futuramente o convidou para ser o primeiro secretário da instituição. Causa estranhamento o biógrafo enfatizar, em seu capítulo seguinte, que o repertório de Kennan antes do envolvimento com a questão política (“basicamente relatos de viagem, relatando aventuras pessoais e descrições de gente, costumes e geografia”²²²) podia interessar até mesmo cientistas, mas ainda era voltado principalmente para o entretenimento. Sobre as palestras, Travis em seguida reitera que não havia nelas discussões políticas, aumentando o contraste. Esta ênfase em diferenciar uma carreira científico-política de uma de entretenimento destoa de afirmações anteriores, como a de que um cientista alemão havia informado a Kennan que *Tent Life in Siberia* havia sido citado em “estudos antropológicos alemães, incluindo os de Oscar Peschel, um dos trabalhos de maior destaque do período”²²³, e de que tal reconhecimento devia-se à importância (maior do que em qualquer outro período, segundo Travis) que a comunidade científica do período dava à pesquisa realizada por “amadores”. A separação entre “o viajante que entretém” e “o pesquisador que informa” não parece ter sido tão nítida no período quanto o autor indica.

“*Siberia: The Exiles’ Abode*”, capítulo seguinte, dá seguimento à biografia, centrando-se na repercussão do envolvimento de Kennan com a questão do exílio. Entretanto, Travis também recua alguns anos e toca em outros aspectos pouco comentados sobre sua trajetória: suas tentativas de publicar traduções da literatura russa, acompanhadas do que no texto de Travis pode ser descrito como uma busca por conflito com outro tradutor; e seu envolvimento no debate sobre as desastrosas expedições de exploração ártica *Jeannete* e da Baía de *Lady Franklin*.

O restante do capítulo é dedicado ao envolvimento de Kennan com a questão do exílio. Travis aponta desde as discussões sobre as quais ele participou e os preparativos que fez para a viagem, até as acusações que sofreu após sua mudança de opinião e o retorno financeiro que obteve com os artigos e os dois volumes de *Siberia and the Exile System*. A metodologia do autor é confrontar as análises que elabora com base nas fontes mais íntimas do arquivo pessoal

²²² “basically travelogues, relating personal adventures and descriptions of people, customs and geography” (TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship, 1865-1924*. Athens: Ohio University Press, 1990, p. 74, tradução nossa)

²²³ “german anthropological studies, including Oscar Peschel’s, one of the outstanding works of the period.” (Ibid., p. 57, tradução nossa)

do biografado - como cartas - com declarações e artigos publicados na imprensa (manifestações contra Kennan, em geral). Neste diálogo entre as fontes, as manifestações públicas levantam hipóteses externas sobre o personagem estudado, e estas são então verificadas pelo historiador com base em uma pesquisa qualificada no arquivo pessoal, capaz de observar padrões e identificar sinceridade na documentação.

De maneira geral, pode-se dizer que o que sustenta a argumentação de Travis ao longo de sua obra é a premissa de que as cartas, diários e outros documentos não publicados produzidos por Kennan e por seus círculos de familiares e amigos são fontes capazes de elaborar uma narrativa-mestra sobre sua vida, contra a qual é possível verificar o restante do conjunto documental. Isto se deve, supõe-se, à sua assumida natureza confidencial e privada, mas também ao volume deste conjunto e a consistências nele observáveis.²²⁴ O Kennan de Travis, de enorme influência sobre a historiografia posterior, é então o Kennan das cartas à família, das confissões íntimas, de um universo privado.

No capítulo *Conversion*, Travis trata da viagem de 1885-1886, aproveitando para expor dados a respeito da Sibéria e do sistema de exílio (muitas vezes utilizando o próprio *Siberia and the Exile System* como fonte, indicando o valor documental que o autor ainda atribuía à obra), mas dando ênfase especial aos encontros de Kennan com exilados políticos. Este é considerado pelo biógrafo um dos momentos mais importantes da trajetória do jornalista, por motivos assim justificados:

A conversão de Kennan foi, de fato, uma revolução pessoal em convicção, cujas consequências para a sociedade foram quase igualmente profundas. Ela teve resultados de longo alcance e de longa duração nas relações russo-americanas, especialmente no sentido não-diplomático mais amplo, e até certo ponto nas relações entre o regime czarista e toda aquela parte do mundo que se considerava ‘iluminada,’ ou ‘civilizada.’²²⁵

O foco nos encontros com exilados políticos preanuncia qual seria o principal argumento de Travis sobre tal importantíssima conversão: nestes indivíduos, Kennan teria

²²⁴ É claro, quando há discrepâncias entre duas fontes privadas, é a análise do pesquisador que determina qual apontar como verdadeira: no caso de cartas em que afirma que se encontrou com mais de trezentos exilados políticos, Travis discorda do número indicado, em favor de sua constatação de que ao longo dos diários há evidências de encontros com pouco mais de cem. Aí observa-se a força documental atribuída aos diários, por serem um registro longo, imediato e com uma certa completude. A conclusão de Travis é verossímil porque causaria mais estranhamento se Kennan registrasse apenas um terço de seus encontros nos diários do que se ele exagerasse por três vezes a cifra, ou tivesse uma memória este tanto distorcida. TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship, 1865-1924*. Athens: Ohio University Press, 1990, p.146.

²²⁵ “Kennan’s conversion was indeed a personal revolution in conviction, whose consequences to society were almost equally profound. It had far-reaching and long-lasting results on American-Russian relations, especially in the broader non-diplomatic sense, and to some extent on the relations between the tsarist regime and that whole part of the whole part of the world that regarded itself as ‘enlightened,’ or ‘civilized.’” (Ibid., p. 112, tradução nossa)

encontrado personagens que apelavam para seus valores e com os quais compartilhava um ideário político.²²⁶ Alguns destes valores - como coragem e força para enfrentar as adversidades - que encantam o viajante na década de 1880 são ligados pela narrativa biográfica a diversos outros momentos de sua vida, como seu encontro com coriacos e tchuktchis nômades na viagem a Kamtchatka ou seu apreço pelo sofrimento dos devotos sem-teto na Missão de *Water Street*,²²⁷ e então estes elementos passam a fazer mais sentido. Outros, como inteligência, educação e mesmo “boa aparência”,²²⁸ vinculam estes exilados com os círculos da elite político-intelectual aos quais Kennan se associou nos Estados Unidos, mais uma vez fazendo com que sua inclusão na narrativa aparente não ser apenas uma preocupação com a completude da biografia.

The Uncle Tom’s Cabin of Siberian Exile, por sua vez, abandona o foco na viagem em si para tratar do material publicado, dos artigos e dos volumes escritos pelo Kennan recém convertido. A recepção dos textos também é muito debatida, Travis expondo tanto o quão influente o livro foi - a comparação com *Uncle Tom’s Cabin* evidenciando o tipo de marketing em ação -, como quantas críticas ele recebeu, sendo acusado, por exemplo, de enganar o leitor com a forma de apresentar os fatos.²²⁹

De fato, em boa parte do capítulo Travis dedica-se a discutir este mesmo tipo de construção narrativa enganosa operada por Kennan ao longo de sua narrativa,²³⁰ um aspecto da biografia ignorado na maior parte pelos autores de textos mais apologéticos sobre o personagem. Sua menção anterior a como Kennan distorceu os fatos em *Tent Life in Siberia* também se transforma (como aconteceu no capítulo anterior com os encontros com nômades e cristãos penitentes), convertendo-se um precedente. Mas este escrutínio das “alterações factuais” cometidas por Kennan não é praticado por Travis com a intenção de condená-lo. Ao julgar quais seriam as possíveis razões para tais atos, parece mais plausível ao biógrafo que fossem um desejo sincero e bem-intencionado de beneficiar como pudesse a causa dos exilados

²²⁶ TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship, 1865-1924*. Athens: Ohio University Press, 1990, p. 111, 124-127, passim.

²²⁷ *Ibid.*, p. 170.

²²⁸ Em momento algum Travis traz ao leitor uma discussão a respeito de como uma certa noção de branquitude poderia ter pesado sobre esta percepção de Kennan sobre os exilados, embora em outros momentos de sua obra o autor aponte o etnocentrismo anglo-saxônico presente nos Estados Unidos da segunda metade do século XIX. Kennan compartilharia deste conjunto racista de valores a ponto de moldar a partir deles sua percepção do “caráter” cubano ou filipino em reportagens sobre os países, assim como de tecer comentários xenofóbicos sobre como Nova Iorque, por volta de 1910, estava tomada por “estrangeiros” que ele associou a pobreza, sujeira e uma humanidade “alheia”. *Ibid.*, p. 289-299.

²²⁹ *Ibid.*, p. 174.

²³⁰ *Ibid.*, p. 156-172.

políticos, cujo percebido heroísmo teria apelado ao lado do viajante que identifica como “romântico”.²³¹

Kennan, Stepniak and the Émigré Movement for Russian Freedom é o capítulo seguinte da obra, com foco na década de 1890 e na atuação de ativistas na tentativa - sem sucesso - de criar um movimento forte no ocidente de apoio à causa dos russos perseguidos pelo czarismo. Kennan assume o papel de mais um agente em um elenco complexo de indivíduos, na maioria russos. O papel secundário atribuído ao personagem que deveria ser o centro do livro deve-se a sua atuação reduzida no movimento.

Travis havia destacado anteriormente que os ciclos de palestras ministradas por Kennan haviam lhe causado grande estresse físico e mental, o deixando doente.²³² Mesmo assim, no nível de políticas estatais, seus esforços não haviam sido frutíferos, o que o teria levado a uma abordagem menos idealista e mais prática a respeito dos projetos organizados pelos outros militantes, como jornais ou associações. Para ilustrar, ele afirmou que se envolveria com um jornal, permitindo que usassem seu nome, caso uma certa quantia de capital inicial fosse adquirida, o que garantiria o sucesso.²³³ Kennan teria sofrido de esgotamento por se dedicar à causa durante tanto tempo (corroborando a hipótese de Stults), mas Travis interpreta que ele também não arriscaria sua estabilidade financeira por ela - ele não era, afinal, ele mesmo um russo, perseguido; ele possuía outras responsabilidades, como sua família.²³⁴ Esta relativização da identidade profissional de Kennan (fosse de ativista, de especialista, de explorador ou aventureiro), esta sua humanização que menciona suas dificuldades financeiras, sua família, “o restante de sua vida” não havia aparecido no texto de Stults, e não voltaria a aparecer até o mais recente dos trabalhos acadêmicos envolvendo o autor.

Civilization Versus Barbarism e War and Revolution são os dois capítulos finais da obra de Travis, excetuando-se a conclusão. Concentrando-se na cobertura de Kennan da Guerra Russo-Japonesa e da Primeira Guerra Mundial (e Revolução Russa), respectivamente, a narrativa da vida de Kennan divide consideravelmente as páginas com outros aspectos da história destes conflitos. A atuação direta de Kennan no Japão, espalhando propaganda liberal entre os prisioneiros de guerra russos é explorada no primeiro dos capítulos,²³⁵ enquanto no segundo são analisadas as sucessivas tentativas do jornalista de influenciar a política do

²³¹ TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship, 1865-1924*. Athens: Ohio University Press, 1990, p. 170-171.

²³² Ibid., p. 182-183.

²³³ Ibid., p. 204.

²³⁴ Ibid., p. 225-226.

²³⁵ Ibid., p. 257 - 259

presidente Woodrow Wilson, cobrando-lhe com grande frustração uma intervenção anti-bolchevique.²³⁶

Civilization Versus Barbarism trabalha o crescente conservadorismo de Kennan e suas raízes no imperialismo estadunidense da transição do século XIX para o XX,²³⁷ especialmente em alguns assuntos domésticos. *War and Revolution* revela como este conservadorismo se converteu em um anticomunismo paranóico durante o “medo vermelho” que assolou os EUA com a vitória bolchevique.²³⁸ Entretanto, estas constatações apenas reforçam com novas ilustrações a argumentação aqui defendida, de que na obra de Travis a identidade de Kennan é trabalhada de maneira bastante nuançada.

Ainda assim, esta identidade é, por um lado, bastante estática: se LaCapra sugere que se pense a identidade em termos de uma “constelação conflitante”, para o Kennan de Travis esta constelação é um conjunto de crenças mantido firmemente, o conflito é sua expressão cada vez mais anacrônica. Primeiro observa-se um jovem aventureiro, cheio de fé no potencial do indivíduo americano. Sua iniciativa, se instruída, é capaz de abrir infinitas possibilidades. Ao olhar para a Rússia, e ver nela esta mesma iniciativa, ele se apaixona. Em seguida, vê-se um jornalista que ainda acredita nos mesmos valores, descobrindo aqueles que percebe como seus companheiros intelectuais exilados na Sibéria, repensando se o Estado russo realmente possuía o mesmo “espírito” dos EUA. No fim de sua vida, contemplamos um ativista idoso, ainda enamorado com os princípios de americanidade que organizavam sua visão de mundo meio século antes. A potência imaginada do individualismo ocidental chocara-se com a realidade, e as derrotas sofridas por Kennan, suas causas e seus valores lhe conferiram certo amargor. A Rússia e os EUA que via diante de si estavam ambos cada vez mais distantes daquelas nações que na década de 1860 haviam tomado parte no “empreendimento mais notável do presente século”,²³⁹ e era este potencial desperdiçado havia causado muito sofrimento humano e muitas decepções.

O livro de Travis, entretanto, não esgotou as possibilidades de análise a respeito do personagem. Se uma obra cada vez incentiva maior reflexão a partir de outros olhares sobre ela,²⁴⁰ a existência de um texto complexo e competente mostrou-se um motivo para a abertura

²³⁶ TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship, 1865-1924*. Athens: Ohio University Press, 1990, p. 336-359.

²³⁷ *Ibid.*, p. 289-292, 294-301.

²³⁸ *Ibid.*, p. 360-365.

²³⁹ “most remarkable undertaking of the present century”, referindo-se ao telégrafo russo-americano. (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. iii, tradução nossa)

²⁴⁰ LEFORT, 1972 apud HARTOG, 2014, p. 34.

de variadas abordagens historiográficas, e não para seu encerramento. Os autores que deram sequência ao texto de Travis citando-o entre suas referências ilustraram perfeitamente que nenhum trabalho, por mais exaustivo (no melhor dos sentidos) que aparente ser, encerra um assunto no campo da escrita da história, pois nunca se esgotam as complexidades do passado, mesmo de um único indivíduo, e cada novo contexto de questionamento pode produzir contribuições únicas.

Travis, como mencionado no capítulo anterior, utiliza o contexto da viagem de 1865-1867 e de produção de *Tent Life in Siberia* como uma introdução aos anos seguintes da vida do autor, do auge de sua atuação política e de sua relevância na mudança na maneira dos estadunidenses verem a Rússia, objeto próprio de sua análise. Isto torna seu livro insuficiente para responder questões a respeito do espaço e do outro suscitadas pela escrita na obra de 1870: é necessária uma nova pesquisa para atender a este contexto de questionamento. Assim também se deu com o contexto do Kennan que viajou para o Cáucaso, daquele presente em cartas até então ignoradas, do sujeito visto a partir de uma análise do caráter literário de sua obra, ou a partir de uma corrente como a *Western History*, entre outras abordagens que serão exploradas a seguir.

3.4 DO CENTRO DAS ATENÇÕES A UMA PEÇA DO TODO: WILLIAM BRUCE LINCOLN

Em 1994, William Bruce Lincoln publicou um livro sobre a história da Sibéria, voltado para o público geral, *The Conquest of a Continent: Siberia and the Russians*. Um dos capítulos do livro, intitulado *Kennan's Journey*, trata das prisões e de minas de trabalhos forçados siberianas a partir de *Siberia and the Exile System*. O texto de Kennan é abordado de maneira tradicional, contribuindo como um documento-testemunho da realidade. A trajetória do explorador tem pouco a contribuir para o caráter “episódico” do livro e, portanto, está no geral ausente, incluindo *Tent Life in Siberia* e a viagem correspondente. Pela maneira como *The Conquest of a Continent* é escrito, a narrativa de Kennan e a de Lincoln se confundem, com diálogos de 1885 intercalados com argumentação atual, como na exposição de um tenso diálogo com a polícia siberiana na cidade de Perm, em que a validade dos passaportes dos viajantes havia sido contestada.²⁴¹ Travis, ao discutir o mesmo incidente, comenta como uma carta escrita logo após o ocorrido descreve o encontro e suas circunstâncias de maneira bem mais amena, o

²⁴¹ LINCOLN, Bruce W. *The Conquest of a Continent: Siberia and the Russians*. New York: Random House, 1994, p. 197-206.

que indicaria que o clima tenso da situação em Perm havia sido fabricado para a publicação do livro, com o objetivo de instigar uma certa reação em seus leitores.²⁴²

Para Lincoln, Kennan é um jornalista investigativo acima de tudo, mas ele procura, cedo em sua escrita, estabelecer que seu ponto de referência era um indivíduo virtuoso, comentando que a “integridade” do telegrafista teria lhe dado a oportunidade de, em um momento gravíssimo, ser a conexão entre o moribundo presidente Garfield (que teria sido alvejado por um “anarquista”), e o mundo.²⁴³ Contrastando, Simone Müller, ao comentar o papel de Kennan no mesmo incidente, afirmou apenas que ele havia supervisionado os informes telegráficos sobre a situação do presidente,²⁴⁴ enquanto Travis apenas mencionou que Kennan e Garfield eram membros da mesma sociedade literária (*Washington Literary Society*) e que um amigo próximo do telegrafista, Joe Stanley-Brown, era o secretário pessoal de Garfield na época de seu assassinato.

Siberia and the Exile System - embora seja usado como documento - possui valor como obra-manifesto anti-czarista e anti-repressão. As passagens selecionadas dos volumes possuem alto valor de choque, trazendo ao leitor contemporâneo a imundície, a insalubridade, a violência e a enfermidade que Kennan descreveu um século antes. Estes trechos são complementados por críticas à corrupção e à burocracia do sistema, que mais uma vez se confundem entre o que é dito por um ou outro autor. Uma vez que seu livro ainda é citado como referência em trabalhos acadêmicos, cabe criticar esta escrita, apesar de seu contexto de leitura voltado à divulgação.

Ao comentar - por exemplo - a interação de Kennan com um oficial russo, que teria debatido com Kennan sobre a possibilidade de modernizar as minas - o viajante propondo mudança, o oficial se declarando atado pela burocracia estatal - Lincoln produz um trecho que flertaria com o ridículo pelos padrões contemporâneos do que se espera de uma escrita historiográfica. A estrutura de seu texto, contudo, pode lhe conceder o benefício da dúvida, uma vez que o tom ufanista pode ser atribuído aos valores de Kennan ganhando voz na narrativa:

Na resistência passiva à tomada de decisões que perpetuamente paralisou a burocracia russa, a praticidade americana - a força incrível que desbravou o continente norte americano, construiu o maior sistema ferroviário do mundo, cruzou os oceanos do mundo com cabos telegráficos, e inventou milhares dos instrumentos que moldaram o mundo moderno - havia encontrado um rival à altura, a meio mundo de distância das fornalhas de Pittsburgh e dos campos de petróleo do Oklahoma.²⁴⁵

²⁴² TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship, 1865-1924*. Athens: Ohio University Press, 1990, p. 162-163.

²⁴³ LINCOLN, op. cit., p. 197.

²⁴⁴ MÜLLER, Simone M. *Wiring the World: The Social and Cultural Creation of Global Telegraph Networks*. New York: Columbia University Press, 2016, p. 257.

²⁴⁵ “In the passive resistance to decision making that perpetually paralyzed the Russian bureaucracy, American practicality - the awesome force that had opened the North American continent, laid the largest railroad system

Lincoln parece, no geral, muito investido no indivíduo George Kennan, de forma a pecar por uma postura acrítica a seu respeito. Quanto ao sistema prisional siberiano, entretanto, as críticas são amplas, e seria possível argumentar que o objetivo do autor era este, que *Siberia and the Exile System* era apenas um veículo para outra narrativa. Com tal fim, não seria necessário avançar do tipo de história a que Palti se refere como aquela “do que os textos dizem”, mas a discussão não deixaria de se tornar mais rasa.

3.5 NARRATIVAS MESTRAS: DANILOFF E HUNDLEY

Em 1999, Nicholas Daniloff, então professor na Escola de Jornalismo da Northeastern University, em Boston, escreveu *George Kennan and the Challenge of Siberia*, um texto que difere bastante dos outros aqui apresentados, por possuir um tom pessoal e, pode-se dizer, militante. Publicado no periódico *Demokratizatsiya*, fundado em 1992 para abordar explorar a transformação pós-soviética, o artigo acompanha a postura editorial antitotalitária observável nas outras publicações da revista.²⁴⁶

Em *Challenge of Siberia*, Kennan é apresentado a partir de algumas de suas correspondências, artigos e manuscritos analisados pelo autor, além de trechos de *Siberia and the Exile System*. Mas Daniloff, transmitindo no papel suas experiências e sua formação durante a Guerra Fria, não deixa de adicionar este componente contemporâneo ao seu conjunto de fontes de reflexão, incluindo trechos de entrevistas que realizara com acadêmicos russos e com George Frost Kennan.

O objetivo do artigo de Daniloff parece ser a apresentação da figura de Kennan como um exemplo moral para a sociedade ocidental em seu trato com a Rússia - ele exemplifica a postura de enfrentamento às injustiças percebidas, mas também as consequências de se adotar tal postura. Ademais, ao se estudar a vida do escritor na transição do século XIX para o XX, é possível traçar paralelos com experiências soviéticas nos anos finais do regime, e mesmo fazer projeções a respeito do futuro. Kennan lutou contra a tirania dos czares e pagou o preço sendo expulso do Império Russo em 1901, Daniloff foi acusado de espionagem e deportado da União Soviética em 1986, e podia-se esperar que a burocracia da Federação Russa mantivesse a

in the world, bridged the world's oceans with telegraph cables, and invented thousands of the instruments that shaped the modern world - had met its match half a world away from the blast furnaces of Pittsburgh and the oil fields of Oklahoma” (LINCOLN, Bruce W. *The Conquest of a Continent: Siberia and the Russians*. New York: Random House, 1994, p. 205, tradução nossa).

²⁴⁶ DEMOKRATIZATSIYA. *Archives*. Washington D.C., [20--]. Disponível em: <http://demokratizatsiya.pub/archives.php>. Acesso em: 15 dez. 2019.

tradição de truculência contra quem lhe opusesse. Estes paralelismos ganham força analítica a partir da reflexão de que “somos todos elos de uma corrente. Nossas ações hoje são determinadas até algum ponto pelas ações dos nossos predecessores”²⁴⁷.

O artigo busca apresentar a vida de Kennan como uma narrativa sobre o que pode se chamar de “bravura”. Para tanto, Daniloff abre seu texto com uma instância da infância do explorador, lembrada por um Kennan já adulto como um momento de fraqueza e covardia (Kennan teria se sentido mal ao presenciar uma amputação).²⁴⁸ Frederick Travis também confere importância a este incidente, como a fonte de uma necessidade de Kennan de provar sua “fibra” para si mesmo e reconquistar seu próprio respeito.²⁴⁹

A partir daí, Daniloff passa a descrever as viagens de 1865 a Kamtchatka e de 1870 para o Cáucaso colocando muita ênfase nas situações de perigo, nas adversidades e dificuldades das experiências. Ao fim da narrativa sobre a primeira destas viagens, o autor do artigo lembra a recordação de Kennan sobre seus anos como telegrafista militar em Cincinatti e de seu “experimento” para desenvolver coragem - suas caminhadas, armado, por “zonas perigosas”, de madrugada. Escrita neste momento do artigo, a constatação de que o “experimento” fora um sucesso se estende não só à Cincinatti, mas também a todos os perigos vencidos na Sibéria.²⁵⁰ Esta coragem cultivada desde as ruas de Cincinatti se estende ao Cáucaso, e eventualmente às prisões dos exilados e aos encontros com oficiais que suspeitavam de suas intenções.²⁵¹

Pode-se argumentar que o texto de Daniloff evita observar a identidade de Kennan como estática, mas o autor não deixa de apresentar a vida do viajante como uma trajetória extremamente linear, plenamente inserida na mitologia da coerência. Pode haver rupturas narrativas entre o Kennan admirador dos czares e seu crítico feroz, entre o menino covarde e o homem corajoso, mas o caminho é uma via de mão única para o crescimento moral do personagem. *Tent Life in Siberia* é, assim, um capítulo que começa na juventude de Kennan, narra a conquista do primeiro desafio siberiano, e encerra-se com a publicação do livro.

Se Taylor Stults percebeu no retorno às palestras sobre a viagem de 1865 um Kennan cansado de lutar, cuja “mordida estava fraca”, isto é impensável no texto de Daniloff - houve

²⁴⁷ “we are all links in a chain. Our actions today are determined to some extent by the actions of our predecessors” (DANILOFF, Nicholas. *George Kennan and the Challenge of Siberia*. *Demokratizatsiya*, Washington, DC, v. 7, n. 4, p. 601-612, 1999. Disponível em: http://demokratizatsiya.pub/archives/07-4_daniloff.pdf. Acesso em: 06 dez. 2019, p. 601-602, tradução nossa)

²⁴⁸ *Ibid.*, p. 601.

²⁴⁹ TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship, 1865-1924*. Athens: Ohio University Press, 1990, p. 8.

²⁵⁰ DANILOFF, op. cit., p. 605.

²⁵¹ DANILOFF, Nicholas. *George Kennan and the Challenge of Siberia*. *Demokratizatsiya*, Washington, DC, v. 7, n. 4, p. 601-612, 1999. Disponível em: http://demokratizatsiya.pub/archives/07-4_daniloff.pdf. Acesso em: 06 dez. 2019, p. 605-606, 609.

outros interesses nos anos finais de Kennan, mas em *Challenge of Siberia*, eles tomam proporção muito insignificante no texto. Ao mencionar o ano da morte do escritor, 1924, Daniloff inclusive adiciona - utilizando o mesmo termo de Travis, mas de maneira mais definitiva - que era o mesmo ano da morte de seu “nêmesis”: Lênin.²⁵² A postura de luta é levada até o túmulo.

Daniloff não vê problemas em se referir aos regimes czarista e soviético como “impérios do mal”²⁵³, nem em afirmar que Kennan fora “um exemplo para todos nós”²⁵⁴ - atitudes no mínimo deslocadas em um contexto científico. Entretanto, estas colocações são compreensíveis: como militante antissoviético, o autor enxerga na trajetória de Kennan diversos paralelos com sua própria trajetória. É por isto que ele pode afirmar: “[Kennan e seu companheiro de viagem] encontraram o olhar suspeito do regime policial que eu encontrei um século depois”²⁵⁵, ou declarar: “[a] expulsão de Kennan selou o vínculo entre eu e ele”²⁵⁶. No desejo de expressar o sofrimento que sentiu ao ser perseguido e deportado, Daniloff encontrou em Kennan um companheiro, e em sua trajetória um exemplo de bravura. O próximo trabalho a explorar o autor, entretanto, perceberia nele um exemplo de outra virtude, a compaixão.

O texto de Helen Hundley, *George Kennan and the Russian Empire: How America’s Conscience Became an Enemy of Tsarism*²⁵⁷ concentra-se no contexto da viagem de Kennan à Sibéria em 1885 e da escrita de *Siberia and the Exile System*, embora também se apoie em uma breve exposição biográfica para introduzir o tema ao leitor. O artigo foi publicado em 2000, em um dos *Occasional Papers* organizados pelo *Kennan Institute for Advanced Russian Studies*, uma divisão do *The Woodrow Wilson International Center for Scholars*. O *Kennan Institute* foi fundado em 1974 pelos esforços do embaixador George Frost Kennan, do diretor do *Woodrow*

²⁵² DANILOFF, Nicholas. George Kennan and the Challenge of Siberia. *Demokratizatsiya*, Washington, DC, v. 7, n. 4, p. 601-612, 1999. Disponível em: http://demokratizatsiya.pub/archives/07-4_daniloff.pdf. Acesso em: 06 dez. 2019, p. 611. Travis chama Lenin de nêmesis dos sonhos de Kennan para a Rússia, enquanto Daniloff o coloca como “seu nêmesis” de maneira generalizada. TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship*, 1865-1924. Athens: Ohio University Press, 1990, p. 367.

²⁵³ “Evil empires” (DANILOFF, op. cit., p. 609, tradução nossa).

²⁵⁴ “an example for us all” (Ibid., p. 611, tradução nossa).

²⁵⁵ “[Kennan and his companion] encountered the suspicious gaze of the police regime that I came to know a century later” Este é o mesmo incidente de Perm mencionado por Lincoln, discutido acima. Daniloff também não menciona as dúvidas sobre o caso levantadas por Travis, embora fosse possível que ele não tivesse tido contato com o livro de Travis, ou com as fontes específicas utilizadas pelo biógrafo (Ibid., p. 609, tradução nossa).

²⁵⁶ “Kennan’s expulsion sealed the bond between him and me” (Ibid., p. 610, tradução nossa).

²⁵⁷ HUNDLEY, Helen. *George Kennan and the Russian Empire: How America’s Conscience Became an Enemy of Tsarism*. *Kennan Institute Occasional Papers*, Washington D.C., n. 277, p. 1-18, 2000. Disponível em: https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/op277_george_kennan_russian_empire_hundley_2000.pdf. Acesso em: 18 dez. 2019.

Wilson Center e do historiador especialista em Rússia e Eurásia, S. Frederick Starr²⁵⁸. George Frost Kennan, responsável pela política de contenção da expansão soviética estabelecida durante os primeiros anos da Guerra Fria era parente do explorador George Kennan e nomeou a instituição segundo seu antepassado, pelo seu reconhecimento como o especialista em Rússia de sua época.

O artigo de Hundley tem um objetivo bastante claro - identificar porque Kennan teria “mudado de ideia” a respeito do sistema penal russo e qual o impacto que esta sua mudança teve na opinião pública estadunidense sobre este tema.²⁵⁹ Para cumprir tal objetivo, a historiadora realizou uma extensa pesquisa em arquivos russos e estadunidenses, utilizando cartas, manuscritos e fotografias do acervo pessoal de Kennan, entre outras fontes, para traçar uma trajetória da mudança de postura de Kennan. Debatendo com a obra de Travis, a autora explora aspectos diferentes do autor da biografia, ao se concentrar especificamente em algumas das relações estabelecidas por Kennan e estudá-las em profundidade. Isto porque o ponto chave da mudança, em sua análise, foi a rede de sociabilidade estabelecida entre Kennan e opositores russos do sistema de exílio czarista, a partir de um indivíduo siberiano de nome Nicholas Iadrintsev²⁶⁰. Já na narrativa de Travis é a identificação de Kennan com os exilados políticos mais liberais em um nível de intimidade e compartilhamento de cultura e valores que tem este papel central na “conversão”.

Hundley constrói uma narrativa coesa: Kennan já havia visitado a Sibéria anteriormente (na expedição relatada em *Tent Life in Siberia*)²⁶¹, e ao retornar figurou na sociedade estadunidense como um fervoroso defensor das virtudes do povo e do império russos, o que o levou a entrar em embates com William Jackson Armstrong, jornais ingleses e pessoas que via como siberianos enganados.²⁶² Tudo isto, entretanto, era evidência do apreço pelo povo russo que movia o escritor, apreço este que o tornaria predisposto a inverter sua posição ao descobrir a verdade sobre o sistema de exílio.

²⁵⁸ HARRIMAN INSTITUTE. *About us: History*. New York, NY, 2020. Disponível em: <https://harriman.columbia.edu/about-us/history>. Acesso em: 07 jan. 2020.

²⁵⁹ HUNDLEY, Helen. George Kennan and the Russian Empire: How America’s Conscience Became an Enemy of Tsarism. *Kennan Institute Occasional Papers*, Washington D.C., n. 277, p. 1-18, 2000. Disponível em: https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/op277_george_kennan_russian_empire_Hundley_2000.pdf. Acesso em: 18 dez. 2019, p. 1.

²⁶⁰ *Ibid.*, p. 3-7.

²⁶¹ *Ibid.*, p. 1. A única menção que Hundley faz a *Tent Life in Siberia* não a trata como uma “obra” a ser incluída na análise, mas apenas como um “documento” capaz de informar que Kennan conhecia a Sibéria e possuía “talento para a escrita” desde jovem. Desta forma, escapa à proposta da autora analisar afirmações neste primeiro livro do escritor que corroborassem sua narrativa.

²⁶² *Ibid.*, p. 1-3.

Uma vez convertido, Kennan passaria a militar em favor da causa dos exilados, e Hundley chama atenção para uma declaração sua de que as pessoas que encontrou não seriam “niilistas” ou “revolucionárias”.²⁶³ Stults, trinta anos antes, havia apresentado afirmações parecidas, de que as pessoas dos campos de exilados não eram “anarquistas” ou “fanáticos selvagens”²⁶⁴. Os diferentes usos que cada um dos autores fizeram de enunciações tão similares revelam como o modo de abordar o autor era diferente. Stults destaca apenas como o trecho que analisa está relacionado a seu compadecimento com a situação daquela população: pretende-se uma exposição das ideias de Kennan, o que ele declarou era reflexo de seu pensamento. Já Hundley aponta como a afirmação era uma resposta a posturas comuns na sociedade estadunidense que assumiam que todos os opositores russos eram terroristas e atiradores de bombas: há uma preocupação com o ato de pronunciar-se desta maneira, com a inserção da fala no contexto do debate político, o que Kennan dizia era uma resposta, não apenas uma reflexão interna materializada. Mas apesar desta complexificação analítica a respeito das enunciações, o texto de Hundley apresenta complicações.

O principal problema da argumentação de Hundley pode resumir-se a uma de suas afirmações iniciais: “Kennan certamente estava em uma posição para cumprir o papel que ele cumpriria. Ele estivera se preparando para ele por mais de vinte anos.”²⁶⁵ No artigo, a vida de Kennan é por completo coerente: recuando-se a “mais de vinte anos” anteriormente a 1885 à dita preparação do autor, esta transcende até mesmo sua primeira ida para a Sibéria (1865-1867). A autora em seguida menciona que, ao longo dos primeiros anos da Guerra de Secessão, Kennan havia sido um “ávido apoiador da União”²⁶⁶. A sugestão é de uma narrativa-mestra, de “defesa dos injustiçados”, na qual a mudança de percepção é condizente com esta juventude pró-união, com seu amor pelo povo russo desenvolvido em suas viagens anteriores e com sua erudição, outro caráter destacado pela autora ao longo de seu trabalho. Segundo a argumentação desenvolvida, parece evidente que Kennan só precisava conhecer alguém que o apresentasse à “realidade” do sistema penal de exílio para que ele se compadecesse das vicissitudes às quais os condenados eram submetidos e mudasse de ideia.

²⁶³ Ibid., p. 7-8.

²⁶⁴ STULTS, Taylor. George Kennan: Russian Specialist of the 1890s. *Russian Review*, v. 29, n. 3, p. 275–285, 1970. Disponível em: www.jstor.org/stable/127536. Acesso em: 25 jul. 2019, p. 276.

²⁶⁵ “Kennan was certainly in a position to play the role he was to play. He had been preparing for it for over twenty years” (HUNDLEY, Helen. *George Kennan and the Russian Empire: How America’s Conscience Became an Enemy of Tsarism. Kennan Institute Occasional Papers*, Washington D.C., n. 277, p. 1-18, 2000. Disponível em: https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/op277_george_kennan_russian_empire_Hundley_2000.pdf. Acesso em: 18 dez. 2019, p. 1, tradução nossa).

²⁶⁶ Ibid., p. 1.

A interpretação de Hundley parece muito mais concentrada nas continuidades do que em rupturas e outros fatores, de maneira mais pronunciada do que nos textos de Travis ou Stults, assemelhando-se mais ao trabalho de Daniloff quanto a este aspecto. Se para Daniloff há na trajetória de Kennan uma narrativa de bravura para ser contada, para Hundley há uma de empatia.

Até mesmo outro personagem, Iadrintsev, também desponta, na perspectiva da autora, como uma figura com uma trajetória coerente que o levou ao ponto em que estava quando deu-se seu encontro com Kennan. Filho de servos que galgaram por si próprios o caminho para a emancipação e membro de uma “geração de siberianos politicamente conscientes”²⁶⁷, ele é retratado como um indivíduo pronto para inspirar seu interlocutor, cuja posição de enfrentamento ao governo russo parece possuir quase um ar de “nobreza moral”. Ao ler sobre Iadrintsev por outra perspectiva, entretanto, ele aparece mais como um crítico desdenhoso e regionalista do governo russo e de todo tipo de iniciativa que afete sua terra natal. Este teria inclusive criticado, ao fim da década de 1850, os planos para se construir um telégrafo que passasse pela região do Amur, no leste siberiano,²⁶⁸ tratando justamente do projeto do Telégrafo Russo-Americano do qual Kennan viria a tomar parte.

E Kennan não apenas participaria de tal empresa, como em seu *Tent Life in Siberia* defenderia que, mesmo com o sucesso do Cabo Atlântico, se prosseguisse com a construção do telégrafo em Kamtchatka, passando pela região do Amur, para poder conectar às linhas estadunidenses às chinesas.²⁶⁹ Uma abordagem menos preocupada com continuidades e disposta a trabalhar com o caráter contingente de certos acontecimentos talvez pudesse trazer à tona as possibilidades de conflito ou distanciamento entre as duas figuras decorrentes desta oposição, ainda que ultimamente eles tenham formado laços de amizade e camaradagem.

3.6 NOVOS ENFOQUES: FRITH MAIER

A autora Frith Maier insere-se na discussão em 2003, como editora de *Vagabond Life: The Caucasus Journals of George Kennan*, resultado de sua dissertação de mestrado em

²⁶⁷ “a generation of politically aware Siberians” (HUNDLEY, Helen. *George Kennan and the Russian Empire: How America’s Conscience Became an Enemy of Tsarism. Kennan Institute Occasional Papers*, Washington D.C., n. 277, p. 1-18, 2000. Disponível em: https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/op277_george_kennan_russian_empire_Hundley_2000.pdf. Acesso em: 18 dez. 2019, p. 4, tradução nossa).

²⁶⁸ BASSIN, Mark. *Imperial Visions: Nationalist Imagination and Geographical Expansion in the Russian Far East, 1840–1865*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 233.

²⁶⁹ KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 423.

Estudos da Rússia, Leste Europeu e Ásia Central. A autoria do texto não é de todo creditada a Maier, contudo: o autor “oficial” é o próprio George Kennan, pois o livro apresenta uma série de escritos seus, reeditados e então publicados pela primeira vez. O trabalho de Maier na obra, contudo, abrange desde a exposição do acervo utilizado no livro (o diário de viagem de Kennan pelo Cáucaso), passando pela transcrição dos manuscritos, seleção e organização do texto, intercalando seções do diário com cartas, artigos e registros de palestras escritos pelo explorador, até a redação de uma introdução, que além de discutir a carreira e o olhar de Kennan, apresenta ainda um panorama histórico da região do Cáucaso até a época da sua viagem.

A introdução escrita por Maier é o momento em que a autora efetua sua exposição analítica a respeito de Kennan e da região do Cáucaso, podendo ser dividida nestes dois momentos. Sua análise de George Kennan é a primeira (pelo menos entre os trabalhos acadêmicos em que o autor é o foco) que não se volta principalmente para o posicionamento político de Kennan após a publicação de *Tent Life in Siberia*. A autora escreve sua argumentação ciente da “heterodoxia” de sua abordagem:

Os escritos de viagem e exploração de Kennan foram obscurecidos pelas suas reportagens políticas de grande repercussão a partir da década de 1880, mas ele foi realmente um modelo da viagem aventureira e um explorador no maior sentido - um estudante e um intérprete de culturas.²⁷⁰

Apesar deste ponto de vista, ao elaborar uma resenha de seu livro para a *World Policy Journal*, Maier a intitula *The Forgotten George Kennan: From Cheerleader to Critic of Tsarist Russia*²⁷¹. Esta é uma adaptação de sua introdução, voltada para uma de suas seções. Tratando do assunto mais clássico dos trabalhos com o autor, ela não faz jus ao conjunto do livro e à sua análise mais densa.

Na primeira seção de seu texto, *Kennan's road to Dagestan*, Maier logo informa ao leitor quem é o George Kennan de quem fala. Ela começa, entretanto, tratando de quem ele não seria: nem um enviado da realeza, nem um missionário religioso, nem alguém em busca de riquezas. Após abrir o texto com estes modelos de viajantes aos quais Kennan se opõe, Maier pode prosseguir identificando “viajante” como sendo o principal componente de sua identidade

²⁷⁰ “Kennan's travel and exploration writings have been obscured by his high profile political reporting from the 1880s on, but he was truly an adventure travel paragon and an explorer in the great sense - a student and interpreter of cultures” (MAIER, Frith. Preface. In.: KENNAN, George; MAIER, Frith; WAUGH, Daniel C. *Vagabond Life: The Caucasus Journals of George Kennan*. Seattle: University of Washington Press, 2003. p. vii-xii, p. xi, tradução nossa).

²⁷¹ Id. *The Forgotten George Kennan: From Cheerleader to Critic of Tsarist Russia*. *World Policy Journal*, Durham, v. 19, n. 4, p. 79-84, 2002. Disponível em: www.jstor.org/stable/40209837. Acesso em: 07 nov. 2019.

de maneira fluida. Seu local dentro deste conjunto heterogêneo de indivíduos é o de um apaixonado, um “viajante do mundo um século antes da viagem global para pessoas ordinárias se tornar prática ou de bom gosto”²⁷². Esta identidade monolítica e fato de a autora associar esta “paixão” com “instintos” com os quais seu objeto teria nascido sugere que tanto a mitologia da coerência quanto uma noção relativamente estática do eu estarão presentes no texto de Maier.

A apresentação da biografia de Kennan até o momento de sua viagem ao Cáucaso constrói bem este cenário - se em Hundley a atuação de Kennan na Guerra Civil era um indicativo de sua preocupação com o oprimido, no texto de Maier ela é apenas uma tentativa de escapar do escritório de telegrafia em Norwalk, rapidamente esquecida em favor do projeto do Telégrafo Russo-Americano. O Kennan da “estrada para o Daguestão” se caracterizava muito mais por ler livros de viagem, sonhar com lugares distantes e desejar acampar em sua infância do que por qualquer posicionamento político-moral durante a Secessão. Para este Kennan, a viagem para Kamtchatka representou o momento em que adquiriu o gosto pela viagem, e *Tent Life in Siberia* foi o livro que ele terminou a caminho do Cáucaso.²⁷³

A seção seguinte, *Kennan's Evolution from Cheerleader to Critic of the Tsar*, dá base a boa parte do artigo mencionado. Abordando as questões da vida de Kennan após seu retorno do Cáucaso, e focando-se neste aspecto “canonizado academicamente”, ela pode registrar ao leitor como algo que, naquele contexto de produção historiográfica, “precisava constar” para que o texto estivesse completo. Maier trata de temas que já apareceram nos textos de Travis e Stults, descrevendo a carreira jornalística de Kennan. Ainda assim, talvez pela apresentação dele primariamente como um viajante, a autora destoa de Stults ao não chamar atenção para o jornalismo como sua principal vocação.²⁷⁴

A seção mais instigante do texto de Maier, entretanto, é *The Caucasus through Kennan's Eyes*, onde a autora comenta o seu trabalho com os diários de Kennan como fonte. A autora expõe características que permeiam a escrita do explorador, revelando como estar consciente delas pode ajudar o pesquisador na sua aproximação com suas obras. Uma primeira colocação é a de que Kennan teria uma tendência maior a romantizar e orientalizar as populações do Cáucaso em seus escritos direcionados à publicação do que em seus diários, que por sua vez romantizavam mais a paisagem do que o outro.²⁷⁵ De fato, Maier aponta como

²⁷² “a world traveler a century before global travel for ordinary people became fashionable or practical” (Id. Introduction. In.: KENNAN; MAIER; WAUGH, op. cit., p. 3-42, p. 3, tradução nossa)

²⁷³ MAIER, Frith. Introduction. In.: KENNAN, George; MAIER, Frith; WAUGH, Daniel C. *Vagabond Life: The Caucasus Journals of George Kennan*. Seattle: University of Washington Press, 2003, p. 3-42, p. 3-6.

²⁷⁴ Ibid., p. 8-12.

²⁷⁵ Ibid., p. 12

diálogos que apareciam em publicações estavam ausentes das anotações, indicando que mesmo que as conversas com as populações locais tivessem acontecido, a escolha das palavras específicas para a publicação deu-se posteriormente.²⁷⁶ Parte de um processo de construção de narrativas que interessassem a um público que esperava histórias empolgantes e exóticas, este tipo de “embelezamento” dos fatos foi similarmente identificado por Travis em *Tent Life in Siberia*. Segundo o biógrafo, ao descrever o resgate de seus companheiros na região da Bacia do Anadyr, Kennan haveria exagerado o perigo da situação e seu papel de herói para a publicação.²⁷⁷

Outras características observadas por Maier nos diários do explorador foram a predisposição de Kennan para tomar o lado russo nas suas observações, a atenção para os detalhes - principalmente materiais, como quais livros estavam presentes na casa de um morador, ou que moeda circulava -, e mesmo uma abertura considerável para com outras culturas, embora não desvinculada de preconceitos de supremacia ocidental. A ausência de alguns temas, como a educação, e o caráter fracionário da visão que o escritor apresenta da região também não escapam à autora, assim como o problema do quão fluente em russo ele era, e o quanto isso teria afetado sua experiência como viajante e comentarista.²⁷⁸ Todas estas questões também são pertinentes para o estudo de *Tent Life in Siberia*: as predisposições, a atenção aos detalhes, os temas ignorados, a visão parcial, a abertura acompanhada de um sentimento de superioridade, e mesmo a dificuldade linguística são observáveis na obra, que afinal foi completada no mesmo ano do começo do registro destes diários. Mesmo o estudo em livros sobre a região que a autora comenta²⁷⁹ é também verificável ao longo da leitura de *Tent Life in Siberia*.

O Kennan de Maier é muito próximo do que publicou seu livro sobre Kamtchatka, talvez mais do que aquele trabalhado por qualquer outro de seus estudiosos até então. Duas diferenças expressivas existem entre estes dois momentos, entretanto: a primeira, já comentada, é a do escrito para a publicação em contraste com o diário de campo; a segunda é a do objetivo da viagem. Na última seção sobre Kennan de sua introdução - *Vocatón: Vagabond* - Maier atesta que seu livro trata acima de tudo de um aventureiro²⁸⁰. Ele teria feito esta viagem simplesmente por querer voltar “à estrada”, ter outra aventura, enquanto entre 1865 e 1867, o explorador

²⁷⁶ MAIER, Frith. Introduction. In.: KENNAN, George; MAIER, Frith; WAUGH, Daniel C. *Vagabond Life: The Caucasus Journals of George Kennan*. Seattle: University of Washington Press, 2003, p. 12-13

²⁷⁷ TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship, 1865-1924*. Athens: Ohio University Press, 1990.

²⁷⁸ MAIER, op. cit., p. 3-42, p. 15-22

²⁷⁹ Ibid., p. 22-24

²⁸⁰ Ibid., p. 24-27

estava a serviço de uma empresa, de um gigante das comunicações em formação. Em sua primeira viagem ao território russo, Kennan era membro de uma “vanguarda do capitalismo”,²⁸¹ este senso de um nobre propósito em nome da civilização, do progresso e da humanidade que ele acreditava ter permeia sua escrita. Esta intencionalidade não está presente no Kennan do Cáucaso, que se declara plenamente contente em ser um “vagabundo” - “um simples observador no grandioso mundo de Deus - estudando aquelas coisas que o interessam por nenhuma outra razão a não ser que elas lhe interessam”²⁸².

3.7 DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: BRUMFIELD E VAN ZYL

Em 2012, William Craft Brumfield, historiador da arquitetura russa e fotógrafo arquitetônico publicou *Appointment in Dauria: George Kennan, George Frost, and the Architectural Context*. O texto foi publicado pela *Harriman Review*, revista do *Harriman Institute*, centro acadêmico dedicado a estudos interdisciplinares dos estados formadores da antiga União Soviética e do leste europeu, localizado na universidade de Colúmbia.²⁸³ Tratando da viagem correspondente a *Siberia and the Exile System*, Brumfield especifica que seu objetivo não é comentá-la, mas sim “apresentar uma visão da arquitetura e do pano de fundo histórico dos assentamentos pelos quais Kennan e Frost passaram”²⁸⁴. O foco diferenciado apresentado em *Appointment in Dauria* é interessante por exemplificar outros usos possíveis para a obra de Kennan - segundo o autor, ele sequer dedicava muita atenção à arquitetura, embora as gravuras de seu companheiro, Frost, apresentassem grandes detalhes arquitetônicos.

O artigo apresenta discussões a respeito da expansão russa para a área conhecida como Transbaikal, entre o lago Baikal e o Rio Amur, uma área fronteira entre a Rússia, a China e a Mongólia. A partir da arquitetura, Brumfield explora a história do assentamento na região, focando-se nas localidades por onde Kennan e Frost passaram: Verkhneudinsk, Selenginsk, Gusinoe Ozero, Kiakhta, Nerchinsk e Chita. Conflitos locais, urbanização, composição populacional, religiosidade e outros aspectos são explorados em um recorte temporal

²⁸¹ PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. Second Edition. Taylor & Francis e-Library, 2008. p. 143-152.

²⁸² “a simple observer in the great world of God - studying those things which interest him for no other reason than because they do interest him” (KENNAN, [S. d.] apud MAIER, 2003, p. 26, tradução nossa)

²⁸³ HARRIMAN INSTITUTE. *About us: History*. New York, NY, 2020. Disponível em: <https://harriman.columbia.edu/about-us/history>. Acesso em: 07 jan. 2020.

²⁸⁴ “to present a view of the architecture and historical background of the settlements through which Kennan and Frost pass” (BRUMFIELD, William Craft. *Appointment in Dauria: George Kennan, George Frost, and the architectural context*. New York, N.Y. : Harriman Institute, 2012, p. 3, tradução nossa).

consideravelmente mais amplo do que o de *Siberia and the Exile System*, com o autor recuando sua análise até o século XVII e estendendo-a até o presente da publicação.

A escrita de Kennan, além de ordenar a estrutura por meio das localidades visitadas pelo autor, assume um caráter acessório - inclusive de forma literal, uma vez que a maior parte da interação entre ela e o artigo de Brumfield dá-se através de excertos listados em um apêndice, aos quais este remete ao longo de seu texto.²⁸⁵ Há um enfoque documental (Lacapra), ou externo (Hartog) em *Appointment in Dauria*: o livro - seja em suas palavras ou em suas ilustrações - serve como uma fonte capaz de adicionar ao conhecimento sobre o passado ao ser comparada com outras fontes, outras análises e outras textualidades. Desta forma, a viagem de Kennan aparece muito pouco ao longo do artigo, que é sua própria narrativa sobre a região, como seu fecho indica:

Os valores representados nesta herança arquitetônica sugerem uma narrativa paralela àquela apresentada no livro de George Kennan. As narrativas complementam uma a outra, e cada uma é essencial para um entendimento do legado histórico da Dauria e do desenvolvimento futuro da zona Transbaikal.²⁸⁶

O artigo de Brumfield faz um uso distinto do texto de *Siberia and the Exile System*, não se concentrando nos aspectos da obra enquanto crítica do sistema de exílio. Ele não deixa de lembrar o leitor deste aspecto do livro, mas em sua análise centrada em visualidade e arquitetura demonstra que este é passível de ser fonte para diversos outros problemas historiográficos. A descrição do interior de uma mansão visitada por Kennan é abordada no artigo não apenas como uma possibilidade de preencher uma lacuna no registro material (este interior havia sido destruído), mas também como um caminho para se refletir sobre as percepções de um estadunidense na Sibéria, o que o surpreendia, quais relações ele estabelecia entre o que via e seu conhecimento e experiência.²⁸⁷

Estas relações mais diretas, entretanto, são tímidas. Como o autor nos informa, seu texto e o de Kennan funcionam mais como “narrativas paralelas”. O maior mérito do artigo de Brumfield está na sua articulação do imaginário trazido a partir dos excertos e ilustrações de *Siberia and the Exile System*, com aquele construído por suas próprias fotografias, e com a extensa pesquisa historiográfica realizada. Esta articulação resulta em uma historiografia capaz de construir conhecimento histórico de forma bastante visual, relacionada à imagem e à

²⁸⁵ BRUMFIELD, William Craft. *Appointment in Dauria: George Kennan, George Frost, and the architectural context*. New York, N.Y. : Harriman Institute, 2012, p. 59-66.

²⁸⁶ “The values represented in this architectural heritage suggest a parallel narrative to the one presented in George Kennan’s book. Each narrative complements the other, and each is essential for an understanding of the historical legacy of Dauria and the future development of the Transbaikal” (Ibid., p. 55, tradução nossa).

²⁸⁷ Ibid., p. 40-41.

materialidade. O texto seguinte a estudá-lo, contudo, talvez seja o menos preocupado com o âmbito material, o mais focado no aspecto discursivo da obra de Kennan até então.

Em 2014, a pesquisadora sul-africana Estelle Van Zyl defendeu a dissertação de mestrado *Siberia Revealed Through The Travel Narrative: a Russian, American and British perspective*,²⁸⁸ uma pesquisa comparativa entre as obras de três viajantes de diferentes nacionalidades que percorreram a Sibéria e campos de exilados no século XIX. Defendida para a aquisição do título de mestre em russo, a análise dá-se sobre de três obras, escritas pelo russo Anton Chekhov, por George Kennan e pelo inglês Harry de Windt.²⁸⁹ A sessão sobre Kennan refere-se ao seu *Siberia and the Exile System*, mas uma breve biografia ao fim do trabalho menciona também outros aspectos de sua vida.²⁹⁰

Kennan e sua vida não são o foco da análise, mas sim a obra *Siberia and the Exile System*, cuja análise é dividida pela autora em sete perspectivas de investigação: conteúdos, estrutura, linguagem e estilo, ponto de vista, discurso, análise temática e uma conclusão. Devido à metodologia diferenciada, mais interessada em aspectos formais e na narrativa em si em comparação aos estudos anteriores, serão apresentados a seguir os principais procedimentos utilizados pela pesquisadora. Van Zyl dedica-se primeiramente a descrever que tipo de conteúdo um leitor pode esperar encontrar no livro de Kennan, destacando o uso de dados estatísticos, assim como “biografias de exilados individuais, digressões históricas, reportagens etnográficas sobre populações indígenas e referências à natureza e a características geográficas”²⁹¹ para complementar e embelezar sua própria narrativa de viagem.

Se, como Palti aponta referindo-se à perspectiva da escola francesa de história intelectual, a linguagem política não é um conjunto de enunciados ou proposições sobre o estado do mundo, mas um dispositivo para produzi-los,²⁹² os usos destes e de outros elementos,

²⁸⁸ VAN ZYL, Estelle. *Siberia Revealed Through The Travel Narrative: a Russian, American and British perspective*. Pretoria. 2015. 174f. Dissertação (Mestrado em Russo) - Linguistics and Modern Languages, University of South Africa, Pretoria, 2015.

²⁸⁹ A relação entre os três autores tem precedentes historiográficos: Travis menciona o livro de De Windt, *Siberia as it is*, como uma resposta ao criticismo de Kennan (TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship*, 1865-1924. Athens: Ohio University Press, 1990, p. 175-176), e destaca a inspiração que pode ser atribuída a Kennan para a obra de Tchekhov, *Остров Сахалин* (Ilha Sacalina) (Ibid., p. 232-233). Andrew Gentes também destaca a inspiração que Kennan teria sido para a viagem de Tchekhov, além de também tratar sobre De Windt e a campanha oposta desempenhada por este, bem como por outro viajante, o estadunidense Benjamin Howard. Cf. GENTES, Andrew. Sakhalin as Cause Célèbre: The Re-signification of Tsarist Russia's Penal Colony. *Acta Slavica Iaponica*, Sapporo, v. 32, p. 55-72, 2012. Disponível em: <http://src-h.slav.hokudai.ac.jp/publictn/acta/32/03Gentes.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2020, p. 58-63.

²⁹⁰ VAN ZYL, op. cit., p. 171-172.

²⁹¹ “biographies of individual exiles, historical digressions, ethnographic reports on the indigenous populations and references to nature and geographical features” (Ibid., p. 81, tradução nossa)

²⁹² PALTI, Elias José. Nueva historia intelectual y temporalidad de los conceptos: ambigüedades y bifurcaciones. In: PAREDES, M; ARMANIA, C.H.; AREND, H. *História das Ideias: proposições, debates e perspectivas*. Santa Cruz do Sul: EdUNISC, 2011. p. 58-89, p. 71.

como ilustrações ou apêndices, são como peças deste dispositivo. Elas aumentam seu alcance e seu poder de divulgar o problema político particular que Kennan apresentava, ao tornar o texto mais inteligível e observando as normas editoriais que, naquele contexto, determinavam o quê fazia um bom livro. A inclusão de um grande número de ilustrações e a reedição do índice na edição de 1910 de *Tent Life in Siberia* são indicativos desta preocupação com a inteligibilidade.

A autora então segue descrevendo os principais elementos da narrativa de Kennan, apresentando uma espécie de resenha crítica da obra. Seu posicionamento quanto à “conversão” de Kennan demonstra um alinhamento maior com a interpretação de Travis de que ela se deu durante os primeiros encontros com os exilados.²⁹³ Ao mencionar a inclusão de trechos que não tratam do sistema de exílio, como os selecionados por Brumfield para sua análise arquitetônica, Van Zyl os atribui a um “cansaço”.²⁹⁴ Tal fadiga da desolação do sistema prisional reforça uma compreensão de que uma identidade menos monolítica para o escritor. Mesmo agindo como jornalista investigativo, ele ainda possuía outros interesses, ainda tinha seus limites para lidar com aspectos mais desagradáveis da viagem, enfim, ainda era um indivíduo complexo - aspecto mais ou menos ausente de alguns trabalhos analisados.

Ao cansaço, entretanto, Van Zyl soma estratégia: uma alternância que identifica entre capítulos dedicados ao sistema penal e outras mais leves, dedicadas à beleza da paisagem ou a relatos etnográficos curiosos. Elas serviriam para manter o leitor sempre interessado no texto. Como Travis destaca ao tratar sobre as palestras da década de 1890, Kennan sabia que seus temas de aventura faziam sucesso desde o começo de sua carreira como escritor e palestrante. O autor tinha objetivos com seu texto, e sua organização indica que sabia como alcançá-los.

A questão das intenções do autor é primeiro exposta durante o comentário de Van Zyl sobre o prefácio de *Siberia and the Exile System*: “[o] primeiro volume contém um prefácio no qual Kennan explica sua motivação para escrever o livro. Ele também responde a críticas de seus artigos publicadas antes da aparição de seu livro”²⁹⁵. As intenções declaradas não são problematizadas, a autora apenas aponta que no livro seria possível encontrá-las. Travis, por

²⁹³ VAN ZYL, Estelle. *Siberia Revealed Through The Travel Narrative: a Russian, American and British perspective*. Pretoria. 2015. 174f. Dissertação (Mestrado em Russo) - Linguistics and Modern Languages, University of South Africa, Pretoria, 2015, p. 82.

²⁹⁴ Ibid., p. 85.

²⁹⁵ “[t]he first volume contains a preface in which Kennan explains his motivation for writing the book. He also responds to criticism on his articles published prior to the appearance of the book” (Ibid., p. 86, tradução nossa).

exemplo, menciona que Kennan foi acusado de mudar de lado de forma mercenária,²⁹⁶ o que poderia ter afetado a redação deste prefácio.

Esta perspectiva o incluiria no contexto do diálogo político em que se inseria, levando em consideração intenções que surgem durante a escrita ou após a recepção de um texto, possibilidade de trabalho apontada por Lacapra.²⁹⁷ Van Zyl, no entanto, está interessada nas intenções não declaradas, mas implícitas na escrita da obra.

Ao buscar nos usos de sarcasmo, ironia e humor uma tentativa de aproximação com o leitor, de transmitir-lhe o absurdo, Van Zyl constrói sua análise no interior do texto, procurando estabelecer como determinadas ferramentas são utilizadas pelo seu autor em relação ao restante do livro. Isso se repete ao identificar nos usos da primeira pessoa ou de opiniões alheias um padrão de confirmação de seus posicionamentos, ou de deboche de opositores.²⁹⁸ Este tipo de perspectiva relacional, como Hartog coloca, é capaz de superar problemas de uma análise interna que, de outra forma, poderia se mostrar sem referente.²⁹⁹

Van Zyl também oferece em seu texto interpretações para as intenções não declaradas transmitidas pelo estilo do texto. Segundo a autora, a partir da maneira como Kennan escreve é possível afirmar que “[e]le quer ter certeza de que o leitor sabe exatamente quão complicada era a missão na qual ele estava para embarcar”; “[d]o começo fica claro que Kennan não está apenas descrevendo uma região, mas também contando uma história de aventura”³⁰⁰. Há uma preocupação ao mesmo tempo com a função de um enunciado no conjunto da narrativa e com sua função na interação do texto com o leitor.

Ao apresentar quais são os principais temas que se destacam em uma análise de *Siberia and the Exile System*, a autora identifica a alteridade, o patriotismo associado à nostalgia, o sofrimento e as privações físicas, e o medo das autoridades.³⁰¹ Destas temáticas, a alteridade expõe alguns aspectos contraditórios, no geral ausentes de análises mais “ênfatuadas” com

²⁹⁶ TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship, 1865-1924*. Athens: Ohio University Press, 1990, p.88-97.

²⁹⁷ LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intelectual y leer textos. In: PALTÍ, Elias José. *Giro Lingüístico e História Intelectual*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998, p. 253-256, p. 253-256.

²⁹⁸ VAN ZYL, Estelle. *Siberia Revealed Through The Travel Narrative: a Russian, American and British perspective*. Pretoria. 2015. 174f. Dissertação (Mestrado em Russo) - Linguistics and Modern Languages, University of South Africa, Pretoria, 2015, p. 90.

²⁹⁹ HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Tradução: Jacyntho Lins Brandão. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 47.

³⁰⁰ “[h]e wants to make sure that the reader knows exactly what a complicated mission he is about to embark on” ou que “[f]rom the outset it is clear that Kennan is not only describing a region but also telling an adventure story” (VAN ZYL, op. cit., p. 87, tradução nossa).

³⁰¹ *Ibid.*, p. 94-101.

Kennan, como uma “superioridade estadunidense” - e eventualmente ocidental - e uma “inferioridade russa”, nas figuras do bêbado ou do burocrata ineficiente.

Este etnocentrismo ocidental de Kennan dificilmente é mencionado por quem o está colocando em uma posição quase absolutamente moral, como Lincoln e Daniloff. Nos seus textos, inclusive, há instâncias em que o discurso de inferioridade russa de Kennan se confunde com a fala do autor, como no trecho de Lincoln discutido acima, ou quando Daniloff afirma acriticamente que Kennan “viria reverter suas visões sobre a capacidade da Rússia de arcar com o fardo do homem branco”.³⁰²

Já as conclusões de Van Zyl apresentam aspectos conflituosos ou contraditórios referentes aos volumes analisados. Aspectos relevados por outros analistas, como a descrição favorável de uma das prisões visitadas, que estaria em condições praticamente perfeitas também recebem atenção.³⁰³ O texto de Van Zyl é, nesse sentido, representativo de novas abordagens acadêmicas menos comprometidas com uma espécie de exaltação da trajetória de Kennan.

3.8 ABORDAGENS CONTEMPORÂNEAS: WROBEL E SMITH-PETER

Em 2015, David Wrobel escreveu o artigo *Considering Frontiers and Empires: George Kennan's Siberia and the U.S. West* para a *Western Historical Quarterly*, periódico oficial da *Western History Association*. O autor abordou de maneira relativamente equilibrada questões sobre as duas viagens de Kennan à Sibéria e sobre comentários de Kennan quanto à política indigenista dos EUA. Interessado nas obras e posicionamentos do explorador e escritor como possibilidades de traçar comparações entre as práticas do Império Russo e do Império Americano³⁰⁴ em suas respectivas regiões de fronteira, Wrobel expõe estes objetivos já no resumo de seu artigo. O autor explicitou assim seu recorte e a corrente teórica a partir da qual leu George Kennan - a *Western History*.

³⁰² “would reverse his views about Russia’s ability to shoulder the white man’s burden” (DANILOFF, Nicholas. *George Kennan and the Challenge of Siberia*. *Demokratizatsiya*, Washington, DC, v. 7, n. 4, p. 601-612, 1999. Disponível em: http://demokratizatsiya.pub/archives/07-4_daniloff.pdf. Acesso em: 06 dez. 2019, p. 607, tradução nossa).

³⁰³ VAN ZYL, Estelle. *Siberia Revealed Through The Travel Narrative: a Russian, American and British perspective*. Pretoria. 2015. 174f. Dissertação (Mestrado em Russo) - Linguistics and Modern Languages, University of South Africa, Pretoria, 2015, p. 103. Travis é o único que comenta sobre estes comentários favoráveis, inclusive afirmando que em textos não publicados Kennan teria produzido mais descrições positivas. TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship, 1865-1924*. Athens: Ohio University Press, 1990, p. 167-168.

³⁰⁴ WROBEL, David. *Considering Frontiers and Empires: George Kennan's Siberia and the U.S. West*. *Western Historical Quarterly*, v. 46, n. 3, p. 285-309, autumn 2015. Disponível em: <https://academic.oup.com/whq/article-abstract/46/3/285/2461787?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 03 jun. 2019, p. 309.

O interesse do próprio campo na trajetória de Kennan é justificado por Wrobel: a corrente historiográfica estaria se movendo em direção a abordagens mais globais,³⁰⁵ assim estudos comparativos e transnacionais como o apresentado pelo autor encontram seu local. *Considering Frontiers and Empires*, por sua vez, apresenta a trajetória de George Kennan para tratar do pensamento estadunidense do século XIX sobre sua própria expansão imperial - o espaço global ocupado pelos EUA e a dicotomia entre uma nação excepcional e mais um império entre outros são questões que Wrobel julga poder estimular com o estudo deste personagem histórico.

Os paralelos possíveis de se traçar entre o Oeste e a Sibéria ajudam a perceber aquele como uma fronteira das expansões coloniais e imperialistas do século XIX. A circulação de ideias suscitada pelos próprios textos de Kennan é o principal motor da argumentação de Wrobel para sua inclusão neste quadro analítico: seus posicionamentos sobre o sistema de cárcere e exílio siberiano teriam operado uma mudança na opinião pública - e mesmo em políticas públicas - a respeito do Império Russo e dos czares como governantes (após a mudança na opinião *particular* do autor, evidentemente). O papel que pode ser atribuído a uma obra - no caso *Siberia and the Exile System* e os artigos que a precederam - neste processo de mudança de opinião em escala nacional e internacional é exemplificado pela analogia de Travis, citada por Wrobel, ao chamar o livro de Kennan de *Uncle Tom's Cabin of Siberian Exile*.

A analogia, segundo Travis, na verdade data de contemporâneos do lançamento da obra: o próprio editor da *Century*, onde foram publicados os artigos que a antecederam, havia feito um prognóstico de que a escrita de Kennan teria um impacto comparável ao do livro de Harriet B. Stowe.³⁰⁶ Se *Uncle Tom's Cabin*, com sua representação da crueldade da escravidão nos EUA, havia se tornado um símbolo para o movimento abolicionista, Travis aponta, *Siberia and the Exile System*, descrevendo os horrores do sistema de exílio na Rússia, veio a simbolizar o apoio estrangeiro ao movimento revolucionário russo.³⁰⁷

Wrobel, no entanto, não se concentra apenas no impacto de *Siberia and the Exile System* sobre a questão da oposição ao despotismo czarista. Ao longo do seu artigo, o autor se concentra em diferentes aspectos da trajetória de Kennan, descrevendo-os de maneira a propor uma coerência nas posturas por ele adotadas. O Kennan apresentado em *Considering Frontiers and Empires* teve experiências positivas com indígenas siberianos na década de 1860, apresentou

³⁰⁵ Ibid., p. 285

³⁰⁶ TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship, 1865-1924*. Athens: Ohio University Press, 1990, p. 153-154.

³⁰⁷ Ibid., p. 231-232.

tendência a compará-los aos indígenas norte-americanos em *Tent Life in Siberia*, e na década de 1880 simpatizou com os exilados e prisioneiros do Império Russo. O conjunto destas experiências, por sua vez, “provavelmente” contribuiu para sua postura de oposição às cruéis políticas indigenistas dos EUA na transição do século XIX para o XX, quando Kennan publicou artigos se opondo a projetos de lei que vinham expropriando terras indígenas de maneira inescrupulosa.³⁰⁸ Quanto a esta “coerência”, contudo, Wrobel é particularmente brando - ao analisar a expedição de *Tent Life in Siberia*, por exemplo, ele não conduz o leitor a entender o explorador como um cruzado embrionário das causas indígenas -, sem necessariamente cair na “mitologia” apontada por Skinner. O artigo é bem-sucedido em demonstrar uma “unidade pela manifestação da diferença”, como proposto por Lacapra, ao levar em conta diferentes textos da obra - e aspectos da vida - de Kennan, expressos nos três momentos analisados pelo autor.

A historiadora Susan Smith-Peter contribuiu para os *Occasional Papers* do *Kennan Institute*, com seu artigo *The Siberian Letters of George Kennan the Elder, 1866-1867*, de 2016. O objetivo de seu artigo é, como exposto pela própria autora, apresentar fontes até então ignoradas por quem trabalhou com a vida e a obra de George Kennan. Estas fontes são cartas mantidas em outro arquivo, que não o mais trabalhado acervo da Biblioteca do Congresso dos EUA. Smith-Peter fez uma seleção destes documentos, e trouxe suas transcrições dos manuscritos para compor este artigo. Cada transcrição é acompanhada de um breve parágrafo introduzindo o tema e situando o leitor, e o texto conta ainda com uma introdução, na qual a autora apresenta uma resumida biografia de Kennan, concentrando-se nos anos da viagem de 1865-1867, por ser o período das cartas.

As três páginas que compõem a “introdução” do artigo de Smith-Peter - o trecho anterior à transcrição das cartas - resumem de maneira muito concisa sua biografia. A autora apresenta o explorador como primeiro especialista em Rússia dos EUA, e comenta sobre seu impacto na opinião pública estadunidense sobre a Rússia. Então, passa a tratar cronologicamente de sua trajetória, desde a infância até sua morte.

Os maioria dos pontos tradicionalmente comentados pelos estudiosos deste personagem histórico estão presentes: o interesse por viagens em sua infância, o abandono dos estudos para ajudar financeiramente a família, a relação com o telégrafo, o testemunho da amputação que lhe havia feito duvidar de sua coragem, o apoio à União, o vigilantismo e o adoecimento em

³⁰⁸ WROBEL, David. Considering Frontiers and Empires: George Kennan's Siberia and the U.S. West. *Western Historical Quarterly*, v. 46, n. 3, p. 285-309, autumn 2015. Disponível em: <https://academic.oup.com/whq/article-abstract/46/3/285/2461787?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 03 jun. 2019, p. 307.

Cincinnati, a expedição de 1865, a perda com as ações da *Western Union extension, Tent Life in Siberia* e a carreira de palestrante, a defesa do governo russo, sua segunda ida à Sibéria, sua conversão para crítico do czarismo e a publicação de *Siberia and the Exile System* e, finalmente, seu desapontamento e oposição à vitória bolchevique.³⁰⁹

A escrita de Smith-Peter, entretanto, destaca-se por construir, ao longo desta exposição biográfica, a narrativa de um indivíduo lutando contra sua percepção de falta de virilidade - o foco nestes momentos da infância e adolescência é muito maior do que em outros autores, proporcionalmente ao todo do texto.³¹⁰ Este assunto seria resolvido apenas parcialmente com a prova da expedição de 1865, uma vez que haveria indícios de inseguranças no texto publicado em 1870. Tanto a maneira como Kennan escreve sobre si mesmo, quanto a visão particularmente positiva que ele constrói da Rússia causam suspeitas na autora de que o explorador ainda estava tentando se mostrar um homem adulto e corajoso.³¹¹ Ela encontra estes exageros na criação de um herói sem defeitos ao confrontar o Kennan do livro com aquele que encontrou nas suas cartas endereçadas a familiares, a um de seus superiores e a amigos. Este seria um indivíduo mais “complexo e humano”.³¹²

O restante do artigo é composto pelas transcrições das cartas e pelas introduções da autora a cada uma delas. A primeira, endereçada à irmã de Kennan, trata de representações de paisagens e de um trecho sobre populações de coriacos assentados. Vê-se aqui um Kennan não tão diferente do seu livro quanto a escrita de Smith-Peter poderia ter indicado, apresentando excertos bastante similares aos encontrados na obra publicada, bem como um uso de ironias e senso de humor geral semelhantes, apesar de contar, sim, com um tom mais íntimo e informal.³¹³

Na introdução à segunda carta, endereçada a um médico de sua cidade natal, Smith-Peter atribui grande importância a Kennan ter, neste registro, afirmado que escreveria suas memórias as intitulando de “*Life, sufferings and captivity of a Siberian Exile*” (Vida, sofrimento e cativo de um Exilado Siberiano). A autora cede que a questão “poderia ter começado como

³⁰⁹ SMITH-PETER, Susan. The Siberian Letters of George Kennan the Elder, 1866-1867. *Kennan Institute Occasional Papers*, Washington D.C., n. 310, p. 1-24, 2016. Disponível em: https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/ki_160304_occpapersmith-peter310_v1r7.pdf. Acesso em: 25 nov. 2019, p. 2-4. Por conta da atualidade e grande capacidade de síntese da autora talvez esta seja a melhor opção para se familiarizar rapidamente com os contornos gerais da biografia de Kennan.

³¹⁰ SMITH-PETER, Susan. The Siberian Letters of George Kennan the Elder, 1866-1867. *Kennan Institute Occasional Papers*, Washington D.C., n. 310, p. 1-24, 2016. Disponível em: https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/ki_160304_occpapersmith-peter310_v1r7.pdf. Acesso em: 25 nov. 2019, p. 2-3.

³¹¹ Ibid., p. 4.

³¹² Ibid., p. 3.

³¹³ Ibid., p. 5-7.

uma piada”³¹⁴, uma vez que o trecho é evidentemente jocoso, entretanto segue com uma análise da psicologia do explorador a partir deste enunciado. Ela relembra o leitor de que anos mais tarde a identificação de Kennan com os exilados era tamanha que ele ministrava palestras vestindo suas roupas e grilhões, além de levantar a hipótese de que a designação de exilado poderia indicar uma tentativa de “se separar de sua família e estabelecer sua identidade adulta”.³¹⁵

Enquanto certamente esta é, no sentido mais geral do termo, uma possibilidade, não parece haver indícios para sustentá-la a não ser a própria narrativa de amadurecimento e reafirmação construída por Smith-Peter. A autora parece também forçar uma coerência excessiva na trajetória de Kennan quanto à identificação como exilado. O posterior envolvimento com a causa dos proscritos é projetado ao passado como amplificação de um sentimento que, ao que a própria carta indica, existia apenas como um gracejo. Recuar este compadecimento com os presos siberianos a 1866 ignora os indícios de uma opinião militantemente oposta na campanha pró-czarista que concedeu ao autor a oportunidade de visitar as prisões em primeiro lugar. Tal interpretação também reduz o caráter de “ponto de virada” da viagem da década de 1880 que a própria autora postula. Na carta seguinte, a autora volta a destacar o uso do termo “exilado siberiano” pelo explorador ao se referir a si mesmo, mas não comenta o contexto de zombaria - o explorador brincava que, se não recebesse correspondência de seus amigos, passaria o resto de seus dias como um ermitão melancólico nos yurts coriacos.³¹⁶

A argumentação da autora, entretanto, de que os documentos revelam uma outra dimensão do explorador durante sua viagem, mais complexa e humana, é bastante plausível. O Kennan que aparece no rascunho de uma carta ao Coronel Bulkley, chefe da expedição, apresenta um tom formal e subserviente que não aparece em sua obra, que em grande parte ignora os aspectos burocráticos e empresariais da expedição.³¹⁷ Além disso, tanto nos trechos já mencionados, quanto nas últimas transcrições (endereçadas a seu pai e a uma prima), observa-se um indivíduo mais aberto a falar de suas fraquezas e sentimentos negativos, de

³¹⁴ “it may have begun as a joke” (Ibid., p. 8, tradução nossa).

³¹⁵ “to separate himself from his family and to establish an adult identity” (SMITH-PETER, Susan. *The Siberian Letters of George Kennan the Elder, 1866-1867. Kennan Institute Occasional Papers*, Washington D.C., n. 310, p. 1-24, 2016. Disponível em: https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/ki_160304_occpapersmith-peter310_v1r7.pdf. Acesso em: 25 nov. 2019, p. 8, tradução nossa)

³¹⁶ Ibid., p. 11-12.

³¹⁷ KENNAN, 1866 apud SMITH-PETER, 2016, p. 15-16.

maneiras que não realmente aparecem em *Tent Life in Siberia*, com seu foco no heroísmo da expedição.

Mesmo passagens do livro que demonstram estas sensações o fazem de maneira mais solene e distanciada. Enquanto talvez o tom destes enunciados no livro possa ser mais bem representado por uma declaração como “foi um atraso longo, cansativo, e eu senti pela primeira vez, com toda sua força, a sensação de exílio de casa, país e civilização”³¹⁸, na sua correspondência privada, eles afloram de maneira mais intimista:

Dia após dia, subimos o penhasco íngreme até o farol e lançamos olhares nostálgicos sobre a vasta extensão de água entre o [Cabo] Matuga e o Cabo Catarina, mas apenas para nos afastarmos com um suspiro profundo de decepção pela esperança diferida, que faz o coração doer.³¹⁹

Ainda sobre o excerto de *Tent Life in Siberia* acima, uma perspectiva como a da identificação com o exilado levantada por Smith-Peter poderia ler outro indício de uma disposição precoce do autor a sua causa. Kennan indicaria compreender a sensação do exílio, se mostrando mais propenso à empatia que demonstrou no futuro. Além disto, este trecho, diferentemente dos anteriormente tratados, não possui um tom de deboche. Contudo, o que a frase sugere é que na verdade o explorador identifica, neste momento, o exílio mais com o seu aspecto espacial de isolamento e solidão do que com seu aspecto punitivo, relacionado propriamente ao banimento e ao sistema punitivo. O autor identificar sua situação - voluntariamente buscar o deslocamento para longe de casa e então sentir-se nostálgico quando entediado - com o exílio pode apontar, pelo contrário, uma dissonância entre seu entendimento do termo e a realidade do exílio compulsório.

3.9 OUTRAS ESCRITAS

Para além destes escritos, cujo enfoque principal são as obras de Kennan, a trajetória de vida do autor e suas publicações despontam também nos trabalhos de diferentes autores que trabalham com seu período de atuação. O contexto da viagem de 1865-1867, especificamente, interessou Mark Bassin, que em seu *Imperial Visions: Nationalist Imagination and Geographical Expansion in the Russian Far East, 1840–1865*, mencionou a expedição como

³¹⁸ “It was a long, wearisome delay, and I felt for the first time, in its full force, the sensation of exile from home, country and civilization” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 154 Tradução nossa).

³¹⁹ “Day after day we climbed the steep bluff to the Light House and cast longing glances over the wide expanse of the water between the [Cape] Matuga and Cape Catherine, but only to turn away with a deep sigh of disappointment over the hope deferred, which makes the heart sick” (KENNAN, 1867 apud SMITH-PETER, 2016, p. 18, tradução nossa).

capítulo breve na história dos sonhos de um “Mississippi Siberiano”³²⁰. Pesquisadores da história do telégrafo e das comunicações também demonstraram interesse no personagem, como por exemplo Simone M. Müller, que apresentou uma nota biográfica sua como agente da globalização em *Wiring the World: The Social and Cultural Creation of Global Telegraph Networks*,³²¹ além de utilizar sua correspondência e *Tent Life in Siberia* para falar sobre a relação entre telegrafistas e populações não-ocidentais,³²² ou David Hochfelder, que em *The Telegraph in America 1832-1920* usa o jovem Kennan para falar sobre aspectos da Guerra de Secessão.³²³ O ressurgimento de seu nome em trabalhos sobre o assassinato do presidente Garfield, a erupção do Monte Pelée ou ainda sobre a Guerra Russo-Japonesa não deveria ser surpresa.

Tendo atingido o presente, chega-se a este trabalho. As preocupações com aspectos contextuais de produção do texto de *Tent Life in Siberia* foram expressas no primeiro capítulo, muito voltado “para fora” do texto, mas que também objetivou fixar um referente para o “conjunto de saberes semânticos, enciclopédicos e simbólicos comuns”³²⁴ compartilhado entre Kennan e seu destinatário. As sucessivas análises ao longo deste capítulo procuraram dar conta do aspecto da obra constituído pelas suas sucessivas interpretações, além de buscar situar de maneira ativa esta abordagem com relação a uma discussão historiográfica pertinente. Nos capítulos seguintes, a intenção será voltar-se “para dentro” do texto, perceber suas lógicas narrativas, a maneira como estabelece a comunicação com seu destinatário, como o narrador manifesta uma identidade mais ou menos fluida, como representa a realidade e que ação desempenha ao fazê-lo. Isto será feito em relação a duas categorias - o espaço e o outro.

³²⁰ BASSIN, Mark. *Imperial Visions: Nationalist Imagination and Geographical Expansion in the Russian Far East, 1840–1865*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 143-173. Sobre Kennan, especificamente, p. 164.

³²¹ MÜLLER, Simone M. *Wiring the World: The Social and Cultural Creation of Global Telegraph Networks*. New York: Columbia University Press, 2016, p. 257.

³²² *Ibid.*, p. 109-110.

³²³ HOCHFELDER, David. *The telegraph in America, 1832-1920*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2012, p. 19, 26-27, 104-105.

³²⁴ HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Tradução: Jacyntho Lins Brandão. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 48.

4 TORNAR O DISTANTE VISÍVEL

4.1 INTRODUÇÃO: GEORGE KENNAN E A *WILDERNESS*

Em 1967, Roderick Frazier Nash publicou seu clássico *Wilderness and the American Mind*, abrindo todo um campo de pesquisas em torno deste conceito de *wilderness* e do seu valor analítico para pensar a sociedade estadunidense. Sua influência foi grande, e seu livro foi pensado como uma interpretação-base do conceito para a comparação com outras interpretações.³²⁵ A fronteira de Frederick Jackson Turner é também uma ideia fundamental para quem busca historicizar o pensamento estadunidense sobre o espaço, assim como a *wilderness*. Durante a época de Kennan, ela estava em processo de se metamorfosear de um inimigo a ser subjugado em um tesouro nacional a ser admirado e protegido. *Tent Life in Siberia*, enquanto relato de viagem, é inerentemente uma obra sobre um deslocamento no espaço (Mary Anne Junqueira afirma que talvez este seja o mais simples requisito comum a todo o gênero do relato de viagem, que realmente o define³²⁶). Este espaço distante, estrangeiro, ultramarino era comparável à fronteira americana principalmente pela sua relação com a *wilderness* - analisá-la, portanto, é analisar as relações que Kennan e todo o seu público podiam construir com ele.

Nash aponta que as primeiras identificações de uma *wilderness* podem ser remetidas ao contexto neolítico de abandono do nomadismo. Os primeiros grupos sedentários teriam rapidamente oposto o mundo seguro de dentro dos muros aos perigos da natureza selvagem que não haviam controlado.³²⁷ A primeira concepção da *wilderness* é, portanto, um contraponto negativo a uma noção emergente de civilização.

Na tradição greco-romana, assim como nos folclores da Europa medieval, ela surge como um local perigoso, povoado por bestas selvagens, espíritos malignos, sátiros e homens selvagens, aponta o autor. Na tradição judaico-cristã ela é o deserto, e representa a privação pela falta de água, era uma terra amaldiçoada e povoada por demônios e diabos. No contexto bíblico, primeiro Moisés e os israelitas, e depois Jesus, no Novo Testamento, são testados no

³²⁵ OELSCHLAEGGER, Max. *The Idea of Wilderness: from prehistory to the age of ecology*. New Haven: Yale University Press, 1991, p. X.

³²⁶ JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. In: *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011, p. 44-61, p. 46. Disponível em: <http://historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/CSP2.pdf>. Acesso em: 10/02/2020.

³²⁷ NASH, Roderick Frazier. *Wilderness and the American Mind*. 5. ed. New Haven: Yale University Press, 2014, p. XX.

deserto, que pelas adversidades que impunha passou a ser associado a um local de purificação e renovação da fé. O que confere estas características à *wilderness*, porém, é precisamente sua associação com o mal e a privação.³²⁸

O cristianismo carregou esta visão sobre a *wilderness* por séculos e por sobre o Oceano Atlântico, até a costa da América do Norte. Lá, o colonizador europeu puritano descreveu sua situação de necessária proximidade com terras selvagens como uma infeliz “*wilderness condition*”.³²⁹ As maneiras de se referir a esta natureza utilizavam adjetivos negativos, como “sombrio” (*gloomy*) ou “desanimador” (*dreary*), vocabulário amplamente empregado por Kennan ao longo de seu livro, ao encontro da evidência apresentada por Nash para a persistência da negativa concepção puritana dos sertões até o século XIX.³³⁰

A tradição religiosa associava o território indomado à ausência de Deus, aos domínios das forças das trevas, o que também é refletido ao longo da narrativa de Kennan, quando um de seus obstáculos é um caminho por entre as montanhas conhecido como “Desfiladeiro do Diabo”.³³¹ Ao se aproximar das montanhas onde se localizava tal passagem, o autor inclusive usa explicitamente e dá destaque ao termo *wilderness* como uma qualidade específica daquela seção hostil do terreno: “Demos a partida em nossa caravana a cavalo quando os barcos desapareceram atrás de um penhasco que se projetava, e galopamos rapidamente através do vale em direção a uma fenda nas montanhas, através da qual entramos na ‘*wilderness*’”³³². Este tipo de associação direta situa o pensamento de Kennan dentro da história deste conceito nos Estados Unidos, mas o faz apenas de maneira parcial. Não é apenas a associação religiosa entre a *wilderness* e o demônio que ordena sua percepção.

Nash identifica no pioneirismo da expansão da fronteira, especialmente no século XIX, uma expressão mais secular da antipatia direcionada à *wilderness*, opondo-a não tanto à segurança e à abundância garantidas pelo divino, quanto ao progresso e à civilização promovidos pela modernidade.³³³ Não se trata da substituição completa de um conjunto de valores pelo outro, como Nash ilustra citando um dos primeiros governadores do Colorado e defensor do Destino Manifesto Americano, William Gilpin, que em 1873 declarava que “O

³²⁸ NASH, Roderick Frazier. *Wilderness and the American Mind*. 5. ed. New Haven: Yale University Press, 2014, p. 8-17.

³²⁹ *Ibid.*, p. 24.

³³⁰ *Ibid.*, p. 39.

³³¹ “Devil’s Pass” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 137, tradução nossa).

³³² “We started up our train of horses as the boats disappeared around a projecting bluff, and cantered away briskly across the valley toward a gap in the mountains, through which we entered the ‘*wilderness*’” (*Ibid.*, p. 135, tradução nossa).

³³³ NASH, op. cit., p. 40-41.

Progresso é Deus”.³³⁴ As menções frequentes de Kennan ao projeto do telégrafo, à sua própria atuação nele relembram o leitor que *Tent Life in Siberia* não é apenas uma narrativa de alguém buscando belas vistas e uma boa história: o explorador era um agente a serviço do capital, da modernidade e do que se compreendia como progresso.

Ao procurar rotas melhores para a linha, como fez entre o Anadyr e o Rio Penzhina, ele olhava para a paisagem não com os olhos de quem teme a *wilderness* enquanto terra sem Deus, ou com os do romântico atento a experiências estéticas cheias de sentido. Suas palavras indicam outras preocupações: “Não fiquei nada satisfeito com a rota pela qual havíamos passado, [...] devido à sua aridez e à impossibilidade de se transportar pesados postes telegráficos sobre as grandes estepes nevadas a partir dos poucos rios arborizados pelos quais ela passava.”³³⁵

Voltado para a logística que permitiria o avanço do progresso, Kennan imagina os futuros possíveis daquele cenário, as dificuldades práticas que serão impostas, por onde será transportada a madeira, onde seriam instalados os postes. Ele imagina um ambiente suficientemente domado pelo trabalho, não mais exatamente uma *wilderness*.

Tanto a partir da perspectiva mais religiosa quanto da mais secular, o que a *wilderness condition* implicava era um antagonismo entre o homem e a natureza indomada, o que certamente não está ausente em *Tent Life in Siberia*, mas não representa a totalidade das ideias do autor sobre o tema. No livro, o termo *wilderness* está geralmente associado a um tipo violento de natureza. Estas terras selvagens possuem rochas contra as quais um crânio pode ser “esmagado como uma casca de ovo”³³⁶, escarpadas onde, subitamente, alguém poderia ser esmagado pelo seu cavalo³³⁷. A concepção da natureza como um inimigo a ser enfrentado e conquistado apresentada por Nash é central na escrita de Kennan, e mais evidente do que em qualquer outra instância durante os enfrentamentos com esta *wilderness* violenta. Ao analisar sua narrativa sobre montanhas e tempestades, esta abordagem estará em foco, especialmente quanto a uma hostilidade mais brusca atribuída ao terreno. A oposição também é presente nas passagens sobre a tundra, mas nestes casos o perigo apresenta-se de forma mais lenta e exaustiva.

³³⁴ ““Progress is God”” (NASH, Roderick Frazier. *Wilderness and the American Mind*. 5. ed. New Haven: Yale University Press, 2014, p. 41, tradução nossa).

³³⁵ “I was not at all satisfied with the route over which we had passed [...], on account of its barrenness, and the impossibility of transporting heavy telegraph poles over its great snowy steppes from the few wooded rivers by which it was traversed” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 336, tradução nossa).

³³⁶ “crushed like an eggshell” (Ibid., p. 118, tradução nossa).

³³⁷ Ibid., p. 137.

O termo *wilderness*, no entanto, também é utilizado em contextos positivos, e este próprio uso é apenas um indício de toda uma outra relação do autor com a natureza que não é compreendida neste paradigma de enfrentamento. Esta apreciação da *wilderness* não é, de forma alguma, sem precedentes. Apresentada por Nash como uma característica do pensamento estadunidense do século XIX, esta valorização possuía dois alicerces: o romantismo, e o nacionalismo pós-independência.³³⁸

A *wilderness* primeiro ganhou valor estético ao ser associada com uma expressão mais pura do divino na terra. Nash encontra as origens da mudança nas descobertas científicas que teriam marcado o começo do Iluminismo. Estas, especialmente nos campos da física e da astronomia, teriam apresentado o universo como um todo harmonioso, possível apenas se de origem divina. Daí surge o sublime, uma apreciação estética dos aspectos mais caóticos e selvagens da natureza, bastante diferenciada do Iluminismo de sua origem.³³⁹ O medo que inspiravam misturava-se ao maravilhamento, ao respeito, e a uma experiência de toda a grandeza da natureza capaz de ser responsável por uma elevação moral.³⁴⁰ Nos elementos mais sublimes da natureza, “nos cume da montanha, no cânion, na cachoeira, na nuvem da tempestade, no arco-íris e no pôr-do-sol”,³⁴¹ destaca William Cronon, o observador poderia, com sorte, encontrar a face de Deus. Kennan certamente adicionaria a aurora à lista, se tivesse a oportunidade.

O romantismo, com a existência desta nova atitude direcionada à natureza, encontrou na *wilderness* o ambiente perfeito para exaltar a liberdade absoluta, o misterioso, a estranheza, a solidão, e para expressar (revolta e) melancolia.³⁴² Uma linguagem de apreciação estética foi construída, e eventualmente acabou se fazendo presente no texto de Kennan, com a associação da *wilderness* à aventura e à liberdade para o indivíduo, outro elemento importante para os românticos.³⁴³ O primeiro uso do termo *wilderness* em *Tent Life in Siberia*, excetuando-se o prólogo, reflete perfeitamente este sentimento:

³³⁸ NASH, Roderick Frazier. *Wilderness and the American Mind*. 5. ed. New Haven: Yale University Press, 2014, p. 67.

³³⁹ *Ibid.*, p. 44-47.

³⁴⁰ SEEBERG, Ulrich. Dimensões filosóficas na obra de Caspar David Friedrich. *ARS (São Paulo)*, São Paulo, v. 3, n. 5, p. 78-89, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202005000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 jan. 2020, p. 84-85.

³⁴¹ “on the mountaintop, in the chasm, in the waterfall, in the thundercloud, in the rainbow, in the sunset” (CRONON, William. The trouble with Wilderness; or, Getting Back to the Wrong Nature. *In.*: CRONON, William (Org.). *Uncommon Ground: rethinking the Human Place in Nature*. New York: W. W. Norton & Company, 1996, p. 69-90, p. 73, tradução nossa).

³⁴² NASH, op. cit., p. 47. Revolta é uma adição minha, em alusão à obra de Löwy e Sayre.

³⁴³ *Ibid.*, p. 60.

Não me lembro de nenhuma jornada em toda a minha vida que tenha me divertido mais na época, ou que seja mais agradável em lembrança, do que a nossa primeira cavalgada de 275 versts sobre as colinas floridas e através dos vales verdes do sul de Kamtchatka, cercados como continuamente estávamos pelo cenário mais selvagem e bonito de todo o norte da Ásia, experimentando pela primeira vez a novidade e a emoção aventureira de acampar; e regozijando-nos em um recém-encontrado senso de liberdade e perfeita independência, viramos as costas alegremente para a civilização e partimos com corações leves para a *wilderness*, fazendo as colinas ressoarem com a música de nossas canções e clamores.³⁴⁴

Esta natureza que captura o lado romântico do autor é explicitamente vinculada a um senso de liberdade e aventura. Também é presente uma noção de plasticidade presente no conjunto do imaginário da obra, assim como questões referentes à estrutura narrativa. Momentos de tensão ou repouso se alternam para manter o relato interessante, e a *wilderness* de Kennan se adapta a estas instâncias, indo ao encontro de uma das ressalvas de Nash a respeito deste novo entusiasmo romântico a seu respeito: ele não havia se tornado absoluto, superado e substituído a antipatia causada pela *wilderness condition*, mas apenas surgido para coexistir com ela.³⁴⁵

Já para os nacionalistas, a valorização da *wilderness* procurava responder à necessidade de uma justificativa para a existência dos EUA enquanto nova nação independente. Segundo Nash, o fato de o cenário americano “ser o mais selvagem” era um diferencial, e uma literatura que abordasse e celebrasse estes ambientes ganhou forças. Autores como Washington Irving e James Fenimore Cooper,³⁴⁶ leituras importantes para Kennan, mencionadas em seu relato, surgem como expoentes deste estilo.³⁴⁷

William Cronon também fala de dois movimentos culturais que construíram a *wilderness* positiva nos EUA: o sublime e a fronteira.³⁴⁸ Enquanto suas colocações sobre o sublime sejam bastante similares às de Nash, os aspectos que destaca sobre a fronteira diferem da ênfase colocada na escolha da *wilderness* como um símbolo da excepcionalidade americana

³⁴⁴ “I cannot remember any journey in my whole life which gave me more enjoyment at the time, or which is more pleasant in recollection, than our first horseback ride of 275 versts over the flowery hills and through the green valleys of Southern Kamtchatka, surrounded as we continually were by the wildest and most beautiful scenery in all Northern Asia, experiencing for the first time the novelty and adventurous excitement of camp life; and rejoicing in a newly-found sense of freedom and perfect independence, we turned our backs gaily on civilization, and rode away with light hearts into the wilderness, making the hills ring to the music of our songs and halloos” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 56, tradução nossa). Uma versta equivale a pouco mais de 1km (1067 metros).

³⁴⁵ NASH, Roderick Frazier. *Wilderness and the American Mind*. 5. ed. New Haven: Yale University Press, 2014, p. 65-66.

³⁴⁶ Sobre Irving e Cooper, ver Capítulo 2.

³⁴⁷ NASH, op. cit., p. 72, 76-77.

³⁴⁸ CRONON, William. The trouble with Wilderness; or, Getting Back to the Wrong Nature. In.: CRONON, William (Org.). *Uncommon Ground: rethinking the Human Place in Nature*. New York: W. W. Norton & Company, 1996, p. 69-90, p. 72.

para a justificação da independência. Para Cronon, a fronteira foi um mito organizador da vida de muitos estadunidenses ao longo do século XIX, sendo expressada por Turner apenas após já existir como tradição cultural por longo período de tempo. O primitivismo e o individualismo másculo, elementos igualmente reconhecidos por Nash como constitutivos desta *wilderness* dos pioneiros da colonização dos EUA, são vinculados de maneira mais direta à narrativa da fronteira.³⁴⁹

Na obra de Kennan observa-se esta apreciação construída no continente americano e aparentemente tão particular a ele aplicada a outro contexto geográfico. Há instâncias no livro que evidenciam uma associação entre os dois espaços, como quando Kennan pede ao leitor que imagine um assentamento estadunidense para ajudá-lo a visualizar uma vila em Kamtchatka. Similarmente, o vale do Genul, no sul da península, é comparado ao cenário natural americano:

As Sierra Nevadas podem oferecer vistas de uma natureza mais selvagem, mas em nenhum lugar na Califórnia ou em Nevada eu vi as características distintas de ambos inverno e verão - neve e rosas, granito a mostra e folhagem brilhantemente colorida - misturadas em uma imagem tão harmoniosa quanto a apresentada pelo vale de Genul em um dia ensolarado no início do outono.³⁵⁰

Kennan estava enfatuado, maravilhado pelo cenário do vale, que vinha descrevendo há duas páginas, declarando que era o mais belo de Kamtchatka, confessando que sua paisagem havia arrancado exclamações de deleite de todos os presentes, e comparando-o ao paradisíaco “Vale Feliz” de *The History of Rasselas, Prince of Abissinia*.³⁵¹ Ainda assim, a convenção de que a natureza americana possuía uma qualidade única que a distinguia é reafirmada através da “selvageria” da cordilheira californiana. As *Sierra Nevadas*, por sua vez, recebiam atenção à época da publicação de *Tent Life in Siberia* como uma característica muito exaltada do cenário americano: segundo William Cronon, John Muir havia, em 1869, as declarado mais belas do que qualquer descrição do paraíso que conhecesse.³⁵²

Essa descrição da natureza que procura exaltar seus aspectos maravilhosos, que tocam o observador em um nível emocional, remete à influência de Humboldt sobre a literatura de viagem do século XIX, que muitas vezes dialogava com sua obra, segundo Mary Anne

³⁴⁹ CRONON, William. The trouble with Wilderness; or, Getting Back to the Wrong Nature. In.: CRONON, William (Org.). *Uncommon Ground: rethinking the Human Place in Nature*. New York: W. W. Norton & Company, 1996, p. 69-90, p. 76-77.

³⁵⁰ “The Sierra Nevadas may afford views of more savage wildness, but nowhere in California or Nevada have I ever seen the distinctive features of both winter and summer — snow and roses, bare granite and brilliantly colored foliage — blended into so harmonious a picture as that presented by the Genul valley on a sunshiny day in early autumn” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 80, tradução nossa).

³⁵¹ *Ibid.*, p. 78-80. *The History of Rasselas, Prince of Abissinia* é um apólogo - uma narrativa moralizante similar a uma fábula, mas com personagens humanos -, de autoria do escritor e intelectual inglês Samuel Johnson (1709 - 1784).

³⁵² CRONON, op. cit., p. 69-90. p. 72.

Junqueira.³⁵³ Alexander Von Humboldt (1769 - 1859) foi um explorador, escritor e cientista nascido na Prússia, mas que passou sua vida envolvido em diversas viagens e transitando entre diferentes nações ocidentais. Sua concepção de natureza, como um todo interconectado, afetou a ciência, influenciando Darwin e abrindo caminho para a ecologia; mas foi similarmente influente no campo artístico, influenciando poetas românticos, como Wordsworth e Coleridge,³⁵⁴ por exemplo.³⁵⁵ Andrea Wulf descreve-o afirmando: “[f]ascinado por instrumentos científicos, medições e observações, era igualmente movido por um senso de deslumbramento e encantamento”.³⁵⁶ Kennan não faz menção direta a Humboldt em seu relato, mas ambas suas escritas são, ao mesmo tempo, preocupadas em instruir cientificamente e em encantar emocionalmente ao falar sobre a natureza, a paisagem e a *widerness*.

4.2 KAMTCHATKA E A APRECIÇÃO ROMÂNTICA DA PAISAGEM

“A ausência temporária de cenas e ocupações terrenas produz um estado mental peculiarmente adequado para receber impressões novas e vívidas”³⁵⁷. Kennan abre o quarto capítulo de sua narrativa com esta citação de Washington Irving sobre as vantagens proporcionadas a um viajante por uma travessia marítima no começo de sua jornada. O autor adiciona que estas impressões também tendem a ser favoráveis.³⁵⁸ De fato, em nenhum outro momento de seu livro o autor detém-se tanto à apreciação do cenário natural quanto nos primeiros capítulos após seu desembarque em Kamtchatka.

Desde o momento em que a costa asiática é avistada, as imagens elaboradas pelo autor adotam um tom de encantamento. Se em seu prefácio eram enfatizados os aspectos desafiadores do cenário percorrido, e nas passagens a bordo do Olga a ênfase havia sido a decepção com a rotina em alto-mar, ao avistar Kamtchatka à distância, surge a primeira descrição voltada à apreciação estética. O trecho começa tímido: “À frente, desenhados em fracos contornos

³⁵³ JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. In: *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011, 50.

³⁵⁴ William Wordsworth (1770 - 1850) e Samuel Taylor Coleridge (1772 - 1834) foram dois dos fundadores do movimento romântico britânico. Publicaram juntos a coletânea *Lyrical Ballads*.

³⁵⁵ WULF, Andrea. *A invenção da natureza: a vida e as descobertas de Alexander von Humboldt*. São Paulo: Planeta, 2016, p. 25-29.

³⁵⁶ *Ibid.*, p. 27.

³⁵⁷ “The temporary absence of worldly scenes and employments produces a state of mind peculiarly fitted to receive new and vivid impressions” (IRVING, Washington. *The sketch-book of Geoffrey Crayon, gent* [pseud.]. New York: G. P. Putnam's sons, 1884. Disponível em: <https://archive.org/details/sketchbookofgeof09irvi/page/20>. Acesso em: 28 jan. 2020, p. 20, tradução nossa).

³⁵⁸ KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 30.

luminosos acima do horizonte, apareceram dois altos picos cônicos, tão distantes que nada além da neve branca em seus desfiladeiros profundos podia ser visto, e tão tênues que dificilmente se distinguiam do céu azul ao fundo.”³⁵⁹ Como em uma provocação, esta primeira imagem desaparece em meio a um nevoeiro. Kennan estava novamente no oceano, mas sem muita demora, a espera entediante era substituída por outra vista, mais detalhada, mas ainda com uma característica etérea:

o nevoeiro estava começando a se dissipar e, em um momento, ergue-se lentamente como uma enorme cortina cinza, desvelando o mar e o céu azul profundo, deixando entrar uma inundação da luz rósea do sol poente e revelando uma imagem de uma beleza maravilhosa. Diante de nós, estendendo-se por cento e cinquenta milhas ao norte e ao sul, estava a grande linha costeira de Kamtchatka, erguendo-se abruptamente em grandes promontórios roxos do mar azul cintilante, salpicados aqui com nuvens brancas e fragmentos de névoa lanosa, intensificando-se em alguns lugares em um azul suave e trêmulo, e deslizando para trás e para cima entre a neve branca e pura dos picos mais altos. Dois vulcões ativos, com 10.000 e 16.000 pés de altura, erguiam-se acima das cordilheiras irregulares e confusas das montanhas mais baixas, perfurando o céu azul com triângulos brancos e afiados de neve eterna e atraindo as sombras roxas da noite ao redor de seus pés. A alta e íngreme costa não parecia, naquela atmosfera clara, estar a quinze milhas de distância, e parecia ter emergido do mar repentinamente como uma bela miragem. Em menos de cinco minutos, a cortina cinza de névoa mais uma vez caiu lentamente sobre a magnífica imagem, e ela desapareceu gradualmente da vista, deixando-nos quase em dúvida se fora uma realidade ou apenas uma brilhante visão enganosa. Estamos envolvidos agora, como estivemos quase o dia todo, em uma névoa espessa e úmida.³⁶⁰

Este trecho é bastante representativo de uma das maneiras como Kennan descreve o cenário natural ao longo de todo o livro. Com esta profusão de cores ele parece querer como que pintar um quadro para o leitor. As alusões a miragens e ilusões, indicando uma característica deste tipo de cenário que o colocaria entre o real e o sobrenatural também serão repetidas ao longo do livro. Este recurso encanta o terreno, funciona como as “analogias misteriosas”³⁶¹

³⁵⁹ “Away ahead, drawn in faint luminous outlines above the horizon, appeared two high conical peaks, so distant that nothing but the white snow in their deep ravines could be seen, and so faint that they could hardly be distinguished from the blue sky beyond” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 23, tradução nossa).

³⁶⁰ “the fog was beginning to break away, and in a moment it rose slowly like a huge gray curtain, unveiling the sea and the deep blue sky, letting in a flood of rosy light from the sinking sun, and revealing a picture of wonderful beauty. Before us, stretching for a hundred and fifty miles to the north and south, lay the grand coast-line of Kamtchatka, rising abruptly in great purple promontories out of the blue sparkling sea, flecked here with white clouds and shreds of fleecy mist, deepening in places into a soft quivering blue, and sweeping backward and upward into the pure white snow of the higher peaks. Two active volcanoes, 10,000 and 16,000 feet in height, rose above the confused jagged ranges of the lower mountains, piercing the blue sky with sharp white triangles of eternal snow, and drawing the purple shadows of evening around their feet. The high bold coast did not appear, in that clear atmosphere, to be fifteen miles away, and it seemed to have risen suddenly like a beautiful mirage out of the sea. In less than five minutes the gray curtain of mist dropped slowly down again over the magnificent picture, and it faded gradually from sight, leaving us almost in doubt whether it been a reality, or only a bright deceptive vision. We are enveloped now, as we have been nearly all day, in a thick clammy fog” (Ibid., p. 24-25, tradução nossa).

³⁶¹ LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade*. Tradução: Nair Fonseca. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 53.

entre o espírito e a natureza, incessantemente buscadas pelos poetas e pintores românticos, como colocam Löwy e Sayre.

Este modo plástico-visual de se referir à paisagem, entretanto, é compartilhado por Kennan não apenas com artistas românticos. Também os porta-vozes de uma retórica imperialista de descobrimento e colonização dedicaram suas páginas às vistas maravilhosas que as terras distantes proporcionavam ao explorador ocidental e seus leitores.

Esta maneira de olhar foi descrita por Mary Louise Pratt, que chama o tipo de cena à qual dá origem de “monarca-de-tudo-que-observo” (*monarch-of-all-I-survey*).³⁶² Pratt utiliza o termo como um gênero de escrita que atingiu sua forma mais característica na mesma década em que Kennan viajava pela Sibéria, com exploradores britânicos que exploravam territórios africanos em busca da nascente do Nilo. O trecho de *Lake Regions of Central Africa*, de Richard Burton, utilizado como exemplo pela autora possui um estilo particularmente similar ao das descrições presentes no livro de Kennan. A autora chama atenção para três aspectos desta “retórica vitoriana da descoberta”³⁶³, todos possíveis de ser aplicados à escrita do estadunidense: estetização da paisagem, busca por densidade de sentido, e o estabelecimento de uma relação de domínio entre o observador e o observado.

A estetização da paisagem se dá pela sua associação com a pintura, estabelecida pela organização dos elementos do cenário e pela “composição” da cena (simetrias, primeiro plano, direcionamento do olhar). Já que a vista é associada à beleza, o prazer estético proporcionado por ela torna-se diretamente proporcional ao seu valor. Definir quais características eram mais agradáveis, evidentemente, dependia do contexto cultural específico de cada autor e do público ao qual o texto era dirigido. Deve-se distinguir, assim, o discurso de *Tent Life in Siberia* daqueles apontados por Pratt. Sua retórica não era exatamente aquela da descoberta, como a de quem procurava pela nascente do Nilo. A origem americana de Kennan, seu apreço pela literatura romântica de seu país e seu objetivo ligado à expansão tecnológica e do capital estadunidense o diferenciam de Burton e outros exploradores britânicos que ilustram o estilo do “monarca”.

A densidade de sentido é atingida através do uso de uma série de adjetivos, modificadores, que indicam que o que há para se ver possui uma riqueza de qualidades. Pratt destaca também o uso de termos derivados de substantivos para preencher ainda mais a imagem ao fazer referência a outros objetos, outras texturas. A técnica favorita de Kennan, por sua vez,

³⁶² PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. 2. ed. London: New York: Routledge, 2008, p. 197.

³⁶³ “Victorian discovery rhetoric” (Ibid., p. 200, tradução nossa).

parece ser o emprego de símiles comparando o cenário ou algum de seus componentes a elementos de outras textualidades (por exemplo quando a lua toma a aparência do escudo de Aquiles,³⁶⁴ ou quando um vale é comparado ao Vale de Tempe³⁶⁵), ou a figuras de sentido menos concreto, mais concentradas em simbolismos e imagens místico-espirituais, que aludem à mencionada busca romântica por conectar a paisagem à alma.

É possível argumentar que a relação de domínio entre observador e paisagem esteja presente no texto de Kennan, mas esta - mais uma vez - deve ser pensada de maneira diferente do “monarca” de Pratt. Parte do problema é visível na sequência do mesmo trecho da primeira vista que seu grupo teve das montanhas de Kamtchatka, quando ele narrou que “[o] Major as observou longa e ansiosamente através de uma luneta, e então, balançando sua mão com orgulho em direção a elas, se virou para nós, e disse em uma explosão de entusiasmo nacional, ‘você veem diante de vocês o meu país - o grande Império Russo!’”³⁶⁶. O fato de Kennan se permitir caçar do sentimento em seguida, quando o nevoeiro retornou, reforça a questão: ele estava no império alheio, não em uma colônia estadunidense. As terras percorridas durante a viagem estavam ali para Kennan vencer, domar, mas a relação que estabelece com elas e com seus habitantes é sempre marcada por um contraste entre o “explorador estrangeiro” e o “agente imperial” que se dá principalmente a partir do personagem do Major. Subversões desta regra geral são, via de regra, momentos marcantes da narrativa.

Desta maneira, fica demarcada a presença na obra de Kennan do tipo de discurso identificado por Pratt, bem como as especificidades do caso de *Tent Life in Siberia*. Tendo em vista estas diferenças, será aplicado, pelo resto da análise, o termo mais genérico *panorama* para se referir a este modelo de descrição estetizante, densa em sentido, distanciada e pretensamente soberana da paisagem. A outro modelo, similar mas com distinções essenciais, pode-se referir como aquela das *cenas*. A cena também sugere um quadro artístico pelo vocabulário utilizado (cena, quadro, primeiro plano, etc.), um instante ou conjunto de instantes reunidos em uma imagem estática, que estetiza o cenário. As mesmas técnicas para criar uma densidade de sentido são criadas. A diferença principal, contudo, é que em uma cena ele está no cenário, não observando-o de longe. Sua imersão nele é importante além de sua posição de testemunha que julga o valor da paisagem, porque as cenas buscam principalmente descrever

³⁶⁴ Ver nota 86.

³⁶⁵ KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 61. Vale fértil de vegetação exuberante na região da Tessália, na Grécia.

³⁶⁶ “The Major looked at them through a glass long and eagerly, and then waving his hand proudly toward them, turned to us, and said with a burst of national enthusiasm, ‘You see before you my country — the great Russian Empire’” (Ibid., p. 23, tradução nossa).

ao leitor uma emoção causada pela presença *na* paisagem. Seu olhar confunde-se com um olho incorpóreo fora de seu corpo que observa de longe: ao referir-se a seu grupo como um pequeno grupo de homens no primeiro plano,³⁶⁷ por exemplo, Kennan se coloca dentro da figura que descreve para o leitor. O discurso através do qual Kennan se refere ao cenário natural ao longo de *Tent Life in Siberia*, contudo, utiliza diferentes linguagens e técnicas, que se misturam e intercalam, o panorama e a cena certamente não sendo as únicas.

Seria improdutivo, entretanto, separá-las em categorias estáticas - ou a observação distante, ou a imersão no cenário, por exemplo. Uma de suas descrições começa próxima e, após um recurso retórico - a anunciação de que começaria o momento para observar -, toma distância. A relação do estadunidense com aquele ambiente, contudo, não poderia ser compreendida observando-se apenas um dos aspectos: ele está ao mesmo tempo imerso e distante, ele precisa fazer parte do ambiente e deixar-se afetar pela sua influência selvagem, ao mesmo tempo em que precisa do poder de julgar sua beleza e seu valor, de descrevê-lo.

O dia estava raiando no leste quando acordei. A névoa, que durante uma semana havia pairado em nuvens cinzentas ao redor das montanhas, havia desaparecido, e o primeiro objeto que encontrou meus olhos através da porta aberta da tenda foi o grande cone branco do Villoo-chin-ski reluzindo espectralmente através do acinzentado amanhecer. À medida que o rubor vermelho no leste se intensificava, toda a natureza parecia acordar. Patos e gansos grasnavam de todos os juncos ao longo da costa; os estranhos gritos das gaivotas podiam ser ouvidos da costa vizinha; e do céu azul claro desciam as trombetas melodiosas dos cisnes selvagens, que voavam para o interior, para seus locais de alimentação. Lavei o rosto na água limpa e fria do rio e acordei Dodd para ver as montanhas. Diretamente atrás de nossa tenda, em uma camada ininterrupta de neve, subia o colossal pico de Ko-rát-skoi, com dez mil e quinhentos pés de altura, seu cume branco e agudo já carmesim com os raios do sol nascente, enquanto a estrela da manhã ainda palpitava fracamente sobre o roxo frio de sua encosta oriental. Um pouco à direita estava o enorme vulcão de Avatcha, com uma longa faixa de fumaça dourada estendida de seu cume quebrado, e o vulcão Roselskoi expelindo vapor escuro de três crateras. Longe seguindo a costa, a trinta milhas de distância, ficava o pico agudo do Villoochinski, com os fogos da manhã já queimando em seu cume, e além dele os contornos azuis e nebulosos da faixa costeira. Fragmentos de névoa felpuda aqui e ali flutuavam pelas encostas das montanhas e desapareciam como os espíritos dos orvalho da noite erguendo-se da terra para o céu em brilhante ressurreição. Regularmente, o quente e rosado rubor do nascer do sol rastejou pelas encostas nevadas das montanhas, até que, finalmente, com uma rápida explosão repentina, derramou uma inundação de luz no vale, tingindo nossa pequena barraca branca com um delicado rosa, como o de uma folha de rosa selvagem, transformando cada gota de orvalho pendente em um brilho cintilante e iluminando a água parada do rio, até que se tornou uma massa trêmula e lampejante de prata líquida.³⁶⁸

³⁶⁷ KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 143.

³⁶⁸ “Day was just breaking in the east when I awoke. The mist, which for a week had hung in gray clouds around the mountains, had now vanished, and the first object which met my eyes through the open door of the tent was the great white cone of Villoo-chin-ski gleaming spectrally through the grayness of the dawn. As the red flush in the east deepened, all nature seemed to awake. Ducks and geese quacked from every bunch of reeds along the shore; the strange wailing cries of sea-gulls could be heard from the neighboring coast; and from the clear, blue sky came down the melodious trumpeting of wild swans, as they flew inland to their feeding-places. I washed my face in the clear, cold water of the river, and waked Dodd to see the mountains. Directly

Na abertura do trecho, o leitor vê-se espiando de dentro da tenda do narrador, objeto que por si só remete ao acampamento e a estar na *wilderness* - há apenas uma estreita abertura, e não uma cena para ser avaliada. Só é visível o cone vulcânico que, sozinho, pode conferir apenas um ar misterioso à experiência descrita. São descritos os sons de pássaros que o circundam, a temperatura e o aspecto da água do rio, estabelecendo sentidos não-visuais em contato com aquele ambiente, além da prática em si de lavar-se na natureza. Sua forma de engajamento com a natureza poderia ser descrita como háptica, entendendo o termo como colocado por Tim Ingold:

O engajamento háptico é de curto alcance e prático. É o engajamento de um corpo atento a trabalhar com materiais e com a terra, 'costurando-se' nas texturas do mundo ao longo dos caminhos do envolvimento sensorial. Uma relação óptica entre mente e mundo, por outro lado, baseia-se na distância e no desapego.³⁶⁹

O corpo de Kennan podia não estar trabalhando a terra em um sentido mais literal, mas estava bem “costurado” na paisagem, transitando por ela. Seu trabalho, também pode ser argumentado, naquele momento era precisamente atravessar aquele terreno. A partir do momento em que seu companheiro, Dodd, é chamado para observar as montanhas, entretanto, o olhar deixa o entorno cheio de sons e sensações e passa a descrever um panorama. Era um momento de contemplação, que por ser descrito confirmava o valor estético daquela paisagem para o leitor ocidental, ela havia sido julgada, e passado no teste. A densidade de sentido que Pratt analisa é igualmente perceptível: quase não há substantivo que não seja acompanhado por algum modificador. Cores, especialmente, são descritas à exaustão, até o momento em que o movimento retorna à cena. Com um lampejo súbito, a tenda retorna e então também é descrita e adjetivada.

behind our tent, in one unbroken sheet of snow, rose the colossal peak of Ko-rát-skoi, ten thousand five hundred feet in height, its sharp white summit already crimsoning with the rays of the rising sun, while the morning star yet throbbed faintly over the cool purple of its eastern slope. A little to the right was the huge volcano of Avatcha, with a long banner of golden smoke hung out from its broken summit, and the Roselskoi volcano puffing out dark vapor from three craters. Far down the coast, thirty miles away, stood the sharp peak of Villoochinski, with the watch-fires of morning already burning upon its summit, and beyond it the hazy blue outlines of the coast range. Shreds of fleecy mist here and there floated up the mountain sides, and vanished like the spirits of the night-dews rising from earth to heaven in bright resurrection. Steadily the warm, rosy flush of sunrise crept down the snowy slopes of the mountains, until at last, with a quick sudden burst, it poured a flood of light into the valley, tinging our little white tent with a delicate pink, like that of a wild rose- leaf, turning every pendent dew-drop into a twinkling brilliant, and lighting up the still water of the river, until it became a quivering, flashing mass of liquid silver” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 58-59, tradução nossa).

³⁶⁹ “Haptic engagement is close range and hands on. It is the engagement of a mindful body at work with materials and with the land, ‘sewing itself in’ to the textures of the world along the pathways of sensory involvement. An optical relation between mind and world, by contrast, is founded on distance and detachment” (INGOLD, Tim. *Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description*. Routledge, 2011, p. 133, tradução nossa).

Após tratar das montanhas, a tenda é pequena, e a luz que a toca é delicada como uma flor. Com o retorno ao seu entorno imediato, Kennan indica que o momento de contemplação havia passado, restava agora dar o veredicto, o qual é comunicado com um trecho do poema *Moonlight in the Hudson*, de Charles Fenno Hoffman,³⁷⁰ sobre o arrebatamento por vezes causado pela natureza. Hoffman, Roderick Nash destaca, era um escritor novaiorquino responsável por promover a apreciação romântica da *wilderness* americana desde a década de 1830. Embora no trecho do poema selecionado por Kennan ele negasse seu romantismo, não era senão uma ironia. Se não bastasse o próprio arrebatamento descrito no restante do poema como evidência, Nash também o caracteriza como envolvido em um “dilúvio de euforia romântica”³⁷¹ causada pela *wilderness*, em seu caso as Montanhas Adirondack, no estado de Nova Iorque. É importante destacar que Hoffman também dava dicas aos seus leitores de como aproveitar as paisagens selvagens,³⁷² o que indica que fazia parte de uma educação que Kennan recebeu para aprender a olhar para cenários como as montanhas e vulcões do sul de Kamtchatka.

Neste caso apresentado, a descrição da paisagem que envolve o autor - difusa e com movimento demais para ser uma cena - serve como que para emoldurar o panorama que ele descreve. Não se deve concluir, entretanto, que suas descrições do ambiente menos ligadas a uma visibilidade estática do cenário se resumem a transições entre um panorama, ou cena, e outro, ou entre um e outro evento cômico ou marco da viagem. Estes próprios momentos, nos quais Kennan movimenta-se pela paisagem, com frequência estão também carregados de sentido. Após o nevoeiro que fez desaparecer aquele “quadro magnífico” da primeira vista de Kamtchatka passar, os elementos do relevo da costa retornaram, mas agora muito mais próximos, o autor então descreveu o cenário de dentro dele:

As velas superiores foram recolhidas para reduzir a velocidade da embarcação, e seu curso foi alterado para que passássemos em uma curva em direção à costa, a cerca de três milhas de distância. Os picos das montanhas, pelos quais poderíamos ter determinado nossa posição, estavam ocultos pelas nuvens e pelo nevoeiro, e não era fácil determinar exatamente onde estávamos. [...] O capitão trouxe seus mapas, bússola e instrumentos de desenho para o convés, colocou-os na clarabóia da cabine e começou identificar os diferentes promontórios, enquanto examinávamos ansiosamente a praia com lunetas, e dávamos liberdade às nossas várias opiniões quanto à nossa situação. Felizmente, o mapa russo que o capitão possuía da costa era bom, e logo ele determinou nossa posição e os nomes dos promontórios vistos primeiro avistados. Estávamos ao norte do Cabo Pavorotni, cerca de nove milhas ao sul da entrada da Baía de Avatcha. As estaleiros eram agora viradas, e partimos para o novo rumo com uma brisa constante do sudeste. Em menos de uma hora, avistamos as altas rochas isoladas conhecidas como os “Três Irmãos”, passamos por uma ilha rochosa e íngreme, cercada por nuvens de gaivotas berrantes e patos de bico de

³⁷⁰ Ver nota 112.

³⁷¹ “deluge of romantic euphoria” (NASH, Roderick Frazier. *Wilderness and the American Mind*. 5. ed. New Haven: Yale University Press, 2014, p. 62, tradução nossa).

³⁷² *Ibid.*, p. 61-62;

papagaio, e às duas horas estávamos “na cabeça” de Avatcha Bay, na qual está situada a vila de Petropavlovski.³⁷³

Uma vez inserido no cenário, o papel de Kennan muda. Agora ele descreve como explorador, e não como pintor. A capacidade de navegação da equipe estava sendo testada, e seu sucesso era testemunho da competência dos envolvidos. As montanhas não são descritas em termos de esplendor ou grandeza, as nuvens e nevoeiro que as cobrem não eram como os espíritos do orvalho. O foco são as distâncias em milhas, os mapas, as bússolas e as lunetas. A expedição de Kennan aproximava-se daquela de Humboldt a bordo da embarcação *Pizarro*, abarrotado dos mesmos tipos de instrumentos - ainda que no Olga a escala fosse muito reduzida.³⁷⁴ Mesmo quando o relevo é nomeado, não há associação estética, os adjetivos utilizados não sugerem encantamento, mas formas, texturas, informações (*high isolated rocks, rocky precipitous island*). Para distinguir este tipo dinâmico e imerso de descrição do panorama, estas serão referidas como *montagens*. Nesta, há uma noção clara de movimento, tanto no convés quanto do próprio navio que circundava a costa.

Esta montagem utiliza os instrumentos e as medidas de uma maneira que relembra o leitor do lado menos romântico do autor, mais interessado na maestria sobre a natureza do que em sua admiração. São o domínio formal da técnica e o uso de boas ferramentas que garantem o sucesso da circunavegação. Max Oelschlaeger refere-se a este paradigma do controle da razão sobre a natureza como uma transformação eminentemente moderna da forma de se ver o mundo natural, uma visão de mundo de origem cartesiana-baconiana. Cartesiana pela tentativa de “classificar clara e distintamente todo o mundo natural”,³⁷⁵ e baconiana ao acreditar “que o fim

³⁷³ “The top-gallant sails were clewed up to reduce the vessel’s speed, and her course was changed so that we swept round in a curve broadside to the coast, about three miles distant. The mountain peaks, by which we might have ascertained our position, were hidden by the clouds and fog, and it was no easy matter to ascertain exactly where we were. [...] The Captain brought his charts, compass, and drawing instruments on deck, laid them on the cabin skylight, and began taking the bearings of the different headlands, while we eagerly scanned the shore with glasses, and gave free expressions to our several opinions as to our situation. The Russian chart which the Captain had of the coast, was fortunately a good one, and he soon determined our position, and the names of the headlands first seen. We were just north of Cape Pavorotni, about nine miles south of the entrance of Avatcha Bay. The yards were now squared, and we went off on the new tack before a steady breeze from the south-east. In less than an hour we sighted the high isolated rocks known as the ‘Three Brothers,’ passed a rocky precipitous island, surrounded by clouds of shrieking gulls and parrot-billed ducks, and by two o’clock were off ‘the heads’ of Avatcha Bay, on which is situated the village of Petropavlovski” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 26, tradução nossa).

³⁷⁴ WULF, Andrea. *A invenção da natureza: a vida e as descobertas de Alexander von Humboldt*. São Paulo: Planeta, 2016. p. 80-81.

³⁷⁵ “classify clearly and distinctly all the natural world” (OELSCHLAEGER, Max. *The Idea of Wilderness: from prehistory to the age of ecology*. New Haven: Yale University Press, 1991, p. 105, tradução nossa).

de tal conhecimento era o controle sobre a natureza”.³⁷⁶ Esta crença na razão e na ciência que atravessava a modernidade desde o iluminismo acompanharia Kennan e sua compreensão da natureza até o fim de sua vida, segundo Travis.³⁷⁷

A montagem, entretanto, também pode ser utilizada para transmitir uma apreciação romântica da natureza, a obra não se resume a um aspecto ou ao outro. Em uma passagem localizada ainda durante os primeiros deslocamentos a cavalo por Kamtchatka, Kennan relata o prazer estético de sua travessia do cenário através de informações captadas pelos seus sentidos em diferentes momentos do trajeto. Não há tanta descrição do colorido, nem uma organização das posições que os objetos ocupam em uma determinada imagem, uma composição, mas ainda há uma preocupação estética. A descrição é ornamentada com indicadores de movimento e com objetos distintos, que vão sendo deixados para trás. O objetivo parece ser a criação de uma sequência de imagens, tão pequenas quanto um casco de cavalo esmagando pequenos frutos ou tão grandes quanto um vulcão dispersando fumaça no horizonte, que ultimamente resultasse em uma apreciação emocional por parte do leitor daquela natureza descrita. Sua escrita aproximava-se então, pode-se identificar o paralelo, à de outro Humboldt, do autor de *Quadros da Natureza* que, segundo Wulf, não tinha medo de entregar-se ao lirismo, à construção de uma prosa estetizada para descrever a paisagem³⁷⁸:

Era um dia quente e bonito de veranico, e uma quietude peculiar e um silêncio sabático pareciam invadir toda a natureza. As folhas das bétulas e amieiros ao longo da trilha permaneciam imóveis sob o sol quente, o crocitar sonolento de um corvo em um larício distante chegou aos nossos ouvidos com uma distinção estranha, e até imaginávamos que podíamos ouvir o latejar regular das ondas na costa distante. Um leve zumbido murmurante de abelhas estava no ar, e uma rica fragrância frutada surgiu dos cachos roxos de mirtilos que nossos cavalos esmagavam sob os cascos a cada passo. Todas as coisas pareciam se unir em tentar o viajante cansado a se esticar na grama quente e perfumada, e passar o dia em luxuosa ociosidade, ouvindo o zumbido das abelhas sonolentas, inalando o doce cheiro de mirtilos esmagados e observando as grinaldas de fumaça ondulante que erguiam-se preguiçosamente da imponente cratera do grande vulcão branco. Eu disse rindo a Dodd que, em vez de estarmos na Sibéria - a terra congelada dos exilados russos -, aparentemente fomos transportados por algum artifício mágico das Mil e Uma Noites ao clima dos ‘Comedores de Lótus’, o que explicaria a influência sonhadora e sonolenta da atmosfera.³⁷⁹

³⁷⁶ “that the end of such knowledge was the control of nature” (OELSCHLAEGER, Max. *The Idea of Wilderness: from prehistory to the age of ecology*. New Haven: Yale University Press, 1991, p. 105, tradução nossa).

³⁷⁷ TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship, 1865-1924*. Athens: Ohio University Press, 1990, p. 20, 49.

³⁷⁸ WULF, Andrea. *A invenção da natureza: a vida e as descobertas de Alexander von Humboldt*. São Paulo: Planeta, 2016. P. 200.

³⁷⁹ “It was a warm, beautiful Indian summer’s day, and a peculiar stillness and Sabbath-like quiet seemed to pervade all nature. The leaves of the scattering birches and alders along the trail hung motionless in the warm sunshine, the drowsy cawing of a crow upon a distant larch came to our ears with strange distinctness, and we even imagined that we could hear the regular throbbing of the surf upon the far-away coast. A faint murmurous hum of bees was in the air, and a rich fruity fragrance came up from the purple clusters of blueberries which our horses crushed under foot at every step. All things seemed to unite in tempting the tired traveller to stretch

Esta alternância entre o distanciamento científico e o envolvimento romântico acompanha o livro de Kennan desde seu prefácio. Lá ele afirma que sua intenção é construir uma imagem tão clara e precisa quanto fosse possível do seu objeto, para em seguida ressaltar que não havia pretensão de rigor científico, que tratava-se de uma narrativa pessoal.³⁸⁰ Donald Worster escreve sobre um embate entre objetividade e simpatia, com parte da comunidade científica da segunda metade do século XIX de um lado e os românticos do outro, ambos interessados na observação do mundo natural, mas com concepções diferentes de que tipo de abordagem revelaria a verdade.³⁸¹

Tent Life in Siberia, por sua vez, goza do privilégio de pertencer ao gênero do relato de viagem, como aponta Mary Anne Junqueira, era um híbrido composto de outros tipos de discurso.³⁸² A obra não precisava comprometer-se a um ou outro entendimento, como um tratado científico ou filosófico produzido por um naturalista, como Thoreau. A liberdade que o formato conferia a seu autor permite que no texto de Kennan seja possível observar “os valores e instituições do capitalismo expansionário”,³⁸³ a celebração humanista das qualidades da civilização e da cultura,³⁸⁴ e mesmo “o preconceito contra a natureza na religião ocidental”³⁸⁵, no mesmo livro em que todas as coisas parecem se unir em um esforço para que o narrador se deite na grama entre as abelhas, onde a natureza se confunde com um sonho. O que o autor julgasse mais interessante a cada momento para avançar sua narrativa era utilizável.

Entre panoramas, cenas e montagens, atentando-se à fluidez entre elas possibilitada pela narrativa, tem-se uma estrutura para tratar dos recursos discursivos pelos quais Kennan aborda a paisagem. Denis Cosgrove afirma que a paisagem é uma produção social e cultural, uma maneira de ver que possui técnicas e padrões a serem seguidos, os quais se alteram com o

himself out on the warm fragrant grass, and spend the day in luxurious idleness, listening to the buzzing of the sleepy bees, inhaling the sweet smell of crushed blueberries, and watching the wreaths of curling smoke which rose lazily from the lofty crater of the great white volcano. I laughingly said to Dodd that instead of being in Siberia —the frozen land of Russian exiles —we had apparently been transported by some magical Arabian Night's contrivance to the clime of the 'Lotus Eaters,' which would account for the dreamy, drowsy influence of the atmosphere” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 72-73, tradução nossa).

³⁸⁰ Ibid., p. V.

³⁸¹ WOSTER, Donald. *Nature's Economy: A History of Ecological Ideas*. 2. Ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 89-91.

³⁸² JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. In: *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011, p. 55.

³⁸³ “the values and institutions of expansionary capitalism” (WOSTER, op. cit., p. 58, tradução nossa).

³⁸⁴ Ibid., p. 85.

³⁸⁵ Ibid., p. 58.

tempo.³⁸⁶ O emprego destes estilos por Kennan não é surpreendente, já tendo sido destacado que uma longa tradição o “ensinou” como olhar para o mundo, ao que estar atento, que tipo de sentimentos devia experimentar, inclusive.

Do mais imperial ao mais romântico, do mais ótico ao mais háptico, do mais estático ao mais dinâmico, estas ferramentas têm diferentes usos na narrativa. Um panorama ameaçador pode gerar tensão, anunciar um iminente conflito que o leitor pode esperar quando o narrador deixar de observá-lo do horizonte para adentrá-lo e o navegar. Uma cena pode aumentar a tensão ao tomar um momento para enfatizar o desespero de uma situação. Uma montagem pode resolver a tensão construída em uma sequência emocionante. Este funcionamento é observável de maneira especialmente clara nas paisagens montanhosas, a *wilderness* por excelência para Kennan.

4.3 A MONTANHA E O DESFILADEIRO: *WILDERNESS* POR EXCELÊNCIA

Um dos episódios de *Tent Life in Siberia* que mais evidenciam a posição de obstáculo que a *wilderness* podia assumir no texto de Kennan é a travessia das montanhas “Samanka”, no norte de Kamtchatka. Desde sua estadia no vilarejo de Lesnoi, sua última parada antes de dirigir-se à cordilheira, o autor dava indicações do perigo que o esperava, aumentando a tensão. Além disto, não só possivelmente companheiros de expedição esperavam ao norte com pouco amparo, como também o inverno poderia chegar a qualquer momento, o que adicionava elementos de urgência à aventura. Os guias locais avisam do perigo, mas suas opiniões são pouco consideradas. Separando-se em duas equipes, Kennan é isolado de Dodd e do Major, e responde com melancolia. Seu grupo passa por um vão nas montanhas “através do qual nós adentramos a ‘wilderness’”.³⁸⁷ Era o marco entre um momento da narrativa e outro: o explorador havia deixado para trás a natureza que se apresentava em sua beleza e adentrado o mundo selvagem das montanhas.

William Cronon demonstra que os próprios românticos, como Wordsworth e Thoreau, por vezes expressavam o sublime mais pelo seu lado terrível do que pelo maravilhoso. O trecho que cita de Thoreau, em especial, dialoga com a forma como Kennan representou as montanhas Samanka uma vez que o inverno, previsivelmente, chegou. Thoreau deu uma voz feminina e

³⁸⁶ COSGROVE, Denis E. *Social formation and symbolic Landscape*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1998, p. 269.

³⁸⁷ “through which we entered the ‘wilderness’” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 135, tradução nossa).

severa à natureza, com a qual ela avisava o explorador que não devia procurá-la em locais onde não era bem-vindo.³⁸⁸

Kennan atribui-lhe as mesmas característica antropomórficas, embora não utilize a imagem feminina: “Uma forte tempestade de neve estava varrendo o vale, e a natureza assumira repentinamente o aspecto severo e o traje branco e impiedoso do inverno.”³⁸⁹ Prosseguindo com a travessia, em meio à tempestade, o “selvagem” é associado à confusão dos sentidos, a ver o impossível: “De vez em quando, um penhasco vulcânico preto, inacessível como o pico do Monte Cervino, aparecia na névoa branca bem acima de nossas cabeças, como se estivesse suspenso no ar, conferindo uma chocante selvageria momentânea à cena.”³⁹⁰ Neste ambiente de caos e desorientação, sua equipe se perde.

O que eventualmente os salva de caminharem a esmo pelas montanhas até perderem as forças é muito significativo para a narrativa de progresso contada na obra: a bússola que Kennan navegava lhe permitiu encontrar o mar, tarefa na qual o guia local havia falhado, e para completar, seu sucesso havia respondido às dúvidas expressadas pelo nativo.³⁹¹ O conhecimento ocidental tem seu primeiro triunfo sobre a natureza e sobre a sabedoria local. A bússola, entretanto, leva o grupo até uma localidade tão evocativa do antagonismo entre o explorador e a *wilderness* que ele decide apresentar com uma cena:

Eu nunca havia imaginado uma cena tão selvagem e solitária. Atrás e ao redor de nós havia uma *wilderness* de picos brancos e desolados, aglomerados sob um céu cinzento e impiedoso, com aqui e ali um punhado de pinheiro anão, ou um pináculo preto de basalto, para intensificar o contraste com a horrível brancura e desolação das estranhas montanhas nevadas. Em frente, mas bem abaixo, estava o mar agitado, rolando misteriosamente em meio a uma névoa cinzenta de flocos de neve, arrebatando em espessas camadas de espuma coagulada contra o penhasco preto, e fazendo longas reverberações e barulhos ocos e borbulhantes nas cavernas subterrâneas que havia esvaziado. Neve, água e montanhas, e em primeiro plano um pequeno grupo de homens cobertos de gelo e cavalos desgrenhados, olhando para o mar do cume de um poderoso penhasco! Era uma imagem simples, mas estava cheia de sugestões tristes e pesarasas.³⁹²

³⁸⁸ CRONON, William. The trouble with Wilderness; or, Getting Back to the Wrong Nature. In.: CRONON, William (Org.). *Uncommon Ground: rethinking the Human Place in Nature*. New York: W. W. Norton & Company, 1996, p. 69-90, p. 74-75.

³⁸⁹ “A driving snow-storm was sweeping down the valley, and Nature had assumed suddenly the stern aspect and white pitiless garb of winter” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 139, tradução nossa).

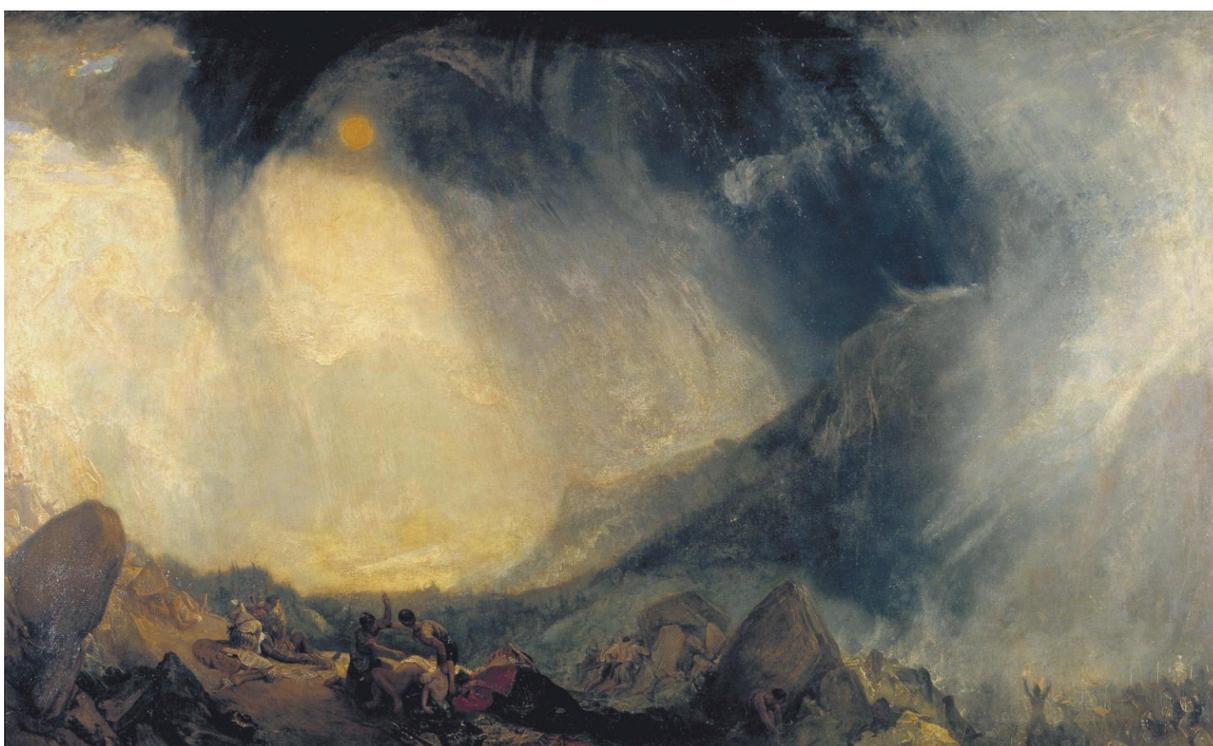
³⁹⁰ “Now and then a black volcanic crag, inaccessible as the peak of the Matterhorn, would loom out in the white mist far above our heads, as if suspended in mid-air, giving a startling momentary wildness to the scene” (Ibid., p. 140, tradução nossa).

³⁹¹ Ibid., p. 142-143.

³⁹² “I had never imagined so wild and lonely a scene. Behind and around us lay a wilderness of white, desolate peaks, crowded together under a gray, pitiless sky, with here and there a patch of trailing pine, or a black pinnacle of trap-rock, to intensify the contrast the ghastly whiteness and desolation of the weird snowy mountains. In front, but far below, was the troubled sea, rolling mysteriously out of a gray mist of snowflakes, breaking in thick sheets of clotted froth against the black cliff, and making long reverberations, and hollow, gurgling noises in the subterranean caverns which it had hollowed out. Snow, water, and mountains, and in

O uso de “primeiro plano” (*foreground*), a repetição das cores - no caso apenas branco, cinza e preto - e, finalmente, a menção explícita à figura deixam evidente a intenção do autor de compor uma imagem estetizada, como um quadro. Kennan reconhece uma plasticidade neste cenário, ainda que fosse sombrio, melancólico. A principal função da cena na narrativa é ressituar o leitor após o encontro com o mar e transmitir um sentimento de desesperança. Sua apreciação de Turner sugere que poderia estar buscando construir uma imagem como suas *Tempestade de Neve: Aníbal e seu Exército Atravessando os Alpes* (Figura 1), ou *Passagem do Monte Cenis*, que retratam similarmente figuras humanas e cavalos em primeiro plano, contra grandes e opressivas tempestades compostas de brancos e cinzas.

Figura 1 - Tempestade de Neve: Aníbal e seu Exército Atravessando os Alpes, de Joseph Mallord William Turner



Fonte: TURNER (1812)

Além de Turner, a cena descrita por Kennan pode remeter também aos quadros invernais de outro pintor romântico, Caspar David Friedrich (Figura 2), embora fosse improvável que o

the foreground a little group of ice-covered men and shaggy horses, staring at the sea from the summit of a mighty cliff! It was a simple picture, but it was full of cheerless, mournful suggestions” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 143, tradução nossa).

escritor conhecesse sua obra, no geral ignorada até o começo do século XX.³⁹³ A associação não é de influência, mas de confluência temática. “O homem surge nestes quadros como ser solitário na natureza, cuja força o subjuga”,³⁹⁴ coloca Ulrich Seeberg a respeito da obra do artista, e o mesmo poderia ser dito de paisagens como esta descritas em *Tent Life in Siberia*, inclusive com o próprio autor o fazendo, caracterizando a cena como “solitária”. Nestes momentos em que descreve cenários em que a natureza assume seu aspecto mais sinistro, o escritor utiliza-se de uma série de expressões que sugerem uma qualidade terrível, mas essencialmente indescritível: o céu cinzento é impiedoso, a brancura é pavorosa, as montanhas simplesmente “estranhas”. O mar, cujo movimento passa a ser misterioso, produz sons grotescos contra cavernas ocultas.

Figura 2 - Paisagem invernal, de Caspar David Friedrich



Fonte: Caspar David Friedrich (1811)

³⁹³ SEEBERG, Ulrich. Dimensões filosóficas na obra de Caspar David Friedrich. *ARS (São Paulo)*, São Paulo, v. 3, n. 5, p. 78-89, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202005000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 jan. 2020, p. 79.

³⁹⁴ *Ibid.*, p. 85.

A cena é encerrada com o anúncio explícito do sentimento associado, e o leitor é trazido de volta ao relato em movimento com a personagem do guia, que reconhecia os poderes da bússola. Eles descem até uma praia estreita, onde acampam e constatam a impossibilidade de avançar. Decidindo retornar a Lesnoi, a equipe disputa uma corrida a cavalo contra a maré, que se fosse perdida resultaria em uma morte quase certa, presos entre o mar e o desfiladeiro. Em uma montagem longa e empolgada, Kennan narra a vitória da ousadia de indivíduos determinados sobre a *wilderness*.³⁹⁵ O grupo retorna faminto e doente a Lesnoi: eles haviam falhado na travessia, o que atestava a selvageria das montanhas, mas ao retornar com vida eles haviam provado também seu mérito e possibilitado a conquista futura.

No imaginário de enfrentamento com a *wilderness*, quanto mais selvagem fosse um território, mais possibilidades ele oferecia para um homem ser másculo e viril. Kennan transporta esta lógica da fronteira nos Estados Unidos às montanhas siberianas. Anteriormente, no vale do Genul, ele podia ter cedido que as paisagens mais selvagens fossem as americanas, mas na travessia das Samanka o autor procura demonstrar a brutalidade a ser encontrada na Ásia, dificilmente possível de ser considerada mais segura ou menos selvagem do que outro espaço. Assim, Kennan pode se investir da mesma virilidade com a qual buscava-se associar os pioneiros nos EUA.³⁹⁶

A narrativa de *Tent Life in Siberia* tem ainda, no personagem *Mr. Leet*, uma expressão da valorização deste espaço “selvagem” de uma maneira muito mais grosseira do que aquelas apresentadas por Kennan neste trecho sobre Genul or por Cronon em sua análise. Em meio a outra travessia montanhosa, por um vale chamado “Viliga”, Leet desafia as dificuldades apresentadas por montanhas tempestuosas na Sibéria, afirmando que sua experiência no Oeste havia sido mais intensa:

Nosso guia mais uma vez protestou conosco sobre a tolice de se entrar deliberadamente em uma tempestade tal qual essa evidentemente seria; mas Leet riu com desdém, declarando em russo quebrado que havia visto tempestades nas Sierra Nevadas para as quais esta não era uma circunstância ‘Tempestades Col-shoi, pode apostar!’ Mas dentro de mais cinco minutos o próprio sr. Leet estava pronto para admitir que essa tempestade no Viliga não se compara desfavoravelmente a nada do tipo que ele já havia visto na Califórnia.³⁹⁷

³⁹⁵ KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 147-153.

³⁹⁶ CRONON, William. *The trouble with Wilderness; or, Getting Back to the Wrong Nature*. In.: CRONON, William (Org.). *Uncommon Ground: rethinking the Human Place in Nature*. New York: W. W. Norton & Company, 1996, p. 69-90, p. 78.

³⁹⁷ “Our guide once more remonstrated with us upon the folly of going deliberately into such a storm as this evidently would be; but Leet laughed him to scorn, declaring in broken Russian that he had seen storms in the Sierra Nevadas to which this was not a circumstance ‘Col-shoi storms, you bet!’ But in five minutes more Mr. Leet himself was ready to admit that this storm on the Viliga would not compare unfavorably with anything of the kind which he had ever seen in California” (KENNAN, op. cit., p. 408, tradução nossa).

Ter enfrentado tempestades piores é uma forma do personagem reafirmar sua potência, contestada pelo cenário siberiano. Possuir o espaço mais desafiador, como foi exposto, é um passo além para forjar indivíduos mais fortes, mais viris. Cerca de dez páginas após vangloriar-se de tal maneira, um Leet quase morto era amarrado a um trenó e Kennan, após descobrir que ele ainda estava vivo, afirmou: “então pensei que ele tivesse acrescentado algo sobre ‘tempestades piores nas Sierra Nevadas’, o que me convenceu de que ele ainda estava longe de estar esgotado. Enquanto ele pudesse insistir na superioridade das tempestades californianas, certamente havia esperança.”³⁹⁸

Neste caso, a própria escrita de Kennan brinca com a defesa exagerada da excepcionalidade da *wilderness* americana, mas o faz após ter confirmado a virilidade de Leet: antes de seu colapso ele havia salvo sozinho a expedição de uma morte certa, escavando seus trenós em meio a uma nevasca. Em seguida, Kennan valoriza ainda mais seu heroísmo, afirmando que este esforço havia sido realizado com uma camada de gelo cobrindo sua espinha dorsal. Seis horas após Leet desmoronar exausto, o narrador afirma que “Nada além de uma vontade forte e a vitalidade mais intensa permitiram que ele resistisse.”³⁹⁹. Toda esta constituição heróica, entretanto, não é suficiente para que ele derrote a *wilderness* siberiana. Seu destino é uma passagem sombria de *Tent Life in Siberia*, contrastando com o humor que o personagem trazia até então:

O pobre coitado posteriormente enlouqueceu por excitações e dificuldades como estas que descrevi, e provavelmente até certo ponto por esta própria expedição, e finalmente se suicidou atirando em si mesmo em um dos assentamentos siberianos solitários na costa do mar de Okhotsk.⁴⁰⁰

Leet contrasta diretamente com Kennan dentro da narrativa: enquanto o narrador aprende a respeitar os perigos do cenário siberiano, especificamente a partir de sua primeira “derrota”, nas montanhas que chama de *Samanka*, este indivíduo impetuoso o subestima. Kennan, nas *Samanka*, optou por escutar seu guia, desistir da travessia, e retornar exausto, mas vivo, para Lesnoi. Após esta experiência, ele pôde seguir com a expedição até seu fim, combinando sua audácia de aventureiro com a noção de perigo aprendida, embora ainda

³⁹⁸ “then I thought he added something about ‘ worse storms in the Sierra Nevadas,’ which convinced me that he was far from being used up yet. As long as he could insist upon the superiority of Californian storms, there was certainly hope” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 419, tradução nossa).

³⁹⁹ “Nothing but a strong will and the most intense vitality enabled him to hold out” (Ibid., p. 420, tradução nossa).

⁴⁰⁰ “The poor fellow was afterwards driven insane by excitements and hardships such as these which I have described, and probably to some extent by this very expedition, and finally committed suicide by shooting himself at one of the lonely Siberian settlements on the coast of the Okhotsk Sea” (Ibid., p. 420, tradução nossa).

cometesse erros (como subestimar a travessia do Viliga). Leet, por outro lado, manteve firme sua crença em seu potencial de conquistar as montanhas na travessia do vale e conseguiu vencê-las. Sem ter adquirido a sabedoria da derrota, entretanto, ele pagou um preço, sua sanidade.

Leet é a expressão máxima da exaltação da virilidade presente em *Tent Life In Siberia*. Monica Rico, em seu *Nature's Noblemen*, explora como o Oeste e outras fronteiras afins eram, no século XIX, espaços onde homens das elites britânica e estadunidense performaram uma masculinidade associada a uma potência de violência e a narrativas juvenis de aventura.⁴⁰¹ A autora chama atenção para como o próprio espaço onde ocorre a aventura foi associado, embora não sem contradições, ao universo masculino e oposto à ordem doméstica.⁴⁰²

O “desbravador” (*pathfinder*) era uma figura central destas narrativas, e sua sobrevivência enfrentando os perigos da *wilderness* podia ter valor por si só. Analisando o caso do britânico Moreton Frewen, que em dezembro de 1878 sobreviveu a uma intensa nevasca durante a travessia das Montanhas Rochosas, em busca de um local para um novo rancho, Rico identifica em sua escrita este mesmo tipo de atitude inconsequente e desafiadora. Frewen primeiro ignora os avisos de seu guia para que não fizesse a travessia, então vê-se em uma situação aparentemente sem saída, até enfim ser salvo por uma ideia engenhosa sugerida por este mesmo guia: pôr um rebanho em debandada para que criassem um caminho na neve. Ainda assim, a vitória sobre a natureza é tida por Frewen como uma façanha heróica que provavelmente nunca seria repetida. Rico destaca ainda que parece muito mais plausível que ninguém tenha o seguimento devido à estupidez e à futilidade de se atravessar as Montanhas Rochosas com mau tempo, em pleno inverno.⁴⁰³

Esta não foi a única representação da montanha adotada por Kennan. As descrições da beleza percebida para os montes no horizonte já foi comentada, e o vulcão “Kloochefskoi” é descrito em um misto humboldtiano de apreciação estética e curiosidade científica,⁴⁰⁴ com direito à afirmação de que “Sentimos uma forte tentação de tentar escalar suas laterais nevadas e olhar para dentro da sua cratera fumegante.”⁴⁰⁵ Ainda assim, a montanha, como foi o caso para Frewen, funcionou na narrativa de Kennan como um espaço de conquista e reafirmação da potência masculina, individualista e mesmo ocidental, como no caso da bússola nas Samanka.

⁴⁰¹ RICO, Monica. *Nature's Noblemen: Transatlantic Masculinities and the Nineteenth-Century American West*. New Haven: Yale University Press, 2013.

⁴⁰² *Ibid.*, p. 10.

⁴⁰³ *Ibid.*, p. 46-47.

⁴⁰⁴ WOSTER, Donald. *Nature's Economy: A History of Ecological Ideas*. 2. Ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 134-135.

⁴⁰⁵ “We felt a strong temptation to try and scale its smooth snowy sides and peer over into its smoking crater” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 103, tradução nossa).

Ela não foi, entretanto, o único espaço de enfrentamento entre o homem e a *wilderness*. Contendo outros perigos, mas apresentada como igualmente mortal, a tundra é outra paisagem-antagonista.

4.4 TUNDRAS E AURORAS: DESAFIOS À COMPREENSÃO

O que as paisagens até agora comentadas têm em comum é sua aparente facilidade de tradução para o universo semântico do pensamento espacial estadunidense. A selvageria de uma montanha tempestuosa, a beleza de vales verdejantes, o trevo que desenvolve a flora da zona temperada, o perigo de um desfiladeiro, as matas populadas por ursos e águias; todas estas imagens são conhecidas do público leitor anglófono acostumado com as narrativas mais ou menos românticas sobre o contexto da colonização do Oeste americano. As comparações de Leet entre o Vale do Viliga e as *Sierra Nevadas*, ou do próprio Kennan entre as paisagens dos dois continentes atestam em favor desta familiaridade. Mesmo assentamentos da fronteira podem ser utilizados para explicar alguns vilarejos, com o auxílio de alguns termos locais - *bologáns*, por exemplo. Em poucos momentos há algo que se distancia deste conjunto simbólico: menções a uma exuberância quase tropical percebida na vegetação de Kamtchatka poderiam ser citadas neste sentido.⁴⁰⁶ O caminho por outros espaços, entretanto, não é tão facilmente traduzido, como é o caso da tundra, especialmente durante o inverno, ou das habitações dos coriacos assentados do golfo de Penzhinsk.

A primeira menção que Kennan faz à tundra é eclipsada pelo acontecimento que a acompanha - o primeiro encontro com um urso. Então, o autor apenas comenta que eles galopavam rápido pela “planície nivelada conhecida como a Tundra de Kamtchatka”.⁴⁰⁷ Este é aparentemente um comentário passageiro, mas sua presença marca que o autor começou cedo a tentar descrever este ambiente. Para reforçar esta ideia, de que a escrita da tundra foi um processo difícil, ressalta-se que o ambiente e o termo são apresentados em mais detalhes ao leitor poucos capítulos mais tarde, em duas passagens distintas e relativamente repetitivas.

No topo da cordilheira central da península, após passar pelo primeiro terreno montanhoso e difícil da viagem - a cordilheira central de Kamtchatka - o explorador narra o encontro de seu grupo com um planalto elevado. A travessia das montanhas havia sido difícil, embora se comparada ao caso das Samanka, narrado a seguir, pareça “apenas um aquecimento”.

⁴⁰⁶ KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 44, 53, 60.

⁴⁰⁷ “the level plain known as the Kamtchatka Toondra” (Ibid., p. 83, tradução nossa).

Após a travessia ainda haveria algumas poucas descrições com apelo estético da paisagem temperada, mas ainda assim ela marca a primeira ameaça que a *wilderness* apresenta no livro. Ao primeiro chegar ao topo, ele olha para o horizonte e o descreve:

Diante de nós, meio oculta por nuvens cinzentas de tempestade e neblina, havia uma grande extensão de terreno plano, coberto a uma profundidade de dezoito polegadas com uma almofada densa e macia de musgo do Ártico, e retendo água como uma enorme esponja. Nem uma árvore nem um marco de qualquer espécie podiam ser vistos - nada além de musgo e garoa. Um vento frio e penetrante do norte varreu nuvens frias de tempestade através do topo desolado da montanha e lançou pequenas partículas de chuva semi-congelada contra nossos rostos com força ofuscante e ardente.⁴⁰⁸

Mais uma vez, a maneira de descrever a tundra é acentuando seu aspecto plano, tratava-se de uma espécie de chapada, mesa ou planalto. A aproximação da camada de musgo com uma esponja é uma tentativa de explicá-la por analogia a objetos da cultura do destinatário. O tempo é parte essencial da paisagem, aqui mais relacionado ao sentido do toque, enquanto o grupo é fustigado pelas próprias nuvens. Poucas páginas a seguir, após acampar em uma cabana, Kennan utiliza de novo a imagem de uma “mesa alta que aqui formava o cume da cordilheira”,⁴⁰⁹ enfatizando mais uma vez o formato da terra, e em seguida comenta como “o cenário deste ponto em tempo limpo deve ser magnífico”.⁴¹⁰

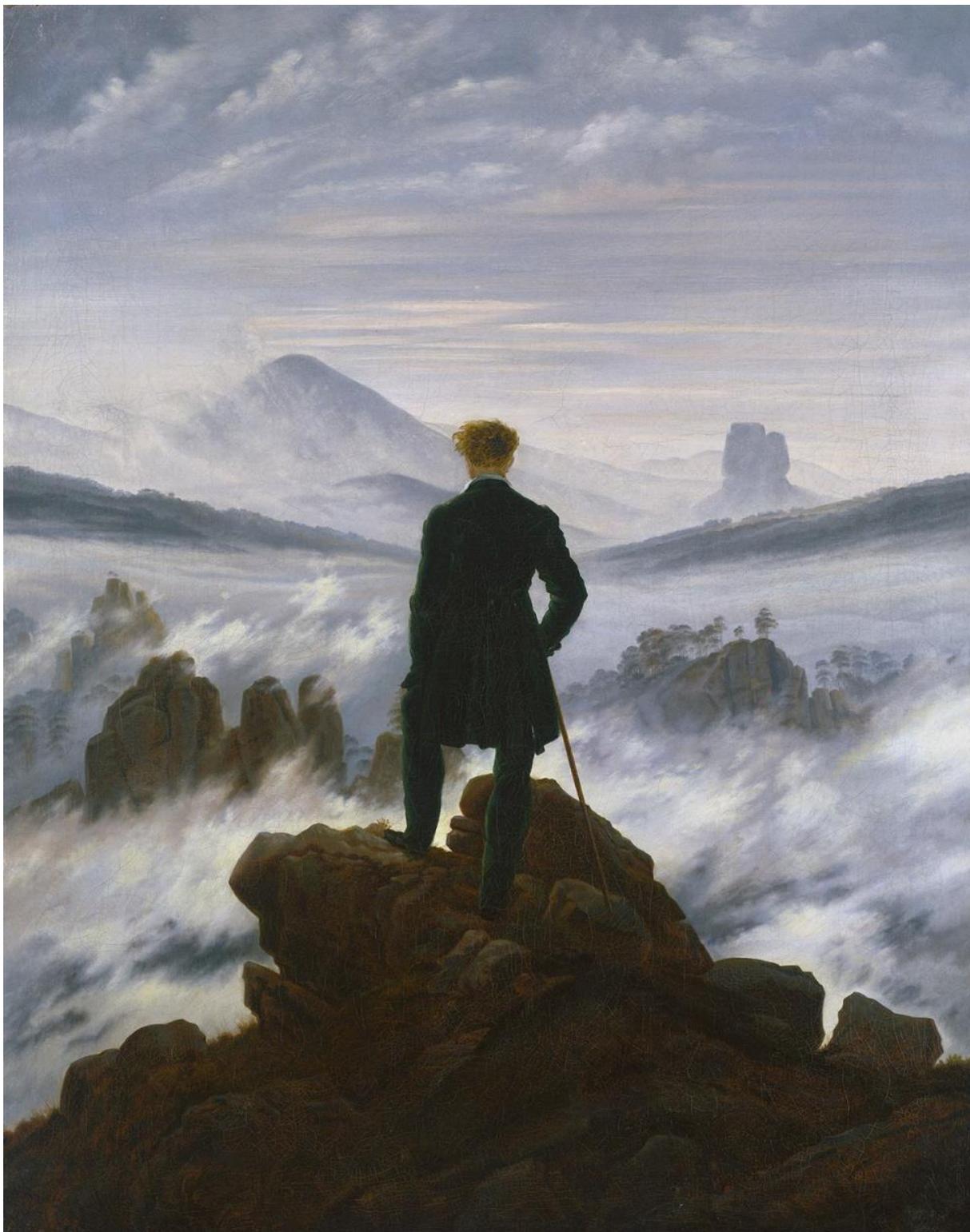
Ali, Kennan percebe a paisagem como totalmente dependente do tempo: em um dia ensolarado, seria possível observar o Oceano Pacífico de um dos lados, e o Mar de Okhotsk do outro, com vales e montanhas entre eles. Em um dia como aquele, entretanto, o único mar que observavam era um composto de nuvens azuladas. A imagem pode remeter o leitor imediatamente ao *Andarilho sobre o mar de névoa* (Figura 3), de Friedrich - embora com a diferença de que Kennan já havia especificado *duas vezes* que o terreno onde estava era plano.

⁴⁰⁸ “Before us, half hidden by gray storm-clouds and driving mist, lay a great expanse of level table-land, covered to a depth of eighteen inches with a soft dense cushion of Arctic moss, and holding water like an enormous sponge. Not a tree nor a landmark of any kind could be seen - nothing but moss and flying scud. A cold piercing wind from the north swept chilly storm-clouds across the desolate mountain top, and drove tiny particles of half-frozen rain into our faces with blinding, stinging force” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 119, tradução nossa).

⁴⁰⁹ “high table-land which here formed the summit of the mountain range” (Ibid., p. 123, tradução nossa).

⁴¹⁰ “the scenery from this point in clear weather must be magnificent” (Ibid., p. 123, tradução nossa).

Figura 3 - Andarilho sobre o mar de névoa, de Caspar David Friedrich



Fonte: FRIEDRICH (1817)

Desta maneira, o olhar de Kennan, parece de certa forma preso à ideia de que a névoa esconde uma realidade da paisagem, quando na verdade é tão real quanto o tempo ensolarado da paisagem, como apontava Christopher Tilley, segundo Ingold.⁴¹¹ Outras passagens também evidenciam este seu lado, como quando compara a névoa e as nuvens a cortinas ou véus que escondem montanhas de seu olhar.⁴¹² Ainda assim, a descrição que fez da paisagem tomada pela névoa, do topo do planalto, conferiu uma plasticidade à cena - era possível discernir vislumbres de rios por brechas nas nuvens, um vulcão distante parece flutuar em um grande oceano. O cenário em um dia ensolarado poderia ter sido magnífico, mas Kennan conferiu uma estética romântica, relacionada ao mistério àquela visão que teve, à descreveu como paisagem igualmente real, tão real que em seguida fustigou seu próprio rosto.⁴¹³

Naquela mesa sobre a cordilheira central, o autor também observou a ação e o trabalho humanos como partes da paisagem, primeiramente na cabana onde acamparam, coberta de neve e musgo e sem metade de uma de suas paredes. Esta fora arrancada, um registro da passagem de outros viajantes. Eles próprios destruíram um pouco mais a construção e modificaram mais uma vez aquele elemento da paisagem.⁴¹⁴ Mais significativo, contudo, é a importância da agência dos coriacos para aquela paisagem:

Não parecia possível que seres humanos pudessem viver, ou gostariam de viver, nesta planície de musgo desolada, a 4.000 pés acima do nível do mar, envoltos metade do tempo em nuvens flutuantes e assolados por frequentes tempestades de chuva e neve. Mas mesmo aqui os coriacos nômades rebanham suas renas resistentes, erguem os postes fumacentos de suas tendas e desafiam desdenhosamente os elementos. Três ou quatro vezes durante o dia passamos por montes de chifres de rena e pilhas de cinzas cercadas por grandes círculos de galhos de pinheiro, que marcavam os locais das tendas dos coriacos; mas o bando de nômades selvagens que havia deixado esses vestígios havia desaparecido há muito tempo, e agora talvez estivesse pastoreando suas renas nas costas varridas pelo vento do Oceano Ártico.⁴¹⁵

A tendência a relegar populações vistas como “selvagens” à esfera da natureza marca este trecho, especialmente pela implicação de que os coriacos fazem aquilo que parece impossível para os humanos. Nesta breve montagem, contudo, Kennan também enxerga a paisagem precisamente no sentido que Ingold usa ao referir-se a “um padrão de atividades

⁴¹¹ INGOLD, Tim. *Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description*. Routledge, 2011, p. 130.

⁴¹² KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 25, 27, 36.

⁴¹³ *Ibid.*, p. 123-124.

⁴¹⁴ *Ibid.*, p. 120.

⁴¹⁵ “It did not seem possible that human beings could live, or would care to live, on this desolate plain of moss, 4,000 feet above the sea, enveloped half the time in drifting clouds, and swept by frequent storms of rain and snow. But even here the wandering Koraks herd their hardy reindeer, set up their smoky tent-poles, and bid contemptuous defiance to the elements. Three or four times during the day we passed heaps of reindeer’s antlers, and piles of ashes surrounded by large circles of evergreen twigs, which marked the sites of Korak tents; but the band of wild nomades which had left these traces had long before disappeared, and was now perhaps herding its deer on the wind-swept shores of the Arctic Ocean” (*Ibid.*, p. 124, tradução nossa).

‘desmoronado’ em um arranjo de características”.⁴¹⁶ Diferentemente dos caminhos, dos feixes de cereais ceifados e da plantação de grãos na pintura *Ceifeiros*, de Bruegel, analisada pelo autor,⁴¹⁷ entretanto, as características em Kamtchatka pareciam indicar uma paisagem abandonada. O elemento das pessoas responsáveis por aquelas atividades que geraram as pilhas de galhadas e os círculos no chão estava ausente. Evidentemente, a paisagem não estava abandonada, estava sendo utilizada pela própria equipe de Kennan, que a atravessava e deixava vestígios, mesmo que o próprio explorador não os reconhecesse.

Após toda a travessia, Kennan reapresenta a mesa ao leitor, reafirmando sua altitude e aspecto plano “esta grande planície de musgo que jaz tão alta entre picos vulcânicos extintos”,⁴¹⁸ e então repetindo o nome pelo qual ela deveria ser referida, “Só sei que pouco antes do meio dia deixamos a ‘tundra’, como esse tipo de estepe de musgo é chamado”.⁴¹⁹ A insistência nestes poucos elementos replicados incessantemente chama atenção, seja por comicidade ou por indicar de desleixo. Contudo, uma explicação plausível parece ser a dificuldade de tradução tanto de sua visualidade quanto da sensação de habitar (ainda que passageiramente, enquanto viajante) a paisagem da tundra, a qual é, em seguida, confessada pelo próprio autor.

É difícil para quem não teve experiência da vida no norte obter, a partir de uma mera descrição verbal, uma ideia clara de uma estepe de musgo siberiana, ou apreciar completamente a natureza e extensão dos obstáculos que ela apresenta às viagens no verão. Não é de maneira alguma fácil de se atravessar, mesmo no inverno, quando está congelada e coberta de neve; mas no verão torna-se praticamente intransitável. Por trezentas ou quatrocentas milhas quadradas, o chão eternamente congelado é coberto a uma profundidade de dois pés com um denso e exuberante crescimento de musgo ártico macio e esponjoso, saturado com água e polvilhado aqui e ali com pequenas colinas de arbustos de mirtilo atrofiados e chumaços de chá de labrador. Ela nunca seca, nunca se torna dura o suficiente para permitir uma base estável. De junho a setembro é uma enorme, macia e trêmula almofada de musgo úmido.⁴²⁰

⁴¹⁶ “a pattern of activities ‘collapsed into an array of features” INGOLD, Tim. *The Perception of The Environment: Essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2002, p. 198.

⁴¹⁷ Ibid., 201-208.

⁴¹⁸ “this great plain of moss which lay so high up among extinct volcanic peaks” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 124, tradução nossa).

⁴¹⁹ “I only know that just before noon we left the ‘toondra,’ as this kind of moss steppe is called” (Ibid., p. 124, tradução nossa).

⁴²⁰ “It is difficult for one who has had no experience of northern life to get from a mere verbal description a clear idea of a Siberian moss steppe, or to appreciate fully the nature and extent of the obstacles which it presents to summer travel. It is by no means easy to cross, even in winter, when it is frozen and covered with snow; but in summer it becomes practically impassable. For three or four hundred square miles the eternally frozen ground is covered to a depth of two feet with a dense luxurious growth of soft, spongy Arctic moss, saturated with water, and sprinkled here and there with little hillocks of stunted blueberry bushes and clusters of Labrador tea. It never dries up, never becomes hard enough to afford stable footing. From June to September it is a great, soft, quaking cushion of wet moss” (Ibid., p. 130, tradução nossa).

A experiência de caminhar e afundar sobre uma grande e trêmula esponja era certamente mais específica do que a imagem de um horizonte esteticamente agradável composto por morros e vales verdejantes, ou do que a sensação de ser fustigado por uma tempestade. Mesmo quem nunca houvesse deixado a cidade de Nova Iorque haveria visto e ouvido sobre mais montanhas do que sobre esponjas-planícies. Convencer um leitor da dificuldade e do perigo em escalar um monte íngreme podia não necessitar de grande esforço - a possibilidade de queda é bastante sugestiva. Convencer o mesmo leitor da dimensão do obstáculo e do perigo representados por uma imensa e plana extensão esponjosa poderia se mostrar mais desafiador. Talvez nesta dificuldade se encontre uma explicação para Kennan ter descrito tantas vezes em sequência o mesmo tipo de terreno.

Uma solução adotada foi o apelo a uma compreensão mais técnico-científica do ambiente. Utilizando a imagem, invisível ao próprio viajante que caminha sobre a tundra, da camada subterrânea de *permafrost*, ele procura explicar a paisagem a partir de uma lógica físico-biológica, complementando a apresentação estética que até então só conseguira repetir a imagem da planície ou estepe de musgo (*como uma esponja*).

As causas que produzem esse extraordinário e aparentemente anormal crescimento de musgo são aquelas que exercem a mais poderosa influência sobre o desenvolvimento da vegetação em todos os lugares, e a umidade - ou seja, calor, luz - e essas agências, no clima do norte, são tão combinados e intensificados durante os meses de verão que estimulam alguns tipos de vegetação a um luxo quase tropical. A terra descongela na primavera a uma profundidade média de talvez dois pés, e abaixo desse ponto há uma camada espessa e impenetrável de gelo sólido. A água produzida pelo derretimento das neves do inverno é impedida por esse estrato de solo congelado de afundar ainda mais na terra e não tem escapatória, exceto por lenta evaporação. Por isso, satura a camada de musgo na superfície e, auxiliada pela luz quase perpétua do sol de junho e julho, a excita a um crescimento rápido e maravilhosamente luxuriante.⁴²¹

O leitor pode ser levado a imaginar, como em diagramas de um livro didático, cortes transversais do terreno, mostrando os diferentes extratos durante as diferentes estações. Vê-se novamente um diálogo, ainda que indireto, com a obra de Humboldt. Então sem ilustrações, *Tent Life in Siberia* parecia buscar como podia aproximar-se deste enfoque visual da explicação

⁴²¹ “The causes which produce this extraordinary, and apparently abnormal, growth of moss are those which exercise the most powerful influence over the development of vegetation everywhere, and moisture, — viz., heat, light, — and these agencies, in a northern climate, are so combined and intensified during the summer months as to stimulate some kinds of vegetation into almost tropical luxuriance. The earth thaws out in spring to an average depth of perhaps two feet, and below that point there is a thick, impenetrable layer of solid frost. The water produced by the melting of the winter’s snows is prevented by this stratum of frozen ground from sinking any farther into the earth, and has no escape except by slow evaporation. It therefore saturates the cushion of moss on the surface, and, aided by the almost perpetual sunlight of June and July, excites it to a rapid and wonderfully luxuriant growth” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 131, tradução nossa).

científica, que havia sido inaugurado com sucesso pelo seu antecessor no “primeiro livro sobre ecologia do mundo”, como coloca Wulf sobre seu *Ensaio sobre a geografia das Plantas*.⁴²²

O apelo científico era um outro recurso explicativo, que apela a um interesse percebido no público de Kennan de entender o funcionamento dos processos do mundo. Denis Cosgrove, destacando a expressão em inglês “I see”⁴²³ (tanto “eu vejo” quanto “eu entendo”), chama atenção para a conexão estabelecida pelo racionalismo ocidental entre entender e ver, uma característica da modernidade. Cosgrove estava então concentrado no caminho visão-entendimento, mas tomando o caminho oposto é possível compreender a explicação de Kennan do funcionamento da tundra como uma tentativa de tornar visível aquilo que ele não conseguia satisfatoriamente traduzir a partir da descrição do que viu.

Ao norte, deixando a península de Kamtchatka para trás, Kennan reencontra a tundra fora dos planaltos aos quais até então havia a associado. Agora, no inverno, sua cobertura de neve a conferia as características de um deserto. A dificuldade de relatar a experiência de viagem pelo deserto é documentada, como indica a análise de Derek Gregory da relação de Florence Nightingale e outros sujeitos europeus com o bioma. Segundo Gregory, o deserto representou para a autora a natureza em um estado de absoluta exaustão e ausência de sentido, um “espaço de inversão que zombava das harmonias de uma natureza temperada”.⁴²⁴ A descrição de Kennan do “grande Saara nevado que jaz entre o Rio Malmofka e o Golfo de Penzhinsk”⁴²⁵ se aproxima muito destas noções.

Era uma terra de desolação. Uma grande estepe plana, tão ilimitada para os olhos cansados quanto o próprio oceano, estendida em todas as direções até o horizonte distante, sem uma única árvore ou arbusto para aliviar sua superfície branca e nevada. Em nenhum lugar vimos qualquer sinal de vida animal ou vegetal, qualquer sugestão de verão ou flores ou sol quente, para iluminar a sombria ruína de neve acumulada pelas tempestades. Branco, frio e silencioso, ela jazia diante de nós como um vasto oceano congelado, iluminado levemente pelo fino crescente da lua minguante no leste, e pelas estranhas rajadas azuis da Aurora, que corriam rapidamente para frente e para trás ao longo do horizonte setentrional.⁴²⁶

⁴²² WULF, Andrea. *A invenção da natureza: a vida e as descobertas de Alexander von Humboldt*. São Paulo: Planeta, 2016. P. 193.

⁴²³ COSGROVE, Denis. Landscape and the European Sense of Sight - Eyeing NATURE. In: ANDERSON, Kay. Et. al. (Ed.) *Handbook of Cultural Geography*. Londres: SAGE Publications, 2003, p. 249.

⁴²⁴ “a space of inversion that mocked the harmonies of a temperate nature” GREGORY, Derek. (Post)Colonialism and the Production of Nature. In: CASTREE, Noel; BRAUN, Bruce (eds.). *Social Nature: Theory, Practice, and Politics*. Malden: Blackwell Publishers, 2001, p. 103.

⁴²⁵ “great snowy Sahara which lies between, the Malmofka River and Penzhinsk Gulf” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 253, tradução nossa).

⁴²⁶ “It was a land of desolation. A great level steppe, as boundless to the weary eye as the ocean itself, stretched away in every direction to the far horizon, without a single tree or bush to relieve its white, snowy surface. Nowhere did we see any sign of animal or vegetable life, any suggestion of summer or flowers or warm sunshine, to brighten the dreary waste of storm-drifted snow. White, cold, and silent, it lay before us like a vast frozen ocean, lighted up faintly by the slender crescent of the waning moon in the east, and the weird blue

Esta passagem, juntamente com a descrição de uma “miragem” (fenômeno também associado ao deserto) que observou em seguida, era aparentemente um dos trechos favoritos de Kennan ou de seu público, tendo sido publicada duas vezes sob títulos diferentes com o mínimo de variação em seus artigos da *Putnam's Magazine* antes de ser incluída no livro. A comparação é simultaneamente traçada com o deserto e com o oceano, indicando que na regularidade da superfície e na aparente ausência de vida sobre ela eram os indicativos do que era a “desolação”. Nightingale diferenciava entre a ausência de vida e o caráter morto que percebia no deserto,⁴²⁷ distinção que neste momento Kennan ainda não faz. A autora havia colocado também um problema: a impossibilidade de se descrever o deserto, por não haver palavras na linguagem europeia que correspondessem à sua realidade.⁴²⁸ A solução encontrada em *Tent Life in Siberia* é a apelação para uma descrição com mais “liberdade artística”.

Durante o resgate da equipe do Anadyr, o autor mais uma vez descreve a paisagem do inverno ártico por meio de uma cena que pode ser comparada à obra de pintores românticos. Kennan e Dodd haviam deixado a cidade de Anadyrsk acompanhados de alguns condutores recrutados à força no vilarejo, um cossaco que conhecia parcialmente o caminho, e um time de cães. Após dias de viagem, deduziram já estar na foz do rio Anadyr, onde esperavam encontrar seus companheiros, que deviam estar em um abrigo subterrâneo, identificável apenas pelo tubo de chaminé de um fogão. Tal objeto havia sido comparado ao Santo Graal, e o grupo de Kennan a cavaleiros errantes,⁴²⁹ criando expectativas no leitor para feitos heróicos e uma aventura romântica. Na ausência de um vilão monstruoso a ser derrotado, é a paisagem que adota características diabólicas e fantásticas:

Muitas vezes antes, na Sibéria e em Kamtchatka, eu havia visto a natureza em seus ânimos mais austeros e vestes de inverno; mas nunca antes os elementos de frio, esterilidade e desolação pareceram combinar-se em um quadro tão sombrio quanto o que nos foi apresentado naquela noite perto do Estreito de Behring. Até onde os olhos podiam atravessar a escuridão que se acumulava em todas as direções, jazia a estepe estéril como um oceano de neve sem limites, soprado em longas cristas ondulantes por tempestades anteriores. Não havia uma árvore, nem um arbusto, nem qualquer sinal de vida animal ou vegetal, para mostrar que não estávamos viajando em um oceano congelado. Tudo era silêncio e desolação. O país parecia abandonado por Deus e pelo homem ao Espírito Ártico, cujas bandeiras trêmulas de luz da aurora brilhavam inconstantes no norte, em sinal de sua conquista e domínio. Por volta das oito horas, a lua cheia se elevou enorme e vermelha no leste, lançando um olhar furioso sobre o vasto campo de neve; mas como se também estivesse sob o controle do Espírito Ártico, não passava da zombaria de uma lua e assumia constantemente as formas mais

streamers of the Aurora, which went racing swiftly back and forth along the northern horizon” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 253, tradução nossa).

⁴²⁷ GREGORY, Derek. (Post)Colonialism and the Production of Nature. In: CASTREE, Noel; BRAUN, Bruce (eds.). *Social Nature: Theory, Practice, and Politics*. Malden: Blackwell Publishers, 2001, p. 103.

⁴²⁸ *Ibid.*, p. 104.

⁴²⁹ KENNAN, op. cit., p. 307.

fantásticas e variadas. Agora estendia-se lateralmente em uma longa elipse, depois se reunia novamente na aparência de uma enorme urna vermelha, estendia-se até uma longa barra perpendicular com extremidades arredondadas e finalmente se tornava triangular. Dificilmente se pode imaginar que selvageria e estranheza adicionais essa distorcida lua vermelho-sangue deu a uma cena já selvagem e estranha. Parecíamos ter entrado em algum mundo congelado e abandonado, onde todas as leis e fenômenos comuns da Natureza estavam suspensos, onde a vida animal e vegetal estavam extintas e do qual até o favor do Criador havia sido retirado. O frio intenso, a solidão, o silêncio opressivo e o luar vermelho e sombrio, como o brilho de uma conflagração distante mas poderosa, todos uniam-se para instigar na mente sentimentos de temor, que talvez tenham sido intensificados pela consciência de que nunca antes qualquer ser humano, exceto alguns tchuktchis nômades, se aventurou no inverno nesses domínios do Rei do Gelo. Não havia os cantos, brincadeiras e brados com os quais nossos motoristas costumavam animar uma jornada noturna. Por mais estólios e insensíveis que fossem, havia algo na cena que até *eles* sentiram e ficaram em silêncio.⁴³⁰

As alegorias à cena e à figura são utilizadas para estetizar a paisagem, e a descrição excessiva confere-lhe a densidade de sentido mencionada por Pratt. Entretanto, à medida que a descrição prossegue, esta densidade deixa de explicar o cenário, de falar de suas formas e texturas. Ela então apenas o descreve o impossível, como as formas da lua, e o adorna com o ininteligível - a “estranheza”. O sentimento geral é de pavor, mais do que qualquer outra sensação. Desta vez sem passar por algum marco ou portal, o grupo de Kennan viu-se subitamente já em outro mundo, estéril, sem vida. Nightingale aludia à sensação de existir algum mal oculto que comandava o deserto como seu,⁴³¹ Kennan nomeou este mal de *Espírito Ártico e Rei do Gelo*. Diante do que a razão não podia explicar, Kennan podia declarar sem

⁴³⁰ “Many times before, in Siberia and Kamtchatka, I had seen nature in her sterner moods and winter garb; but never before had the elements of cold, barrenness, and desolation seemed to combine into a picture so dreary as the one which was presented to us that night near Behring's Straits. Far as eye could pierce the gathering gloom in every direction lay the barren steppe like a boundless ocean of snow, blown into long wave-like ridges by previous storms. There was not a tree, nor a bush, nor any sign of animal or vegetable life, to show that we were not travelling on a frozen ocean. All was silence and desolation. The country seemed abandoned by God and man to the Arctic Spirit, whose trembling banners of auroral light flared out fitfully in the north in token of his conquest and dominion. About eight o'clock the full moon rose huge and red in the east, casting a lurid glare over the vast field of snow; but as if it too were under the control of the Arctic Spirit, it was nothing more than the mockery of a moon, and was constantly assuming the most fantastic and varied shapes. Now it extended itself laterally into a long ellipse, then gathered itself up again into the semblance of a huge red urn, lengthened out to a long perpendicular bar with rounded ends, and finally became triangular. It can hardly be imagined what added wildness and strangeness this blood red distorted moon gave to a scene already wild and strange. We seemed to have entered upon some frozen abandoned world where all the ordinary laws and phenomena of Nature were suspended, where animal and vegetable life were extinct, and from which even the favor of the Creator had been withdrawn. The intense cold, the solitude, the oppressive silence, and the red, gloomy moonlight, like the glare of a distant but mighty conflagration, all united to excite in the mind feelings of awe, which were perhaps intensified by the consciousness that never before had any human being, save a few Wandering Chookchees, ventured in winter upon these domains of the Frost King. There was none of the singing, joking, and hallooing, with which our drivers were wont to enliven a night-journey. Stolid and unimpressible though they might be, there was something in the scene which even *they* felt and were silent” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 310-311, grifo do autor, tradução nossa).

⁴³¹ GREGORY, Derek. (Post) Colonialism and the Production of Nature. In: CASTREE, Noel; BRAUN, Bruce (eds.). *Social Nature: Theory, Practice, and Politics*. Malden: Blackwell Publishers, 2001, p. 103.

constrangimento que havia “algo” na cena a ser sentido, render-se à manifestação do sobrenatural no mundo.

O Mar de Gelo (Figura 4), de Friedrich, poderia encontrar nesta descrição um correlato literário, mesmo que em seguida, sua equipe de fato encontrasse um barco encalhado no gelo e coberto de neve. Este momento, entretanto, fora de alegria, de renovação da esperança, e não de seu naufrágio. O momento que mais se relaciona emocionalmente com o quadro de Friedrich, embora ainda sem a correspondência exata, permanece sendo a cena anterior.⁴³² Ulrich Seeberg atribui às paisagens inverniais do pintor a sensação do homem “como ser solitário na natureza, cuja força o subjuga”,⁴³³ a elas cabia a representação da carência e da miséria, elas provocam um “imenso desconsolo”.⁴³⁴

⁴³² KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 315.

⁴³³ SEEBERG, Ulrich. Dimensões filosóficas na obra de Caspar David Friedrich. *ARS (São Paulo)*, São Paulo, v. 3, n. 5, p. 78-89, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202005000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 jan. 2020, p. 85.

⁴³⁴ *Ibid.*, p. 85.

Figura 4 - O Mar de Gelo, de Caspar David Friedrich



Fonte: FRIEDRICH (1823–1824)

O que Kennan encontrava ali, contudo, não era exatamente o sublime: a identificação daquele aspecto transcendental da experiência com o mal parece impedir a associação imediata. Mas em outras instâncias, ligadas principalmente a fenômenos relacionados à luz, a relação é de fato traçada entre a paisagem e o divino.

Kennan pode ocupar-se longamente falando sobre a luz, descrevendo seu movimento e as formas que imagina e as cores dos fenômenos que observa por até quatro páginas, ininterruptamente. A miragem no “Saara nevado”,⁴³⁵ a mais intensa aurora que observou, em Anadyrsk,⁴³⁶ e um fenômeno marítimo de bioluminescência que acrescentou à edição de 1910 como a “aurora do mar”⁴³⁷ constituem as mais complexas e ornamentadas destas descrições.

⁴³⁵ KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 253-255.

⁴³⁶ *Ibid.*, p. 331-336.

⁴³⁷ *Id.* *Tent Life in Siberia: A New Account of an Old Undertaking*. New York: G. P. Putnam’s Sons, 1910, p. 420-426.

Destes fenômenos, a aurora é, sem dúvida a maior expressão do sublime para Kennan. Seu comentário sobre ela parece reproduzir uma definição formal do termo:

Nenhum outro fenômeno natural é tão grandioso, tão misterioso, tão terrível em seu esplendor sobrenatural como este; o véu que esconde dos olhos mortais a glória do trono eterno parece levantado, e o atemorizado contemplador é elevado da atmosfera de sua vida cotidiana para a presença imediata de Deus.⁴³⁸

No próximo capítulo será explorada a representação de Kennan do outro, das populações que encontrou ao longo de sua viagem. Assim como o autor traduziu a paisagem siberiana para seu destinatário ocidental, ele também o fez com relação às pessoas, e sua abordagem foi igualmente contraditória e multifacetada.

⁴³⁸ No other natural phenomenon is so grand, so mysterious, so terrible in its unearthly splendor as this; the veil which conceals from mortal eyes the glory of the eternal throne seems drawn aside, and the awed beholder is lifted out of the atmosphere of his daily life into the immediate presence of God. (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 331, tradução nossa).

5 POVOAR AS DISTÂNCIAS DESCRITAS

5.1 KAMTCHATKA HABITADA: ENTRE O FAMILIAR E O “NOVO E COMPARATIVAMENTE DESCONHECIDO”

Quando Kennan expressou, em seu prefácio, sua intenção de apresentar os habitantes, costumes, características e cenários de um “país novo e comparativamente desconhecido”,⁴³⁹ ele declarou a seu destinatário que escreveria sobre algo *diferente*. O relato de viagem era um gênero marcado por um conflito entre atender a uma série de convenções e diferenciar-se com uma perspectiva individual. Além disto, o papel do escritor-viajante é traduzir experiências distintas em termos compreendidos pelo público, as técnicas para cumprir tal objetivo baseando-se em analogias, aproximações. Até mesmo os contrastes remetem ao que é familiar à audiência. Observou-se que, na representação da paisagem, o ártico e a tundra desafiaram a capacidade de Kennan de comunicar suas experiências de maneira inteligível, mas que desta forma foram algumas das expressões de maior originalidade no relato. Neste momento da análise da representação do outro na obra de Kennan, busca-se compreender como o autor lidou com este dilema com relação às populações encontradas, como lidou com a tradução de sua diversidade.

Arthur Lovejoy, em seu *A Grande Cadeia do Ser*, identifica a valorização da originalidade e da diferença como reações elaboradas a partir, principalmente, do final do século XVIII à compreensão iluminista do propósito da natureza como um padrão único, universal e idealizado. Esta contestação rejeitava uma “doutrina da logicalidade essencial do mundo”⁴⁴⁰ que atribuía valor - estético, moral - apenas ao que fosse ou possuísse um apelo universal, comum a toda a humanidade, leia-se a racionalidade.⁴⁴¹ Tal perspectiva iluminista leva - aponta Richard Shweder - ao conceito de progresso, à afirmação de uma batalha histórica entre razão e ciência de um lado e superstição e irracionalidade de outro.⁴⁴²

⁴³⁹ “new and comparatively unknown country” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. V, tradução nossa).

⁴⁴⁰ LOVEJOY, Arthur. *A Grande Cadeia do Ser: Um Estudo da História de uma Idéia*. Tradução: Aldo Fernando Barbieri. São Paulo: Palíndromo, 2005, p. 286.

⁴⁴¹ Ibid., p. 286-289.

⁴⁴² SHWEDER, Richard A. A Rebelião Romântica da Antropologia contra o Iluminismo, ou de como há mais coisas no pensamento para além da razão e da evidência. *Educação, Sociedade & Cultura*, Porto, n. 8, p. 135-188, 1997. Disponível em: <https://www.fpce.up.pt/ciie/?q=publication/revista-educa%C3%A7%C3%A3o-sociedade-culturas/edition/educa%C3%A7%C3%A3o-sociedade-culturas-8>. Acesso em: 05 fev. 2020, p. 136.

A esta resposta, que seria o próprio romantismo, o autor atribui uma série de consequências, entre elas “o esforço por reconstruir na imaginação a vida interna distintiva de povos remotos no tempo, no espaço ou na condição cultural”.⁴⁴³ Tal predominância da apreciação da diversidade, em contraste à uniformidade, teria moldado em grande escala o pensamento do século XIX e do começo do XX, efetuando uma profunda “mudança nos padrões de valor”.⁴⁴⁴

Esta nova concepção teve desdobramentos distintos e antitéticos para o pensamento ocidental, implicando, por exemplo, em um desenvolvimento de tolerância e imaginação empática ao estabelecer como objetivo estético e moral a compreensão do outro - assim também reconhecendo o valor das diversidades. Ao mesmo tempo, contudo, também implicava em posicionamentos que, partindo da mesma premissa, postulavam que os indivíduos, as nações, as raças, as temporalidades deviam exarcerbar suas distinções, distanciar-se cada vez mais uns dos outros. A partir da primeira linha interpretativa chegava-se à conclusão de que para evitar os males da uniformidade era necessário estar aberto a compreender e aproximar-se de toda a natureza, de todo o gênero humano em sua multiplicidade de culturas - sem abandonar, entretanto, uma racionalidade que permitisse “saber quando tolerar, quando abraçar e quando lutar”.⁴⁴⁵ Ela promoveu resistência ao processo uniformizante levado a cabo no século XIX pela expansão da modernidade (do capitalismo imperialista). É a perspectiva romântica sobre a qual escreve Shweder, ao afirmar que dela se derivou o conceito de cultura, a ênfase colocada em cada contexto local, e também um anti-desenvolvimentismo e primitivismo.⁴⁴⁶

Por sua vez, a outra corrente de interpretação pôde, ao enfatizar constantemente o valor da diferença, converter-se em valorização da própria singularidade como superioridade individual, racial, nacional, civilizacional - que poderia, por sua vez, culminar paradoxalmente na meta de expansão (imperial-nacionalista) desta especificidade superior.⁴⁴⁷ Cabe analisar a escrita de Kennan a respeito de sua inserção entre as duas vertentes desta expressão romântica, ou ainda em oposição a elas, ao lado da generalização moderna.

⁴⁴³ LOVEJOY, Arthur. *A Grande Cadeia do Ser: Um Estudo da História de uma Idéia*. Tradução: Aldo Fernando Barbieri. São Paulo: Palíndromo, 2005, p. 291.

⁴⁴⁴ LOVEJOY, loc. cit.

⁴⁴⁵ Ibid., p. 309.

⁴⁴⁶ SHWEDER, Richard A. A Rebelião Romântica da Antropologia contra o Iluminismo, ou de como há mais coisas no pensamento para além da razão e da evidência. *Educação, Sociedade & Cultura*, Porto, n. 8, p. 135-188, 1997. Disponível em: <https://www.fpce.up.pt/ciie/?q=publication/revista-educa%C3%A7%C3%A3o-sociedade-culturas/edition/educa%C3%A7%C3%A3o-sociedade-culturas-8>. Acesso em: 05 fev. 2020, p. 137.

⁴⁴⁷ LOVEJOY, op. cit., p. 301, 304-305, 309-310.

O capítulo XI de *Tent Life in Siberia*, que narra a chegada a *Kloochay* e a atividade do grupo de exploradores na vila, contém reflexões interessantes sobre o espaço e seus habitantes. Kennan inicia descrevendo o caminho pelos vilarejos, todos “cercados de campos de centeio e jardins ordenadamente cercados”.⁴⁴⁸ O tema da habitação humana é apenas introduzido, o explorador comentando então sobre as espécies de plantas encontradas, em uma linguagem mais naturalista, condizente com seu interesse por botânica. Ele retorna à questão humana, entretanto, repetindo o comentário sobre jardins e campos de centeio, em seguida declarando: “Em nenhum lugar o viajante vê evidências da aridez, esterilidade e desolação gelada que sempre foram associadas ao nome de Kamtchatka.”⁴⁴⁹

Foi este cenário, aparentemente árcade, da natureza temperada e domável - pela possibilidade do jardim e da plantação -, o primeiro que levou Kennan a refletir sobre uma visão geográfica construída nos Estados Unidos. Washington Irving, autor importante para Kennan, teria conferido a este tipo de paisagem, associada principalmente ao interior inglês, um valor moral pela sua capacidade de inspirar paz, ordem, silêncio, trabalho, tradição e sobriedade.⁴⁵⁰ A arcádia não é a *wilderness*, é outro espaço, harmonioso e habitado mais por camponeses do que por pioneiros, feras e selvagens. Kamtchatka, contudo, também não era a Inglaterra - uma paisagem rural não bastava para transportar àquela terra distante a moralidade do centro da civilização ocidental. É necessário investigar, portanto, que relação é esta estabelecida na narrativa de Kennan entre o espaço e seus habitantes. Este mesmo capítulo parece revelador neste sentido.

Este prossegue com a narrativa do trajeto pelo rio até *Kloochay*, incluindo uma cena sobre a agradável solidão sentida no cenário com as montanhas no horizonte. Em meio a esta descrição, Kennan reassume a interpretação da paisagem vazia:

O ar estava quase completamente parado e a atmosfera tinha aquela transparência cristalina peculiar que às vezes pode ser vista na Califórnia. Uma geada pesada caía branca sobre os barcos e a grama, e algumas folhas murchas caíam imóveis e oscilantes através do ar ainda frio das árvores de vidoeiro amarelo que pairavam sobre nossa tenda. Não havia som para romper bruscamente com o silêncio do amanhecer; e apenas os rastros de renas selvagens e lobos rondando na praia de areia macia mostravam que havia vida na tranquila e solitária *wilderness* ao nosso redor. O sol ainda não havia nascido, mas todo o céu oriental estava brilhando com luz amarela, até a estrela da manhã, que, embora ‘empalidecendo seus fogos ineficazes’, ainda mantinha sua posição como um posto avançado reluzente entre os poderes contendedores da noite e dia. Longe ao nordeste, sobre a floresta amarela, em suave

⁴⁴⁸ “surrounded by fields of rye and neatly fenced gardens” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 97, tradução nossa).

⁴⁴⁹ “Nowhere does the traveller see any evidences of the barrenness, sterility, and frigid desolation which have always been associated with the name of Kamtchatka” (Ibid., p. 97, tradução nossa).

⁴⁵⁰ WOSTER, Donald. *Nature's Economy: A History of Ecological Ideas*. 2. Ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 3-4.

relevo púrpura contra o nascer do sol vermelho, ficavam os altos picos afiados de Kloochay, agrupados em torno do cone central em forma de cunha do magnífico vulcão Kloochefskoi.⁴⁵¹

Os indícios de atividades que o explorador enxerga são tendas, barcos e pegadas, elementos que relegam a paisagem ao domínio dos viajantes e dos animais em movimento, de uma *wilderness* sem qualquer assentamento. A comparação do ar com o da Califórnia reforça a associação, uma vez que outros momentos da narrativa indicam que Kennan associava o estado principalmente às *Sierra Nevadas*.⁴⁵²

Poderia ser elaborado o argumento de que o momento de introspecção ligado ao cenário camponês havia passado, mas em seguida há um retorno da ideia de uma mudança de perspectiva: “Com que impressões diferentes passei a olhar para a vida siberiana desde que vi pela primeira vez a costa íngreme de Kamtchatka surgindo nas águas azuis do Pacífico!”⁴⁵³ Vida siberiana é o termo escolhido, não natureza ou *wilderness*, e esta escolha é significativa. Está intimamente ligada a uma ideia de habitar o espaço, a paisagem. O próximo passo da reflexão de Kennan o indica com clareza:

Era então uma terra desconhecida e misteriosa de geleiras e montanhas nevadas, cheia de possibilidades de aventura, mas solitária e proibitiva em sua *wilderness* desabitada. Agora não era mais solitário ou desolado. Todo pico de montanha estava associado a alguma vila hospitaleira aninhada a seus pés; todo pequeno riacho estava conectado ao grande mundo dos interesses humanos por alguma lembrança agradável da vida acampando. As possibilidades de aventura ainda estavam lá, mas a solidão e a desolação imaginárias haviam desaparecido com a experiência de uma semana.⁴⁵⁴

Como foi apresentado no capítulo anterior, as terras ao norte de Kamtchatka, visitadas no inverno, manteriam-se solitárias e ameaçadoras, selvagens e misteriosas - o cenário da península foi o alvo desta mudança de perspectiva. A narrativa de *Tent Life in Siberia* indica

⁴⁵¹ “There was hardly a breath of air astir, and the atmosphere had that peculiar crystalline transparency which may sometimes be seen in California. A heavy hoar-frost lay white on the boats and grass, and a few withered leaves dropped still and wavering through the still cool air from the yellow birch trees which overhung our tent. There was not a sound to break harshly upon the silence of dawn; and only the tracks of wild reindeer and prowling wolves on the smooth sandy beach showed that there was life in the quiet lonely wilderness around us. The sun had not yet risen, but the whole eastern heavens were glaring with yellow light, even up to the morning-star, which, although 'paling its ineffectual fires,' still maintained its position as a glittering outpost between the contending powers of night and day. Far away to the northeastward, over the yellow forest, in soft purple relief against the red sunrise, stood the high sharp peaks of Kloochay, grouped around the central wedge-like cone of the magnificent Kloochefskoi volcano” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 98-99, tradução nossa).

⁴⁵² *Ibid.*, p. 80, 409, 419.

⁴⁵³ “With what different impressions had I come to look at Siberian life since I first saw the precipitous coast of Kamtchatka looming up out of the blue water of the Pacific!” (*Ibid.*, p. 99, tradução nossa).

⁴⁵⁴ “Then it was an unknown, mysterious land of glaciers and snowy mountains, filled with possibilities of adventure, but lonely and forbidding in its uninhabited wildness. Now it was no longer lonely or desolate. Every mountain peak was associated with some hospitable village nestled at its feet; every little stream was connected with the great world of human interests by some pleasant recollection of camp life. The possibilities of adventure were still there but the imaginary loneliness and desolation had vanished with one week's experience” (*Ibid.*, p. 99-100, tradução nossa).

que os fatores para tal tenham sido, por um lado, a percepção de normalidade e, por outro, a sensação de maestria, controle e segurança.

Derek Gregory atribui ao discurso colonial a construção da natureza temperada como norma. O que diferisse, as naturezas não-temperadas, eram locais radicalmente diferentes, definidos por excessos: frio demais, quente demais, muito exuberante ou muito árido.⁴⁵⁵ Em Kamtchatka, Kennan percorreu cenários que dividiu com “renas selvagens e lobos à espreita”, mas nas suas bétulas, riachos, grama, montanhas - e até mesmo nos próprios lobos - encontrou elementos familiares para o nativo do meio-oeste estadunidense. Mesmo no céu ele pôde identificar a “estrela-da-manhã”. Na paisagem “ártica”, a vegetação era composta apenas por musgo e pinheiro anão,⁴⁵⁶ havia um excesso de uniformidade, planicidade e brancura, assim como uma falta de vida e mesmo os astros no céu pregavam peças em seus sentidos.

Além de excessivas, a tundra e as montanhas com seus desfiladeiros tempestuosos também nunca deixaram de ser cenários ameaçadores na narrativa. Os dois últimos capítulos do livro da forma como foi publicado em 1870 tratam de uma fome devastadora em Anadyrsk, que matou grande parte da população e colocou a vida de Bush em risco; e da travessia do Vale do Viliga, tão difícil que Kennan cogita que tenha sido uma das causas do suicídio de Leet.

O contraste com o cenário temperado de Kamtchatka é grande: em nenhum momento o explorador associou perigo a esta paisagem. Além disto, enquanto a experiência narrada sobre a estadia entre coriacos, assentados ou nômades, é constantemente tratada como miserável, as vilas são “hospitaleiras” na península. Não se pode afirmar, entretanto, que ele deixa de considerá-la uma *wilderness*, nem uma fronteira. A continuação do devaneio de Kennan, como ele próprio se refere, fornece mais uma série de indícios no sentido contrário:

Pensei nas vagas concepções que eu havia formado na América dessa bela região e tentei compará-las com as impressões mais recentes pelas quais haviam sido superadas, mas o esforço foi em vão. Eu não podia me cercar novamente da atmosfera intelectual perdida da civilização, nem reconciliar essas antecipações anteriores com essa experiência estranhamente diferente. As fantasias absurdas, que pareciam tão vívidas e verdadeiras apenas três meses antes, agora haviam desaparecido na imagem meio lembrada de um sonho, e nada era real, exceto o rio tranquilo que corria aos meus pés, a bétula que derrubava suas folhas amarelas sobre minha cabeça e as distantes montanhas roxas.⁴⁵⁷

⁴⁵⁵GREGORY, Derek. (Post)Colonialism and the Production of Nature. In: CASTREE, Noel; BRAUN, Bruce (eds.). *Social Nature: Theory, Practice, and Politics*. Malden: Blackwell Publishers, 2001, p. 98.

⁴⁵⁶ Este confundiu por completo o lado de botânico amador de Kennan, que afirmou sobre a planta: “Eu dificilmente saberia se deve-se chamá-la de árvore, arbusto, ou vinha, pois ela compartilha mais ou menos das características de cada um dos três, e ainda assim não se parece muito com nenhum deles”. “I hardly know whether to call it a tree, a bush, or a vine, for it partakes more or less of the characteristics of all three, and yet does not look much like any of them.” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 267, tradução nossa).

⁴⁵⁷ “I thought of the vague conceptions which I had formed in America of this beautiful country, and tried to compare them with the more recent impressions by which they had been crowded out, but the effort was in

A rejeição da civilização como fonte de conhecimento, sua caracterização como absurda, inclusive, é totalmente atípica para a escrita de Kennan. O que se opõe a ela são as impressões - é o mesmo choque entre civilização e seu limite que, segundo a mitologia da fronteira, havia resultado na síntese que era os Estados Unidos.⁴⁵⁸ A paisagem, por sua vez, não inclui neste momento o jardim, o campo semeado, ou o vilarejo no sopé da montanha: a verdade é apenas o rio, a árvore, a montanha - a *wilderness* onde se praticava a admiração romântica da solidão. Esta influência da contemplação da natureza sobre o observador, capaz de alterar sua visão de mundo, é observada a partir do primeiro romantismo inglês, como o de Coleridge e Wordsworth (e também do alemão), quando passou a encerrar o que Luiz Costa Lima define como “uma dialética específica, que envolvia os termos observação e auto-reflexão”.⁴⁵⁹ Kennan olhava para o rio, as folhas e as montanhas, os descrevia e interpretava; mas também escrevia sobre si, sobre a metamorfose que eles haviam desencadeado, fazendo-o superar perspectivas estreitas, rasas, ajudando-o a ir além de quem era anteriormente. Seu leitor, por sua vez, se interessaria por esta mudança porque ela se conectava a uma tradição literária que, novamente segundo Lima, reconhecia este poder para a natureza.⁴⁶⁰ Talvez o que mais importasse para a reverência às paisagens descritas e o reconhecimento do seu valor fosse o quanto elas podiam afetar o coração humano.

Em parte esta falta de enfrentamento que possibilita tal atitude reverente deve-se ao fato de Kennan não ocupar a função de *colono* na narrativa. Ele não estava desbravando a *wilderness* de Kamtchatka, isto já havia sido feito por outros indivíduos, cossacos e russos como pioneiros e kamtchadais como selvagens em processo de civilização. Aquela era a fronteira deles. O explorador, por sua vez, estava de passagem, seu interesse comercial estava mais ao norte, por onde passaria o telégrafo, em terras mais selvagens e perigosas, onde precisaria encontrar rotas com árvores para serem transformadas em postes, onde era incerto se os nativos seriam receptivos. Nos vales de Kamtchatka ele podia observar, sem preocupação.

vain. I could not surround myself again with the lost intellectual atmosphere of civilization, nor reconcile those earlier anticipations with this strangely different experience. The absurd fancies, which had seemed so vivid and so true only three months before, had now faded away into the half-remembered imagery of a dream, and nothing was real but the tranquil river which flowed at my feet, the birch tree which dropped its yellow leaves upon my head, and the far-away purple mountains” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 100, tradução nossa).

⁴⁵⁸ CRONON, William. The trouble with Wilderness; or, Getting Back to the Wrong Nature. In.: CRONON, William (Org.). *Uncommon Ground: rethinking the Human Place in Nature*. New York: W. W. Norton & Company, 1996, p. 76.

⁴⁵⁹ LIMA, Luiz Costa. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986, p. 151.

⁴⁶⁰ *Ibid.*, p. 208.

A compreensão da península como a fronteira russo-kamtchadal, onde Kennan mais observa do que atua, é apoiada também por discursos comparativos com os EUA. Em outros momentos do relato, há comparações entre as habitações encontradas e assentamentos de fronteira americanos, ou entre o seu conforto e o conforto de um pioneiro da *frontier*. A primeira instância deste recurso no texto procura enfatizar as diferenças entre os dois tipos de habitação: “Uma aldeia Kamtchadal difere em alguns aspectos tão amplamente de um assentamento de fronteira americano, que talvez mereça uma breve descrição.”⁴⁶¹ Kennan implica, contudo, que excluindo-se estes aspectos chave, as vilas da península seriam tão próximas ao contexto americano que sequer necessitariam ser descritas. Ele passa a listar os elementos constituintes da paisagem dos vilarejos: as árvores no entorno, o riacho, o modo de construção das casas, suas texturas e materiais, as dispensas de peixes elevadas (*bologáns*⁴⁶²), os peixes secando em grandes estruturas, os cheiros, os cães, os trenós, a igreja ortodoxa. Ao resumir toda esta informação, entretanto, percebe-se que as diferenças implicadas entre um cenário e o outro são poucas:

Se você pode imaginar um assentamento americano rude de casas baixas de toras, agrupadas em torno de uma mesquita turca de cor alegre, meia dúzia de pequenos palheiros montados em postes verticais altos, quinze ou vinte grades de madeira titânicas igualmente elevadas e cheias de peixes secos pendurados e cem ou mais lobos cinzentos amarrados aqui e ali entre as casas a postes longos e pesados, você terá uma ideia geral, mas tolerável, de um assentamento kamtchadal da melhor classe.⁴⁶³

A sugestão ao leitor, portanto, é partir da imagem que possui de um pequeno vilarejo fronteiriço e fazer algumas poucas mudanças, utilizando inclusive outros elementos conhecidos, ou pelo mais presentes nos discursos disponíveis. Os *bologáns* são como palheiros, a pequena igreja ortodoxa rural, uma mesquita turca, os cães siberianos, lobos cinzentos. Além da familiaridade, outro critério escolhido para descrever as vilas dos kamtchadais parece ser a exclusão de modificadores negativos - a paisagem não é desagradável, apenas estranha, pitoresca, talvez até engraçada. Mesmo o cheiro de peixe, que parece incomodar Kennan, caracterizado apenas como “antigo”.⁴⁶⁴ Quem a habitasse deveria compartilhar destas características.

⁴⁶¹ “A Kamtchadal village differs in some respects so widely from an American frontier settlement, that it is worthy, perhaps, of a brief description” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 61, tradução nossa).

⁴⁶² Ibid., p. 62.

⁴⁶³ “If you can imagine a rough American backwoods' settlement of low log-houses, clustered round a gaily-colored Turkish mosque, half a dozen small haystacks mounted on high vertical posts, fifteen or twenty Titanic wooden gridirons similarly elevated and hung full of drying fish, and a hundred or more gray wolves tied here and there between the houses to long heavy poles, you will have a general but tolerably accurate idea of a Kamtchadal settlement of the better class” (Ibid., p. 63, tradução nossa).

⁴⁶⁴ “ancient”. (Ibid., p. 62, tradução nossa).

A mudança no personagem do próprio narrador, que deixa para trás concepções errôneas, encontra uma paisagem familiar onde esperava o excesso e acampa confortavelmente onde esperava correr risco de vida é a de quem espera ir ao encontro do desconhecido e encontra algo próximo de casa. É um cenário e um momento narrativo de aproximação: Kamtchatka e seus habitantes eram fáceis de entender, eram como a fronteira, mas com as suas especificidades. Estabelecer no primeiro “ato” do relato uma possibilidade de identificação com o ambiente e os povos pelo destinatário é uma técnica que - deliberadamente ou não - poderia contribuir para que um possivelmente desejado estranhamento fosse amplificado em seguida. Idealmente, entretanto, considerando-se a busca romântica por conectar-se ao todo diverso da experiência humana apontada por Lovejoy, nada deveria ser tão estranho ou peculiar que o autor não conseguisse transmitir sua excentricidade aos seus leitores.⁴⁶⁵

5.2 OUTROS SUJEITOS EM OUTRA FRONTEIRA: KAMTCHADAIS E RUSSOS

Kennan identifica na península de Kamtchatka dois principais grupos populacionais: kamtchadais e russos. Yuri Slezkine, em seu *Arctic Mirrors*, estudo sobre a relação da própria Rússia com seus grupos indígenas, designa “*kamchadal*” como, atualmente, um sinônimo para o grupo étnico itelmen, historicamente um dos mais numerosos da península, mas não o único.⁴⁶⁶ O autor afirma que, ao longo do século XIX, o termo tornou-se cada vez mais abrangente, aplicando-se cada vez mais a toda a população forrageira da região.⁴⁶⁷ Kennan por vezes se refere a eles como uma “classe” de nativos:

Os kamchadais, que compõem a classe mais numerosa, estão assentados em pequenas aldeias de troncos por toda a península, perto da foz de pequenos rios que se erguem na faixa central das montanhas e caem no mar de Okhotsk e no Pacífico. Suas principais ocupações são a pesca, a caça de peles e o cultivo de centeio, nabos, repolhos e batatas, que crescem esparsamente até uma latitude de 58 ° norte. Seus maiores assentamentos estão no vale fértil do rio Kamtchatka, entre Petropavlovski e Kluche.⁴⁶⁸

⁴⁶⁵ LOVEJOY, Arthur. *A Grande Cadeia do Ser: Um Estudo da História de uma Idéia*. Tradução: Aldo Fernando Barbieri. São Paulo: Palíndromo, 2005, p. c303.

⁴⁶⁶ SLEZKINE, Yuri. *Arctic Mirrors*. Cornell University Press, 1994, p. 1.

⁴⁶⁷ *Ibid.*, p. 98.

⁴⁶⁸ “The Kamchadals, who compose the most numerous class, are settled in little log villages throughout the peninsula, near the mouths of small rivers which rise in the central range of mountains, and fall into the Okhotsk Sea and the Pacific. Their principal occupations are fishing, fur trapping, and the cultivation of rye, turnips, cabbages, and potatoes, which grow thriftily as far north as lat. 58°. Their largest settlements are in the fertile valley of the Kamchatka River, between Petropavlovski and Kluche” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 53-54, tradução nossa).

Classe é um termo utilizado ao longo do livro de maneira pouco precisa. Por vezes parece ser um sinônimo para a concepção do autor de raça, por outras vezes, uma classe parece abrigar diversas coletividades também tratadas como raças, como a “classe indígena norte americana”⁴⁶⁹, que abrigava tchuktchis e coriacos. Mesmo nestes casos, sua principal forma de distinguir entre diferentes grupos é, no entanto, pelas suas características físicas, opondo estes que são “como os norte-americanos” aos que são “como os chineses”, por exemplo. Quanto aos aspectos físicos dos kamtchadais, Kennan coloca:

Os habitantes desses assentamentos nativos no sul de Kamtchatka são uma raça morena e escura, consideravelmente abaixo da estatura média dos nativos da Sibéria, e são muito diferentes em todas as suas características das tribos nômades de coriacos e tchuktchis que vivem mais ao norte. Os homens têm, em média, cinco pés e três ou quatro polegadas de altura, faces largas e chatas, maçãs do rosto proeminentes, olhos pequenos e um tanto afundados, sem barba, cabelos compridos, pretos e escorridos, mãos e pés pequenos, membros muito esguios e tendência para aumento e protrusão do abdome. Provavelmente são de origem asiática central, mas certamente não tiveram uma conexão muito recente com nenhuma outra tribo siberiana com a qual estou familiarizado, e não são de modo algum como os tchuktchis, coriacos, gakutos ou tunguses.⁴⁷⁰

Suas características são diretamente opostas às dos outros indígenas, Kennan insistindo a respeito de uma baixa estatura e extremidades de proporções diminutas. Estas dimensões pequenas refletem fragilidade para o autor, o que fica mais claro ainda pela oposição com coriacos e tchuktchis, tidos como os nativos mais bravos e atléticos (também em contraste com membros esguios e abdomens protusos) encontrados no relato.

Esta fragilidade se converte em passividade frente a sua conquista por parte dos russos, e a posição de conquistado, por sua vez, resulta em um comportamento servil observado ao longo do livro. Os guias, condutores e indivíduos em geral identificados como kamtchadais dificilmente oferecem qualquer resistência aos comandos da equipe, e aparentam com frequência estarem felizes em servir. Sua passividade é observada pelo autor desde a descrição de sua história, como ele a entendia:

Pelo fato de viverem uma vida assentada e não nômade, eles foram trazidos sob julgo russo com muito mais facilidade do que seus vizinhos nômades e, desde então, experimentaram em maior grau as influências civilizadoras das relações russas. Eles adotaram quase universalmente a religião, os costumes e os hábitos de seus conquistadores, e sua própria língua, que é muito curiosa, já está caindo em desuso.

⁴⁶⁹ “North American Indian class” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 321, tradução nossa).

⁴⁷⁰ “The inhabitants of these native settlements in Southern Kamtchatka are a dark swarthy race, considerably below the average stature of Siberian natives, and are very different in all their characteristics from the wandering tribes of Koraks and Chookchees who live farther north. The men average perhaps five feet three or four inches in height, have broad flat faces, prominent cheek bones, small and rather sunken eyes, no beards, long, lank, black hair, small hands and feet, very slender limbs, and a tendency to enlargement and protrusion of the abdomen. They are probably of Central Asiatic origin, but they certainly have had no very recent connection with any other Siberian tribe with which I am acquainted, and are not at all like the Chookchees, Koraks, Gakoots, or Tungoos” (Ibid., p. 63-64, tradução nossa).

Seria fácil descrever seu caráter por negativos. Eles não são independentes, autosuficientes ou de disposição combativa, como os tchuktchis e coriacos do norte; não são avaros ou desonestos, exceto onde essas características são o resultado da educação russa; não suspeitam nem desconfiam, muito pelo contrário; e em generosidade, hospitalidade, boa-fé simples e simplesmente boa, serena natureza sob todas as circunstâncias, nunca encontrei seus iguais.⁴⁷¹

Ele os elogia, mas o faz afirmando sua inferioridade, os trata como o povo com as qualidades perfeitas para ser servil e obediente. Este tratamento reflete bem sua relação com estes indivíduos, que por vezes sequer eram contadas quando o autor enumerava quantas pessoas viajavam em seu grupo. Este comportamento deve ser atribuído, seguindo a lógica da narrativa de Kennan, às influências civilizatórias, que teriam os distanciado de características desejáveis a um selvagem, mas não por inteiro. O modo de vida sedentário também é decisivo, assim como algum tipo de predisposição, provavelmente cultural, como a que pode ser observada quando o escritor comenta sobre suas músicas, que, por não cantarem sobre batalhas ou feitos heroicos (como faziam indígenas norte americanos), atestam que “eles evidentemente nunca foram um povo guerreiro, combativo”⁴⁷².

Não deve surpreender que evidências externas a *Tent Life in Siberia* indiquem que a história dos kamtchadais tenha sido diferente. Slezkine chama atenção para a resistência da população itelmen em Kamtchatka - seus assentamentos protegidos por baluartes de madeira, (segundo outro autor, baseando-se em fontes russas sobre os primeiros contatos, estas fortificações eram utilizadas desde a época anterior a sua chegada, em conflitos clânicos⁴⁷³), foram locais onde embates violentos ocorreram - os russos, sem conseguir avançar imediatamente, sitiavam os indígenas, procurando matá-los de fome ou incendiando as suas habitações, levando os defensores a matar suas famílias e cometer suicídio.⁴⁷⁴ A resistência teria se tornado mais bem sucedida até o século XVIII, quando, em 1730, a população nativa de Kamtchatka conseguiu retomar a península por dois anos, além de outras diversas insurreições.⁴⁷⁵

⁴⁷¹ “From the fact of their living a settled instead of a wandering life, they were brought under Russian subjection much more easily than their nomadic neighbors, and have since experienced in a greater degree the civilizing influences of Russian intercourse. They have adopted almost universally the religion, customs, and habits of their conquerors, and their own language, which is a very curious one, is already falling into disuse. It would be easy to describe their character by negatives. They are not independent, self-reliant, or of a combative disposition, like the northern Chookchees and Koraks; they are not avaricious or dishonest, except where those traits are the results of Russian education; they are not suspicious or distrustful, but rather the contrary; and for generosity, hospitality, simple good faith, and easy, equable good-nature under all circumstances, I have never met their equals’ (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 64, tradução nossa).

⁴⁷² “they have evidently never been a warlike, combative people” (Ibid., p. 161, tradução nossa).

⁴⁷³ FORSYTH, James. *A history of the peoples of Siberia: Russia’s North Asian Colony*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, p. 132-133.

⁴⁷⁴ SLEZKINE, Yuri. *Arctic Mirrors*. Ithaca: Cornell University Press, 1994, p. 16-17.

⁴⁷⁵ Ibid., p. 29.

Se a conquista e eventual pacificação da península foi um processo demorado e sangrento como foi descrito por Slezkine, as caracterizações dos kamtchadais em *Tent Life in Siberia* podem parecer estranhas. Kennan, entretanto, provavelmente possuía dois bons motivos para retratá-los desta forma: ignorância e narrativa. Por um lado, no século XIX a população itelmen já havia diminuído muito,⁴⁷⁶ o estadunidense chegou apenas em 1865, e sem falar a língua kamtchadal, ou sequer russo - o contexto de violência do século anterior não seria tão facilmente estudado. Por outro, o relato contaria com os valentes povos guerreiros do ártico em seu segundo ato, tornados selvagens e resolutos pelos seus hábitos nômades e ambiente inóspito. O cenário agradável de Kamtchatka e a vida assentada dos kamtchadais, apresentados no primeiro e mais alegre momento da narrativa, configurariam um contraste mais completo se o caráter do povo também fosse oposto: dócil e melancólico.

Seu destino também é percebido como melancólico: Kennan afirma que “como uma raça, eles estão indubitavelmente a caminho da extinção”.⁴⁷⁷ As causas seriam epidemias, fomes e uma eventual absorção pela população russa. Seus costumes e crenças, para o autor, estavam basicamente perdidos devido à russificação, restando-lhes muito pouco de suas tradições.

Discursos de extinção das “raças primitivas” como este são estudados por Patrick Brantlinger, em *Dark Vanishings*, que determina que seu auge deu-se no século XIX e na primeira metade do XX, sendo compartilhado por diversos grupos que discordam em outras questões referentes a estes povos. Pregando o extermínio como uma solução ou lamentando por uma perda iminente, diversos posicionamentos opostos compartilhavam a premissa de que os selvagens estavam sumindo. Este tipo de narrativa lamenta pelo fim de algo que ainda não acabou, apresentando-o como inevitável, como uma profecia. Também minimiza os impactos da violência e da expansão imperialista e capitalista sobre os “desaparecimentos” indígenas, e assim justifica prosseguir com este mesmo desenvolvimento genocida, muitas vezes escolhendo atitudes paliativas ao longo do caminho, como o registro antropológico com a finalidade de salvar a memória, sem salvar a gente. Acaba-se por anunciar uma profecia autorrealizável.⁴⁷⁸

Kennan compartilhava da crença de que pelo menos os kamtchadais estavam a caminho de uma extinção inevitável, como deixou evidente. Entre as causas, a “absorção” pela população foi citada, mas os motivos de seu então recente declínio populacional não são identificados, além de o escritor incluir apenas doenças e fome como seus futuros ceifadores. Os conflitos

⁴⁷⁶ SLEZKINE, Yuri. *Arctic Mirrors*. Ithaca: Cornell University Press, 1994, p. 65.

⁴⁷⁷ “as a race, they are undoubtedly becoming extinct” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 64, tradução nossa).

⁴⁷⁸ BRANTLINGER, Patrick. *Dark Vanishings*. Ithaca: Cornell University Press, 2003, p. 1-12.

com os russos, a continuada colonização da península, ou mesmo os planos de desenvolvimento regional por meio de um telégrafo intercontinental não são apontados como contribuidores para a destruição de seu modo de vida.

Um detalhe que ainda precisa de atenção neste trecho é o fato de, após ter afirmado que os kamtchadais estavam sendo extintos como raça, Kennan deter-se a comentar sobre o abandono de seus costumes. O termo cultura não é utilizado pelo autor para se referir a qualquer um dos povos nativos encontrados. Raça, em *Tent Life in Siberia*, diz tanto respeito a aspectos físicos percebidos quanto a características culturais relatadas - o conceito de raça aparentava grande capacidade explicativa nas ciências sociais do século XIX, especialmente devido ao desenvolvimento do “racismo científico” a partir do evolucionismo. Língua, raça e nação, por exemplo, se confundiam com frequência⁴⁷⁹ (e nação, por sua vez, se confundia com cultura desde a ressignificação de *Kultur* na Alemanha, para referir-se à qualidade distintiva da “nação” alemã⁴⁸⁰). O que seria mais importante para Kennan a respeito de um povo é descrito como aspectos basicamente imateriais.

A pesca e a caça à zibelina, portanto, são as ocupações sérias dos kamtchadais ao longo do ano; mas, como essas são indicações da natureza do país, e não das características de seus habitantes, elas dão apenas uma idéia imperfeita das peculiaridades distintivas dos kamtchadais e de suas vidas. A linguagem, a música, as diversões e as superstições de um povo são muito mais valiosas como ilustrações de seu caráter real do que suas ocupações regulares.⁴⁸¹

Determinar o “caráter” é o objetivo central de Kennan ao descrever qualquer um dos povos de seu relato. Ele pode afirmar, sobre os kamtchadais, que língua, música, diversão e superstição são mais valiosos do que a lida com as condições materiais, mas sua posição pode ser bastante diferente ao referir-se a outros grupos. A aparência de um indivíduo, por exemplo, é capaz de revelar seu caráter em diversos momentos do livro. Sobre os kamtchadais, portanto, é interessante olhar para a narrativa da obra e identificar quais aspectos de seu caráter o autor melhor desenvolve.

⁴⁷⁹ HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p 131-132.

⁴⁸⁰ CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999, p. 26-27.

⁴⁸¹ “Fishing and sable hunting, therefore, are the serious occupations of the Kamtchadals throughout the year; but as these are indications of the nature of the country rather than of the characteristics of its inhabitants, they give only an imperfect idea of the distinctive peculiarities of Kamtchadals and Kamtchadal life. The language, music, amusements, and superstitions of a people are much more valuable as illustrations of their real character than are their regular occupations” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 160, tradução nossa).

No assentamento kamtchadal de Milkova, caracterizado como “a maior vila nativa na península”⁴⁸² o grupo de exploradores é recebido com grandes e evidentemente excessivas honrarias pela população local, que os reverencia de diversas formas. Sem compreender, Kennan declara: “Aquilo me lembrou um pouco de um triunfo romano - o Major, Dodd e eu, os heróis vitoriosos, e os kamtchadais, os cativos, a quem havíamos compelido a estar 'sub jugum', e que agora agraciavam nossa entrada triunfal na Cidade das Sete Colinas.”⁴⁸³ A comparação é rapidamente contestada por outro personagem, que funciona neste caso como uma ferramenta para o narrador reconhecer a soberba da imagem, tratando-a como uma brincadeira. A alusão - por meio de uma imagem forte - ao Império e aos povos derrotados e submissos, no entanto, coincide perfeitamente com o caráter que o autor atribui aos kamtchadais em sua obra, de modo que esta explicação não deve ser aceita sem ressalvas. A confusão também é confirmada pela atribuição a eles de um caráter simplório e submisso: uma carta que avisara os habitantes de Milkova da chegada do grupo havia explicado suas posições, e Kennan teria sido definido como operador telegráfico; operador (*operator*) teria sido confundido com imperador (*imperator*). Assim, os nativos haviam pensado que o estadunidense fosse o czar ou alguém tão próximo a ele que deveria receber iguais honrarias. A explicação verdadeira não incomodou os residentes do vilarejo, e o incidente todo “havia provado da maneira mais inequívoca a lealdade dos habitantes kamtchadais de Milkova à família real russa.”⁴⁸⁴

Em geral, esta é a representação dos kamtchadais na obra: pitorescos, servis, amáveis e, frequentemente, alvo de zombaria. O guia que não foi capaz de compreender o funcionamento da bússola na travessia das Samanka era kamtchadal, por exemplo. Isto acaba por se transferir para seus vilarejos e até mesmo para a maneira como eles interagem com a paisagem. Chegando a Genul, um dos diversos vilarejos no caminho da equipe de Kennan, foi necessária uma série de cansativas travessias fluviais a cavalo. Dodd, então, explicou que se tratava, na verdade, de apenas um rio, que fazia múltiplas voltas no caminho até Genul. O motivo, ele continuou, era a ação dos próprios habitantes da vila:

‘esses pobres kamtchadais não têm mais do que um único rio para pescar, e ele não é muito grande, então eles o fizeram passar pelo assentamento cinco vezes, e por esse engenhoso artifício capturam cinco vezes mais salmão do que eles pegariam se apenas passasse uma vez! O major ficou surpreso, levado ao silêncio, e parecia considerar algum problema obscuro. Finalmente, ele levantou os olhos do pomo da sela, fitou o

⁴⁸² “the largest native village in the peninsula” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 91, tradução nossa).

⁴⁸³ “It reminded me faintly of a Roman triumph — the Major, Dodd, and I being the victorious heroes, and the Kamtchadals the captives, whom we had compelled to go ‘sub jugum’, and who now graced our triumphal entry into the Seven-hilled City” (Ibid., p. 92-93, tradução nossa).

⁴⁸⁴ “but it had proved in the most unmistakable manner the loyalty of the Kamtchadal inhabitants of Milkova to the reigning family of Russia” (Ibid., p. 96, tradução nossa).

culpado Dodd com um olhar de severa repreensão e exigiu solenemente: ‘Quantas vezes um determinado peixe precisa passar por um determinado assentamento para suprir a população de alimentos, desde que o peixe seja pescado toda vez que ele passa?’⁴⁸⁵

O trecho mostra a população envolvida em modelar a paisagem de forma a melhor utilizá-la em seu trabalho, torná-la mais produtiva. A postura de enfrentamento adotada pelos pioneiros e desbravadores modernos contra a *wilderness* deveria, em teoria, enaltecer este tipo de demonstração de domínio sobre a natureza. De fato, Dodd elogia a engenhosidade da solução e comemora seus resultados. O Major, por sua vez, se enfurece, enxergando-a como uma maneira de compensar por uma incompetência evidente, enquanto Kennan chama atenção para a comicidade da discussão.

O autor enxergava os kamtchadais como quase absorvidos pela sociedade camponesa russa, eles eram *quase* civilizados, e suas atitudes, em momentos como este, eram como reflexos distorcidos, cômicos, daquelas tomadas por povos de fato capazes, como os estadunidenses ou os russos. A distinção entre “nativos”, “kamtchadais” e “russos”, no entanto, não é sempre uma questão evidente, o próprio caso de *Kloochay* sendo um exemplo da confusão frequentemente envolvida.

Sobre a vila, Kennan primeiro afirma que ela “nada tem que a distinga outras cidades kamtchadais, exceto a ousadia e a beleza pitoresca da sua situação”⁴⁸⁶, dando a entender que se trata de mais uma vila associada à percebida raça kamtchadal. Ao recontar a história do assentamento, entretanto, o autor afirma se tratar de uma colônia russa:

Foi fundada no início do século XVIII por alguns camponeses russos que foram retirados de suas casas na Rússia Central e enviados com sementes e utensílios agrícolas para iniciar uma colônia na distante Kamtchatka. Após uma longa e aventureira jornada de seis mil milhas pela Ásia, através de Tobolsk, Irkootsk, Yakootsk e Kolyma, o pequeno bando de emigrantes involuntários finalmente chegou à península e se estabeleceu ousadamente no rio Kamtchatka, à sombra do grande vulcão. Aqui eles e seus descendentes vivem há mais de cem anos, até terem quase se esquecido como chegaram lá e por quem foram enviados.⁴⁸⁷

⁴⁸⁵ ““these poor Kamtchadals haven't got but one river to fish in, and that isn't a very big one, so they have made it run past their settlement five times, and by this ingenious contrivance they catch five times as many salmon as they would if it only passed once!” The Major was surprised into silence, and seemed to be considering some abstruse problem. Finally he raised his eyes from the pommel of his saddle, transfixed the guilty Dodd with a glance of severe rebuke, and demanded solemnly, ‘How many times must a given fish swim past a given settlement, in order to supply the population with food, provided the fish is caught every time he goes past?’” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 81, tradução nossa).

⁴⁸⁶ “has nothing to distinguish it from other Kamtchadal towns, except the boldness and picturesque beauty of its situation” (Ibid., p. 100, tradução nossa).

⁴⁸⁷ “It was founded early in the eighteenth century by a few Russian peasants who were taken from their homes in Central Russia, and sent with seeds and farming utensils to start a colony in far-away Kamtchatka. After a long adventurous journey of six thousand miles across Asia by way of Tobolsk, Irkootsk, Yakootsk, and Kolyma, the little band of involuntary emigrants finally reached the peninsula, and settled boldly on the Kamtchatka River, under the shadow of the great volcano. Here they and their descendants have lived for

Camponeses russos, enviados compulsoriamente, teriam sido o grupo original que demonstrou a ousadia de fundar uma cidade ao sopé de um vulcão (bastante ativo). Os habitantes também são especificados como seus descendentes, sem que haja menção a nativos em qualquer momento. Em seguida, entretanto, Kennan afirma que havia se encantado com “a ousadia dos kamtchadais de selecionar tal lugar para seu assentamento”,⁴⁸⁸ sugerindo uma equivalência entre os termos.

Os kamtchadais e os russos, entretanto, não eram tratados de maneira igual - nem pela equipe de Kennan no relato, nem pelas leis do Império Russo. Slezkine aponta que, na primeira metade do século XIX, o Estatuto de Administração Estrangeira da Sibéria definia que os “estrangeiros” (*aliens*), termo pelo qual se referia aos povos indígenas da Sibéria, deveriam ser classificados em três classes, conforme sua localização em uma escala de progresso: errantes (*wandering*), nômades (*nomads*) ou assentados (*settled*). A classificação de um grupo em uma ou outra classe implicava em maneiras diferentes de interação por parte dos russos, no pagamento de impostos distintos, e em diferentes direitos e estados legais.

Os criadores do estatuto pretendiam que, com o passar do tempo, os povos “avançassem” de uma categoria para a outra até atingirem o nível de desenvolvimento assentado, que era legalmente equivalente a russos de baixos estratos sociais, exceto por não poderem ser alistados no exército (diferentes grupos demandavam, pelo contrário, serem colocados nas categorias “menos desenvolvidas”, que possuíam obrigações fiscais que julgavam mais interessantes).⁴⁸⁹ “Legalmente equivalente aos russos”, entretanto, significava que estes povos não eram considerados eles mesmos russos, ainda que fossem súditos imperiais. Enquanto as categorias do estatuto presumiam mobilidade, Slezkine destaca a rigidez do conceito de estrangeiro.

não havia previsão de que estrangeiros assentados se tornassem russos. A categoria estabelecida parecia fechada. Mesmo aqueles que eram de qualquer outro modo iguais aos camponeses ainda eram reconhecidos como estrangeiros impróprios para o serviço militar, e nenhuma indicação foi dada pelo estatuto de como - se é que poderia ocorrer - essa diferença poderia ser vencida. Essa reticência deveu-se provavelmente aos antigos padrões religiosos e aos novos padrões culturais da nacionalidade, às vezes complementados com a vaga exigência de que um verdadeiro russo tenha sangue russo ‘fervendo’ em suas veias.⁴⁹⁰

more than a hundred years, until they have almost forgotten how they came there and by whom they were sent” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 101, tradução nossa).

⁴⁸⁸ “boldness of the Kamtchadals in selecting such a site for their settlement” (Ibid., p. 102, tradução nossa).

⁴⁸⁹ SLEZKINE, Yuri. *Arctic Mirrors*. Cornell University Press, 1994, p. 83-89.

⁴⁹⁰ “there was no provision for settled aliens to become Russians. The settled category seemed closed. Even those who were in every other way equal to peasants were still known as aliens unfit for military service, and no indication was given by the statute of how - if ever - this gap could be bridged. This reticence was probably due to the old religious and the new cultural standards of nationality, sometimes supplemented with

Tais padrões culturais de nacionalidade variaram muito ao longo do tempo, desde a conquista da Sibéria. Segundo Slezkine, o que distinguia um russo para os colonizadores do século XVII envolvia submissão ao czar, língua, fé, costumes e práticas econômicas. Grupos “convencidos ou compelidos”⁴⁹¹ a adotar este modo de vida a partir primeiramente de um juramento e uma conversão podiam “se tornar russos”. Até o começo do século XIX, entretanto, a ciência classificatória europeia transformou o Império, e tornou todas as coletividades comparáveis. O conceito de atraso, por sua vez, determinou que esta fosse uma classificação temporal. Desta forma, estabeleceu-se uma separação que não podia ser facilmente transposta - ser russo agora implicava estar no fim de uma longa marcha de progresso, e, quanto maior fosse a distância com relação aos “estrangeiros”, mais confirmava-se o grau de avanço da civilização russa.⁴⁹² Finalmente, o estatuto foi estabelecido da maneira descrita: de modo a separar permanentemente os dois extremos, ainda que aproximasse os indivíduos fronteiriços quanto a seus estados legais e modos de vida.

A chave para compreender a aproximação e confusão percebida em *Tent Life in Siberia* após tais movimentos no sentido da separação encontra-se em um conceito ausente em sua escrita: o de “colonos antigos” (*old settlers*, ou ainda *starozhily*). Slezkine os caracteriza como mediadores entre um “mundo russo”, das cidades e da civilização, e o “mundo dos estrangeiros”. Eles eram camponeses, mercadores e caçadores, e adotavam muitos dos costumes das populações nativas com as quais conviviam, havendo diversas confusões quanto a sua identificação. Alguns não se consideravam russos, enquanto assentamentos nativos que os incluíam passavam a identificar sua “nacionalidade” como “camponesa”, por ser então a mais clara distinção de seus vizinhos. Outros termos, por outro lado, como o próprio kamtchadal, passaram a ser mais ambíguos, às vezes os incluindo e às vezes dizendo respeito apenas aos itelmen.⁴⁹³ Kennan, embora não os nomeie, percebe a presença destes colonos antigos, por exemplo, quando afirma sobre a população da península de Kamtchatka que “[o]s russos, que são relativamente poucos em número, estão espalhados aqui e ali entre as aldeias kamtchadais, e geralmente estão envolvidos no comércio de peles com os kamchadais e as tribos nômades ao norte.”⁴⁹⁴

the vague requirement that a true Russian have Russian blood 'boiling' in his veins” (SLEZKINE, Yuri. *Arctic Mirrors*. Cornell University Press, 1994, p. 85, tradução nossa).

⁴⁹¹“convinced or compelled” (Ibid., p. 45, tradução nossa).

⁴⁹² Ibid., p. 53-56.

⁴⁹³ Ibid., p. 98-99.

⁴⁹⁴ “[t]he Russians, who are comparatively few in number, are scattered here and there among the Kamtchadal villages, and are generally engaged in trading for furs with the Kamchadals and the nomadic tribes to the northward” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 54, tradução nossa).

Os russos com os quais Kennan interagiu, entretanto, diferiam-se das outras populações por sua posição na narrativa. Eles ocupam o papel de análogo siberiano dos pioneiros americanos, e portanto eram agentes civilizatórios, independentemente das variações individuais determinadas por sua importância e proximidade com os nativos. O padre ortodoxo do casamento em Petropavlovsk, calçando botas de couro, funciona melhor do que qualquer outro personagem como um símbolo para este paralelo traçado entre pioneiros estadunidenses e os *frontiersmen* russos.⁴⁹⁵

Suas cidades abrigam um espectro de “desenvolvimento”, que vai dos pequenos vilarejos aos centros regionais. Além de Petropavlovsk e Kloochay, há ainda três assentamentos russos no cenário ártico: Gizhiga, Penzhina e Anadyrsk. Penzhina, por exemplo, pequena e próxima do golfo do Penzhinsk (habitado pelos coriacos assentados), era pequena, habitada por camponeses russos (provavelmente colonos antigos) e por “aborígenes siberianos nativos”;⁴⁹⁶ e assim difere pouco de vilas kamtchadais - e conseqüentemente é outro ambiente rústico fronteiriço, como Kloochay.

Sobre Geezhega, por outro lado, a maior cidade visitada (com algo entre cinquenta e sessenta casas) e, por algum tempo, centro das operações da companhia, Kennan falou sobre a vida social, sobre redes de comércio, e sobre o refinamento e distinção do *ispravnik*, que considerava o governador russo.⁴⁹⁷ Geezhega funciona, portanto, como um território civilizado em meio à *wilderness*. Anadyrsk, por sua vez, encontra-se ainda mais isolada, sendo o último assentamento antes do círculo ártico, mas ainda assim é palco de canções de natal e bailes siberianos, sendo caracterizada explicitamente como “semi-civilizada”.⁴⁹⁸

Os ambientes russos no ártico também não foram espaços de demarcação de uma diferença mais pronunciada, talvez mais inexplicável ao público: eram como os assentamentos fronteiriços nos EUA, mas com as peculiaridades competentes a um caráter do povo russo, ao cenário de frio e isolamento extremos e ao contato com os selvagens que os coloca no limiar da civilização. Assim como em Kamtchatka, a presença destes sujeitos familiares gera certa segurança e permite ao autor observar uma fronteira alheia e descrevê-la em termos inteligíveis, enquanto suas idiossincrasias garantiam que permanecessem interessantes ao destinatário.

O contraste destes ambientes seguros e acessíveis se dá primeiramente com a montanha. Mas no relato ela é percebida como a verdadeira *wilderness* desabitada, um espaço transitório,

⁴⁹⁵ KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 49.

⁴⁹⁶ “aboriginal Siberian natives” (Ibid., p. 273, tradução nossa).

⁴⁹⁷ Ibid., p. 242-244, 349-350.

⁴⁹⁸ “semi-civilized” (Ibid., p. 298, tradução nossa).

de passagem e desafio. As trilhas mais comumente utilizadas e as cabanas de paragem que as equipes de Kennan encontram em suas escarpas são as únicas referências ao humano na paisagem que o autor identifica. Desta maneira, era igualmente associável com toda outra *wilderness* conhecida, e restava ao autor o papel de expor suas particularidades mais interessantes. O cenário ártico habitado pelos coriacos e tchuktchis, assim como foi o caso da tundra e dos “desertos congelados” analisados no capítulo anterior, apresenta-se como uma oportunidade para representar algo desafiador, de difícil tradução: a fronteira que Kennan via para si próprio.

5.3 OS CORIACOS: SEPARADOS DA CIVILIZAÇÃO

Os coriacos são, talvez, o povo cuja caracterização Kennan considerava mais importante em seu relato. Como evidência neste sentido, basta relembrar que o subtítulo de seu livro era “aventuras entre os coriacos e outras tribos em Kamtchatka e no norte siberiano”, destacando-os frente ao restante das experiências. Ao comentar sobre cada um dos principais grupos populacionais da península de Kamtchatka, eles recebem uma série de superlativos, conferindo-lhes uma intensidade que contrasta diretamente com a docilidade atribuída aos kamtchadais.

Os coriacos nômades, que são os nativos mais selvagens, poderosos e independentes da península, raramente chegam ao sul do 58° paralelo de latitude, exceto para fins comerciais. Suas moradas escolhidas são as grandes estepes desoladas, a leste do Golfo de Penzhinsk, onde vagam constantemente de um lugar para outro em bandos solitários, vivendo em grandes tendas de peles e dependendo para sua subsistência de seus vastos rebanhos de renas domesticadas.⁴⁹⁹

A selvageria, o poder e a independência são destacados, e operam em conjunto: cada uma destas características depende das outras duas. Ultimamente, entretanto, as três advêm de seu nomadismo, igualmente destacado no trecho. Atribui-se a eles ainda um aspecto indissociável da vida coriaca: a criação de renas.

A presença dos coriacos nômades na paisagem é primeiro percebida, como foi exposto no capítulo anterior, apenas por vestígios abandonados (o uso de *chosen haunts* no trecho anterior remetia a uma característica fantasmagórica do nomadismo, que também pode ser percebida neste avistamento) de sua passagem: círculos deixados no chão por suas tendas e grandes pilhas de galhadas de renas. Esta primeira interação unilateral já é capaz de informar

⁴⁹⁹ “The Wandering Koraks, who are the wildest, most powerful, and most independent natives in the peninsula, seldom come south of the 58th parallel of latitude, except for the purpose of trade. Their chosen haunts are the great desolate steppes lying east of Penzhinsk Gulf, where they wander constantly from place to place in solitary bands, living in large fur tents and depending for subsistence upon their vast herds of tamed and domesticated reindeer” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 54, tradução nossa).

muito ao leitor sobre as principais características deste grupo que fascinam Kennan: seu nomadismo e seus rebanhos de renas. O primeiro avistamento de fato de um acampamento pelo autor é descrito de maneira dinâmica e romantizada: “Um momento nos levou à beira da colina, e diante de nós, sob a luz da lua, estavam as tendas cônicas dos coriacos, cercadas por pelo menos quatro mil renas, cujas galhadas ramificadas pareciam uma floresta perfeita de membros secos.”⁵⁰⁰ Além da imagem do acampamento banhado pelo luar, chama atenção a comparação do rebanho com a própria floresta, sintomática da percepção deste grupo como selvagens, pertencentes ao âmbito da natureza, na perspectiva dualista que a opõe à cultura humana. Os acampamentos nunca são descritos com a mesma atenção aos detalhes dedicados às vilas de Kamtchatka, o que também sugere a percepção do cenário como mais simples. Ainda que breve, contudo, a caracterização é carregada de sentido:

Consistia em quatro grandes tendas cônicas, construídas aparentemente com uma estrutura de estacas e cobertas com peles de renas soltas, seguras em seus lugares por longas tiras de pele de foca ou morsa, que estavam esticadas firmemente sobre elas desde o ápice do cone até o chão. Elas pareciam, à primeira vista, mal adaptadas para suportar as tempestades que no inverno varrem esta estepe do Oceano Ártico; mas a experiência subsequente provou que o mais severo dos vendavais não pode arrancá-las de suas amarras. Trenós bem construídos de várias formas e tamanhos estavam espalhados aqui e ali sobre a neve, e duzentas ou trezentas selas para as renas estavam empilhadas em uma parede simétrica perto das maiores tendas.⁵⁰¹

Comparado com as páginas dedicadas às vilas kamtchadais, este trecho de parágrafo é bastante conciso. Diferentemente do caso das vilas, entretanto, aqui a descrição não configura uma pausa na narrativa, insere-se em um momento dinâmico, onde havia mesmo uma tensão, uma vez que até este primeiro encontro, os coriacos com frequência eram associados ao perigo.⁵⁰² O autor procurou situar espacialmente os objetos observados, e neste esforço destacou aspectos tanto caóticos quanto ordeiros do local, sendo possível distinguir pares de modificadores opostos: as peles eram *soltas* e as estruturas aparentavam fragilidade, mas as

⁵⁰⁰ “A moment brought us to the brow of the hill, and before us in the clear moonlight, stood the conical tents of the Koraks, surrounded by at least four thousand reindeer, whose branching antlers looked like a perfect forest of dry limbs” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 168-169, tradução nossa).

⁵⁰¹ “It consisted of four large conical tents, built apparently of a framework of poles and covered with loose reindeer skins, confined in their places by long thongs of seal or walrus hide, which were stretched tightly over them from the apex of the cone to the ground. They seemed at first sight to be illy calculated to withstand the storms which in winter sweep down across this steppe from the Arctic Ocean; but subsequent experience proved that the severest of gales cannot tear them from their fastenings. Neatly constructed sledges of various shapes and sizes were scattered here and there upon the snow, and two or three hundred pack-saddles for the reindeer were piled up in a symmetrical wall near the largest tents” (Ibid., p. 172-173, tradução nossa).

⁵⁰² Por exemplo, comentando sobre como pretendiam proceder após chegar ao território dos coriacos nômades, Kennan afirma: “Ao norte daquele ponto nós não poderíamos depender de nenhum meio regular de transporte, mas seríamos obrigados a confiar na sorte e nas vontades imprevisíveis dos nômades do ártico.” “North of that point we could not depend upon any regular means of transportation, but would be obliged to trust to 'luck' and the tender mercies of the Arctic nomads” (Ibid., p. 55, tradução nossa).

tiras de couro estavam *firmes* e, sob melhor inspeção, as tendas se provaram bastante resistentes. Os trenós, de várias formas, estavam *espalhados aqui e ali*, enquanto as albardas estavam organizadas *em uma parede simétrica*. O próprio espaço do acampamento antevia os comentários que o explorador teceria sobre os coriacos ao longo de seu relato, admirando sua competência, honestidade e coragem, mas reprovando sua estupidez, grosseria e sujeira.

Yuri Slezkine, tratando de intelectuais e exploradores russos, aponta como já no século XVIII atacavam os nativos siberianos quanto a estes três aspectos negativos específicos. As bases para tal percepção estavam, indica o autor, no iluminismo europeu, com sua concepção de progresso científico e literatura moralista.⁵⁰³ Além dos valores iluministas serem importantes para Kennan, como apontou Travis,⁵⁰⁴ sua menção em *Tent Life in Siberia* a manuais oitocentistas de etiqueta⁵⁰⁵ indica que suas críticas possuíam raízes culturais similares. O espaço *externo* do acampamento dos coriacos nômades, por sua vez, não foi depreciado quanto a sujeira, grosseira ou estupidez.

O mesmo não se pode dizer dos ambientes internos das tendas. Estes, em sua primeira descrição no livro, recebem uma descrição densa, com modificadores aplicados a boa parte dos objetos, indivíduos e ações descritos. A menção constante às cores, texturas e à localização de cada elemento sugerem que também neste caso houvesse um esforço de composição estética:

Um fogo crepitante de galhos de pinheiro resinosos brilhava intensamente no chão ao centro, iluminando de vermelho a estrutura de postes pretos e brilhantes e tremeluzindo sobre as peles sujas do telhado e os rostos tatuados e escuros das mulheres que se agachavam. Uma chaleira grande de cobre, cheia de uma mistura de odor e aparência questionável, pairava sobre a labareda e fornecia ocupação a duas mulheres magras e de braços nus, que com as mesmas varas estavam alternadamente mexendo seu conteúdo, acendendo o fogo. e batendo na cabeça de dois ou três cães mal condicionados, mas inquisitivos. A fumaça, que subia preguiçosamente do fogo, pairava em uma nuvem azul, claramente definida, a cerca de um metro e meio do chão, dividindo a atmosfera da tenda em um estrato mais baixo de ar comparativamente claro, e uma região de nuvens superior onde a fumaça, os vapores, e maus odores disputavam a supremacia.⁵⁰⁶

⁵⁰³ SLEZKINE, Yuri. *Arctic Mirrors*. Cornell University Press, 1994, p. 56-58.

⁵⁰⁴ TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship, 1865-1924*. Athens: Ohio University Press, 1990, p. 49.

⁵⁰⁵ KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 244.

⁵⁰⁶ “A crackling fire of resinous pine boughs burned brightly upon the ground in the centre, illuminating redly the framework of black, glossy poles, and flickering fitfully over the dingy skins of the roof and the swarthy tattooed faces of the women who squatted around. A large copper kettle, filled with some mixture of questionable odor and appearance, hung over the blaze, and furnished occupation to a couple of skinny, bare-armed women, who with the same sticks were alternately stirring its contents, poking up the fire, and knocking over the head two or three ill-conditioned but inquisitive dogs. The smoke, which rose lazily from the fire, hung in a blue, clearly-defined cloud about five feet from the ground, dividing the atmosphere of the tent into a lower stratum of comparatively clear air, and an upper cloud region where smoke, vapors, and ill odors contended for supremacy” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 174, tradução nossa).

Kennan procurava transmitir uma primeira impressão que representasse o choque do novo ambiente informando sobre cada detalhe sensorial. A escuridão, a fumaça e a falta de higiene são os aspectos mais comentados no trecho. Esta última foi expressa primeiro pelo cheiro “questionável”, em seguida pela atitude de tocar nos cães e na comida com o mesmo instrumento e, finalmente, de maneira patologizante, ao utilizar o adjetivo *ill* para os odores, podendo significar “maus odores” ou “odores doentes”. Os odores e a co-habitação com os cães são especificamente citados pelas fontes de Slezkine como sinais de imundície. As mulheres coriacas são descritas,⁵⁰⁷ acentuando-se características destoantes de um padrão europeu refinado: agachadas, faces escuras e tatuadas, magras, de braços à mostra. Ainda assim, em seguida, Kennan procura demonstrar que o interior da tenda surpreendentemente não era prejudicial à saúde, apresentando um contraponto à negatividade geral. Ele o faz com o exemplo destas mulheres, que afirma viverem até idades avançadas e serem como as idosas de outros países, excetuando-se uma tendência à magreza.⁵⁰⁸

Os corpos dos homens, por sua vez, são amplamente elogiados. Eles são contrastados diretamente aos indígenas norte-americanos, e indiretamente aos kamtchadais, cujas características físicas encontram nos coriacos um contraste direto. Sua primeira descrição detalhada, ainda do lado de fora do acampamento, dedica-se ao seu aspecto físico (corporal e com relação à vestimenta, armas e acessórios), mas encontra neste motivos para tratar sobre seu caráter.

Um grupo selvagem e pitoresco que eles formavam, com a luz da lua flundo branca e clara em seus rostos escuros e brilhando nos ornamentos metálicos sobre suas pessoas e nas lâminas polidas de suas longas lanças. As altas maçãs do rosto, olhos determinados e alertas e cabelos lisos e negros como carvão sugeriam um relacionamento íntimo com nossos próprios índios, mas a semelhança não ia além. A maioria de seus rostos exibia uma expressão de honestidade franca e ousada, o que não é uma característica de nossos aborígenes do oeste e que instintivamente aceitamos como garantia suficiente de sua amizade e boa fé. Ao contrário da nossa ideia preconcebida de selvagens do norte, eles eram homens atléticos e saudáveis, plenamente da altura média dos americanos. Pesadas ‘kookhlankas’, ou camisas de caça de pele de veado, presas na cintura com um cinto, e franjadas no fundo com os longos cabelos negros do carcaju, cobriam seus corpos do pescoço ao joelho, ornamentados aqui e ali com cordões de pequenas contas coloridas, borlas de couro escarlate e pedaços de metal polido. Calças de pêlo, botas compridas de pele de foca chegando até a coxa e capuzes de pele de lobo, com as orelhas do animal eretas de cada lado da cabeça, completavam o traje que, apesar do efeito *bizarro*, tinha uma certa adaptação pitoresca às características igualmente estranhas da cena do luar.⁵⁰⁹

⁵⁰⁷ Diferentemente de outras mulheres mencionadas em vilarejos, cidades e arredores - russas ou indígenas geralmente não é especificado -, as coriacas são sempre representadas por Kennan no interior das tendas.

⁵⁰⁸ KENNAN, op. cit., p. 176.

⁵⁰⁹ “A wild, picturesque group they made, as the moonlight streamed white and clear into their swarthy faces, and glittered upon the metallic ornaments about their persons and the polished blades of their long spears. Their high cheek-bones, bold, alert eyes, and straight, coal-black hair, suggested an intimate relationship with our own Indians but the resemblance went no further. Most of their faces wore an expression of bold, frank

O foco no pitoresco e o uso do termo “bizarro” destacado indicam que fosse um momento de construção de uma alteridade realmente distante. Assim que aponta a comparação com os indígenas norte-americanos, Kennan faz questão de distanciá-los - as semelhanças entre eles terminam quando as faces dos coriacos demonstram um caráter positivo. *Tent Life in Siberia* foi lançado em um período de guerras entre estadunidenses e populações indígenas,⁵¹⁰ e Kennan parecia buscar distinguir *seus* selvagens, percebidos como independentes, mas cooperativos e nobres, daqueles que guerreavam nos EUA. Além de torná-los mais singulares, tal diferenciação podia também afastá-los de associações ruins.

David Wrobel, em seu artigo *Considering Frontiers and Empires: George Kennan's Siberia and the U.S. West* chama atenção para as aproximações entre os grupos na obra de Kennan, e para uma trajetória de simpatia construída na Sibéria que, eventualmente levaria o escritor a publicar textos criticando más políticas indigenistas na virada do século XX.⁵¹¹ Wrobel inclusive afirma que sua predileção pelos povos nômades refletia um preconceito estadunidense em favor dos povos não-assentados construído no contexto da conquista de grupos indígenas poderosos na América do Norte.⁵¹² Wrobel dedica pouca atenção, contudo, a estas instâncias em que as virtudes de coriacos são enaltecidas em contraste aos norte-americanos, que não possuiriam honestidade comparável. Esta percepção é de fato estranha considerando-se o apreço de Kennan por Cooper, mas o contexto de conflitos indígenas que circundou a publicação de seu livro parece uma hipótese plausível para o motivo destas manifestações pejorativas.

A organização oposta à confusão no exterior do acampamento e a falta de higiene à longevidade no interior da tenda são indícios no espaço da opinião dividida manifestada por Kennan sobre os coriacos nômades. Eles estão constantemente entre o bom selvagem e “o

honesty, which is not a characteristic of our western aborigines, and which we instinctively accepted as a sufficient guarantee of their friendliness and good faith. Contrary to our preconceived idea of northern savages, they were athletic, able-bodied men, fully up to the average height of Americans. Heavy “kookhlankas”, or hunting-shirts of spotted deer-skin, confined about the waist with a belt, and fringed round the bottom with the long black hair of the wolverine, covered their bodies from the neck to the knee, ornamented here and there with strings of small colored beads, tassels of scarlet leather, and bits of polished metal. Fur pantaloons, long boots of seal-skin coming up to the thigh, and wolf-skin hoods, with the ears of the animal standing erect on each side of the head, completed the costume which, notwithstanding its *bizarre* effect, had yet a certain picturesque adaptation to the equally strange features of the moonlight scene” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 171, grifo do autor, tradução nossa).

⁵¹⁰ WROBEL, David. *Considering Frontiers and Empires: George Kennan's Siberia and the U.S. West*. *Western Historical Quarterly*, v. 46, n. 3, p. 285-309, autumn 2015. Disponível em: <https://academic.oup.com/whq/article-abstract/46/3/285/2461787?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 03 jun. 2019, p. 288, 294.

⁵¹¹ Ibid.

⁵¹² Ibid., p. 294.

oposto do civilizado”. O tropo do bom selvagem expressa-se sempre que Kennan admira a bravura, a independência e a honestidade dos coriacos, quando “cada homem é a lei para si mesmo contanto que possua uma dúzia de renas”,⁵¹³ ou quando ele “apelaria por ajuda a um bando de coriacos nômades com mais mais confiança do que a muitas famílias americanas”.⁵¹⁴ A principal virtude do selvagem para Kennan, portanto, é sua honestidade, romantizada por completo na hipérbole seguinte:

Eles podem ser cruéis e bárbaros, de acordo com nossas idéias de crueldade e barbárie; *mas nunca se sabe que eles tenham cometido um ato de traição*, e eu confiaria em minha vida tão sem reservas em suas mãos quanto em qualquer outra pessoa não civilizada que eu já conheci.⁵¹⁵

À honestidade absoluta mencionada, se opõem seus defeitos: crueldade e barbarismo, embora mesmo estes sejam relativizados. Travis afirma que Kennan nunca aproximou-se de uma perspectiva relativista quanto à cultura (e que no século XIX mesmo entre antropólogos esta posição era de poucos), especialmente após continuar sua educação em seguida à primeira publicação de *Tent Life in Siberia*, afirmando que o mais próximo que esteve desta posição foi em seu período como “vagabundo” em 1870.⁵¹⁶ Esta relativização do que seria ou não crueldade e barbarismo sugere que pelo menos desde a escrita de seu primeiro livro seu pensamento flertava com a ideia.

Sua explicação para as diferentes concepções de crueldade recai sobre o mesmo elemento que explica toda sua cultura, um determinismo geográfico. O clima e a pobreza do solo teriam levado ao pastoreio de renas como única alternativa para a sobrevivência. Kennan então afirma que a rena atendia, para os coriacos “os quatro requisitos básicos de comida, vestuário, abrigo e transporte”,⁵¹⁷ e que ele pensava ser difícil encontrar outro povo para o qual um único animal fosse tão importante. A lógica do autor postula que a criação de renas implica necessariamente no nomadismo, pela sua necessidade de encontrar novos locais para pastar. A vida nômade, por sua vez, levava-os a tomar atitudes cruéis, como matar seus velhos e doentes.

⁵¹³ “every man is a law upon himself as long as he owns a dozen reindeer” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 182, tradução nossa).

⁵¹⁴ “would appeal to a band of Wandering Koraks for help with much more confidence than I would ask the same favor of many an American family” (Ibid., p. 219, tradução nossa).

⁵¹⁵ “Cruel and barbarous they may be, according to our ideas of cruelty and barbarity; *but they have never been known to commit an act of treachery*, and I would trust my life as unreservedly in their hands as I would in the hands of any other uncivilized people whom I have ever known” (Ibid., p. 219, grifo nosso, tradução nossa).

⁵¹⁶ TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship, 1865-1924*. Athens: Ohio University Press, 1990, p. 49.

⁵¹⁷ “the four prime requisites of food, clothing, shelter, and transportation” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 188, tradução nossa).

O autor destaca, contudo, que para os coriacos a morte era encarada de maneira natural, reafirmando que a percepção de crueldade era exclusiva para observadores externos. Toda esta relação levou Kennan a concluir que não havia nada de inerentemente cruel ou mesmo selvagem nos coriacos, e que ela provava apenas o quanto os seres humanos são impotentes perante às “grandes leis naturais”.⁵¹⁸

O barbarismo é constantemente expresso no relato pela tríade de sujeira, estupidez e grosseria mencionada por Slezkine. A noção se apresenta sempre que a mão de alguém que lhe entrega comida é “encardida”,⁵¹⁹ ou quando reagem a fósforos com espanto frente ao “poder sobrenatural do homem branco”.⁵²⁰ Ao afirmar que um coriaco “simplesmente existe, como uma ostra humana”,⁵²¹ referindo-se a uma falta de ambições ou interesses, Kennan compara vida monótona da existência bárbara com o senso de progresso constante associado à modernidade e à civilização.

A civilização era definida, desde o contexto do iluminismo francês no século XVIII, como um “processo de melhoria das instituições, da legislação, da educação. [...] um movimento longe de estar acabado que é preciso apoiar e que afeta a sociedade como um todo, começando pelo Estado, que deve se liberar de tudo o que ainda é irracional em seu funcionamento”,⁵²² expõe Denys Cuche. O autor destaca também que, sendo a civilização um movimento dependente de princípios aplicáveis, e no qual povos ocupavam posições diferentes, compreendia-se que aqueles mais avançados deviam ajudar os outros a superar seu atraso, em uma concepção progressista da história.⁵²³

As verdadeiras bizarrices e abominações para Kennan, no entanto, são as instâncias em que a civilização e a selvageria se misturam de uma maneira que julga inapropriada. A indumentária coriaca, por exemplo, não podia conter elementos que destoassem demais de seu contexto selvagem, ou se tornaria ridícula.

a figura mais extraordinária que eu vi em Kamtchatka entrou silenciosamente, endireitou-se a toda a sua altura de um metro e oitenta e ficou de pé majestosamente diante de nós. Era um homem feio, de traços escuros, com cerca de trinta anos de idade. Ele estava vestido com um casaco escarlate com estampas azuis e botões de latão, com longos festões de cordão de ouro pendurados no peito, calças pretas de pele de veado gordurosa e botas de pele. Seu cabelo estava raspado do alto da cabeça, deixando uma longa franja de mechas finas e irregulares pairando sobre as orelhas e a testa. Longas cordas de pequenas contas coloridas pendiam de seus ouvidos, e em uma delas ele colara para uso futuro uma enorme porção de tabaco mastigado. Na cintura, amarrara uma tanga de pele de foca esfarrapada, que sustentava uma

⁵¹⁸ “great natural laws” (Ibid., p. 215, tradução nossa).

⁵¹⁹ “grimy” (Ibid., p. 180, tradução nossa).

⁵²⁰ “white man’s supernatural power” (Ibid., p. 177, tradução nossa).

⁵²¹ “simply exists, like a human oyster” (Ibid., p. 205, tradução nossa).

⁵²² CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999, p. 22.

⁵²³ Ibid., p. 22-23.

magnífica espada de cabo de prata e bainha em relevo. Seu rosto esfumaçado e inconfundivelmente coriaco, cabeça raspada, casaco escarlate, calça de pele oleosa, cordão dourado, cinto de pele de foca, espada de cabo prateado e botas de pele, compunham uma combinação tão notável de contrastes extremos que nada podíamos fazer por um bom tempo, a não ser olhar para ele com total espanto. Ele me lembrou “Talipot, o potentado imortal de Manacabo, mensageiro da manhã, iluminador do sol, possuidor de toda a terra e poderoso monarca da espada de cabo de bronze.”⁵²⁴

O casaco e a espada transformavam aquele coriaco em uma figura “extraordinária” que parava “majestosamente”. Tais qualificadores, no entanto, expressam um senso do maravilhoso associado ao bizarro e ao ridículo, como indica a sequência imediata da caracterização do homem como feio. Talipot, com seus muitos títulos, é um personagem originário da escrita de Oliver Goldsmith (1728-1774), autor de *Cartas de um Cidadão do Mundo*. O personagem, ao receber uma espada com empunhadura de bronze dos portugueses, teria ficado de tal forma fascinado pelo objeto, que teria solicitado aos seus súditos que lhe acrescentassem o último dos títulos em seu tratamento. O narrador, na escrita de Goldsmith, chama atenção para Talipot não perceber como eram ridículos seus títulos, por utilizar simultaneamente alcunhas grandiosas, como Possuidor de Toda a Terra, e outras insignificantes, como Potentado de Manacabo, e, é claro, aquela referente à espada.⁵²⁵

A comparação com Talipot não é o fim da ridicularização do indivíduo, entretanto. A ele são dirigidas uma série de perguntas, que ele confirma acenando, indicando que os questionamentos estavam revelando sua identidade de maneira acertada. Isto prossegue até que perguntaram-lhe se era um “repolho em conserva”, ao que ele novamente concordou, revelando que não entendia nada. O tom final, em contraste, parece conter certa admiração, indicando que por mais ridículo que o indivíduo fosse, o que sua vestimenta significava era interessante. Descobriu-se tratarem-se de presentes enviados por um antigo governante russo em

⁵²⁴ “the most extraordinary figure which I ever beheld in Kamtchatka crawled silently in, straightened up to its full height of six feet, and stood majestically before us. It was an ugly, dark-featured man about thirty years of age. He was clothed in a scarlet dress-coat with blue facings and brass buttons, with long festoons of gold cord hung across the breast, pants of black, greasy deer-skin, and fur boots. His hair was closely shaven from the crown of his head, leaving a long fringe of lank, uneven locks hanging about his ears and forehead. Long strings of small colored beads depended from his ears, and over one of them he had plastered for future use a huge quid of masticated tobacco. About his waist was tied a ragged seal-skin thong, which supported a magnificent silver-hilted sword and embossed scabbard. His smoky, unmistakably Korak face, shaven head, scarlet coat, greasy skin pants, gold cord, seal-skin belt, silver-hilted sword, and fur boots, made up such a remarkable combination of glaring contrasts that we could do nothing for a moment but stare at him in utter amazement. He reminded me of ‘Talipot, the Immortal Potentate of Manacabo, Messenger of the Morning, Enlightener of the Sun, Possessor of the Whole Earth, and Mighty Monarch of the Brass-handled Sword’” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 191-192, tradução nossa).

⁵²⁵ GOLDSMITH, Oliver. *Letters from a Citizen of the World to His Friends in the East*. London: J. F. Dove, 1825. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=XIU-AAAAYAAJ&pg=PA359&dq=%22letters+from+a+citizen+of+the+world%22+Manacabo&hl=en&sa=X&ved=0ahUKEwjdbLXI7nnAhWtG7kGHV6k6BZ8Q6AEIKzAA#v=onepage&q=%22letters%20from%20a%20citizen%20of%20the%20world%22%20Manacabo&f=false>. Acesso em: 31 jan. 2020, p. 359-360.

agradecimento por auxílio durante uma fome - uma instância em que o caráter admirado do povo nômade ajudou a civilização. Kennan chama os “artefatos” de relíquias de Alexandre I, da época de Napoleão, e parece feliz por tê-las encontrado.⁵²⁶

O caso dos coriacos assentados, por sua vez, representa uma situação em que civilização e barbárie combinam-se de maneira absolutamente infeliz. Kennan os detesta profundamente: eles haviam aprendido os vícios da civilização sem qualquer de suas virtudes.

As razões para a grande diferença entre os coriacos assentados e os coriacos nômades são diversas. Em primeiro lugar, os primeiros vivem em aldeias fixas, que são visitadas com muita frequência por comerciantes russos; e através desses comerciantes e camponeses russos eles receberam muitos dos piores vícios da civilização sem nenhuma de suas virtudes. A isto se acrescenta a influência desmoralizadora dos baleeiros americanos, que deram rum aos coriacos e os amaldiçoaram com doenças horríveis, que só são agravadas por sua dieta e modo de vida. Eles aprenderam com os russos a mentir, trapacear e roubar; e com os baleeiros a beber rum e ser licenciosos.⁵²⁷

Tendo perdido a inocência e a honestidade do bom selvagem, restaram-lhes de sua origem incivilizada apenas aqueles traços negativos citados: crueldade, sujeira, grosseria, estupidez. Eles são frequentemente descritos como brutais, e regularmente recusam-se a trabalhar (em geral como condutores) ou agem de má vontade. A perda de caráter reflete-se em seus corpos, Kennan descrevendo os habitantes do Golfo de Penzhinsk como “unquestionably the worst, ugliest, most brutal and degraded natives in all Northeastern Siberia.”⁵²⁸ Suas habitações também recebem o mesmo tratamento, sendo consideradas as piores nas quais o explorador esteve em sua viagem. Este cenário, em sua descrição, é o que mais se aproxima da estranheza difícil de traduzir identificada no ártico. A maneira encontrada por Kennan para descrever seus yurts, primeiramente no assentamento de *Kamenoï*, indica dificuldade:

O assentamento parecia tanto quanto qualquer coisa uma coleção de ampulhetas titânicas de madeira, que haviam sido meio abaladas e reduzidas a um estado de precária deterioração por um terremoto. As casas - se poderiam ser chamadas de casas - tinham cerca de vinte pés de altura, eram rudemente construídas com madeira flutuante trazida pelo mar e podiam ser comparadas em forma a nada além de ampulhetas. Elas não tinham portas ou janelas de nenhum tipo e só podiam ser acessadas subindo um poste do lado de fora e deslizando por outro na chaminé.⁵²⁹

⁵²⁶ KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 192-194.

⁵²⁷ “The reasons for the great difference between the settled and the Wandering Koraks are various. In the first place, the former live in fixed villages, which are visited very frequently by the Russian traders; and through these traders and Russian peasants they have received many of the worst vices of civilization without any of its virtues. To this must be added the demoralizing influence of American whalers, who have given the settled Koraks rum and cursed them with horrible diseases, which are only aggravated by their diet and mode of life. They have learned from the Russians to lie, cheat, and steal; and from whalers to drink rum and be licentious” (Ibid., p. 233, tradução nossa).

⁵²⁸ “unquestionably the worst, ugliest, most brutal and degraded natives in all Northeastern Siberia” (Ibid., p. 232, tradução nossa).

⁵²⁹ “The settlement resembled as much as anything a collection of Titanic wooden hour-glasses, which had been half shaken down and reduced to a state of rickety dilapidation by an earthquake. The houses — if houses

Ampulhetas titânicas abaladas por terremotos é uma imagem bastante abstrata para a descrição de uma construção humana. A dúvida expressa quanto a poder chamar as habitações de casas e a repetição de que o melhor comparativo era realmente a ampulheta indicam confusão e insegurança quanto à qualidade da representação construída. A falta de janelas e portas e o método heterodoxo de entrada distanciam ainda mais o yurt de uma habitação familiar ao destinatário.

Outro de seus vilarejos, *Meekina*, levou o autor a utilizar a mesma imagem da ampulheta e afirmar ser este uma cópia menor de Kamanoi. Termos estrangeiros como “*bologan*” e “*baideras*” são utilizados, este último como se Kennan tivesse o usado durante a descrição da outra vila - mais um sinal de confusão. A ironia demonstrada ao comentar sobre a melhor habitação é evidente:

Escalamos o yurt mais bonito da aldeia - sobre o qual pendia um cachorro morto e estripado, com uma grinalda de grama verde no pescoço - e deslizamos pela chaminé para uma sala miserável cheia até se tornar sufocante com fumaça azul, iluminada apenas por um fogo pequeno no chão de terra e fedendo a peixe apodrecido e óleo rançoso.⁵³⁰

À dificuldade de explicação soma-se a imagem medonha do cadáver mutilado do cão, plenamente oposta a qualquer padrão de civilidade ocidental. Em sua descrição dos coriacos assentados, assim como para os nômades, Kennan seguiu uma série de convenções de estilo que garantiam tanto uma inteligibilidade para seu relato quanto um bom prospecto de receptividade. Assim como o bom selvagem, aquele selvagem brutalizado, desprezível e sem qualidades encontrava ecos em outros textos: Patrick Brantlinger destaca que no próprio ano de 1870 Mark Twain publicava um ensaio tratando do indígena médio como um ser horrendo merecedor de extermínio.⁵³¹ Em momentos como estas descrições de seus yurts, entretanto, vê-se um discurso que, na tentativa de traduzir uma diferença que extrapola suas expectativas, que desafia suas concepções formadas a partir de textualidades românticas, reage de maneira confusa e raivosa.

they could be called — were about twenty feet in height, rudely constructed of drift-wood which had been thrown up by the sea, and could be compared in shape to nothing but hour-glasses. They had no doors or windows of any kind, and could only be entered by climbing up a pole on the outside, and sliding down another pole through the chimney” (KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870, p. 222, tradução nossa).

⁵³⁰ “We climbed up the best-looking yurt in the village — over which hung a dead disembowelled dog, with a wreath of green grass around his neck — and slid down the chimney into a miserable room filled to suffocation with blue smoke, lighted only by a small fire on the earthen floor, and redolent of decayed fish and rancid oil” (Ibid., p. 232, tradução nossa).

⁵³¹ BRANTLINGER, Patrick. *Dark Vanishings: Discourse on the Extinction of Primitive Races, 1800-1930*. Ithaca: Cornell University Press, 2003, p. 10.

6 CONCLUSÃO

George Kennan, ao escrever *Tent Life in Siberia*, era um observador multifacetado. Ele considerava os coriacos nômades um povo cheio de virtudes, nobres selvagens admiráveis por sua honestidade, bravura e resistência. Ele escreveu que pediria ajuda a eles antes de muitas famílias estadunidenses. Ainda assim, estar em seus acampamentos não era viver, mas simplesmente existir como uma ostra humana, não havia prazer maior do que finalmente deixá-los para o aconchego da civilização. A tundra que eles habitavam era ao mesmo tempo local de miragens inacreditáveis que assumiam a aparência dos portões do paraíso e uma extensão entediante, totalmente plana e sem características esteticamente agradáveis.

As montanhas no horizonte de Kamtchatka eram cenários magníficos que o levavam a declamar poemas sobre a beleza da natureza, mas, atravessando-as, assumiam a forma de uma série de armadilhas mortais. Os kamtchadais podiam ser um povo inigualado em questão de hospitalidade, generosidade e bondade, mas eram motivos de riso com frequência, tratados como patéticos e caricatamente servis. Inventava-se ou se reproduz, inclusive, uma história para o povo afirmando que eles nunca foram combativos, embora não fosse o caso.

Estas várias facetas, entretanto, faziam sentido em seu contexto cultural: romantismo, pioneirismo, o sublime, a fronteira, a modernidade, o capitalismo imperialista; cada novo aspecto a compor sua visão de mundo permite compreender melhor sua existência, sua coexistência. Observou-se a heterogeneidade do mercado editorial dos relatos de viagem no século XIX, a trajetória de vida de um autor que combinava uma quase estática visão de mundo baseada naqueles ideais individualistas admirados em sua juventude com um mundo e uma trajetória que, em constante reviravolta, transformaram esta visão de uma postura voltada para o futuro em algo conservador ou ainda reacionário. Frederick Travis, seu biógrafo, atribui à idade esta mudança, mas relegá-la a este único fator parece não contemplar toda sua complexidade.

O Kennan autor daquela primeira edição de *Tent Life in Siberia* fazia parte de uma tradição intelectual, literária e artística complexa. Nela dialogou com nomes famosos até hoje, como Mark Twain, mas também com sujeitos mais esquecidos, como seu companheiro Frederick Whympet. As imagens das quais se utilizou para descrever a natureza acenavam para a escrita de Alfred Tennyson e Lord Byron, mas também para as telas de William Turner e Rembrandt. O sentimento expressado pelos seus parágrafos mais sombrios pode remeter igualmente à arte paisagística de Caspar David Friedrich. Via-se o estilo de James Fenimore Cooper na maneira como falava sobre a vida na *wilderness*, ou sobre os selvagens que admirava.

Alexander von Humboldt, Asa Gray, Charles Darwin e seu amigo - e outro companheiro de expedição -, William H. Dall, faziam sentir sua presença científica nos comentários de Kennan sobre o funcionamento de ecossistemas, sobre a luta pela sobrevivência, a descrição da flora no Ártico ou a menção da busca por novas espécies de insetos ou afins.

Tent Life in Siberia era uma entre um sem número de intersecções na intrincada rede de obras que compunham aquele momento artístico-intelectual nos Estados Unidos do pós-guerra civil. A partir de sua análise foi possível chegar a tantos outros nódulos contemporâneos, a tantas matrizes mais antigas e abrangentes, anglófonas, ocidentais. Levando em consideração esta teia de relações foi possível retornar ao texto e observar a sua especificidade na representação do Ártico e de seus povos por uma perspectiva historiográfica.

Em anotações para uma de suas palestras, que nunca foram publicadas, e que eventualmente acabaram em uma autobiografia manuscrita (igualmente mantida sem ser impressa), Kennan expressou seu sentimento sobre o que significa o cenário do ártico. *Tent Life in Siberia* pode ser lido, entre outras tantas maneiras, como outra expressão desta mesma ideia:

Lá [no extremo norte], o homem trava, por meses ou anos, uma luta quase incessante com um ambiente hostil e impiedoso. Ele está sozinho - ou quase sozinho; ele tem pouca simpatia ou encorajamento do mundo exterior; ele é privado das comodidades e utensílios da civilização material; a maioria das leis da natureza impõe-se contra ele; e ele apoia seu próprio corpo e cérebro sem ajuda contra o frio, as tempestades, o gelo, a neve profunda, a fome, a desolação e todas as influências deprimentes da escuridão e da solidão. Em tal situação, o caráter pessoal se torna predominância absoluta; e o sucesso, quando alcançado, se deve quase totalmente à coragem, premeditação e firmeza do ator individual. Ele triunfa, não como resultado de uma combinação de circunstâncias adventícias, mas pela pura força da masculinidade inerente; e a consciência que ele havia travado e vencido a luta sozinho, contra adversidades avassaladoras, lhe dá uma sensação de satisfação pessoal que deve ser contada entre os prazeres mais intensos e duradouros da vida. O Norte é atraente, portanto, para o homem jovem e espirituoso, pois oferece a ele uma oportunidade de se isolar, testar sua força sem ajuda e desenvolver os traços de caráter que dão poder duradouro, autocontrole e respeito próprio.⁵³²

A luta incessante por longo tempo contra uma natureza cruel pode remeter aos longos períodos nos acampamentos dos nômades, às difíceis travessias montanhosas ou às vastas

⁵³² “There [in the far north], man carries on, for months or years, an almost incessant fight with a hostile and pitiless environment. He is alone - or almost alone; he has little sympathy or encouragement from the outside world; he is deprived of the facilities and appliances of material civilization; most of Nature’s laws enforces are arrayed against him; and he backs his own unaided body and brain against cold, storms, ice, deep snow, hunger, desolation, and all the depressing influences of darkness and solitude. In such a situation, personal character rises into absolute predominance; and success, when achieved is due almost wholly to the courage, forethought, and steadfastness of the individual actor. He triumphs, not as the result of a combination of adventitious circumstances, but by sheer force of inherent manhood; and the consciousness that he had made and won the fight alone, against overwhelming odds, gives him a feeling of self satisfaction that must be counted among the keenest and the most enduring pleasures of life. The North is attractive, therefore, to young and high spirited man because it affords him an opportunity to isolate himself, try his unaided strength, and develop the traits of character that give lasting power, self-control and self-respect” (KENNAN, [S.d.] *apud* TRAVIS, 1990, p. 20, tradução nossa).

extensões da tundra descritas no livro. O isolamento sentido, as dificuldades enfrentadas e o ganho em caráter em suportá-las são temas chaves da obra, que poderiam ressoar muito bem com aquela nação que se identificava com a fronteira, com o individualismo e o potencial do homem sozinho, desimpedido pela fraqueza e pelas restrições da sociedade europeia. O que havia de atraente no Norte para o jovem viril endereçado por Kennan, a possibilidade de aventura, de construção de uma trajetória heroica de triunfo individual, pode ser oposto a uma realidade ocidental urbana, burocrática, desencantada, contra a qual este espírito de enfrentar a fúria e a escuridão da natureza destaca-se como um ideal fortemente romântico.

O sucesso de vendas e a longevidade de *Tent Life in Siberia* indicam que Kennan traduziu sua experiência na Sibéria para seus destinatários de uma maneira que ressoou bem com suas sensibilidades culturais, mas também indica que a narrativa construída em termos heroicos e individualistas manteve-se cara ao público estadunidense. Em seu tempo, ele soube mobilizar as formas de discurso sobre o outro, a *wilderness* e a natureza construídas ao longo de séculos, mas dedicando atenção redobrada ao que era corrente.

Elementos daquela época, como o discurso de supremacia ocidental, ou a menção a nomes da frenologia, aparecem desconectados (embora infelizmente não por completo) no ambiente sociocultural contemporâneo, assim como muitas de suas referências hoje obscuras. O estilo marcado pelo humor, pelas descrições instigantes e pelo domínio do ritmo narrativo, contudo, conferiu à obra de Kennan uma qualidade pela qual ainda pode ser lida e compreendida: aquela sua tradução de Kamtchatka, do Ártico e de seus habitantes ainda pode funcionar como tal. Para o historiador, ao manter-se ciente de todo este processo de escrita, localizar a obra em sua rede discursiva e aplicar ferramentas conceituais de análise, é possível abordá-la de uma maneira diferente do leitor oitocentista que a buscava como divertida forma de aprender sobre lugares e povos distantes: abre-se o potencial de pensar como esta distância era vista, escrita e lida.

FONTES

DICKENS, Charles. The personal history of David Copperfield. Londres: Chapman & Hall, 185?. Disponível em:

<https://archive.org/details/personalhistoryo00dickiala/page/n10/mode/2up>. Acesso em: 20/01/2020.

KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: or adventures among the koraks and other tribes of Northern Siberia*. New York, Putnam and Sons, 1870.

KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: A New Account of an Old Undertaking*. New York: G. P. Putnam's Sons, 1910.

KENNAN, George. Camping Out in Siberia. In: Putnam's Magazine. New York: G. P. Putnam & Sons, v. 2, jul-dez, 1868, p. 257-267. Disponível em:

<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=coo.31924079609735&view=1up&seq=269>. Acesso em: 10/02/2020.

KENNAN, George. Tent-Life with the Wandering Koraks. In: *Putnam's Magazine*. New York: G. P. Putnam & Sons, v. 3, jan-jun, 1869, p. 18-27. Disponível em:

<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=coo.31924080769338&view=1up&seq=26>. Acesso em: 10/02/2020.

KENNAN, George. Tent-Life in Kamchatka. In: *Putnam's Magazine*. New York: G. P. Putnam & Sons, v. 4, jul-dez, 1869, p. 574-583. Disponível em:

<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=coo.31924079893651&view=1up&seq=576>. Acesso em: 10/02/2020.

KENNAN, George. An Arctic Aurora and other matters in Siberia. In: *Putnam's Magazine*. New York: G. P. Putnam & Sons, v. 6, jul-nov, 1870, p. 197-201. Disponível em:

<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=coo.31924077743122&view=1up&seq=197>. Acesso em: 10/02/2020.

KENNAN, George. Arctic Traveling in Winter. In: *Putnam's Magazine*. New York: G. P. Putnam & Sons, v. 6, jul-nov, 1870, p. 313-317. Disponível em:

<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=coo.31924077743122&view=1up&seq=315>. Acesso em: 10/02/2020.

KENNAN, George. *Степная жизнь въ Сибири: странствия между коряками и другими племенами Камчатки и Северной Азии*. São Petersburgo: В типографии М. Хана, 1871. Disponível em: <http://elib.tomsk.ru/purl/1-12496/>. Acesso em: 10/02/2020.

KENNAN, George. *Кочевая Жизнь въ Сибири*. São Petersburgo: Изд. Книгопродовца С. В. Звонарева, 1872. Disponível em:

<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=wu.89070199856&view=1up&seq=7>. Acesso em: 10/02/2020.

KENNAN, George. How the bad news came to Siberia. *St. Nicholas: an Illustrated Magazine for Young Folks*. New York, v. XXIV, n. 1, p. 29-31, nov. 1896. Disponível em:

<https://archive.org/details/stnicholasv24part1dodgrich/page/n39/mode/2up>. Acesso em: 08 jan. 2020.

KENNAN, George. My Narrowest Escape. *St. Nicholas: an Illustrated Magazine for Young Folks*. New York, v. XXV, n. 1, p. 48-53, nov. 1897. Disponível em: <https://archive.org/details/stnicholasv25part1dodgrich/page/48/mode/2up>. Acesso em: 08 jan. 2020.

KENNAN, George. A Siberian Scare. *St. Nicholas: an Illustrated Magazine for Young Folks*. New York, v. XXIV, n. 4, p. 267-272, fev., 1897. Disponível em: <https://archive.org/details/stnicholasv24part1dodgrich/page/n277/mode/2up>. Acesso em: 08 jan. 2020.

KENNAN, George. The Aurora of the Sea. *Appletons' journal: of literature, science and art*. New York, v. 8, n. 171-196, p. 432-434, jul./dez., 1872. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.c3465649&view=1up&seq=7>. Acesso em: 08 jan. 2020.

BINGHAM, Caleb. *The Columbian orator: [...]*. Boston: J.H.A. Frost, 1832. Disponível em: <https://digital.library.pitt.edu/islandora/object/pitt%3A00acf6728m/viewer#page/4/mode/1up>. Acesso em: 04 jan. 2020.

COLE, W. H.. *The institute reader and normal class-book: [...]*. Cincinnati: Van Antwerp, Bragg & Co., 1870. Disponível em: <https://digital.library.pitt.edu/islandora/object/pitt%3A00acj4720m/viewer#page/5/mode/1up>. Acesso em: 04 jan. 2020.

LIBRARY OF CONGRESS. *Catalog: Zeltleben in Sibirien*. Washington, DC, [201-]. Disponível em: <https://lccn.loc.gov/ltf90029265> . Acesso em: 10/02/2020.

LIBRARY OF CONGRESS. *George Kennan papers, 1840-1937*. Washington, DC, 2013. Disponível em: <https://findingaids.loc.gov/db/search/xq/searchMfer02.xq?id=loc.mss.eadmss.ms013131&faSection=overview&faSubsection=did&dmdid=>. Acesso em: 16 jan. 2020.

MCGUFFEY'S sixth eclectic reader. Cincinnati: Van Antwerp, Bragg & Co., 1879. Disponível em: <https://digital.library.pitt.edu/islandora/object/pitt%3A00ach1121m/viewer#page/1/mode/1up>. Acesso em: 04 jan. 2020.

MCGUFFEY, WM. H. *McGuffey's new sixth eclectic reader: [...]*. Cincinnati: Sargent, Wilson & Hinkle; New York: Clark & Maynard, 1857. Disponível em: <https://digital.library.pitt.edu/islandora/object/pitt%3A00ach0530m/viewer#page/4/mode/1up>. Acesso em: 04 jan. 2020.

MURRAY, Lindley. *English Reader: or pieces in prose and poetry*. Utica: Hastings & Tracy, 1827. Disponível em: <https://digital.library.pitt.edu/islandora/object/pitt%3A00ach2219m/viewer#page/1/mode/1up>. Acesso em: 04 jan. 2020.

NEW YORK PUBLIC LIBRARY. *BDK (Kennan, G. Tent life in Siberia. 1905)*. New York, 2020. Disponível em: <http://catalog.nypl.org/record=b12488863~S1>. Acesso em: 03 jan. 2020.

PINNEO, T. S.. *The Hemans reader for female schools: [...]*. New York: Clark, Austin, & Smith; Cincinnati: W.B. Smith & Co., 1847. Disponível em: <https://digital.library.pitt.edu/islandora/object/pitt%3A00acj4389m/viewer#page/1/mode/1up>. Acesso em: 04 jan. 2020.

ULS DIGITAL COLLECTIONS. *19th Century Schoolbooks. Pittsburgh, [20--]*. Disponível em: https://digital.library.pitt.edu/collection/19th-century-schoolbooks#page/1/mode/1up/search/RELS_EXT_isMemberOfCollection_uri_ms%3Ainfo%5C%3Afedora%2Fpitt%5C%3Acollection.120. Acesso em: 04 jan. 2020.

REFERÊNCIAS

- ÁVILA, Arthur Lima de. *O Oeste historiográfico norte-americano: a Frontier Thesis vs. a New Western History*. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 12, n. 21/22, p.369-413, jan./dez. 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6379/3827>. Acesso em: 04 jan. 2020.
- ÁVILA, Arthur Lima de. *Território contestado: a reescrita da história do oeste norte-americano: c.1985-c. 1995*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010 (História, Tese de doutorado).
- BASSIN, Mark. *Imperial Visions: Nationalist Imagination and Geographical Expansion in the Russian Far East, 1840–1865*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- BRANTLINGER, Patrick. *Dark Vanishings*. Ithaca: Cornell University Press, 2003.
- BRIDGES, Roy. Exploration and travel outside Europe (1720-1914). In: HULME, Peter; YOUNGS, Tim (rds.) *The Cambridge Companion to Travel Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 53-69.
- BRUMFIELD, William Craft. *Appointment in Dauria: George Kennan, George Frost, and the architectural context*. New York, N.Y. : Harriman Institute, 2012.
- BURTON, Robert. *The Anatomy of Melancholy*, [...]. Londres: B. Blake, 1838. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=4rvhM56lsn8>. Acesso em: 01 jan, 2020.
- BYRON, George G. *Childe Harold's Pilgrimage*. New York: The Mershon Company, 1880.
- BYRON, George G. Lines to Mr. Hodgson Written on Board the Lisbon Packet. In.: MOORE, Thomas (ed.). *Letters and Journals of Lord Byron*. London: J. Murray, 1830. Disponível em: <https://rpo.library.utoronto.ca/poems/lines-mr-hodgson-written-board-lisbon-packet>. Acesso em: 04 jan. 2020.
- CARVER, Stephen. 'The Enchanter of the North': A Profile of Sir Walter Scott (1771 – 1832). In.: CARVER, Stephen. *Ainsworth & Friends: essays on 19th century literature & the gothic*. [S. l.], 17 jan. 2013. Disponível em: <https://ainsworthandfriends.wordpress.com/2013/01/17/the-enchanter-of-the-north-a-profile-of-sir-walter-scott-1771-1832/>. Acesso em: 07 jan. 2020.
- COOPER, J. Fenimore. *The Deerslayer: a tale*. Paris: Baudry's European Library, 1841. Disponível em: <https://play.google.com/store/books/details?id=gOFLAAAcAAJ&rdid=book-gOFLAAAcAAJ&rdot=1>. Acesso em: 06 jan. 2020.
- CRONON, William. The trouble with Wilderness; or, Getting Back to the Wrong Nature. In.: CRONON, William (Org.). *Uncommon Ground: rethinking the Human Place in Nature*. New York: W. W. Norton & Company, 1996, p. 69-90.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.

DANILOFF, Nicholas. George Kennan and the Challenge of Siberia. *Demokratizatsiya*, Washington, DC, v. 7, n. 4, p. 601-612, 1999. Disponível em: http://demokratizatsiya.pub/archives/07-4_daniloff.pdf. Acesso em: 06 dez. 2019.

DEMOKRATIZATSIYA. *Archives*. Washington D.C., [20--]. Disponível em: <http://demokratizatsiya.pub/archives.php>. Acesso em: 15 dez. 2019.

FORSYTH, James. A history of the peoples of Siberia: Russia's North Asian Colony. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

GENTES, Andrew. Sakhalin as Cause Célèbre: The Re-signification of Tsarist Russia's Penal Colony. *Acta Slavica Iaponica*, Sapporo, v. 32, p. 55 -72, 2012. Disponível em: <http://src-h.slav.hokudai.ac.jp/publictn/acta/32/03Gentes.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2020.

GOLDSMITH, Oliver. *Letters from a Citizen of the World to His Friends in the East*. London: J. F. Dove, 1825. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=XIU-AAAAAYAAJ&pg=PA359&dq=%22letters+from+a+citizen+of+the+world%22+Manacabo&hl=en&sa=X&ved=0ahUKEwjDqbLXI7nnAhWtG7kGHV6k6BZ8Q6AEIKzAA#v=onepage&q=%22letters%20from%20a%20citizen%20of%20the%20world%22%20Manacabo&f=false>. Acesso em: 31 jan. 2020.

GREENSPAN, Ezra. *George Palmer Putnam: Representative American Publisher*. University Park, Pennsylvania: Penn State University Press, 2000

GREGORY, Derek. (Post)Colonialism and the Production of Nature. In: CASTREE, Noel; BRAUN, Bruce (eds.). *Social Nature: Theory, Practice, and Politics*. Malden: Blackwell Publishers, 2001

HARRIMAN INSTITUTE. *About us: History*. New York, NY, 2020. Disponível em: <https://harriman.columbia.edu/about-us/history>. Acesso em: 07 jan. 2020.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Tradução: Jacyntho Lins Brandão. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

HATHITRUST DIGITAL LIBRARY. *The Firelands pioneer*/Firelands Historical Society. [20--]. Disponível em: <https://catalog.hathitrust.org/Record/000530188/Home>. Acesso em: 04 jan. 2020.

HAYMAN, John. Whymper, Frederick. *Dictionary of Canadian Biography*, Toronto, vol. 13, 2003. Disponível em: http://www.biographi.ca/en/bio/whymper_frederick_13E.html. Acesso em: 07 jan. 2020.

HOBSBAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOCHFELDER, David. *The telegraph in America, 1832-1920*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2012.

HUNDLEY, Helen. George Kennan and the Russian Empire: How America's Conscience Became an Enemy of Tsarism. *Kennan Institute Occasional Papers*, Washington D.C., n. 277,

p. 1-18, 2000. Disponível em:

https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/op277_george_kennan_russian_empire_Hundley_2000.pdf. Acesso em: 18 dez. 2019.

INGOLD, Tim. *Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description*. Routledge, 2011.

INGOLD, Tim. *The Perception of The Environment: Essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2002.

INTRODUCTORY. *Putnam's Monthly*. New York: G. P. Putnam & Sons, v. 1, n. 1, jan. 1853, p. 1-3. Disponível em:

<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=njp.32101076404779&view=1up&seq=15>. Acesso em 10/02/2020.

IRVING, Washington. *The sketch-book of Geoffrey Crayon, gent [pseud.]*. New York: G. P. Putnam's sons, 1884. Disponível em:

<https://archive.org/details/sketchbookofgeof09irvi/page/20>. Acesso em: 28 jan. 2020.

JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. In: *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011, p. 44-61. Disponível em: <http://historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/CSP2.pdf>. Acesso em: 10/02/2020

KARSBURG, Alexandre. A micro-história e o método da microanálise na construção de trajetória. In: VENDRAME, et. al. (organizadores) *Micro-história, trajetórias e imigração*. São Leopoldo: Oikos, 2015, p. 32-52.. Disponível em: <http://oikoseditora.com.br/files/Micro-Hist%C3%B3ria%20-%20E-BOOK.pdf>. Acesso em 25/01/2020.

LACAPRA, Dominick. *Historia en tránsito: . Experiencia, identidade, teoria critica*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.

LACAPRA, Dominick. Retórica e História. Tradução: Eduardo Ferraz Felipe e Thiago Ponce de Moraes. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, vol. 6, n. 1, p. 97-118, jan./jun., 2013. Disponível em: <http://www.ppghis.com/territorios&fronteiras/index.php/v03n02/article/view/194/148>. Acesso em: 22 mai. 2019.

LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intelectual y leer textos. In: PALTÍ, Elias José. *Giro Lingüístico e História Intelectual*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998, p. 253-256.

LINCOLN, Bruce W. *The Conquest of a Continent: Siberia and the Russians*. New York: Random House, 1994.

LOVEJOY, Arthur. *A Grande Cadeia do Ser: Um Estudo da História de uma Idéia*. Tradução: Aldo Fernando Barbieri. São Paulo: Palíndromo, 2005.

LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da*

modernidade. Tradução: Nair Fonseca. São Paulo: Boitempo, 2015.

MAIER, Frith. The Forgotten George Kennan: From Cheerleader to Critic of Tsarist Russia. *World Policy Journal*, Durham, v. 19, n. 4, p. 79–84, 2002. Disponível em: www.jstor.org/stable/40209837. Acesso em: 07 nov. 2019.

MAIER, Frith. Preface. *In.*: KENNAN, George; MAIER, Frith; WAUGH, Daniel C. *Vagabond Life: The Caucasus Journals of George Kennan*. Seattle: University of Washington Press, 2003. p. vii-xii.

MAIER, Frith. Introduction. *In.*: KENNAN, George; MAIER, Frith; WAUGH, Daniel C. *Vagabond Life: The Caucasus Journals of George Kennan*. Seattle: University of Washington Press, 2003. p. 3-42.

MARCONDES FILHO, Danilo Marcondes. Apresentação. A Filosofia da Linguagem de J. Austin. *In.*: AUSTIN, John. *Quando dizer é fazer*. Palavras e ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. p. 7-17.

MCMURTRY, Introduction. *In.*: KENNAN, George. *Tent Life in Siberia: An Incredible Account of Siberian Adventure, Travel, and Survival*. New York: Skyhorse Publishing, 1986.

MÜLLER, Simone M. *Wiring the World: The Social and Cultural Creation of Global Telegraph Networks*. New York: Columbia University Press, 2016.

NASH, Roderick Frazier. *Wilderness and the American Mind*. 5. ed. New Haven: Yale University Press, 2014.

OELSCHLAEGER, Max. *The Idea of Wilderness: from prehistory to the age of ecology*. New Haven: Yale University Press, 1991.

PALTI, Elias José. Nueva historia intelectual y temporalidad de los conceptos: ambigüedades y bifurcaciones. *In.*: PAREDES, M; ARMANIA, C.H.; AREND, H. *História das Ideias: proposições, debates e perspectivas*. Santa Cruz do Sul: EdUNISC, 2011. p. 58 - 89.

PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. 2. ed. London: New York: Routledge, 2008.

POCOCK, John. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: Edusp, 2003.

RICO, Monica. *Nature's Noblemen: Transatlantic Masculinities and the Nineteenth-Century American West*. New Haven: Yale University Press, 2013.

SEEBERG, Ulrich. Dimensões filosóficas na obra de Caspar David Friedrich. *ARS (São Paulo)*, São Paulo, v. 3, n. 5, p. 78-89, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202005000100005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 29 jan. 2020.

SKINNER, Quentin. Significado e interpretação na História das Ideias. Tradução: Marcus Vinícius Barbosa. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 358 - 399. jan./abr. 2017. Disponível em:

<http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180309202017358>. Acesso em: 10 out. 2019.

SMITH-PETER, Susan. The Siberian Letters of George Kennan the Elder, 1866-1867. *Kennan Institute Occasional Papers*, Washington D.C., n. 310, p. 1-24, 2016. Disponível em: https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/ki_160304_occpapersmith-peter310_v1r7.pdf. Acesso em: 25 nov. 2019.

SLEZKINE, Yuri. *Arctic Mirrors*. Ithaca: Cornell University Press, 1994.

STULTS, Taylor. George Kennan: Russian Specialist of the 1890s. *Russian Review*, v. 29, n. 3, p. 275–285, 1970. Disponível em: www.jstor.org/stable/127536. Acesso em: 25 jul. 2019.

SHWEDER, Richard A. A Rebelião Romântica da Antropologia contra o Iluminismo, ou de como há mais coisas no pensamento para além da razão e da evidência. *Educação, Sociedade & Cultura*, Porto, n. 8, p. 135-188, 1997. Disponível em: <https://www.fpce.up.pt/ciie/?q=publication/revista-educa%C3%A7%C3%A3o-sociedade-culturas/edition/educa%C3%A7%C3%A3o-sociedade-culturas-8>. Acesso em: 05 fev. 2020.

TAYLOR, Byard. *Views A-foot: or Europe seen with a knapsack and a Staff*. New York: G.P. Putnam's Sons, 1864. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc2.ark:/13960/t2s46qv4z&view=1up&seq=11>. Acesso em: 07 jan. 2020.

THE CITY OF NORWALK. *History of Norwalk*. Norwalk. [20--?]. Disponível em: <http://www.norwalkoh.com/history-of-norwalk>. Acesso em: 04 jan. 2020.

THE EDITORS OF ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *Encyclopædia Britannica, Larry McMurtry*. Chicago, 2019. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Larry-McMurtry>. Acesso em: 09 jan. 2020.

THE FIRST volume: *Putnam's Magazine*. New York: G. P. Putnam & Sons, v. 1, p. III-IV, jan-jun, 1868. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015030597481>. Acesso em: 06 jan. 2020

THE RUSSIAN REVIEW: An American Journal Devoted To Russia Past And Present. *About the Russian Review*. Lawrence, [2019?]. Disponível em: <http://www.russianreview.org/>. Acesso em: 13 dez. 2019.

TO CONTRIBUTORS. *Putnam's Magazine*. New York: G. P. Putnam & Sons, v. 1, jan-jun, 1868, p. 1. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=coo.31924079609727&view=1up&seq=151>. Acesso em 10/02/2020.

TRAVIS, Frederick F. *George Kennan and the American-Russian relationship, 1865-1924*. Athens: Ohio University Press, 1990.

VAN ZYL, Estelle. *Siberia Revealed Through The Travel Narrative: a Russian, American and British perspective*. Pretoria. 2015. 174f. Dissertação (Mestrado em Russo) - Linguistics and Modern Languages, University of South Africa, Pretoria, 2015.

WILSON CENTER. *Kennan Institute*: About. Washington, DC, [2019?]. Disponível em: <https://www.wilsoncenter.org/about-15>. Acesso em 13 dez. 2018.

WOSTER, Donald. *Nature's Economy: A History of Ecological Ideas*. 2. Ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

WRIGHT, Tom F. (ed.). *The Cosmopolitan Lyceum: lecture, culture and the globe in nineteenth-century America*. Amherst: University of Massachusetts Press, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/5684750/The_Cosmopolitan_Lyceum_Lecture_Culture_and_the_Globe_in_Nineteenth-Century_America. Acesso em 06 jan. 2020.

WROBEL, David. Considering Frontiers and Empires: George Kennan's Siberia and the U.S. West. *Western Historical Quarterly*, v. 46, n. 3, p. 285-309, autumn 2015. Disponível em: <https://academic.oup.com/whq/article-abstract/46/3/285/2461787?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 03 jun. 2019.

WROBEL, David. *Global West, American Frontier: Travel, Empire, and Exceptionalism from Manifest Destiny to the Great Depression*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2013.

YOUNGS, Tim. Introduction: Filling the Blank Spaces. In.: YOUNGS, Tim (Ed.). *Travel Writing in the Nineteenth Century: Filling the Blank Spaces*. London: Anthem Press, 2006, p. 1-18.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br